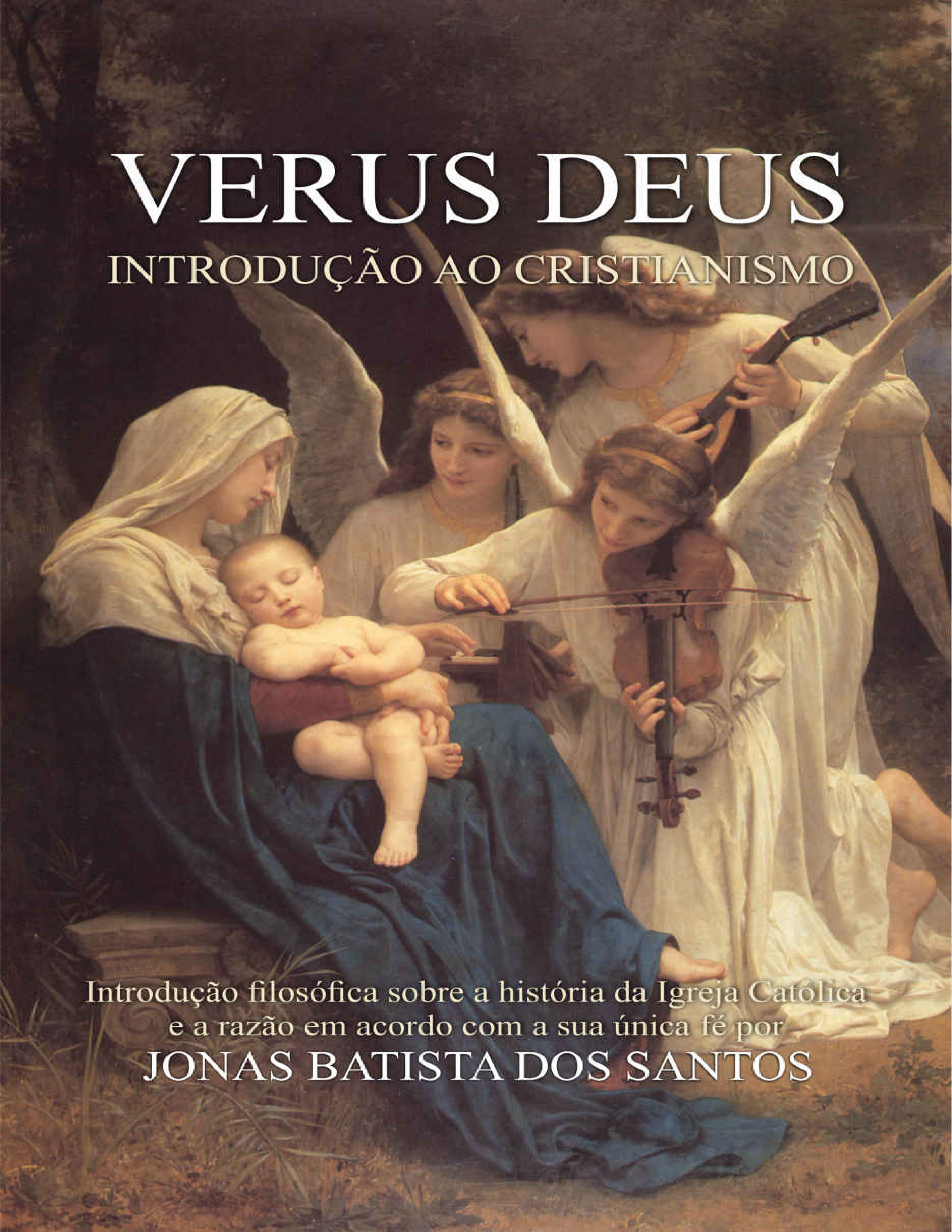


VERUS DEUS
INTRODUÇÃO AO CRISTIANISMO
Introdução filosófica sobre a história da Igreja Católica
e a razão em acordo com a sua única fé por
JONAS BATISTA DOS SANTOS

VERUS DEUS

INTRODUÇÃO AO CRISTIANISMO

Introdução filosófica sobre a história da Igreja Católica
e a razão em acordo com a sua única fé por

JONAS BATISTA DOS SANTOS

VERUS DEUS – Introdução ao Cristianismo

Introdução filosófica sobre a história da Igreja Católica e a razão em acordo com a sua única fé.

Organização, projeto gráfico, revisão e editoração: Jonas Batista dos Santos.
Capa: Pintura de William Adolphe Bouguereau (1825-1905) - Song of the Angels (A Canção dos Anjos) (1881)

ISBN: 9798632253239

Rev. 20200330

VERUS(m), -a(f), um(n), adj.
I – Sent. próprio: verdadeiro, verídico, real.
II – Sent. particular: justo, razoável, bem fundado, franco, sincero, consciencioso.
VERUS DEUS, Trad.: Deus Verdadeiro.

“Creio na santa Igreja Católica, a coluna e sustentáculo da verdade onde não existe o concordar ou o discordar, onde não existem escolhas, heresias.”
(Jonas Batista dos Santos)

“Muitos homens odeiam a verdade, por amor daquilo que tomaram por verdadeiro.”
(Santo Agostinho de Hipona)

"Estais sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança."
(São Pedro em 1Pe, 3, 15)

“O mistério de Deus está sempre para além dos nossos conceitos e da nossa razão.”
(Bento XVI)

OREMOS

Senhor Deus todo poderoso, faça cumprir tua vontade para a minha vida. Me guie para que eu possa fazer a tua vontade, dai-me sabedoria para que eu reconheça a tua razão, para que eu não falhe com a tua verdade na minha vida, para que eu não deixe me levar pelas paixões mundanas e para que eu não me desvie da sã doutrina católica.

Senhor, eis aqui um(a) miserável pecador(a).
Senhor, quero te servir. Sei que não há um único ser que seja justo e sem pecado, por isso, peço sempre que tenha piedade de mim, pois sou pecador(a) e não mereço o teu perdão. Tem piedade também daqueles que pecaram contra mim.

Senhor, acrescei ao meu intelecto o necessário para perceber a tua verdade, para que eu possa te servir melhor. Agradeço pelos teus servos santos que me conduziram e me conduzirão pela tua verdade.

Santa Maria, mãe de Deus, rogai a Deus por nós pecadores.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre. Amém.

PROPOSIÇÃO JUSTIFICATIVA

Esta dissertação propõe iniciar abordando o paganismo da Era do Bronze, quando o nome de Deus era desconhecido entre os pagãos, com o propósito de trazer luz a essência do paganismo Heládico em obras gregas, expondo os valores das primeiras civilizações e o período de mudanças promovido pelo contato dos pagãos com os valores dos rabinos que levavam o nome de Deus na antiguidade. Para tanto, a razão hebréia e a razão pagã devem ser comparadas de modo que haja o esclarecimento da distinção entre as duas. Posteriormente, é exposta a transferência do Reino de Deus dos judeus para a santa e eterna Igreja Católica com a Nova Aliança até a contemporaneidade com algumas dissertações e ensaios sobre assuntos pertinentes para a fé que estimam educar na verdade. O que justifica esta ação em prol da verdade é que deve existir respeito para o que é sagrado, por isso, este escrito se propõe a trazer, por seu caráter introdutório, uma elucidação sobre a verdade, devido aos muitos enganos percebidos como verdade e ao fato de que, nesta realidade, é possível mentir tendo como suporte a verdade.

Por tantos enganos evidentes nas livres interpretações da religião, me senti obrigado a dar a razão da única fé a quem desejar, pois o líder São Pedro disse que a déssemos a todos que a pedissem. Essa ordem me levou a escrever contra os enganos, as heresias e as blasfêmias esta introdução ao cristianismo buscando evidenciar o cristianismo verdadeiro, sua importância na história da humanidade e Deus na vida do homem, distinguindo o que é fruto da razão humana e o que é fruto da razão de Deus. Segundo documentos dos primeiros séculos que possuem valor histórico, a santa igreja indestrutível criada por nosso Senhor sempre foi chamada de católica e viveu uma única fé, como se todas as igrejas espalhadas pelo mundo vivessem em uma única casa que observa a razão de Deus definida na reunião dos santos em seu núcleo,

lugar onde é definida a verdade da fé. O núcleo que estava, a princípio, em Jerusalém, no oriente, foi transferido para Roma, para a igreja eleita fundada por São Pedro e São Paulo, lugar onde residia o líder São Pedro que foi eleito por nosso Senhor Jesus Cristo e recebeu dele as Chaves dos Céus. A palavra 'religião' possui a carga semântica de 'religar', ou seja, religião é um modo de religar o homem a Deus que deixou apenas uma religião definida por sua Igreja que é a coluna e sustentáculo da verdade, contudo, com o tempo, houve difusão de muitos enganos que geraram protestos e questionamentos contra a verdade e a autoridade da igreja de Cristo, como se valesse pouco ou nada o senhorio de Deus quando ele cria uma igreja santa para manter a única verdade da fé.

A atitude de satanás, ao citar um trecho descontextualizado das Escrituras para tentar nosso Senhor, evidencia o fato de que é possível falar falso com verdade e que somente as Escrituras não são suficientes para evidenciar a verdade. A livre interpretação da fé confunde e coloca as razões pessoais e malignas no lugar da razão de Deus, caracterizando um pecado gravíssimo contra o senhorio de Cristo, um pecado que induz ao desvio do caminho da verdade, a ter aventuranças em enganos e perversões, por isso, é necessário evidenciar a oposição prática à verdade na vida corrente e real e é necessário também revelar a verdade que leva a virtude para que o único Deus seja evidenciado, o verdadeiro deus que não é a razão do homem e nem elementos do mundo, o deus que é deus de todos.

Salve Roma! É eterna tua história!

Salve Maria Santíssima, a mãe do Senhor!

Laudate Dominum!

CONTEÚDO

I - O PAGANISMO

Entre os pagãos, o único deus, o **deus verdadeiro** que mantem todas as coisas no mundo, sempre se fez presente pela sua provisão evidente nos elementos de sua criação, sem se submeter a eles, vejamos Santo Agostinho questionar Deus sobre a sua presença no mundo:

> "Portanto, cabes tu no céu e na terra, visto que os enches com a tua presença? Ou, enchendo-os, resta ainda alguma parte de ti, por não te conterem?" (Santo Agostinho, *Confissões*, 3, Deus está em todas as coisas e nenhuma o contém)

Nenhum homem detém todo o conhecimento, contudo e diferentemente dos incautos, os santos recebem a graça do Espírito Santo e dissertam sobre Deus com completude.

Somente existe um Deus criador que mantém todas as coisas, uma única fonte de poder criadora e mantenedora desta realidade, mas, apesar de o perceberem mantendo e gerindo o mundo, a princípio, os pagãos formaram conclusões sem pressupor sua provisão, pelo fato de não o conhecerem e não entenderem completamente a sua razão[1] e a sua ordem[2] presentes no mundo.

À noite, eles observavam o céu estrelado com sua beleza arrebatadora e se inspiraram em categorias inatas, no valoroso, nas proezas e no inalcançável para criar mitos no domínio de todos os fenômenos.

Do alto dos montes, à noite, era possível observar os vários focos de civilização, os reinos dos homens evidenciados pelas luzes das fogueiras que se assemelhavam aos luzeiros no céu, assim, os supostos reinos presentes no céu seriam os reinos superiores.

A atribuição dos fenômenos do mundo aos mitos não dá a devida honra ao único deus por atribuir aos deuses do imaginário tudo o que Ele fez, contudo, os pagãos tendiam a desenvolver esse engano por não conhecerem Deus completamente, por a razão de Deus ser infinita, muito além da razão humana, de uma forma que as linguagens não conseguiriam expressar.

A tendência tem permanecido pelos séculos, de modo que parte dos homens, no engano, honra fenômenos como se fossem deuses, crê em místicas que se mantém sem uma razão coerente com a razão do Criador ou concebe que determinada honraria pertence a um deus mítico, quando toda honra pertence ao único Deus criador.

O mundo com sua completude e a provisão do criador são, em parte, alcançáveis e Deus não é alcançável, materialmente falando, por ser necessário a intercessão que nos permita conexão com o transcendente, por isso, sem entenderem a razão do Criador, personificaram e adoraram fenômenos desta realidade, porque neles existe a provisão do único **deus verdadeiro** que todo homem deseja encontrar.

Vestígios arqueológicos comprovaram que a civilização grega antecessora do período Heládico construiu acrópoles cercadas por muralhas fortificadas, trabalhava com atividades agrícolas e pastoris para obter o sustento e praticava ritos religiosos.

Foram encontradas estatuetas de uma mulher com grandes nádegas que supostamente, para eles, se tratava de uma divindade chamada A Grande Mãe ou Terra Mãe.

Obviamente, muitos objetos são encontrados e datados de dezenas de milhares de anos antes, contudo o período próximo do antecessor do Heládico é o único que possui indícios da existência de civilidade, há pouco mais de ~4000 a.C.

Entre 3000 e 2100 a.C., do período antecessor do Heládico Médio, havia vilas com fazendas, domesticação de plantas, animais, uso de objetos feitos de cerâmica e a provisão de Deus nas coisas, por isso, os pagãos, ao refletirem sobre si e seu mundo, deram o

título de mãe para a terra fértil que, na concepção deles, gerava e mantinha a vida por intermédio do trabalho.

O mundo que Deus havia criado da melhor forma possível fornecia acolhimento e servia ao homem que trabalhava para o seu sustento. Por essa razão ou inteligência capaz de reconhecer a verdade no mundo, criou-se a mesma relação de trabalho e serviço entre homens e mitos, o que levou muitos a relacionarem as regras de produção ao misticismo desenvolvido e passaram a oferecer trabalho e parte do fruto dele aos deuses.

As instabilidades produtivas, as incertezas e as possibilidades do mundo foram explicadas por intermédio de mitos, pois o homem criou hipóteses a respeito do mundo, percebendo que havia um deus desconhecido que, com sua verdade, provia e mantinha a integridade e a ordem nos fenômenos observáveis. Em outros casos, os pagãos, para garantir o mantimento da ordem, criavam mitos baseados em valores, em motivos humanos na indução ao aliciar em práticas e na conscientização pela necessidade de restringir por intermédio de bons exemplos, medos e advertências.

Os pagãos percebiam a ordem no mundo cuja integridade se mantinha por ela, por isso, entendiam, assim como todo homem, que Deus é a verdade, uma verdade que era percebida como uma sombra do que ela é.

A verdade era uma sombra que poderia tomar qualquer forma por intermédio de enganos e o engano sempre sofreu modificações para se adequar aos intentos do homem.

Por intermédio dos enganos, da sombra do **deus verdadeiro**, os mitos foram criados e, com eles, os ritos e, com os ritos, o pagar pelos serviços dos deuses.

Quando um mito é estabelecido, uma de suas conseqüências primárias é criar de ritos estimulados pelas inconstâncias e pela falta de respostas sobre a vida e os fenômenos do mundo. As inconstâncias e a ignorância incapacitam o homem de estimar com exatidão. Dessa forma, se ele não sabe, convém

especular sobre o incompreensível na busca de respostas e soluções.

Foi o lidar com o desconhecido que levou o homem a pensar sobre seu mundo e todo falso deus nasceu e nasce de especulações sobre o desconhecido, em muitas vezes de egos que estimam serem deuses.

Sem entender completamente a razão nos fenômenos, os povos pagãos pagavam pelos supostos favores e desenvolviam muitas religiões ou formas de se ligarem ao transcendente nas muitas culturas dos povos.

Nos momentos de expectação, quando não sabiam mais o que fazer, recorriam ao lúdico, aos delírios da oralidade e aos ritos. Isso levou ao surgimento dos deuses entre 2100 e 1900 a.C., na região que é conhecida hoje por Europa, durante o período Heládico Médio.

A transição do homem para a Idade do Bronze havia sido marcada pela grande invasão da Ilha de Creta por habitantes da Ásia Menor que já manipulavam o bronze e possuíam maior poder de dominação.

Nesse período, o que se possuía de melhor eram as frágeis ferramentas de perfuração e escudos de bronze. Quem dominasse o ferro, que é muito mais duro que o bronze, teria maior êxito em batalha e assim se deu. A Grécia foi dominada pelos Jônios que vieram como uma onda devastadora rasgando os escudos e quebrando as armas de perfuração feitas de bronze no fim do período Heládico Antigo, no Heládico Médio, em torno de 1950 a.C. Posteriormente, formaram-se domínios Aqueus, Eólios e Dórios.

A relação mística entre pagar e receber, apesar de não se comprovar eficaz na prática, se mantinha, por ser possível que muitos se auto enganem.

Muitos são propensos a usar os próprios intentos como base para criar falsas idéias e soluções. Muitos, diante do desconhecido, davam graças aos deuses por algum êxito.

Confiar em um falso deus é de um nível mais elevado de engano ou de vaidade, pois evidencia a propensão a crer em ilusões ou um grande orgulho por considerar a si como um escolhido e assistido pelos deuses.

Por vaidade, criou-se, inclusive, o parentesco entre os deuses onde se é filho de algum deus para explicar o êxito pessoal.

Dizia-se habitualmente que, certamente, os deuses eram com aquele que obtinha êxito, por usarem o êxito como marca da assistência divina.

Cantavam a glória materialista humana, contudo, por amor a verdade, muitos empreenderiam esmero para o que é belo e verdadeiro e tirariam parte da falsa glória humana evidenciando a falta de controle do homem sobre a sua própria existência narrando o trágico, para que o homem educado pudesse aceitar as aflições do mundo, a vontade dos deuses.

Posteriormente, na antiguidade, esse engano seria desfeito, pelos grandes filósofos e o êxito seria desmistificado e tomado como fruto de se tornar sábio no uso correto das coisas.

O imaginário de quem não conhece a verdade não exige verossimilhança e sempre houve a necessidade por entender o mundo, por isso, os mistérios, o desespero e a fragilidade humana alimentavam e mantinham os credos na eficácia dos ritos. O homem, imerso nas trevas do paganismo e da superstição não desprezaria o rito como recurso nos seus dias de aflição e desespero.

Para um animal consciente que concebe a morte como o fim, a expectação dos males e da morte deve trazer um terror tão severo que pode levar uma parte dos homens a aceitar o inexistente criado no lúdico e, em parte, no existente, na sombra do **verdadeiro deus**.

Todos os mistérios do mundo contribuíram para que o rito fizesse parte das culturas pagãs e isso não parte de uma irracionalidade, pois é o homem racional que percebe a provisão de Deus e elabora possibilidades e soluções, principalmente quando se

sente pequeno e sem o controle das situações, não obstante, os insensatos também contribuem, de certa forma, e formam a maioria produtora de enganos.

Recorrer a um rito, diante de um problema, era, antes de tudo, um tipo de engano que não cabe em um mundo que preza por eficiência, ou seja, o dedicar aos ritos é fenômeno cultural, do lúdico, o que leva a entender que os mitos eram, além de especulações sobre o que era possível ser real, frutos do lúdico, como uma fuga de uma realidade pouco aceitável.

As muralhas que cercavam as acrópoles, no período Heládico, serviam para impedir invasores e são um sinal de que havia sempre a expectação de invasões constantes como no seguinte trecho da Ilíada inspirado nas aflições sofridas pelos gregos da Era do Bronze e escrito em ~700 a.C. que narra uma investida de numerosos assaltadores:

> "E a guerra hoje rebenta inelutável. Afeito a pugnas, tropas tais e tantas nunca vi: da cidade assaltadores Iguais às folhas e às areias marcham." (Homero, *Ilíada*, Livro II)

A antiguidade continha os mesmos valores iníquos da Era do Bronze e é perceptível o mesmo mal dos dedicados a guerra nos que roubam o fruto do trabalho alheio na contemporaneidade.

Nota-se, na observância da história, que esse mal presente no homem que rouba, mata e destrói é algo que não é possível extinguir nesta realidade, mas pode ser amenizado, por isso existe a necessidade de que o homem evolua para melhorar os tipos integrantes da polis e o que chamamos de governo.

Aristóteles foi feliz ao avaliar o homem como um animal político, ou seja, um animal que vivem em sociedade, onde a sociedade é uma extensão da natureza que reflete o homem que

pertence a ela, mas, obviamente, os homens não evoluem na moral e nos bons costumes uniformemente, há estágios onde a sociedade acomoda valores e os reafirma e há sempre a escolha individual.

O homem baseia parte de seu papel social naquilo que a sociedade estima para ele, desse modo, ele tende a obedecer a regras vigentes para se tornar parte do corpo que outros anteriormente criaram e a obediência a uma autoridade justa é algo essencial para manter a ordem, pois a parte bestializada que não possui cultura considerável somente respeita a aquilo que teme.

Esse homem social tende a ter paixão partidária e a respeitar os que são membros de sua sociedade quando existe uma ameaça contra o seu meio social, por isso, os iníquos podem ter certa bondade e filantropia para os seus, suprindo a necessidade de desenvolver obediência, cumprindo a categoria inata que leva o indivíduo a seguir regras básicas de sobrevivência em sociedade, o que explica a existência de sociedades com culturas bestializadas que conseguiram se manter por algum tempo, mesmo com uma moral afundada nas mais profundas misérias.

A bestialidade leva à rivalidade e tornam indivíduos propensos a conflitarem com outros indivíduos e povos propensos a conflitarem com outros povos, tirando o foco do combate ao mal pelo fato de o indivíduo e a sua sociedade se tornarem o mal que tenta sobreexistir nos atos humanos.

É a rivalidade e a vaidade que apraz no êxito dos feitos de batalha. Um prazer que é fruto da carne e da perversão da natureza humana que faz o indivíduo se considerar merecedor do fruto do trabalho alheio e no direito de reduzir o valor da vida humana ao nível das coisas sem alma.

Defender um lado sem dar a razão nobre dos próprios atos evidencia uma associação por conveniência que pode ser motivada por interesses perversos, por insanidade ou pelo mal que se mantém irracionalmente, quando se poderia concluir que o trabalho é o único meio digno de conseguir o sustento.

O instinto natural e nobre de destruir o mal se perverte em uma sociedade pervertida e passa a ser redirecionado para a prática do mal em determinados casos. Isso ocorre por intermédio do culto ao mal que é impossível de ser extinto nesta realidade.

Ao homem pertencente a uma sociedade mais evoluída não lhe é garantida a posse de critérios mais evoluídos, pois a sociedade não lhe pode garantir que sempre haja com assertividade fazendo o melhor possível, por isso os pagãos, em todo o mundo, podiam escolher entre dois caminhos distintos e muitos escolhiam o errado, por não entenderem a vontade do único **deus verdadeiro** que todos deveriam temer e por terem deixado germinar em si uma semente perversa oferecida pelo maligno que os faziam descer ao nível mínimo da moral e da ética, roubando, matando e escravizando os seus semelhantes.

Entre 1250 e 1225 a.C., no final da Era do Bronze, ocorreu a guerra entre gregos e troianos e diversas invasões para aquisição de poder e bens materiais posteriormente.

Na Europa, todas as sociedades desse período possuíam costumes comuns entre si baseados na natureza humana, por isso, poderia ser dito que, seguindo seus instintos e não a idealismos, as sociedades possuíam um modelo familiar formado por um pai, uma mãe e filhos, sendo o pai o cabeça da família, aquele que manda e a mãe a companheira e ajudadora, assim como o único deus, o **deus verdadeiro**, que eles não conheciam havia determinado que seria.

Fato é que agiam assim por entenderem que os valores somente se mantinham nas famílias.

Com a clara predeterminação que influi a seguir um modelo familiar, nota-se que as determinações de Deus se manifestam entre os pagãos, ou seja, a verdade de Deus é para todos que vivem na verdade, agindo com retidão e sabedoria.

O formato de família coerente com a natureza humana se manteve como o correto entre os membros de todas as sociedades que prevaleceram, por ser evidente que o bem somente se propaga

nas bases familiares, ou seja, somente existe continuidade em família.

Posteriormente, baseados no inverso dessa razão, muitos ideólogos formulariam a destruição da família como algo essencial para a destruição ou revolução de sociedades de forma lícita, pois a invasão para escravização e aquisição de bens se tornaria ilícito.

É o homem que protege a mulher, logo, é ele quem a domina obedecendo a ordem natural da Vida. Um homem viril não permite que um outro homem domine sua mulher, logo, naturalmente, qualquer idealismo que trabalhe fora dessa natureza se assemelha a palha lançada no fogo.

O homem constrói a base do seu papel social ao construir uma família que é a base da sociedade, o que o faz realizado e realizador da sociedade. Caso fosse diferente, não existiriam bases para o animal social manter, o que resultaria em estagnação e retrocesso ou degeneração do saber, assim como degeneração da moral e dos bons costumes.

A história da humanidade nos mostra que somente ouve progresso em sociedades onde a família possuía papel primordial e onde a mulher e o homem se completavam. As sociedades que se dedicaram a idealismos que não acordavam com a verdade da vida não conseguiram sobreexistir. Isso ocorre porque existe uma oposição indissolúvel entre o amor que mantém a família e a degradação social.

As aflições presentes nas famílias auxiliam na manutenção do amor, pois dão um sentido ao casal e a outros familiares que é o cuidar, contudo, os idealismos tratam justamente de atacar os filhos, pois uma cultura degenerada que apregoa o prazer pelo prazer a qualquer custo somente pode se manter se idealizar a morte das proles tidas como o maior dos problemas.

Essa tendência que leva a assassinar os filhos está presente em todas as culturas em decadência moral.

São os que amam pouco seus filhos os incapazes de fazer o bem, enquanto uma família bem estruturada reflete o amor

essencial de Deus.

É notável que não estou dissertando sobre os vícios que usa uma categoria inata para se manter, mas sobre uma verdade que é para criaturas criadas por Deus e também não estou dissertando sobre idealismos religiosos. Estou evidenciando a natureza humana coerente com a vontade de Deus que, por ser a verdadeira, está em acordo com Deus que é a verdade.

O homem que formava uma família deveria se dedicar a atividades agrícolas e pastoris ou a confecção de itens para todos os usos. Para tanto, ele necessitava de uma ajudadora sempre presente para cuidar da família e lhe auxiliar. Nesse caso, a mulher continuava, dentro de suas limitações, o trabalho do homem, obviamente seguindo critérios próprios.

Agindo de modo diferente, os bestializados e degenerados dedicados a guerra tomavam as mulheres por coisas que eram mortas ou distribuídas como prêmio de guerra para algum guerreiro junto com espadas, escudos e outros itens, após seu povo ser dominado.

Enquanto a guerra para aquisição de bens era tomada como moralmente aceitável de modo que os homens eram obrigados a tomar parte dela e não havia investidas dos povos contra ela, eram as mulheres que, muitas vezes, sozinhas gerenciavam a família.

As mulheres sempre estiveram na posição de ajudadoras em todas as sociedades, pois não foram feitas para os trabalhos mais duros que requeriam e requerem a virilidade e a força do homem. Também não são aptas em relação aos homens para a guerra funesta.

A experiência também deu conta de mostrar que as mulheres não eram boas gerenciando povos ou disputas argumentativas por sua passividade e tolerância ao mal quando não orientadas por um justo. Elas foram feitas para serem berços de vida, as donas dos lares que mantém toda a sociedade. Seus braços mais curtos que os dos homens lhes deixavam em

desvantagem na guerra, mas são perfeitos para carregar uma criança no colo e amamentar. Elas possuem uma camada espessa de tecido adiposo e músculos pouco evoluídos que lhes tornam incapazes de suportar tantas lesões corporais e tanto trabalho quanto um homem, o que definiu o homem como o encarregado das tarefas mais duras e árduas.

A história da humanidade mostrou que o homem justo não tolera outras manifestações agressivas contra o seu povo senão as suas, já as mulheres, no comando, tendem a ter passividade e tolerância a novos males se não suportadas por alguma influência viril.

Por essas limitações físicas naturais e muitas outras, as mulheres naturalmente são ajudadoras e o comando deveria pertencer aos homens justos, mas, por dissertar sobre competência e não sobre sexo, ouso dizer que uma mulher justa e sábia gerencia melhor que todos os injustos.

Poucas mulheres se dedicaram a erística como protagonistas, quando foi possível, por demonstrarem desinteresse e, se dependêssemos apenas de seus intermédios, ouso dizer que não estaríamos tão evoluídos nas Artes Liberais. Claramente, elas possuem outras prioridades. Isso não significa que elas sejam menos capazes que os homens em atividades que requerem o raciocínio lógico. Fatos históricos incontestáveis mostraram mulheres desenvolvedoras e solucionadoras de trabalhos muito complexos, mas quase nunca tomando atitudes próprias.

Essas verdades partem de uma determinação do criador que mantém esta realidade e não de idealismos humanos. Ele que mantém a verdade do mundo disse: “...ele te dominará.” (Gn 3, 16). Não dominará como um idealismo de dominação, mas como uma obediência à natureza dos fenômenos necessários, como obediência à Deus que é a verdade.

O amor é categoria inata no ser humano constatável pela fragilidade da vida de uma criança que necessita de amor familiar para sobreviver, o que torna a família uma necessidade básica para

uma sociedade sadia, pois é nela que se recebe e se mantém a vida com todas as instruções e exemplos.

Não somos como a parte dos animais irracionais que nascem com categorias inatas que lhes permitem sobreviver desde cedo. Em nossa espécie existe a necessidade de amar.

Ter o pai como a cabeça da família é uma determinação do próprio Deus e as primeiras civilizações, sem idealismo algum, seguiram essa razão dada pelo criador.

'Vir' do latim significa homem e a virilidade do homem foi, na base de todas as sociedades, algo bem definido.

Ser homem é ter a ousadia de fazer o que é necessário saindo da passividade e a história da humanidade revelaria o homem viril como o modelo superior baseado no altíssimo.

Os povos pagãos desenvolveram a raiz lingüística comum 'dyēus' que possui em si a carga semântica de luminoso, altíssimo, celeste e brilhante para designar seus deuses. Essas características são semelhantes às dos astros visíveis no céu à noite.

Júpiter (Zeu pater ou Zeus) era percebido pelos pagãos como o senhor dos deuses cuja movimentação no céu indicava liderança sobre todos os outros e se trabalhou a idéia de que ele é o pai de muitos, pois a carga semântica de 'pai' é semelhante à de 'senhor' na vida pratica dos gregos.

Como pai, Júpiter passa a ser o provedor da justiça, o viril que reage contra o mal, fazendo o necessário, como se pode ler no exemplo manifesto de uma peça grega a seguir:

> "Ó Zeus, nosso pai, senhor das leis que regem os relâmpagos, fulmina esse Ares com teu raio!" (Sófocles - *Édipo Rei*, 3ª estrofe, p. 26)

Por ele ser o grande pai, sua vontade para o homem deve ser tomada como obrigação. Vejamos como era inquestionável a

ordem de Júpiter na mitologia grega:

> “Vem, Tétis, que te chama o Onipotente.” A argentípede acode: “Que pretende? Ir aflita me pesa à etérea corte; Mas Júpiter o manda, é quanto basta.” (Homero, *Ilíada*, Livro XXIV)

Se os deuses deviam obediência a Júpiter o homem mais ainda.

Os pagãos usavam os deuses para o cumprimento da vida prática justificando suas investidas. Isso se comprova no Canto II do poema *Ilíada* onde Júpiter, por intermédio de um sonho, manda Agamêmnon preparar o exército grego e lhe promete vencer antes que o dia acabe. Vejamos Agamenon tentando justificar sua investida na guerra como se ela fosse o desejo dos deuses que lhe falam por sonhos mostrando-lhe uma ameaça iminente:

> “Levante Aquiles e escarmente os Gregos. A Agamemnon soltar por fim resolve Um maléfico Sonho, e o chama e apressa: “Voa, Sonho falaz, do Atrida às popas; Quanto prescrevo, exato lho anuncia: Que arme os crinitos Graios e as falanges, De extensas ruas a cidade expugne; Que, intercedendo Juno, o Céu concorde Ameaça de ruína a excelsa Tróia.” (Homero, *Ilíada*, Livro II)

Obviamente, o raciocínio lógico de Agamêmnon dado por Deus lhe fez ter conclusões que podem ser fruto de seus anseios e cálculos pessoais, assim, tanto o desejo por guerrear e a certeza da vitória eram frutos se sua razão e do seu intelecto, contudo o uso de Júpiter (Zeu pater), aquele que representa o grande pai e que deveria representar os valores elevados, se trata de uma perversão da natureza em prol dos intentos.

A perversão da virtude em vício é um fenômeno presente em todas as civilizações entre os degenerados, os propensos sobrepor qualquer valor por suas vontades.

Os gregos acordaram com uma mesma raiz lingüística para designar seus deuses e é ela que provê o nome ‘Zeus’ formado por ‘zeu’, que possui carga semântica de ‘ser idolatrado’ ou ‘aquele que é digno de idolatria’, e ‘us’, sufixo para nominativos masculinos. Ambos formam o nome do senhor dos deuses do Olimpo ou qualquer um.

É importante saber que a carga semântica de ‘ser idolatrado’ comporta a de ‘aquele que provê tudo’ como a carga de ‘Πατέρα’ do grego ou ‘pater’ em latim.

Com isso é possível concluir que a simplificação, o nome ‘Zeus’, manteve a sua completude.

No idioma latim clássico, por se originar do idioma grego, o signo lingüístico se configurou como ‘Deus’ mantendo a maior parte das características sonoras e morfológicas como a terminação em ‘us’ para nominativos masculinos da segunda declinação no singular.

Não houve modificação significativa, pois, o caractere ‘Z’ (DZETA) se pronuncia ‘dzeta’, assim a pronuncia do nome ‘Zeus’ é algo próximo a ‘Dzeus’.

O português de Portugal se origina do latim e por isso herdou o mesmo signo lingüístico de modo quase integral.

A categoria inata que faz o homem buscar por Deus fez os pagãos buscarem por um ser luminoso, altíssimo e soberano, por isso Júpiter e outros astros se tornaram representações visíveis do que buscavam, por estarem acima, por serem inalcançáveis, poderosos e luminosos.

O uso do signo lingüístico ‘Deus’ foi originado na busca pelo único deus criador nas civilizações pagãs ocidentais, por isso, seu uso para se referir ao único Deus é correto, pois se concebe que os astros são um sinal de Deus para o homem.

Se toda honraria deve ser dada ao único deus, usamos as coisas que conhecemos por mais grandiosas como alegorias dos atributos divinos, pois não conhecemos nada além desse mundo material.

O Criador é altíssimo, senhor e a luz do mundo e não o ficcional Zeus que pela razão se percebe como uma sombra do real.

Quando reproduzimos a sonoridade do signo lingüístico 'Deus' estamos honrando o criador com parte das características que lhe são devidas e que conhecemos nesta realidade, tendo ciência de que ele não se resume a nossa forma limitada de definir.

Não existe fenômeno algum no mundo que possa ser usado como alegoria sua, mas foi usado o que se concebia como maior, na nossa perspectiva humana, os astros no céu que foram sinais da soberania do Senhor dados aos pagãos no mundo inteiro.

As civilizações gregas exaltavam a soberania, a força e a fecundidade que eram valores atribuídos aos deuses. Nessa razão, os campeões realizadores de proezas possuíam atributos de algum deus e o êxito se tornou o único bem que poderia permanecer imortal após a morte.

Eles concebiam a vida após a morte como a lembrança de seus feitos em vida, assim, um homem forte e ambidestro, que teoricamente teria mais vantagem em batalha, possuiria mais chances de se tornar imortal.

A guerra era como parte das civilizações e os valores do guerreiro se tornaram propiciadores da glória maior.

Nada superava a importância da fama de grande guerreiro, pois o homem sabia que iria morrer e não formulava idéia sobre a salvação do modo como nos foi revelado, mas possuía alguma noção de continuidade da vida. Obviamente, não eram os valores do herói grego completamente inspirados no único deus, eram, em parte, frutos de seus vícios.

No credo mítico dos gregos da Era do Bronze, o êxito na batalha, o saquear, o pilhar e o escravizar levavam o homem à sua

glória maior que consistia em ter seu nome gravado na história da humanidade como herói e nunca ser esquecido, ganhando a imortalidade na mente daqueles que mantem sua lembrança e, conseqüentemente, sua influência após a morte.

A morte certa nos foi dada por Deus como um aviso de que devemos buscá-lo, mas o homem, sem seu conhecimento, aceitava seu fim e sua imortalidade pagã que consistia em ter seu nome escrito na história da humanidade, uma vaidade que reduz o homem ao nível do que não transcende a morte, ao nível de uma coisa que não possui alma.

Os valores do herói inspirados nos deuses fomentaram o desejo por tomar parte na guerra funesta, então, por um escudo, uma espada ou pela promessa de imortalidade, em tempos de manufatura e de guerra, uma parte dos homens se dedicava *guerra má* [3] e ignorava o *bom trabalho*[4].

A oposição indissolúvel entre o uso do trabalho e o uso da guerra para aquisição do sustento ficou mais evidente em estágios mais avançados da cultura grega menos idealizada e menos degradada, onde o trabalho passou a ser visto como o modo digno de conseguir o sustento.

Eram tempos de muita procura, pouca oferta e poucos recursos, mas, obviamente, nem todos os homens valorizavam mais os bens materiais que a vida humana, apesar da cultura e do ritmo da produção manufaturada complementarem a sedução pela *guerra má*.

Para os bestializados dedicados a guerra, que pilhavam por prêmios de guerra, certas manufaturas possuíam tanto valor quanto a vida de um homem.

A moral e a ética como a conhecemos e os valores que uma parte de nossa sociedade atual possui não existiam nas bases dessas civilizações como obrigações, por isso, as invasões se justificavam pelo que elas proporcionavam. Lutavam por soberania, glória e prêmios de guerra com ações que comportavam matar, roubar e destruir.

Entendamos que a moral e a ética precedem tudo, de modo que, se uma sociedade se desfizer de sua justiça, o caos social é instaurado.

Qualquer nível de justiça pode ser praticado por qualquer um em qualquer período da humanidade. O que muda é a percepção do homem que pode ser verdadeira ou enganosa.

Ocorre que, sempre se está ciente de que a prática individual é benéfica ou danosa para o próximo, por isso, não existe quem faça o mal por não saber o que é o bem. Quem faz o mal está viciado em praticá-lo e todo vício é fruto de um mal.

Quando não se pode saquear por haver temor para as penalidades impostas, existem indivíduos que, imersos na degeneração, conceberam seu agir baseado no mentir, de modo que não conseguem fazer diferente, pois para eles o mentir é o único caminho que propicia continuar roubando.

Uma invasão poderia ser justificada por qualquer motivo real embasado em uma ordem de um deus, ou seja, em uma mentira santificada. O único impedimento para uma investida contra outro povo era a certeza da derrota.

Se compararmos o homem do período Heládico Antigo que viveu entre 2600 e 1950 a.C. com os do século I a.C., perceberemos que não houve evolução significativa do amor e da misericórdia para o próximo, pois a história narra invasões contra povos mais fracos para aquisição de bens e escravos. Isso ocorre porque, como foi dito, nesta realidade, há a moral da sociedade e a escolha individual que evidenciam que deve existir uma manutenção da moral pela justiça e, quando não há um governo justo, o povo padece os males da guerra funesta que pode ocorrer dentro da própria nação pervertida, matando mais que uma guerra contra outro povo.

Ser pacífico na selvageria não era possível e quem desejasse se dedicar ao *bom trabalho* necessitava ter como se defender.

Se armar e reagir contra as ameaças sempre foi algo essencial para a manutenção da vida.

Na tradição grega, Aquiles, o grande herói no sentido grego do período Heládico, tentou não se dedicar a *guerra má* e nem ao *bom trabalho*. Para tanto, ele necessitou se vestir de mulher e se esconder entre elas.

Nos conta a tradição que Aquiles tinha ciência de que seria um grande guerreiro e que morreria em batalha, por isso, mesmo tendo o corpo invulnerável menos no tendão do calcanhar, local onde sua mãe o segurou quando o mergulhava no rio Estige, fugia de seu destino se efeminando, mas foi descoberto disfarçado entre as moças e obrigado a ir para a guerra, cumprir com seu dever de homem.

Esse fato sobre Aquiles nos revela a condição da parte dos homens que eram obrigados a ir à guerra para cumprir sua condição de nascença e o privilégio das mulheres que viviam sob domínio de alguma civilização soberana, mulheres que não seriam mortas ou dadas como prêmio de guerra. Isso revela também a condição covarde dos que se opunham a virilidade e as responsabilidades ao tomarem para si os privilégios femininos.

A tradição grega nos conta muitas *hybris* que levaram a conflitos e guerras com o intuito de saquear e destruir outros povos sob pretextos irreais baseados na vontade de algum deus, por isso, uma dedicação maior ao *bom trabalho* era necessária.

O homem deveria obter valores mais elevados para poder dar os frutos das determinações divinas e, para tanto, Deus escolheu, em seu tempo, o povo hebreu para anunciar seu nome.

Deus separa os hebreus para si, do meio das nações pagãs

No oriente, o paganismo se desenvolveu pela mesma influência do transcendente que gerou o paganismo no ocidente. Em ambos, havia a adoração a fenômenos do mundo e se formulava idéias sobre o período pós morte, contudo possuíam características próprias.

A religião egípcia possuidora de muitos deuses alegóricos com suas representações de categorias inatas animais se tornou a definidora do paganismo no oriente.

Assim como no ocidente, os egípcios associaram os fenômenos da natureza com a mística de sua religião. Eles criam na morte como uma separação entre corpo e alma[5].

Conservavam os corpos, talvez por haverem tido alguma noção da restauração da integridade dos corpos com suas almas como foi revelado posteriormente, mas eles não haviam recebido a revelação de modo claro, de um profeta, por isso desenvolviam seus enganos religiosos.

Qualquer fenômeno ou elemento que propiciasse a realização de proezas era visto como um deus cujo poder poderia ser admirado e desejado, por isso, na mitologia egípcia, existem os seres antropomórficos, seres parte homem e parte animal.

Devido aos deuses serem as mais altas personificações, existia uma tendência de que eles possuíssem características de animais como asas, garras, carapaças ou qualquer parte animal invejável pelo homem.

Obviamente este é o mesmo engano que influencia o surgimento da antropofagia que consiste em se alimentar da carne de um humano realizador de alguma proeza para obter o poder dele para si.

Apensar de se manifestar de modo diferente, o paganismo oriental possui a mesma razão do paganismo ocidental onde há a idolatria a fenômenos que compõem a natureza, contudo, ocorre de modo diferente porque as cadeias de causas e conseqüências se diferenciam e levam ao desenvolvimento de valores diferentes, por não existir qualquer verdade no paganismo que influencie o desenvolvimento da cultura de uma única forma no mundo inteiro. No engano, não existe unidade e, para os pagãos, existem muitos caminhos.

Os povos ainda comandavam batalhas para adquirir itens de uso diário, espadas, escudos e mão de obra escrava, por isso, o mundo necessitava dos valores do Reino de Deus para evoluir, do contrário, não propiciaria um modelo melhor de sociedade, permanecendo estagnado no mal, sendo permissivo ao assassinato, ao roubo e a destruição.

Então, *Deus começou a olhar para as nações pagãs para tirar delas um povo que trouxesse o seu nome.* (At 15, 14)

No local onde os hebreus haviam se fixado, havia muitos outros povos e cada um deles desenvolvia variações próprias do paganismo, assim como todos os paganizados que desejavam se religar ao transcendente.

Todos os paganizados são propensos a criar variações religiosas a depender dos anseios pessoais, o que cria desordem na desordem, um tipo de sucessão sem fim com possibilidades de divisões incalculáveis a depender do tempo.

Quando receberam a missão de *levar o nome*[6] de Deus, o povo hebreu habitava uma região muito cobiçada por ser o centro do comércio no oriente às margens do rio Jordão[7]. Nesse período inicial, uma parte do povo escolhido adorava os deuses pagãos e praticava ritos do paganismo difundidos na cultura oriental.

Os hebreus foram escolhidos, mas mantiveram, por muitas gerações, em seu meio, as influências religiosas pagãs e os costumes comuns aos ímpios, de modo que, entre eles, não havia completude na fidelidade para com o Senhor após o chamado, o

que não significa também que fossem fiéis ao paganismo sem unidade que comportava seus muitos deuses.

É fato que é possível evidenciar que, desde os pagãos sumérios que observavam as estrelas, sinais de Deus para os homens, se guardava o Sabbath como o dia do descanso do deus, o que corrobora com a idéia de que é possível que o único deus criador fosse conhecido desde sempre nas tradições de muitos povos.

Apesar de a religião suméria ser politeísta, é fato que, com o afastamento de um sistema teológico único, o homem cria excessos naquilo que possui de religioso criando deuses que mudam para se adequarem a cada grupo religioso e, com o tempo, se tornam tão numerosas as adequações que criam um deus diferente para cada homem. Eis uma das razões que corroboram como fato de que um credo verdadeiro não permite duas interpretações.

Posteriormente, o Sabbath foi revelado como uma prática válida para honrar a Deus pelo tempo que foi determinado, por ele ser inspirado na verdade, assim como foi uma prática válida, posteriormente, o uso do obelisco da cultura egípcia pelos israelitas para se referirem a Deus.

É possível que os deuses invisíveis de forma humana dos sumérios sejam fruto de uma nova interpretação ou de uma noção de uma verdade que sofreu degeneração com o tempo.

Parte do povo hebreu idolatrava deuses pagãos cujas famas eram vigentes e percebia o êxito na batalha tomando o fruto do trabalho alheio como válido, como se vencer na guerra fosse uma provisão de Deus. Vejamos uma referência bíblica que mostra uma divisão entre os prostituídos e os que serviam ao Senhor, além de uma exortação dos que servem a Deus para que a parte paganizada dos hebreus abandone a idolatria que consiste em honrar ou substituir o único deus por um ou mais deuses, sendo o conceito de ‘deus’ aglutinador de qualquer fenômeno como os pagãos concebiam:

> “Porém se vos desagrada servir o Senhor, escolhei hoje a quem quereis servir: se aos deuses, a quem serviram os vossos pais além do rio, se aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Porque, quanto a mim, eu e minha casa serviremos o Senhor.” (Js 24, 15)

O uso das Escrituras não serve para as livres interpretações da fé e, nesse caso, serviu para a constatação de um fenômeno histórico. As Escrituras somente devem ser usadas para constatar a verdade, quando sua interpretação corrobora de forma assertiva, ou seja, quando corrobora com a verdade da única fé verdadeira.

Uma escolha deveria ser feita. Em meio a muitos enganos, uma parte dos hebreus preferia idolatrar os falsos deuses. Tendência essa que nunca se extinguiu.

Eles usavam figuras de animais e de homens com partes animais que tomavam o lugar de Deus nos seus corações e altares, como se as categorias inatas que garantiam a sobrevivência e permitiam a realizações de proezas dos animais fossem deuses ou trouxessem algum benefício místico.

A decisão de servir a Deus compreendia abandonar as perversões do mundo e isso era algo muito difícil de se manter com as muitas promessas e tentações demoníacas disponíveis para se prostituir.

Os que não serviam ao único deus eram mais propensos a desenvolver um padrão comportamental contrário ao do amor que tira o homem da selvageria. Eles, os que adoravam deuses estranhos, sempre se opuseram ao bem da humanidade.

O amor deveria ser tomado como valor primordial para que o homem valorizasse mais a vida que o material nas privações, um amor que torna o indivíduo apaixonado pelo bem e lhe tira o medo da morte, um amor que se realiza entre as pessoas.

Se o amor somente pode ser realizado no convívio, para levar seu nome e dar os frutos de seu reino, Deus quis que houvesse uma participação do homem.

Deus poderia colocar o ideal de sociedade e mudar as inclinações pessoais em cada um no mundo, mas se assim fizesse, os que se dedicam ao trabalho e ao bem não teriam mérito algum e os maus não seriam condenados. Não seria possível distinguir um pagão que prefere se dedicar ao *bom trabalho* de outro que prefere se dedicar a *guerra má*. Um período sem aflições não necessitaria de existir nesse momento inicial, nessa vida terrena em que nós decidimos a quem servir.

Não existe livre arbítrio pela liberdade, existe livre arbítrio necessário para a salvação, pois Deus criou o livre arbítrio para que pudéssemos amá-lo, em verdade, por intermédio do amor ao próximo ao fazermos a escolha de deixarmos tudo para o servir.

Então Deus envia seus profetas para o povo hebreu e lhes dá sinais e mandamentos para a conversão e mudança do caráter dos indivíduos e, por conseqüência, de sua sociedade. Assim, Ele, que é o amor, foi transmitido entre os homens.

Os escolhidos possuíam a missão de serem guardiões do conhecimento de Deus e da mensagem de amor ao próximo, fato esse atestado nos dez mandamentos que são todos em prol do amor ao próximo e do respeito a Deus.

Obviamente, que, se eram representantes do Altíssimo, os hebreus deveriam ser representantes da verdade e do amor.

É verdade que os hebreus poderiam obedecer a Deus cultivando o amor entre eles, mas esse amor não poderia se estender com a mesma eficácia a outros povos, pois a guerra para aquisição de bens ainda era praticada e havia muita disparidade entre os costumes das nações.

Nesta realidade, o mal sempre esteve próximo do bem. Apesar da existência do comércio que se concentrava às margens do rio Jordão, muitos se dedicavam a tirar o fruto do trabalho alheio nas imediações.

O mundo não possui pressa para cultivar o bem.

Os hebreus sequer conseguiam manter uma unidade entre eles, mas, mesmo assim, influenciavam a muitos. O nome do único deus estava sendo levado pela parte dos hebreus que serviam a Ele.

Graças aos hebreus conduzidos por Deus o crer no único Deus foi reestabelecido por todo o mundo, com o tempo.

Quando se fala de amor de Deus, se está falando de doação de si, de ter misericórdia e de ser para o outro como para si, dentro de uma razão prática que possa se manter.

Obviamente, os povos pagãos eram munidos de sentimentos amorosos básicos ligados ao instinto como o amor familiar, principalmente na forma de cuidado paterno, materno e na concórdia entre companheiros, do contrário, nenhuma sociedade se manteria, contudo, entre os sem Deus, o número de atrocidades é muitas vezes maior e também não eram os pagãos completamente perversos, eram, no início da aliança, semelhantes aos hebreus.

Uma parte do povo hebreu se distinguia dos outros povos por ter o amor como base das relações, devido a obediência aos mandamentos de Deus.

Eles receberam a grande responsabilidade de serem o exemplo.

Apesar de a semente do amor não possuir terra fértil em todos, o nome do Senhor era levado a todos por seu povo. Então, além de sentir Deus, o mundo passou a ouvir falar sobre Ele e perceber sua vontade anunciada.

Houve, certamente, um reconhecimento maior de parte da verdade.

A razão do povo hebreu baseada na verdade pôde transformar o homem fazendo-o deixar o engano, mas a sociedade segue uma evolução gradual possível, sempre de modo secundário, pois, após haver alguma evolução ética e moral, uma parte

considerável da população permanece tomando idéias e costumes anteriores como aceitáveis.

Por levarem o nome de Deus, os hebreus receberam grande senso de justiça e grande responsabilidade que os levou a ditar o que é certo e o que é errado, moldando o ideal de homem bem vivido, por isso, extirparam gradualmente, do mundo, parte dos valores pagãos.

Deus é a verdade e os hebreus deveriam viver a verdade dada por Ele que definiu o que é o bem e o mal, apensar disso, a história dos hebreus é contada, em parte, valorizando o êxito em batalha, tal como o resto do mundo fazia, pois, os valores do mundo e conseqüentemente os valores do povo de Deus ainda eram, em parte, os valores pertencentes a todas as sociedades, os valores do guerreiro que conquista sua glória por muitos êxitos em batalha e existia, como na atualidade, a necessidade de reagir com violência contra as ameaças comuns.

Os pagãos do oriente e do ocidente percebiam o êxito em batalha como um sinal da providência dos deuses, por isso, somente poderiam perceber o sinal do céu nas vitórias do povo hebreu em batalhas que lhes davam a certeza de que o divino era com eles.

O êxito hebreu naquilo que se estimava foi tido como um sinal da parte de Deus para os pagãos.

O nome de Deus foi levado e mudanças podiam ser observadas ocorrendo nas culturas pagãs de forma gradual.

Os pagãos passaram a ver beleza no que o povo escolhido estimava do messias e nos valores que somente poderiam ter origem em um **deus verdadeiro**.

Observando a cultura dos antigos, percebemos que a base dos valores da sociedade como a conhecemos tiveram início em todos os povos que buscaram a virtude, pois todo homem tem em seu coração o desejo de buscar a Deus, mas foram os hebreus que puderam trazer o exemplo de uma base moral mais elevada em acordo com a verdade para a humanidade.

Os bestializados necessitavam de regra e de imposição moral, pois eles somente respeitavam a aquilo que temiam.

A verdade sobre o bem e o mal foi expressa na tradição dos hebreus que se opunha a do resto do mundo ao trazer uma pequena semente que viria a crescer por ser verdadeira.

Os hebreus deram à humanidade o reconhecimento do **deus verdadeiro**, o saber há muito perdido, por isso, gradativamente, os povos passaram a ter seus valores baseados no homem bem-aventurado, ou seja, naquele que tem êxito na vida por intermédio do trabalho, reforçando as boas inclinações do homem que passou a rejeitar mais ainda a guerra como modo de adquirir seu sustento.

No oriente, a noção de que somente existe um Deus se tornou, a certa altura, cada vez mais difundida, contudo, de modo errôneo no deus Rá cuja criação foi provida pela busca do homem pelo único **deus verdadeiro**, um deus primeiro ser e criador de todas as coisas.

Rá não era Deus, era um engano baseado na verdade de que somente existe um deus.

No ocidente, um fenômeno semelhante ocorria entre os filósofos que começaram a chegar à conclusão lógica de que somente existe um deus criador e mantenedor de todas as coisas, uma única fonte que provê a realidade.

Eles trouxeram dúvida de forma mais elaborada para elementos da cultura em que estavam e também trouxeram exaltação da razão que se tratava de uma noção da verdade.

A razão pagã e a razão israelita

Devido os deuses dos pagãos possuírem origem no que o mundo propicia para o homem, os ritos e sacrifícios baseavam-se em pagar para ter a dignidade de receber algum benefício. De certa forma, o pagar é falso respeito fruto de reconhecimento não admitido de que os deuses são como fenômenos para serem usados pelo homem.

O povo de Deus, por possuir o conhecimento do Criador dado pelos profetas, cria e servia ao único deus existente, assim, o sacrifício dos descendentes dos hebreus possuía um propósito diferente do propósito pagão. A razão do sacrifício hebreu possuía coerência com a criação do mundo, a origem do homem, o pecado e o serviço para Deus.

É notável que parte da verdade em parte da tradição dos pagãos do ocidente foi adquirida com muito estudo, esmero e evolução cultural e que, para os descendentes dos hebreus no oriente, parte da noção da verdade lhes foi dada pronta pelos profetas, como se eles não houvessem cultivado o valor que receberam, o que evidencia que receberam a verdade do céu, por intermédio dos profetas ou que copiaram mitos de culturas pagãs, o que não creio, pelos períodos em que os valores surgem nas sociedades.

Existem indícios de que foram os hebreus os influenciadores de parte dos valores elevados no mundo e era assim pelo fato de o homem usar sempre a verdade como base para desenvolver seus enganos.

A realidades dos povos sugere que os pagãos ocidentais percorreram um longo caminho para adquirir pouco do que foi necessário e os hebreus receberam o necessário com menos esforço.

Lembremos que os valores dados pelos profetas eram muito elevados para um povo muito bestializado, por isso foi necessário a rigidez ao cumprirem o que é certo.

Entendamos como *o conhecimento do bem e do mal* esta realidade em que vivemos.

Se o homem (Adão) desejou o mundo material (conhecimento do bem e do mal) e foi capaz de desobedecer a Deus por ele, aqueles que desejam buscar a Deus, devem demonstrar um certo desprezo pelo material, oferecendo o melhor de si e do que adquiriu no mundo para Ele, por amá-lo sobre todas as coisas, cumprindo o primeiro mandamento para poder fazer o caminho de volta e se religar a Deus.

Todos nascemos com essa dívida para com Deus que é como um pecado que deve ser compensado por todos que puderem, contudo, após Deus revelar que não deseja o sacrifício, ficou evidente que a dívida com Deus se paga por intermédio da benevolência para o nosso próximo, cumprindo o seu mandamento de amor.

Sempre foi assim, mas Deus revelou-se aos poucos pelo fato de o homem bestializado do passado, como incapaz, não poder entender completamente um valor tão puro como o amor, exatamente como o homem bestializado da contemporaneidade não entende e pensa que um rito pode realmente expiar pecados sem o arrependimento, a mudança de comportamento e as boas obras que comporta obediência ao corpo místico de Cristo nosso Senhor.

Os hebreus deveriam ser obedientes e o sacrifício representa uma predisposição a obedecer.

Os fiéis sacrificavam para agradar o único deus existente, pois o percebiam como senhor.

Em um contexto onde são exaltadas categorias animais a nível de atributos divinos, é perceptível a lógica do sacrifício de animais.

O sacrifício foi um meio usado, a princípio, para espiar pecados por aspersão de sangue.

Esse tipo de sacrifício representava a fidelidade daqueles que se dispunham a servir.

Deus quis o sacrifício que não era, em si, o pedido de perdão e nem a obediência do homem para Ele, contudo, refletia o verdadeiro pedido de perdão presente nas boas ações, fruto da inclinação do homem para a sua vontade.

O Pai, com o intuito de disciplinar o filho desobediente, quer o melhor de seu trabalho como um sinal de fidelidade e não como a própria fidelidade, por isso, o sacrifício deve ser entendido como um complemento do pedido de perdão na forma de um esforço humano que representa o desapego com o material, a disposição a servir e a valorização de Deus acima de tudo.

O homem teve de se portar como um filho obediente que prioriza agradar o Pai acima de qualquer coisa, por isso, para Deus oferecia ofertas materiais do melhor de seu trabalho.

Os filhos de Adão e Eva, seguindo essa razão, no passado, ofereceram sacrifícios ao Senhor como sinal de predisposição a o servir, demonstrando, com o esforço humano, que Deus é mais importante que tudo.

O sacrifício é a prática mais contrária à idolatria, pois nela, nada material ocupa o lugar de Deus e há o desprezo à cobiça.

Desde o início, nosso Deus quis que o homem ofertasse seu amor ao próximo, mas uma parte da humanidade, sem entender e sem obedecer ao Pai, preferiu sacrificar pelos erros a tentar deixar de pecar.

Que valor há em uma entrega simbólica sem a entrega verdadeira? Os pagãos ligavam o recebimento de algum benefício sem uma razão lógica no mundo ao rito, como se o rito fosse um propiciador de benesse em si.

O sacrifício hebreu possuía uma natureza diferente.

A oferta de Cain refletiu sua falta de zelo por Deus e pelo amar ao próximo.

Podemos entender, lendo as Escrituras determinadas sagradas pela Igreja Católica, que, quando há grande dedicação a Deus, há grande amor pelo próximo e, quando há pouco zelo por Deus, há pouco amor pelo próximo.

O maior sacrifício de uma parte dos hebreus foi a doação de si pelo Reino de Deus. Eles, agora como israelitas, vagariam pelo deserto em busca de Canaã que estava longe de ser uma terra que emanava leite e mel. Canaã seria apenas uma promessa que não poderia ser compreendida.

Tudo na cultura hebréia foi como uma sombra à espera do real. Canaã foi uma representação do céu, os mandamentos de amor ao próximo e respeito a Deus foram uma representação de Jesus Cristo e a arca que os guardou foi uma representação de Maria a mãe de Deus.

Eles possuíam grande responsabilidade. Os israelitas deveriam se tornar um povo exemplar para preparar a chegada do messias.

Para todos os justos que lutaram por Canaã foi reservado o reino que não é deste mundo. A promessa de Canaã não foi sequer uma sombra do que seria a promessa do Reino dos Céus herdado pelos servos do altíssimo, mas para o homem materialista, a terra era o que lhe importava, por isso Deus, em sua infinita sabedoria, os fez praticar o bem sem saber que o faziam.

Mesmo podendo avançar em conhecimento, fazendo uso unicamente de suas forças, sem uma base ética e moral, o homem não poderia ter evoluído em amor, pois é vicioso[8] e tende a seguir padrões comportamentais da sociedade em que está inserido.

Devido a isso, se fez necessária a interferência de um pai amoroso para disciplinar a humanidade, pois o homem sozinho não se inclina de forma adequada para o bem.

Os males práticos[9] do mundo são o matar, o roubar e o destruir, por isso, Deus interviria sobre eles.

Deus enviar seus profetas para os hebreus foi uma benção para a humanidade. Foram os descendentes dos hebreus que, a princípio, estabeleceram as bases do amor influenciando a prática dos dez mandamentos.

Não houve benefício material algum por terem sido escolhidos senão as benesses por viverem da melhor forma, de serem bem-aventurados na verdadeira riqueza do amor.

Não é porque eram escolhidos por Deus que estariam livres dos males do mundo. As aflições vinham sobre os justos e injustos, além dos castigos por motivos disciplinares que recebiam, pois Deus corrige a todos que ama.

Muito dos males que acometeram o povo de Deus foram causados por más escolhas como as que levam a prostituição com o paganismo de outros povos e ao comercio com tiranos e pessoas de costumes opostos a vontade do Criador.

Nenhuma outra escolha trouxe tanta desgraça quanto a da servidão a governantes iníquos que ocorria quando homens degenerados de baixa moral erguiam poderes representantes de sua perversão.

Tudo aquilo que culminasse na vontade de satanás deveria ser combatido, mas o povo hebreu tentava a Deus ao manter negócios com povos e governos iníquos.

Como foi dito, aqueles que quisessem se dedicar ao trabalho deveriam desenvolver algum tipo de defesa armada e os hebreus não haviam desenvolvido poder militar suficiente para se defender dos egípcios, por isso, foram escravizados durante ~400 anos, mas, entre 1300 e 1250 a.C., iniciaram uma jornada para Canaã.

A saída do povo escolhido do Egito foi um milagre. Muitos historiadores não acreditam que o faraó deixou os escravos

partirem, pois isso significava a perda da mão de obra de seiscentos mil homens. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Os israelitas partiram de Ramsés para Socot, em número de seiscentos mil homens, aproximadamente, sem contar os meninos.” (Ex 12, 37)

Certamente, houve sinais verdadeiros da parte de Deus para o milagre do êxodo acontecer e eles estão registrados nas Escrituras.

Certo é que, quando Deus dá o milagre, atesta o que é seu e, nesse caso, Deus atestava o que diziam os profetas quando obrou milagres por intermédio de Moisés.

Sobreviver a hostilidade que o mundo proporcionava requeria uma postura mais agressiva. Eles não poderiam ser pacíficos e sobreexistir, por isso o desenvolvimento de exércitos armados se torna algo essencial.

Deus aguardou que a humanidade assimilasse seus valores e sua razão. Os valores do homem estavam mudando com os sinais e com as mensagens dos profetas.

Desde a saída dos israelitas do Egito, nosso Deus não exigiu mais sacrifícios e convidou a todos para serem felizes no amor, no êxito do *bom trabalho*, na família, nas relações sadias e na misericórdia.

Deus havia definido que o modelo de homem seria o bem vivido. Ele disse, por intermédio do profeta Jeremias, que os israelitas deveriam ser felizes tendo êxito, ou seja, sendo bem-aventurados na vida seguindo o caminho da obediência, do amor e da misericórdia, no padrão de vida que leva ao êxito do cumprimento dos seus desígnios.

Ser feliz é ter êxito. Vejamos o conceito grego definido por Platão em sua obra Eutidemo:

> “Uma vez que todos nós ansiamos por ser felizes, e que ficou manifesto que nos tornamos tais graças ao uso, e ao uso correto, das coisas, e que é a ciência que produz a correção e a boa fortuna, é preciso então, segundo parece, que todo homem, sem exceção, tome providência, de todas as maneiras, para que se torne o mais sábio possível.” (Platão, *Eutidemo*, 282, p. 63)

O grande Platão tinha ciência de que a felicidade é conseqüência do êxito e explicou diversas vezes em seus escritos que o êxito estava na boa ocupação, no trabalho, no uso correto das coisas, no corrigir e na sabedoria.

Não existe real felicidade sem praticar a virtude de Deus e Platão entendia que a virtude não é algo que se possa ensinar, ou seja, não é algo que sua prática esteja atrelada diretamente ao saber ou a riqueza material, por isso, apesar de a mensagem dos profetas ser de fácil entendimento, uma parte dos israelitas prefere ceder a seus vícios dando mais importância a o sacrificar que obedecer a Deus que falou por intermédio do profeta Jeremias que prefere a obediência mais que holocaustos, dando ênfase à sua vontade. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Eis aqui o que diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Amontoai holocaustos sobre sacrifícios, e deles comei a carne; porquanto não falei a vossos pais e nada lhes prescrevi a respeito de holocaustos e sacrifícios, no dia em que os fiz sair do Egito.
> Foi esta a única ordem que lhes dei: escutai minha voz: serei vosso Deus e vós sereis o meu povo; segui sempre a senda que vos indicar, a fim de que sejais felizes.
> Eles, porém, não escutaram, nem prestaram ouvidos, seguindo os maus conselhos de seus corações

> empedernidos; voltaram-me as costas em lugar de me apresentarem seus rostos.
> Desde o dia em que vossos pais deixaram o Egito até agora, enviei-vos todos os meus servos, os profetas. Todos os dias sem cessar os mandei.
> Eles, porém, não os escutaram, nem lhes deram atenção; endureceram a cerviz e procederam pior que os pais.
> Quando tudo isso lhes transmitires, também a ti não escutarão. Chamá-los-ás e não obterás resposta. Dir-lhes-ás então: Esta é a nação que não escuta a voz do Senhor, seu Deus, e não aceita suas advertências. A lealdade desapareceu, tendo sido banida de sua boca." (Jr 7, 21-28)

Muitas vezes o homem não sabe os anseios do coração de todos em determinada circunstância e, sendo assim, ele seria incapaz de saber a vontade de Deus plenamente em todas as circunstâncias, o que evidencia a necessidade de uma ortodoxia bem definida, de uma única fonte verdadeira de fé, um único núcleo que fosse a coluna e sustentáculo da verdade, a sua santa igreja para todos os homens que, neste momento, somente existia no céu.

O que o povo de Deus herdou foi parte do conhecimento da vontade do criador e o dever de cumpri-la amando e sendo felizes na obediência.

Eles herdaram as bases do conhecimento do verdadeiro êxito na vida e, certamente, não sabiam do tesouro que cultivavam para a humanidade.

O sacrifício é uma característica de uma parte da velha aliança e ele almejava satisfazer o problema com a desobediência, mas Deus, certamente, preferia que o homem fosse obediente tendo misericórdia e piedade para com seu próximo.

O sacrifício não muda o caráter individual e era provável que uma parte do povo de Deus fosse tentada a tê-lo como solução para os pecados, quando a verdadeira solução é o arrependimento e a obediência.

O mundo se configurava perverso e não eram os filhos de Moisés exceções muito contrastantes, pois o povo hebreu não tomava a vontade de Deus como essencial. Possivelmente não poderiam entender, assim como uma parte de nossa sociedade não entende, por isso, amontoavam sacrifícios e desobediências.

Quase nenhum israelita cumpria os mandamentos e eles estavam a fermentar uma lei para a sociedade.

A razão de Deus não é a razão dos homens e matar por vingança mulheres e crianças que não tomavam parte na guerra jamais foi plano de Deus, mas do homem, contudo, nosso Deus é justo e toma para si as almas dos inocentes concertando todos os males praticados por homens no mundo.

São Tomás de Aquino, repetindo o que disse Santo Agostinho de Hipona, nos elucida essa razão quando diz que todo mal é permitido porque Deus pode tirar dele um bem superior que não deve ser entendido como benesse material ou bem-estar, pois o Reino de Deus não é deste mundo. Deus resgata a vítima e condena o iníquo.

Os israelitas deveriam ser exemplares, mas eles não agiam como se fossem, por isso, os profetas alertaram que o castigo viria para os praticantes de iniqüidades e, como os eles não obedeciam, Deus teve de intervir trazendo castigo para o seu povo. Vejamos como isso se apresenta nas palavras do profeta Oséias:

> “Por isso é que os castiguei pelos profetas, e os matei pelas palavras de minha boca, e meu juízo resplandece como o relâmpago, porque eu quero o amor mais que os sacrifícios, e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos. Mas eles violaram vergonhosamente a aliança e traíram-me.
> Galaad é uma cidade de malfeitores, cheia de traços de sangue; os bandidos são a força dela, uma quadrilha de sacerdotes; assassinam no caminho de Siquém, porque seu proceder é criminoso.” (Os 6, 5-9)

Deus os castigou para lhes disciplinar, pois uma parte desacreditava e ignorava a aliança. Ele sempre quis o amor e a obediência entre os seus, pois, se amavam Deus amando seu próximo a obediência aos seus desígnios se tornaria regra de convivência universal pela extensão do ser na sociedade. Isso evidencia a razão da relação entre êxito e obediência, sendo o êxito não idolatrado, apenas almejado.

A tradição dos israelitas, em sua maior parte, era baseada em valores essenciais que proporcionavam melhor qualidade de vida. Eles possuíam um cuidado especial com o respeito para com Deus e, a princípio, pouca coisa da tradição invalidava os mandamentos.

O povo hebreu, agora chamado de israelita após a saída do Egito, foi um povo escolhido por Deus, dentre os pagãos, para preparar o caminho para o messias anunciado pelos profetas, mesmo assim, Cristo não seria compreendido por uma parte da descendência deles, os judeus.

Deus entregou a morte muitos daqueles que, sem serventia, não ensinavam o amor ao próximo e que ignoravam a misericórdia tomando o sacrifício como solução para expiação dos pecados.

Os homens não falavam e nem cultivavam o amor, por não perceberem a possibilidade de um valor tão puro ser disseminado em um mundo cruel onde a violência para se defender se fazia necessária em um nível muito superior ao da atualidade, por isso, o sacrifício maior era necessário. Cristo dar sua vida pela humanidade seria o grande sacrifício de amor.

O castigo somente veio para Israel porque Deus se importava com ela como um pai que corrige.

Deus queria que ela fosse exemplo e que fosse lembrada por seu êxito e obediência, por isso, lhes sobreveio o castigo.

Deus sempre instruiu os seus por intermédio de sinais, dos mandamentos e das Escrituras que expressavam a importância dos valores do seu reino.

A narrativa onde Caim mata o próprio irmão serve para instruir a ser amoroso e zeloso no serviço a Deus, mostrando a gravidade do pecado contra o próximo e o agir misericordioso de Deus. Nela, Abel traz para sacrificar as primícias de seu rebanho, ou seja, aqueles que são os primeiros animais paridos e que, portanto, eram a garantia da continuidade. Ele prezava pelo seu irmão e tinha os animais como coisas para uso.

Caim fez diferente, trouxe frutos e estava apto a desenvolver desprezo pela vida humana, até mesmo pela vida do irmão que foi das coisas mais preciosas para a proliferação da vida no mundo. Ele possuía tanto desprezo pela vida alheia que, em sua primeira frustração, tirou a vida do irmão.

Esse exemplo nos traz uma noção de quão bestializado e inconseqüente pode ser o homem que não observa a vontade de Deus.

Piores atos dos paganizados estariam por se realizar. A humanidade presenciaria mães planejarem a morte de seus filhos inocentes no fogo, contudo a razão de Deus disseminada por seu povo escolhido trabalharia contra esse tipo de perversão.

O paganismo dos últimos séculos antes da vinda de Cristo

A razão começou a ferir mortalmente os deuses, de modo que, na observância das razões expressas nas culturas antigas, é possível evidenciar que recorrer aos deuses se dava sempre de modo secundário, pois o homem possuidor de capacidade intelectual e física para trabalhar jamais concebeu o rito como solução primária.

Certamente, ocorria do mesmo modo no período anterior, pois o homem que concebe outras fontes que não se originam em seu esforço pessoal, não obtém êxito verdadeiro no mundo real, por isso, considerar a provisão dos deuses mais importante que o esforço pessoal sempre foi uma fraqueza impraticável em qualquer período, como uma ofensa perversa contra a natureza humana.

Até o final do período Heládico, a guerra possuía mais validade como meio de adquirir bens que na antiguidade, quando a evolução moral definiu que o trabalho dignificador era o meio correto para aquisição do sustento.

Não é porque eram pagãos que a razão de Deus se manifestaria diferente para eles e muitos seguiam o caminho em concordância com a determinação de Deus que é o do trabalho[10].

O único deus é deus também dos pagãos porque Ele é deus de todos.

A iniqüidade dos que se dedicam a guerra e a tomam como modo de adquirir o sustento e o bem dos que se dedicam ao trabalho se opõem de modo indissolúvel. Quem se opunha a usar o trabalho como meio de adquirir o sustento se opunha a verdade da vida, logo se opunha ao deus criador que eles não conheciam.

A moral como a conhecemos não possuía raízes no início da sociedade exposta, portanto, o homem dedicado a guerra não se detinha ao tentar tomar o fruto do trabalho alheio.

Os dedicados à guerra, obviamente, sabiam que faziam um mal, mas não conheciam a razão de Deus, por isso a guerra como meio de se manter lhes era conveniente de um modo que uma parte da sociedade atual não consegue conceber.

Uma cultura pode tomar como aceitável algum valor, seja ele bom ou mau, e o animal político tende a seguir o padrão de sua sociedade.

Os dedicados a guerra possuíam uma sensibilidade moral pouco evoluída, mesmo entendendo o bem e o mal, pois não conheciam os valores reais baseados na vontade do Criador. Esse fato evidencia a necessidade de atestar os valores do Reino de Deus para que decorresse a criação da possibilidade de evoluir os costumes.

Em 800 a.C., os gregos desenvolvem um alfabeto, em 776 a.C., os primeiros jogos olímpicos e, entre 750 e 675 a.C., compuseram os poemas Ilíada e Odisséia e, posteriormente, estabeleceram as bases da justiça. Em 700 a.C., desenvolveram diversas poesias líricas que estimavam educar em valores elevados

A Grécia mostrou, por intermédio da observação de sua cultura, que evoluiu seus valores morais e éticos. O poema *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo é um exemplo de produção literária que expressa os valores da cultura grega desse período. Essa obra literária claramente servia para difundir o senso de justiça baseado no mérito, onde o homem deve querer somente aquilo que adquiriu com seu trabalho e não tentar tomar o que é fruto do trabalho alheio.

Em torno de 600 a.C., começaram a estabelecer o que proporcionaria o que primitivamente antecederia a ciência.

É notável que a propensão para o desenvolvimento ocorreu após haver uma atenção maior para a estrutura da língua, o que colocou os estudos da gramática, da retórica e da lógica na base de todos os estudos entre 170 e 90 a.C.

Essa atenção ao mantimento da moral representa uma grande evolução dos valores gregos que pode ser evidenciada, caso

sejam comparados os valores do herói do período Heládico Médio com os valores do herói do período Idade Antiga.

No poema *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo alerta seu irmão Perses para que queira apenas o que é seu e clama a Zeus (Júpiter) por justiça.

Perses, que é exposto como preguiçoso e amigo de juízes, queria tomar judicialmente os bens de seu irmão, garantindo uma parte deles para os juízes caso a sentença fosse a seu favor.

Nas culturas mais evoluídas, o mau exemplo é explicitado com o intuito de fazer os membros da sociedade o abominarem e, por conseqüência, abominarem determinadas práticas associadas ao seu caráter e Perses é a alegoria dos valores gregos passados, do homem dedicado a *guerra má* e do vadio ladrão mentiroso que se opõe ao *bom trabalho*, o que reatesta a verdade exposta anteriormente de que saqueadores ou ladrões degeneram em mentirosos para poderem adquirir os seus mantimentos em sociedades mais evoluídas.

O mesmo tipo de evolução ocorreu com o caráter de Zeus, o deus tirano que não se importava com o extermínio da humanidade quando subiu ao trono, quando caracterizado por Ésquilo em *Prometeu Acorrentado* e que passou a ser o promotor da justiça entre os gregos, em narrativas que o retratam em um período posterior, servindo de exemplo por sua mudança de caráter.

Se examinarmos os valores do povo grego dos últimos séculos antes da vinda de Cristo, perceberemos que possuíam noção de propriedade, de justiça e um grande senso moral. Abominavam o incesto, o sexo desregrado, a traição, a desonra e a desonestidade.

A educação grega se voltava para a preservação de tudo o que mantinha a sociedade, tudo o que era precioso e essencial.

Tales de Mileto, que viveu entre os anos de 630 e 550 a.C., foi um dos que promoveram para o povo grego, por ser um estudioso de grande prestígio, a idéia de que somente existe um deus eterno e criador, enquanto a certeza disso era de propriedade

do povo escolhido fiel há pelo menos 1.300 anos, não porque assimilaram ela, mas porque esse era o conhecimento não corrompido que foi retomado. Esse homem dado aos estudos da matemática e da engenharia discordava dos elementos que formavam a crença de seu povo. Para ele, não eram as provisões da natureza deuses, como os antigos concebiam, por perceber o **deus verdadeiro**, obviamente de forma parcial, de modo que não podia negar sua existência.

O tipo de cultura que é mais consumida expressa os valores de seu povo e, se observarmos a cultura grega, existem diversas manifestações nela que nos elucida como o homem fazia uso dos seus deuses.

Recorrer aos deuses em busca de respostas e soluções para problemas nunca foi algo primordial, sempre foi recurso secundário que capturou o homem em algum momento de fragilidade. Como exemplo disso, trago o seguinte trecho da tragédia grega *Édipo Rei* escrita em torno de 427 a.C. por Sófocles. Na tragédia, o povo tebano pede que Édipo encontre uma solução para a cidade devastada pela peste:

> "Por isso, ó poderoso Édipo, nós todos, que aqui vês súplices, te pedimos nos encontres um remédio que tenhas conhecido ouvindo o oráculo de um deus ou consultando algum mortal, porquanto eu sei que são os conselhos dos homens experientes os que alcançam melhor êxito." (Sófocles, *Édipo Rei*, p. 15)

Na peça citada que representa um estágio avançado da cultura grega da antiguidade, a peste afligia os habitantes de Tebas que, sem poderem dominar a ameaça ou explicar o motivo pelo qual lhes sobrevinham tanta desgraça, clamam ao rei para que consulte o oráculo dos deuses, contudo, as vozes que clamam valorizam

mais os conselhos de homens experientes para solucionar problemas que os conselhos dos deuses.

Certamente, nesse caso, a cultura influenciou o lúdico que atesta e influencia a cultura formando ciclos próprios.

Na observância das culturas, nota-se que os povos não criam realmente na provisão de seus deuses, mas criam naquilo que os faziam crer neles, ou seja, na expectação de uma promessa muito difundida e no mantimento de Deus nas coisas que somente era possível adquirir por intermédio do trabalho, ou seja, pelo esforço intelectual e físico.

Poderia acrescer, nesse caso, a possibilidade de terem redirecionado boas expectações para Édipo por sua história presente na oralidade grega, principalmente por sua proeza ao derrotar a Esfinge com o uso de sua sabedoria dada pelos deuses, o que seria coerente de Sófocles fazer, contudo, a clareza do texto grego antigo realmente deixa evidente que se possuía mais fé nos homens sábios cujas sabedorias não possuem como fonte os deuses, apesar de a sabedoria de Édipo ser tomada em diversos casos como provida pelos deuses.

Nota-se também que os gregos consideravam ser possível que algum deus fosse o causador do mal. Isso acontecia porque eles percebiam que algo além do mundo material geria tudo. Na peça citada, Édipo consulta o oráculo de Delfos que lhe dá uma resposta incompreensível e incompleta, assim como são os falsos deuses pagãos.

Foi o oráculo de Delfos o responsável pelo nome da cidade, pois mandou que o herói Cadmo a fundasse e a nomeasse como Tebas, um nome que é semelhante ao de uma cidade Egípcia.

A origem e a determinação dos deuses para Édipo são interessantes e educam em certos valores. Édipo é filho rejeitado de Laio o rei de Tebas que consultou o oráculo que lhe disse que seu filho o mataria e se casaria com sua mulher. Diante da revelação, Laio entrega seu filho para que Jocasta, sua mulher, dê conta de matar o próprio filho. Jocasta não consegue cumprir a tarefa e

entrega o filho para camponeses que o entregam para o rei Polibo que adota Édipo como se fosse filho legítimo. Posteriormente, quando teve uma perturbação no espírito, Édipo consulta o oráculo de Delfos que lhe informa do seu fim: *Matarás o teu pai e casarás com tua mãe.*

Édipo foge do palácio de Polibo, de próximo daquele que pensava ser seu pai e daquela que pensava ser sua mãe e, ao tentar fugir, encontrou seu destino em um trívio. Disse ele, já cego, ao relembrar:

> "Ó trívio, é vale recôndito e umbroso, ó floresta de carvalhos, ó desfiladeiro onde a estrada se triparte, vós que embebestes do sangue de meu pai, do sangue que era meu e que minhas mãos derramaram, acaso ainda vos lembrais do crime que junto a vós cometi e daquele que perpetrei logo depois, ao chegar a esta cidade?" (Sófocles, *Édipo Rei*, p. 144)

Após matar o pai e derrotar a Esfinge, Édipo se torna o herói que salvou os habitantes de Tebas da ameaça da Esfinge e, por sua glória, se tornou rei e casou-se com Jocasta sua mãe, cometendo o crime que perpetrou ao chegar na cidade.

Se Laio e Édipo não soubessem do destino, os acontecimentos promoveriam as mesmas conseqüências? Obviamente que não, pois Édipo possuía tamanha aversão ao seu destino que tentou fugir dele e perfurou os próprios olhos quando lhe foi revelado o que fizera, o que leva a crer que os deuses faziam a própria vontade e Édipo reconheceu a inutilidade de ver sendo coagido a errar ao dizer que não veria nem os males que sofreu e nem os que tentou evitar.

Os deuses somente deram o necessário para que a vontade deles se concretizasse.

Notemos que a atenção dada é para eventos muito específicos e que, obviamente, muitas outras causas e conseqüências ocorreram sem relação com o concretizar do destino.

Nesse caso, temos determinações dos deuses que são cumpridas independentemente da arbitrariedade humana e isso é, obviamente, fruto da observação pagã sobre o mundo, sobre as determinações do único Deus e não um credo em um destino imutável.

O que o titã Prometeu sabe sobre o futuro é fixo? Se ele livrou Zeus muitas vezes de ser destronado, porque não livrou a si da dura pena?

Obviamente, aceitar o mal inevitável é algo que faz parte da vida e, obviamente, a realidade mostrou aos pagãos que é pelo trabalho e pela experiência que se obtém as soluções para os problemas do mundo, assim como o único deus criador havia determinado quando deu o trabalho para o homem, apesar de que, no caso específico, nada se pôde fazer, porque o mal, na perspectiva humana, era a vontade dos deuses.

Percebemos, ao examinar os valores explícitos na tragédia *Édipo Rei*, que os gregos valorizavam a obediência a seus deuses e tomavam o desregramento sexual como abominável. Nela, quando o rei Édipo descobre que matou o próprio pai, que casou com a própria mãe e que suas duas filhas são também suas irmãs, segundo uma das linhas da tradição oral, perfura os próprios olhos com broxes de ouro que removeu das vestes da mulher suicida e se autocondena ao exílio. Vejamos como foi a cena:

> “O infeliz rei, assim que a viu, dando rugidos pavorosos e soturnos, correu a desatar o corpo da suicida.
> Depois que o cadáver da desditosa mulher descansou no chão, seguiram-se cenas horríveis de ver: arrancando-lhe das vestes os broches de ouro que lhe serviam de adorno,

> Édipo ergueu-os e enterrou-os nos próprios olhos[...]."
> (Sófocles, *Édipo Rei*, p. 137)

Por se manter inocente, apesar de seu destino desgraçado, esse personagem é trabalhado como um homem assistido e atestado pelos deuses em outra tragédia chamada *Édipo em Colono* escrita por Sófocles.

Na peça *Édipo em Colono* de 401 a.C., os feitos heróicos são em prol do bem e da justiça e na peça *Antígona,* que conclui o ciclo tebano, temos uma personagem mulher que clama por justiça diante de seu tio e rei, o tirano Creonte cuja tirania se assemelhava a do Zeus jovem em muitos aspectos.

A peça Antígona nos traduz o desejo por justiça da sociedade grega ao dar voz a vítimas em prol da justiça e encoraja a luta individual das pessoas mais fracas contra a tirania.

Certamente, houve uma grande evolução na cultura grega que considerava lícito ofertar mulheres como prêmio de guerra equivalendo-as a escudos e espadas.

Com a evolução da sociedade grega, o modelo de herói passou por mudanças e toda a virilidade se desenvolveu em prol da justiça e, conseqüentemente, em prol do respeito e da defesa de inocentes.

As mulheres, por serem frágeis, se beneficiaram muito do novo herói. Vejamos o personagem Teseu se referindo ao ato heróico como algo que torna a vida alheia melhor, após resgatar as filhas de Édipo:

> "Não me espantei se prolongaste mais teu discurso por alegrar-se com tuas filhas nem se às minhas preferistes as palavras delas. Nada disso tem importância para nós, pois nos ocupamos em tornar a vida ilustre mais com feitos do que com discursos. E provo: daquilo que jurei não te enganei em nada, ancião, pois aqui estou e trago-

> as a salvo, intangidas pelas ameaças." (Sófocles, *Édipo em Colono,* 1140-1145 p. 79)

O herói que pilhava, saqueava e escravizava, no final da antiguidade se dedica a tornar ilustre a vida alheia, ficando evidente a mudança nos valores do herói refletindo na cultura que narra homens indo ao conflito por justiça.

A cultura reflete os valores e os reafirma socialmente, por isso, digo que os gregos possuíam uma civilidade muito evoluída por terem, como ideal, a luta e o sacrifício pelo bem do próximo.

Aristóteles viveu entre 384 e 322 a.C., se tornou o professor filósofo de maior prestigio de sua época com trabalhos reconhecidos por todo o mundo. Foi ele, inclusive, tutor de Alexandre O Grande após o ano de 343 e continuou sendo após Alexandre se tornar rei.

Não é pelo fato de alguém nascer em uma cultura pagã que esse alguém se torna maligno. Deus gravou no coração de todo homem o que é certo e o que é errado para que possa ser escolhido o bem e o mal em qualquer meio, mas, ainda assim, havia a necessidade do Senhor se mostrar para os homens. Isso é tanto verdade que, caso não tivesse entrado em contato com o povo escolhido, Aristóteles não teria reconhecido que alcançou a verdade plena como conseguiu.

Obviamente, o contato de Aristóteles com a verdade lhe fez perceber o quão é vão viver sem ser para Deus. Aristóteles percebeu que, no fim, o que importava era agradar o único Deus que observa os atos individuais de cada um de seus filhos em qualquer parte do mundo, pois ele é deus de todos.

Se pudesse falar diretamente para Alexandre, Aristóteles certamente diria que a glória do domínio não era nada se comparada com a salvação, mas essa indelicadeza feriria como uma *hybris* qualquer homem que toma o êxito na guerra como a glória maior.

Os escolhidos tiveram de cumprir a lei por obediência, mas há pouco tempo de perderem o Reino de Deus, ninguém a cumpria e Deus que é também deus dos pagãos, por ser deus de todos, teria de vir para todos.

O homem sempre soube da existência da verdade, mas a verdade teria de se fazer carne, Cristo teria de vir governar todas as nações[11], Deus teria de vir para salvar os pagãos aptos a reconhecer e praticar a justiça.

Ficou claro que, se uma sociedade somente cultiva os instintos que permitem a manutenção da vida, sem possuir critérios morais baseados na vontade de Deus, imerge na bestialidade generalizada.

A história da humanidade nos mostrou que foi o esclarecimento a respeito de Deus que retirou o homem da condição miserável em que estava. Conhecimento esse que era provido pela busca da verdade quando se estava a praticar a justiça ou quando se aceitava os conselhos dos rabinos incumbidos de *levar o nome de Deus*. Isso nos revela que, no conceito de felicidade expresso, quando Deus chamou os hebreus para serem felizes, estava incluso o cultivo do bem, o religar do homem com Deus.

Em 465 a.C., Ésquilo retoma e desenvolve mais o mito de Prometeu, o que aceita o sofrimento pelo bem da humanidade, assim como Cristo faria. Nessa tragédia, é retomado o tempo em que Zeus (Júpiter) ainda era um deus novo sem misericórdia, um tirano que tenta manter seu poder e que teme os traidores que desejam lhe destronar, aquele que condena Prometeu, o que amou os homens. Vejamos a referência disso:

> Vede, eis aqui, coberto de correntes, um deus desgraçado, incurso na cólera de Júpiter, odioso a todas as divindades que freqüentam seu palácio, tudo isso porque ameio os mortais. (Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, p. 29)

Acorrentado no rochedo e sozinho, Prometeu clama para o éter, a Terra e o Sol por sua condenação que considera injusta, por sua piedade para com os deuses e os mortais, por ter livrado Júpiter de seus inimigos e mesmo assim ter sido condenado. Vejamos o bem de Prometeu para a humanidade:

> "Prometeu: Graças a mim, os homens não mais desejam a morte. Dei-lhes uma esperança infinita no futuro. Além disso, consegui que eles participassem do fogo celeste." (Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, p. 32)

Apesar de todos os males, Prometeu aceita a vontade de Júpiter e diz:

> "Nenhum fim, senão o que ele (Júpiter) quiser." (Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, 33)

Impossível não comparar essa aceitação de Prometeu com as últimas horas de Cristo, onde Ele diz:

> "Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua." (Lc 22, 42)

Obviamente existem valores comuns entre o mito de Prometeu de 1200 a.C. e Jesus Cristo, principalmente na tragédia *Prometeu Acorrentado* de Èsquilo de 465 a.C.

Prometeu é um grande exemplo de virilidade realmente exemplar, é um exemplo para todo homem, que deseja ser bom, seguir, pois sofreu até o fim pela benevolência para os que amou.

Os valores cristãos evidenciáveis em *Prometeu Acorrentado* são muito mais acordáveis com Jesus Cristo que a expectação judia sobre o Messias. Isso é algo importante a se dizer e evidencia.

Os pagãos gregos provavelmente teriam maior aceitabilidade por um Jesus Cristo piedoso que dá a vida pela humanidade que os judeus.

A necessidade da intervenção divina

Deus não é um conceito ou um conjunto de idéias que podem ser pregadas sem a presença real de seu corpo, do contrário, seria Deus também qualquer manifestação pecaminosa ou religiosa que contribua para o êxito humano.

Deus está muito além dos nossos conceitos e não podemos alcança-lo com nossa razão. Ele é todo poderoso, todo poder emana dele e tudo o que acontece está dentro de sua permissão, sendo assim, se o profeta Eliseu trouxe a morte para aqueles quarenta e dois jovens que o hostilizavam em área distante da cidade e que possivelmente iriam lhe atacar é porque Ele permitiu. Eliseu não era o Cristo imaculado, por isso não podemos dizer que sua vontade e tudo o que fez é a plena vontade de Deus, mas se Deus permitiu é porque não poderia ter sido melhor na perspectiva Dele.

O poder de Deus não se manifesta a mercê do homem e se engana aquele que pensa diferente. O agir do homem está dentro da determinação de Deus e os sinais somente podem vir da parte do Criador.

Não existe poder oculto, palavra, leitura, influência e fenômeno místico de modo apartado de uma razão teológica coerente com a tradição do Reino de Deus ou que considere Deus direta ou indiretamente como fenômeno inconsciente para uso pelo homem, como se Deus fosse um poder no mundo que pode ser usado sob algumas condições.

Considerar Deus como um poder no mundo é uma grande ofensa, pois o reduz a nível de fenômeno material quando Deus não se submete completamente a esta realidade criada para o homem.

É fato que existem muitos paganizados que pensam poderem determinar em nome de Deus. O homem não pode falar em nome de Deus sem ser um representante seu, ou seja, sem

estar lhe obedecendo. Mesmo sendo representante, o homem não pode usar sua razão para determinar a vontade de Deus ou usar seu poder. Sendo assim, quem considera que Eliseu poderia usar o poder de Deus para cumprir os próprios intentos comete uma grande blasfêmia, pois define Deus como subordinado aos caprichos humanos, como se Deus fosse uma força mística parcialmente ou totalmente inconsciente, assim como os pagãos concebem parte da mística no mundo.

Fé para cumprir os próprios intentos viciosos e para conseguir bens materiais somente existe no paganismo mais recente influenciado pelo ocultismo satânico que toma fé pelo acreditar para tornar real ou pensamento positivo.

A fé verdadeira serve para fazer a vontade de Deus na própria vida, para ser uma pessoa honesta nos negócios, para ser fiel, para ser verdadeira e manifestar muitos frutos do amor de Deus. Fé não é para deleite, é para ser penitente.

O engano na fé pode acometer em níveis diferentes os indivíduos. Uma parte considerável dos indivíduos nivela Deus à sua pessoa e isso é um erro gravíssimo, uma blasfêmia.

Existe uma ligação lógica entre o homem ter o livre arbítrio e a possibilidade de errar no mundo, pois o livre arbítrio no homem não existe sem a possibilidade de erro, também a consciência humana não teria causa para existir se Deus tivesse feito o homem como uma máquina programada para realizar somente funções em acordo com os desígnios do criador, sendo incapaz de tomar decisões próprias ou desobedecer.

Certamente, Deus preza pelo mérito, pois, do contrário, teria convertido, com um sinal, toda a humanidade tornando-a uma grande comunidade de santos, mas Deus quer separar para si os que amam, os que usam a liberdade para o amar por intermédio de seu próximo neste mundo que possui aflições diversas.

O senso do que é errado existe gravado no homem, contudo, o Senhor percebeu a necessidade de instruir seu povo devido à complexidade da vida e seus enganos.

Os israelitas, assim como todos os membros de outros povos, cometem excessos, por isso, aprenderam a cumprir um conjunto de regras que não convergiam nos mandamentos deixados por Deus.

Muitos cumpriam os costumes da tradição baseada nas razões humanas como se fossem mandamentos de Deus, ao passo que ignoravam e invalidavam os mandamentos deixados por Ele. Uma parte deixou de ter misericórdia com próximo e vivia de forma simulada, como em uma representação, mas Cristo viria posteriormente para repetir o que disseram os profetas, Cristo viria para dizer que o amor manifesto em obras é mais importante que seguir algumas regras de homens e que se amássemos o nosso próximo, por conseqüência, seguiríamos a lei em concordância com a razão de Deus, o que significa que a lei de Deus é baseada no amor e não que conceberíamos a nossa própria lei de Deus, pois não se usa a arbitrariedade em santidade para cometer heresias, se usa para obedecer a Deus.

Não existe amor em detrimento da lei e não existe lei divina em detrimento do amor.

Vejamos uma referência bíblica no *Novo Testamento* sagrado pela Igreja Católica sobre a lei de Moisés:

> "Onde está, portanto, o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual lei? Pela das obras? Não, mas pela lei da fé.
> Porque julgamos que o homem é justificado pela fé, sem as observâncias da lei.
> Ou Deus só o é dos judeus? Não é também Deus dos pagãos? Sim, ele o é também dos pagãos.
> Porque não há mais que um só Deus, o qual justificará pela fé os circuncisos e, também pela fé, os incircuncisos.
> Destruímos então a lei pela fé? De modo algum. Pelo contrário, damos-lhe toda a sua força." (Rm 3, 27-31)

A tradição é importante para o mantimento de uma sociedade. Ela, quando sã, age como boa e grande influência.

A crítica era orientada para os excessos, já que todo o bem sempre está em acordo com a lei da fé.

Há, no texto sagrado, crítica a uma postura muito cômoda da parte dos descendentes dos hebreus que obedecia a um conjunto de regras sem desenvolver misericórdia ou interceder pelo próximo, transmitindo o conhecimento de Deus instruindo os pagãos.

Enquanto a lei das obras diz que para ser de Deus se deve seguir um conjunto de regras, a lei da fé diz que devemos servir Deus na caridade, amando nosso próximo, ou seja, produzindo os frutos do Reino de Deus que conseqüentemente faz com que se obedeça toda a lei determinada por Deus, *damos-lhe toda a sua força*.

O cumprimento do amor não anula a lei e faz ela ser cumprida. Assim, estariam errados os que dizem que somente importa amar, pois no amar verdadeiro está incluso o seguir a sua santa igreja que, nesse ponto da história, somente existia no céu, contudo já existiam pessoas ligadas a ela de alguma forma pela lei do amor, a primeira aliança feita entre Deus e os homens.

Deus julgará os incircuncisos e os circuncisos pela lei do amor, pois ele é deus de todos.

Muitas vezes o problema está na definição errada do que é lei de Deus.

Se os homens maus não se convertessem de seus maus caminhos e se simplesmente acreditassem em Deus estariam agindo na lei da fé? Obviamente que não, como diz são Tiago:

> "Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras." (Ti, 2, 18)

Obras em prol do Reino de Deus não devem ser confundidas com promoção de bens materiais como ocorre em muitas culturas degeneradas. Os versículos têm sido deturpados por hereges e apedeutas que, por intermédio de enganos, isentam o homem do serviço ao Senhor amando seu próximo, ao passo que criam outro engano que tenta convencer com a idéia de que somente é necessário acreditar ou seguir a regras que nada tem a ver com amar, pois acreditando, dentro da concepção herética, são lavados dos pecados e salvos. Isso é um grande erro interpretativo que retoma a velha tradição anulatória dos mandamentos criticada pelo próprio Deus.

É obvia a modificação semântica, na atualidade, no conceito de 'fé' que recebeu a carga semântica pagã de 'pensamento positivo'. Isso é tanto verdade que, desde o grande heresiarca Martinho Lutero, esse mesmo comodismo de somente acreditar entre os hereges tomou grandes proporções ao ponto de conceberem a idéia de que se pode pecar assassinando ou adulterando milhares de vezes por dia e mesmo assim receber a salvação pela misericórdia por ela ser infinita.

Os grandes heresiarcas, durante os milênios, reciclariam a idéia de que se pode pecar muito, pois Deus é misericordioso ao ponto de perdoar qualquer amontoado de pecados.

Sim. Deus pode perdoar tudo pelo fato de a arbitrariedade ser dele, contudo, ele fará justiça pelos seus.

A fé somente é detectada nas obras porque são as obras de amor para o Reino de Deus os frutos de Deus que indicam a fé.

Ter fé não é somente acreditar, pois, bastaria que acreditássemos em Deus para sermos salvos, mesmo praticando iniqüidades e promovendo prejuízos contra a sua lei.

Acreditar é necessário para agir, pois o homem, nesta realidade, não se deteria a praticar o que não acredita, por isso se diz que ter fé é acreditar.

Seguindo uma observação de Aristóteles sobre as substâncias, entendendo que o que predica a substância flui dela, quando se diz que fé é acreditar ou que é a certeza das coisas, se está dizendo que acreditar é um dos frutos da fé que não é acreditar em qualquer coisa e que não pode ser outra substância, pois seguindo o que diz a lógica aristotélica sobre as substâncias, uma substância não predica outra, ou seja, toda confusão que leva a confundir 'fé' por 'acreditar para realizar' é claramente falta de educação básica necessária. Observemos: "Fé(substantivo) é (verbo de ligação) acreditar (predicativo de fé, verbo no infinitivo)".

É possível dizer que acreditar é um dos elementos que flui da fé, também que quem possui fé acredita e não é possível dizer que acreditar é fé.

Tomar fé por acreditar se chama pensamento positivo que consiste em crer para que algo se torne real, o que não funciona na lógica cristã, pois Deus existe independentemente de alguém crer nele.

Os muitos enganos evidenciam a necessidade de que Deus viesse nos ensinar a verdade da única fé de uma única forma que não permita outras interpretações por Ele ser apenas um.

O povo escolhido, movido pela compaixão e pelo serviço a Deus, fez grandes feitos e muitos deles foram frutos de valores baseados na compaixão por inocentes.

Uma grande evolução na cultura hebréia é perceptível quando se analisa a razão dos atos do povo de Deus.

Por amor a vida humana, o povo condenava a morte por apedrejamento qualquer um que se envolvesse no culto a Moloc Baal. Tal senso de justiça poupou a vida de muitos inocentes recém-nascidos, condenados a serem lançados no fogo do altar do demônio onde se oferecia mentiras, blasfêmias, incesto, sexo com animais, sexo homossexual e todo tipo de perversão da natureza humana.

O demônio sempre induziu à prática de perversões por elas serem uma forma de insultar a criação de Deus.

Caso houvesse misericórdia da parte do povo de Israel para as mães assassinas, encorajaria outras a continuar a matança de inocentes, por isso, antes de desenvolvermos críticas sobre os atos dos israelitas deste período, temos de analisar o contexto histórico. Vejamos essa investida nas Escrituras:

> “O Senhor disse a Moisés: “Dirás aos israelitas: todo israelita ou estrangeiro que habita em Israel e que sacrificar um de seus filhos a Moloc, será punido de morte. O povo da terra o apedrejará.
> Eu voltarei o meu rosto contra ele e o cortarei do meio de seu povo, porque manchou o meu santuário e profanou o meu santo nome, dando um de seus filhos a Moloc.” (Lv 20, 1-3)

O povo tratou de lhes dar pena de morte. O bom senso humano teve de escolher entre ter misericórdia das mães predispostas a matar seus filhos e ter misericórdia dos bebês inocentes. Com a escolha óbvia, os israelitas extirparam o culto a Moloc Baal das imediações de Israel.

Muitos são os bestializados que somente freiam seus atos quando se sentem ameaçados por uma grande violência.

Os perversos temiam o povo que não tolerava o mal e isso impediu muitas mães de assassinarem seus filhos oferecendo-os ao demônio.

Perversão semelhante à do culto a Moloc existe na sociedade da atualidade com a prática do aborto que é o assassinato de uma vida preciosa. Com isso se conclui que o aborto é culto ao demônio como concluíram vários santos.

Dificilmente uma mãe assumiria que irá assassinar seu filho, pois se assim fizesse, estaria sendo sincera consigo mesma e com o próximo. Para se ocultar nas trevas, usa de eufemismo ao chamar o homicídio de aborto, como se somente estivesse

envolvida a conseqüência de parar a gestação. Se expressando dessa forma, a mãe se auto engana ignorando seu filho e seu ato de matar, restando apenas uma reminiscência amarga no coração pelo resto de sua vida.

Cristo, certamente, perdoaria as mães assassinas que jogavam os próprios filhos no fogo, caso se arrependessem, mas o povo não representava plenamente sua vontade e estamos falando de momentos diferentes. Um é nesta realidade que comporta o mal e o outro é diante de Deus. Lembremos que foi evidenciado que satanás foi lançado com seus anjos no mundo, ou seja, o demônio é um degredado entre os vivos.

Grande parte da humanidade percebe os filhos como se fossem impedimentos e não percebe a importância de buscar a sabedoria, o que é um indicio de que a tendência para o decair do padrão moral é inevitável em níveis impossíveis de definir.

Se observarmos a cultura de nosso tempo e os valores que cultivamos, existe, certamente, a idolatria ao sexo muito aceita e difundida.

A conseqüência de gerar filhos, que é particular do ato sexual, é tida por muitos como algo abominável, o que evidencia que a perversão tende a sobrepor aspectos essenciais da vida humana.

No livro de Levítico consta um conjunto de regras, costumes que incluem padrões de higiene que proporcionaram ao povo de Deus uma melhoria de sua qualidade de vida. Qualidade essa que é conseqüência do cultivo da ética e da moral para evitar que males sobrepusessem aspectos essenciais da vida humana.

Havia a idéia de uma ligação muito forte entre bem e comunhão com Deus, de modo que existia a idéia de que tudo aquilo que proporcionava o bem material era parte da vontade de Deus, por isso os escolhidos evoluíram o padrão de vida influenciando a tradição que possuía uma parte inspirada nos mandamentos.

Obviamente que o Reino de Deus não é deste mundo e parte da tradição israelita era uma fermentação desnecessária, mas certa de acontecer, pois o homem pecador tende a cometer excessos, como se os excessos fossem uma parte inextirpável das práticas errantes nesta realidade. O povo de Deus concebia o ato de um homem se deitar com outro homem como algo abominável por ser uma prática perversa, ou seja, uma prática que usa um instinto natural de maneira errada, uma afronta contra Deus, e por trazer doenças que eram comumente chamadas de *condenação na carne*[12].

Os adoradores do demônio Moloc Baal, por terem plena ciência de que as práticas degradantes eram males, ofereciam perversões no altar infernal como coisas adversas à vontade de Deus, por isso os israelitas abominavam todas elas.

A utilidade de evidenciar essas práticas degradantes é promover a exclusão de um mal por intermédio de seu reconhecimento, mas, se os israelitas feriram ou mataram alguém por causa de seu vício que não fere ou mata inocentes, agiram contra o mandamento de Deus.

Como foi dito, a perversão tende a sobrepor categorias inatas humanas pelo fato de o homem ser o animal mais vicioso que existe. A abominação dos vícios que sempre são idolatrados ao ponto de serem comparados com a graça divina foi uma reação a esse mal.

Cristo jamais aprovaria a condenação à morte, no mundo, por adultério ou homossexualismo, sua misericórdia absolveria os arrependidos ou ignoraria os pecadores até o momento do arrependimento, mas uma parte do povo de Deus não representa Cristo.

O homem ser pecador gera conseqüências inevitáveis em níveis diferentes de assertividade, humanamente falando, que culminaram na fermentação da tradição hebréia desde o seu início. Posteriormente, Deus daria seu Espírito Santo para a tradição de

sua santa igreja, com o intuito de que os excessos não acontecessem no núcleo dos anunciadores do Reino dos Céus.

Era comum existirem tanques para que o povo de Deus fizesse banhos rituais semelhantes ao batismo que tinham por objetivo a purificação após, por exemplo, relações sexuais, contato com pessoas mortas ou outras atividades que eram consideradas provedoras de impurezas para o corpo. Obviamente que, quando não existiam tanques, usavam os rios.

Esse rito é claramente provido de uma noção de higiene que adquiriram por causa, obviamente, dos casos de doenças por contato com aquilo que pode trazer alguma doença.

O povo escolhido possuía o rito que consiste em lavar as mãos antes de comer para evitar a contaminação dos alimentos quando, na verdade era a contaminação do corpo, pois possivelmente o rito é proveniente dos transtornos causados por desinterias bacilares cuja definição eles não conheciam.

Esse costume estava tão presente na tradição do povo de Deus que se transformou em rito de purificação para diversas ocasiões.

Lavavam as mãos inclusive antes de dizerem o nome de Deus, ato esse que deve ser entendido como um sinal de respeito muito profundo e não como o próprio respeito.

O sinal de respeito deveria vir com o respeito verdadeiro e não ser ele o próprio como a parte chamada de *raça de víboras* acreditava.

Posteriormente, Cristo traria esse questionamento a seu modo, sem se desfazer da lei e dos bons costumes, mas deixando entender que se temos de escolher, devemos escolher o que é mais importante para nosso próximo, ou seja, se a tradição do homem impede de fazer o bem[13], deve-se deixar a tradição em prol do bem, pois o bem é segundo a vontade de Deus e parte da tradição é segundo a razão dos homens.

Essa postura é embasada no primeiro mandamento que ordena amar a Deus acima de todas as coisas.

Em um momento posterior, após Cristo subir aos céus para estar à direita de Deus, São Pedro disse para um fariseu, desejoso por castigar os pagãos convertidos ao cristianismo com todo o cumprimento da lei, que ninguém suportava cumprir a lei.

Já era definida a vontade de Deus para que o homem não acrescesse e nem retirasse seguindo sua razão pessoal nos dez mandamentos que foram dados ao homem para o cumprimento do ciclo do seu amor, onde Ele nos ama primeiros e nós o amamos de volta ao amar nosso próximo, mas, apesar disso, o homem acrescia mais e mais à lei contrariando os mandamentos.

Isso evidencia a necessidade de existir um núcleo interpretativo gerido pelo Espírito Santo e foi o que Cristo fez posteriormente com a transferência do Reino de Deus para a Igreja Católica.

É notável que Deus abominou o erro, mas nunca deixou de amar o pecador. Ele nos dá exemplo repreendendo Cain arrependido e lhe pondo uma marca para não ser morto por seu pecado.

Prezar pelos costumes da lei se isolando do mundo, sem dar os frutos do Reino de Deus, como uma parte dos escolhidos fez, não condiz com a postura ideal de povo escolhido.

Era certo que o homem falharia, por isso, era necessário que o messias viesse para governar a todos com cetro de ferro, tirando o homem da condição miserável trazida pelos enganos.

Uma parte dos escolhidos entendeu a promessa da vinda do messias e ia em direção à verdade e o amor para encontrar Cristo. Os fiéis cultivaram a verdade de Deus e deram frutos do seu reino para que todo pagão influenciado reconhecesse a verdade.

Deus, que sabe todas as coisas, havia determinado a vinda de seu filho, contudo, um de seus anjos não acordou com a razão de seu criador.

II - A GUERRA NO CÉU

É possível que o que se conhece como Guerra no Céu tenha ocorrido quando Deus comunicou aos anjos que iria criar uma aliança com os homens por intermédio dos hebreus para levar seu nome e preparar a vinda de seu filho. Obviamente, por Deus saber todas as coisas e por ser ele quem governa sobre tudo e todos, o comunicado pode ter ocorrido em qualquer momento antes do chamado ou depois dele, inclusive em um momento antes do tempo pertencente a esta realidade.

Deus havia determinado que seu filho nasceria da virgem Maria, morreria pelos pecados da humanidade, subiria a um posto mais alto que o dos anjos, ao lado de seu trono por sua dignidade e que sua mensagem, por intermédio de sua santa igreja, conduziria os homens para o céu, até o fim dos tempos. Então, um anjo (coisa criada) se opôs as suas determinações e protestou contra seus desígnios.

Satanás foi contra a salvação de nós pecadores vertidos em santos por Deus, mediante arrependimento e isso é evidencia de que, segundo o príncipe das trevas, nos salvar é injusto.

Na realidade que Deus criou, não há justo que não tenha pecado, sendo assim, se fossemos nós geridos por satanás, que foi servo de Deus com livre arbítrio dentro de sua permissão, estaríamos todos condenados.

Por seu orgulho, o príncipe das trevas não volta atrás pedindo perdão. Ele prefere a razão própria à razão de Deus. Semelhante postura possuem todos os seus filhos, homens que ignoram a razão nos desígnios de Deus e preferem seguir a própria razão baseada em vícios que os levam a rejeitar o senhorio do Criador ao conceberem, em seus íntimos, que Deus erra e que poderiam fazer melhor que Ele.

Todo homem que não aceita o mundo com sua completude, cheio de aflições e que rejeita a lei de Deus é um com satanás.

No livro de Jó, satanás rodeia a Terra, leva acusações para Deus, questiona a perfeição (completude) da criação e duvida que os homens amem a Deus verdadeiramente. Disso se conclui que é satanás quem inspira o homem a ter a idéia de que o mundo não foi concluído por Deus, ou seja, que o mundo não é perfeito. Dessa conclusão é gerado o engano onde se liga a comunhão com Deus ao o bem-estar, pois cria-se a falsa ligação entre a comunhão com Deus e o recebimento de benesse.

Obviamente o mundo foi feito da melhor forma para Deus e a nossa noção de completude é a do paraíso. Sendo assim, devemos aceitar a completude para Deus, ou seja, o mundo com suas aflições, porque Deus sabe o que é o melhor para nós para podermos ser separados por Ele e entrarmos no paraíso.

Os anjos são coisas criadas por Deus, assim como nós, e, por um período de tempo, eles não o conheceram, por isso, assim como nós, eles tiveram de ter fé.

Santo Tomás de Aquino justifica isso com a certeza em seu coração de que é impossível contrariar a vontade de Deus após o conhecer face a face, pois Ele é maravilhoso de tal forma que o sinal de sua existência seria suficiente para que os anjos se tornassem incapazes de trocar a razão de Deus pelas próprias.

Algo semelhante ocorre conosco quando abandonamos nossos vícios por um sinal da existência de Deus ou pelo reconhecimento da verdade.

Para ser possível os anjos se rebelarem, foi necessário um período inicial fora da presença do Senhor que permitisse que eles assumissem suas características pessoais de servos obedientes ou traidores. Então, assim como nós, eles tiveram de ter fé quando o serviam conhecendo-o em parte.

O orgulho de satanás não lhe permitiu aceitar os desígnios de Deus e foi com ele um terço dos anjos que se consideravam auto-suficientes como se fossem filhos do acaso. Eles preferiram

seguir às próprias razões que culminavam no mesmo ato de contrariar Deus do líder deles, satanás.

A guerra no céu e suas conseqüências devem ser entendidas como discordância seguida de desobediência permitida, pois não é possível ir contra a única fonte de poder que é Deus.

Satanás não é semelhante a Deus, ele é semelhante aos anjos, ou seja, satanás é fenômeno criado.

O opositor foi precipitado no mundo junto com seus anjos e lhe foi permitido que investisse contra Maria e sua descendência.

Deus, obviamente, realizou sua vontade, Cristo veio no tempo determinado para fazer uma nova aliança[14] entre Deus e os homens e, com ela, veio a permissão para que satanás perseguisse os filhos de Maria.

São João, no livro *Apocalipse,* propositalmente narra a guerra no céu conjugada ao período da gestação de Maria, deixando entender que o motivo da guerra compreende esse fato, o nascimento de Cristo e a Nova Aliança, evidenciando que satanás era contra a vinda de Cristo por Maria. Vejamos isso nas Escrituras:

> "Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas.
> Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz.
> Depois apareceu outro sinal no céu: um grande Dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas.
> Varria com sua cauda uma terça parte das estrelas do céu, e as atirou à terra. Esse Dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho.
> Ela deu à luz um Filho, um menino, aquele que deve reger todas as nações pagãs com cetro de ferro. Mas seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono.

> A Mulher fugiu então para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um retiro para aí ser sustentada por mil duzentos e sessenta dias.
> Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate,
> mas não prevaleceram. E já não houve lugar no céu para eles.
> Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele os seus anjos.
> Eu ouvi no céu uma voz forte que dizia: Agora chegou a salvação, o poder e a realeza de nosso Deus, assim como a autoridade de seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusava, dia e noite, diante do nosso Deus." (Ap 12, 1-10)

Deus, com seu poder infinito, poderia ter feito nosso Senhor Jesus Cristo surgir do nada, mas ele quis que houvesse uma participação humana na salvação, por isso, o filho de Deus nasceu de Maria, a mulher revestida do Sol, a mulher coberta pelo poder de Deus que é apresentada como um grande sinal, uma mulher coroada, uma rainha do céu.

Deus havia privado Maria de quem ela era para que o orgulho não prejudicasse sua santidade.

Tudo faz sentido, tudo é uma continuidade. Doze tribos de Israel, doze discípulos e doze estrelas na coroa da mulher, a Rainha do Céu e Mãe dos Cristãos, por isso, chamamos Maria de 'Regina' que significa 'rainha' ou 'a maior senhora'. Ela simboliza ao mesmo tempo Israel e a igreja de Cristo, a Igreja Católica.

Ela é a verdadeira Arca da Aliança que era um símbolo nas mãos dos escolhidos, no passado, e que tinha por função guardar a palavra de Deus escrita. Maria carregou o Verbo de Deus em seu ventre. Ela é a verdadeira arca.

A lua debaixo de seus pés pode significar que ela reflete a luz do Sol (Deus) e que ela é a mãe que traz a luz de Deus durante a noite, ou seja, que trabalha por Deus, assim como a sua santa igreja.

Após esse grande sinal chamado Maria, as doze tribos universalizaram de modo que todo aquele que produz os frutos do Reino de Deus, no mundo, toma parte no serviço a Deus na Nova Aliança, na instituição que Jesus Cristo realizaria na Terra.

Deus também quis que o anuncio da salvação fosse dado pelo homem, por isso, no passado, enviou os profetas para o povo escolhido e, posteriormente, seu filho para orientar e governar toda a humanidade pela intercessão de sua santa igreja católica que não é deste mundo.

Deus poderia ter dado um outro sinal de sua existência para a humanidade, poderia dotar o homem com o intelecto necessário para ser santo sem se esforçar e também poderia ter criado o mundo de um modo que não permitisse o erro humano, mas Ele quis que participássemos, quis que fossemos submetidos, com nossas particularidades, a uma prova de obediência com esforço para nos corrigir. Para tanto, foi necessário um mundo com aflições e de muitos caminhos torpes para seguir.

Deus quis que intercedêssemos pelo próximo com seu amor que é, certamente, o motivo do mundo existir e que nos torna filhos do Altíssimo.

Satanás foi contra o evangelho de amor, foi contra nós intercedermos uns pelos outros.

Além de sofrer pelas aflições naturais do mundo, os portadores do Reino dos Céus estavam fadados a sofrer perseguição dos servos de satanás.

Sobre o agir de satanás no mundo, São João nos revela outro sinal que demonstra como os atos dos filhos do demônio aconteciam no mundo espiritual, de modo que é possível definir um paralelo entre a ação de Herodes que ordenou a matança de todos

os meninos de Belém e a ação do dragão que espreitava Maria para lhe devorar Jesus após nascer.

Estava certo que as perseguições viriam para a Igreja Católica, pois Deus permitiu que satanás a perseguisse, mas, segundo Santo Tomás de Aquino, repetindo as palavras de Santo Agostinho de Hipona, *Deus não permitiria um mal se dele não fosse possível tirar um bem superior.* Pode-se constatar essa razão no catecismo:

> “A permissão divina do mal físico e do mal moral é um mistério, que Deus esclarece por seu Filho Jesus Cristo, morto e ressuscitado para vencer o mal. A fé dá-nos a certeza de que Deus não permitiria o mal, se do próprio mal não fizesse sair o bem, por caminhos que só na vida eterna conheceremos plenamente.” (*Catecismo*, p. 324)

Com um desafio maior, há maiores méritos e Cristo reservou grandes coisas para aqueles que dariam suas vidas por amor ao seu reino.

Com o sacrifício de Cristo, o poder acusatório de satanás sobre qualquer cristão foi invalidado e a matança de cristãos que viria posteriormente não seria um problema, pois todos seriam salvos.

Satanás mata por intermédio de seus servos, mas não pode condenar, por isso, devemos temer somente ao nosso *Deus todo poderoso*, *criador do céu e da terra*, pois somente ele pode nos condenar.

O domínio de satanás no mundo é algo que sempre existirá nesta realidade promovendo o mal, mas, graças a Jesus, todo o mal é anulado com a salvação após a morte.

Nós não devemos, de forma alguma, desejar a morte ou a provocar, contudo, ela não deve ser percebida com terror. Ela deve

ser percebida como um mal necessário que nos proporciona encontrar com nosso Deus, nos proporciona contemplar a infinita beleza de Deus.

III - O UNGIDO DE DEUS PARA OS PAGÃOS

Somente uma mente insensata poderia conceber a idéia de que Deus deseja condenar ao castigo eterno aqueles que não receberam a sua mensagem e que, mesmo na condição de ignorância, a entenderam pela existência de Deus que é um fenômeno que não se pode negar a existência.

Lembremos que os mandamentos foram revelados para os escolhidos que eram pagãos antes do chamado e que eles antecedem Jesus Cristo, o que revela que todo bom pagão que ama a seu próximo como a si mesmo, faz a vontade de Deus que julgará a todos seguindo a própria vontade e não seguindo idéias humanas.

Posteriormente, Deus revelou que somente aqueles que estão ligados ao corpo místico de Jesus Cristo serão salvos, o que é o mesmo fenômeno dado antes aos escolhidos que seguiam os mandamentos de amor.

Entre os pagãos, é possível existirem homens justos e sensatos que fizeram a vontade de Deus sem terem conhecimento dela, simplesmente pelo fenômeno de que Deus planta no coração de todo homem o desejo para o buscar, para o amar.

Obviamente um coração cheio de paixões partidaristas e infinitamente mais perverso que o de um pagão degenerado, tende a se considerar melhor que um pagão justo por se auto intitular salvo, contudo são as obras que definem a árvore.

Eu reconheço a Igreja católica como a missionária de Jesus Cristo e isso não contraria os milhares de anos antes e depois do chamado dos hebreus, pois, como foi dito, tudo é uma continuidade, era Deus o tempo todo revelando sua vontade sobre os homens, contudo, não se deve dizer que os pagãos serão salvos por simplesmente amarem, assim como não se pode dizer que eles

serão condenados por não ouvirem a santa igreja, pois eles podem viver na verdade difundida pela Igreja por suas obras sem saberem que seguem a Igreja Católica [15]ao amarem.

Uma vez que se reconhece que a Igreja é a missionária de Cristo é pecado a rejeitar considerando que faz o bem fora dela, pois, com essa postura, estaria rejeitando o senhorio de Cristo.

Obviamente, o amor verdadeiro, o amor que vem de Deus, nos faz interceder por nosso próximo para que todos alcancem o céu.

Deus julgará a todos e é um pecado gravíssimo tomar para si a arbitrariedade de Deus se ela não for dada como Cristo dará aos santos para que julguem os anjos, segundo diz São Paulo, por isso conceber a idéia de julgar de modo semelhante a Deus é, em si, um ato de falsidade e de blasfêmia por considerar a própria arbitrariedade como a de Deus que é justo de uma forma que um humano não pode conceber.

Percebemos os males e os definimos como males tendo ciência de que a palavra de absolvição ou a de condenação é de Deus. Também devemos ter ciência de que Ele pode a dar a aquém Ele desejar, como será exposto no dissertar sobre o sacerdócio régio.

Nossa Senhora, a nossa grande intercessora, é o grande sinal, a mulher que reflete a luz de Deus, sua palavra, Jesus Cristo, para os homens. Vejamos um registro do poder de Deus agindo por intermédio de Maria:

> “Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre." (Lc 1, 41-42)

Notemos que foi necessário somente a saudação de Maria para encher Isabel do Espírito Santo e, cheia do Espírito Santo, disse Isabel que Maria é a mãe do Senhor após lhe bendizer:

> “Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? Pois assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio.” (Lc 1, 43-44)

Somente é possível dizer que Jesus Cristo é o Senhor, ou seja, que, que Jesus Cristo é Deus e que Maria é a Mãe do Senhor, ou seja, mãe de Deus, por intermédio do Espírito Santo.

Maria, com profundo amor por aqueles que amam a sua família, com seu amor que é o mesmo amor de Deus que flui por ela, enche do Espírito Santo a todos que a veneram.

Foi pela mulher revestida do Sol que Jesus veio ao mundo, *verbum caro factum est.* (Jo 14). E o verbo (o *Logos*) se fez carne, a palavra de Deus veio habitar entre os homens, pois nasceu Cristo.

Muitos sinais da parte de Deus foram dados para os pagãos[16], eles que contemplavam Deus pelos astros do céu, no passado, notaram Júpiter, um dos cinco pontos luminosos que não cintilavam e nem se moviam como a maioria, e o chamaram de senhor.

Júpiter é o quarto astro mais brilhante cuja movimentação poderia ser interpretada como a daquele que ascende em determinado momento, assim como Zeus ascendeu ao trono.

Semelhante sinal foi dado aos pagãos com a vinda de Cristo, pois disseram os três reis magos que seguiram o sinal da estrela. Como foi evidenciado, os pagãos percebiam sinais da parte de Deus, sinais que poderiam ser interpretados como muitos outros fenômenos por não existir a revelação e, devido a eles junto ao sentimento de buscar a Deus, criaram Zeus.

Os reis magos eram três pagãos que encontraram Deus em suas buscas, eles representam os pagãos que olharam para o céu e chamaram os astros de deuses.

Três pagãos e três conclusões iguais sobre um fenômeno. Os três reis magos, que eram homens paganizados praticantes de magia, seguiram o sinal da estrela e deixaram suas vãs tradições ao conhecerem Cristo que é a verdade, ou seja, buscaram o conhecimento dentro do paganismo que os levou a adquirirem indícios de Cristo, algo próximo ao que foi explicitado anteriormente no mito de Prometeu.

Eles representam todos os pagãos que reconhecem a verdade por buscá-la e abandonam as suas vãs tradições pela verdade, por Jesus Cristo.

Certamente, eram homens que reconheciam necessitar da verdade de Deus para governar suas vidas. Queriam deixar seus caminhos de engano, conheceram a verdade e a verdade lhes libertou.

A bendita Maria, a mãe do Senhor, e São José não trataram com hostilidade aqueles homens que ofertaram ouro, incenso e mirra a Jesus como sinal de predisposição a servi-lo.

Eles trouxeram suas ofertas para Deus como se dissessem, por intermédio de atos, que amam a Ele sobre todas as coisas do mundo material.

A mensagem dos reis magos atesta que Cristo veio ao mundo por aqueles que buscam a verdade e que necessitam da revelação, ou seja, pelos pagãos, para que eles abandonem seus caminhos nulos.

Outro fato a ser evidenciado é o de que todos aqueles que não se converterem à igreja criada por Cristo é semelhante aos pagãos, conforme o evangelho de São Mateus no capítulo dezoito, no versículo dezessete.

Cristo veio por todas as ovelhas perdidas, inclusive pelos judeus que não faziam jus a responsabilidade de sua raça e que,

por isso, se tornaram pagãos após Jesus Cristo fundar sua santa igreja no mundo.

Após estarem diante do filho de Deus, os reis magos deixaram de se auto enganarem com magia e passaram a dar testemunho de Cristo.

O verbo veio habitar entre os homens. Ele é deus de todos por não ser possível fugir da sua justiça.

Todos os caminhos levam para Deus, pois, independentemente do caminho que um pagão escolher, no final dele estará Deus para salvar os seus, os que creram na sua verdade incontestável no bem presente no mundo, nele e, por conseqüência, quando foi possível, na sua santa igreja, e condenar os que escolheram o engano.

Deus veio pelos perdidos, pelos pagãos, por aqueles que não podiam ouvir ainda a sua santa Igreja Católica que estava para ser fundada no mundo. O verbo de Deus habitando entre os homens é um fenômeno que não pode ser expresso integralmente por qualquer língua humana.

Nosso Deus veio como homem sem deixar de ser divino. Esse fenômeno é chamado pelos doutores da santa Igreja Católica criada por Cristo de União Hipostática.

Não é possível separar o Jesus homem do Jesus deus, por isso chamamos nossa mãe Maria de mãe de Deus, por Jesus ser apenas um com Deus, como o próprio disse: “Quem me vê, vê aquele que me enviou” (Jo 12, 45) e “há quanto tempo estais comigo Felipe e ainda não me conheces?” (Jo, 14, 9).

Assim, Maria que guardou em si o verbo de Deus é a arca da aliança que foi para Deus sem pecados, já que nada impuro poderia comportar o Verbo de Deus que veio habitar entre os homens.

Todos devem obedecer a Cristo, pois ele é Deus de todos. Ele é deus de todos não porque é possível o encontrar adorando os

falsos deuses e sim porque somente existe um **deus verdadeiro**, que deve ser reconhecido como ele é.

IV - A IGREJA DE CRISTO

Eis o mistério revelado: Deus, como a única fonte de poder que mantém os anjos que vivem em comunhão com Ele nos céus, forma junto com suas criações celestes a Igreja Católica (Universal) a igreja do sacerdócio régio.

Deus veio para o mundo no tempo em que determinou para nos resgatar deste mundo e, para tanto, nos ofertou o sacerdócio régio, sua Igreja Católica (Universal) no mundo cujo sumo sacerdote é Ele mesmo, Jesus Cristo que é um com o Pai e, assim como os anjos que se mantém de Deus, nós passamos a receber o mantimento de Deus pelo Ágape, pela Eucaristia.

Sem Deus, tudo se desfaria, por isso celebramos a Eucaristia, nos alimentamos de Deus como fazem os anjos.

A Igreja no mundo teria de celebrar a Eucaristia em memória do único deus para ser uma com a igreja nos Céus, pela comunhão com Cristo.

Obviamente, se nos alimentarmos apenas de alimento terreno, ou seja, daquilo que os idealizadores do mundo nos oferecem, nos desfaríamos após a morte, mas Deus nos oferece o contrário, a vida eterna por seu corpo ofertado na Eucaristia.

Para tanto, para se manter neste mundo, a Igreja necessita de uma pedra, um bispo no mundo, por isso, Cristo, o sumo sacerdote passou o governo episcopal para São Pedro que recebeu as chaves dos Céus passando a ser a pedra que mantém a Igreja no mundo. Vejamos Jesus Cristo transferir o governo episcopal para São Pedro:

> “Jesus então lhe disse: Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.

> E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela.
> Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus." (Mt 16, 17-19)

Obviamente São Pedro se tornou infalível ao determinar as verdades da fé quando recebeu as chaves do Céu de uma forma que não podemos entender com toda a completude.

Assim, Jesus Cristo deu seu Espirito Santo para a sua igreja a Igreja Católica, o reinado do amor que é obtido quando há obras de justiça e de amor, quando estamos em comunhão com o único Deus que nos convida a celebrar o Ágape[17], a Eucaristia que nos oferta o seu corpo.

Em uma reunião fechada por temerem os judeus, os discípulos receberam a ordenação de Jesus Cristo que lhes disse: *"A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós""* (Jo, 20, 21)

Vejamos um fragmento histórico de como São Pedro e São Paulo fundam a Igreja Católica no mundo, em Roma:

> Assim, Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando **Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja**. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava. (Patrística, Santo Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, Origem Apostólica da Tradição, p. 164)

Honrando a responsabilidade que recebeu do Senhor, após a Igreja Católica ter sido fundada, disse São Pedro: "*Homens*

irmãos, vós sabeis que Deus, há muito, me escolheu entre vós para que da minha boca ouvissem os gentios a palavra do Evangelho e cressem.” (Patrística, Santo Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, Os Apóstolos, Reunidos em Concílio, p. 196)

Cristo, o único o mediador da Nova Aliança, criou seu reino de amor, sua santa Igreja Católica onde nem a morte pode nos separar da comunhão. Fato é que aqueles que alcançam o agir na justiça, estão em comunhão com os anjos e com os santos como se pode ler nas Escrituras:

> “Vós, ao contrário, vos aproximastes da montanha de Sião, da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, das miríades de anjos, da assembléia festiva dos primeiros inscritos no livro dos céus, e de Deus, juiz universal(católico), e das almas dos justos que chegaram à perfeição, enfim, de Jesus, o mediador da Nova Aliança, e do sangue da aspersão, que fala com mais eloqüência que o sangue de Abel." (Hb 12, 22-24)

Como foi lido, os justos se aproximam dos anjos, dos santos e de Deus. Também das almas dos justos que chegaram à perfeição(completude), por intermédio de Deus.

São Paulo nos apresenta Jesus Cristo como o mediador da Nova Aliança, ou seja, como aquele que media seu reino de amor, a comunhão entre justos e santos no mundo com justos, santos e anjos nos céus, o que evidencia a tradição da Igreja Católica.

Cristo é o único mediador da salvação, de seu reino de amor onde os anjos, os santos e os justos intercedem uns pelos outros, um reino onde somente os bons, no sentido de estarem ligados a Deus, podem agir pelo poder do único deus, o **verdadeiro deus**.

Apesar de ser clara a natureza da única igreja. É importante detalhar como foi transferido o Reino de Deus para ela e

o porquê de ela ser chamada de católica.

A transferência do Reino de Deus para a Igreja Católica

O senhor Jesus Cristo havia maravilhado a todos com sua doutrina na sinagoga em Nazaré, contudo, ao se identificar como o messias, uma parte dos judeus se encolerizou contra ele.

Eram os judeus guardiões do sagrado, descendentes do povo escolhido para guardar o Reino de Deus e anunciar a vinda do Messias, mas, quando o Messias se apresentou como aquele onde o Espírito de Deus repousava, o enviado por Deus para levar as boas novas aos humildes, curar os corações doloridos, anunciar aos cativos a redenção e aos prisioneiros a liberdade, além de deixar entender que sua missão era maior que a dos profetas, os judeus se encheram de ira, expulsaram-no de Nazaré e quiseram joga-lo de um monte, contudo, como sua hora ainda não havia chegado e satanás não possuí poder sobre Ele, milagrosamente passou pelos servos do príncipe das trevas que estavam na sinagoga a ouvir e dissertar sobre Deus e se retirou.

O Senhor Jesus Cristo veio para todos os necessitados, mas alguns judeus consideraram que o Messias viria para lhes suprir algumas necessidades. Talvez quisessem atestar alguma soberania sobre os povos ou o título de guardiões do sagrado.

A soberba já havia lhes cegado e uma parte deles percebeu o messias como uma ameaça ao título de povo escolhido. A mesma soberba que satanás teve ao se rebelar contra Deus, uma soberba tão forte que impossibilita o arrependimento.

Obviamente não possuímos registros de suas ofensas do período em que viveu Jesus, contudo possuímos muitas amostras mais recentes. Vejamos como os judeus blasfemavam contra Jesus e a sua mãe:

> “Como não entendemos sua linguagem, nem percebemos como nos achincalham, nos ofendem em silêncio, chamam a Jesus de filho de prostituta, dizem-no filho de um ferreiro e de Maria adúltera. A contragosto tenho que falar rudemente, mas é a linguagem contra o demônio. Os judeus sabem que mentem propositadamente e o fazem com medo de que sua juventude seja influenciada pelos ensinamentos de Cristo. Sebastião Muenster, em sua Bíblia, fala de um venenoso rabino que chama Maria de “Haria”, que significa "monte de esterco”, e quanto não fazem e dizem que não sabemos.” (Martinho Lutero, Dos Judeus e Suas Mentiras, p. 19)

Chamavam Maria de adúltera e de monte de estrume e a Jesus de filho de prostituta após Jesus ter subido aos Céus, após mais de mil e quinhentos anos. Imaginemos o que tramavam e diziam ao perceberem seus prestígios sendo retirados por Jesus.

Uma parte dos judeus desenvolveu tanta cólera que planejou matar Cristo. Eles já não possuíam salvação. Vejamos como isso se apresenta:

> “Bem sei que sois a raça de Abraão; mas quereis matar-me, porque a minha palavra não penetra em vós.
> Eu falo o que vi junto de meu Pai; e vós fazeis o que aprendestes de vosso pai.
> Nosso pai, replicaram eles, é Abraão. Disselhes Jesus: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão.
> Mas, agora, procurais tirar-me a vida, a mim que vos falei a verdade que ouvi de Deus! Isso Abraão não o fez.
> Vós fazeis as obras de vosso pai. Retrucaram-lhe eles: Nós não somos filhos da fornicação; temos um só pai: Deus.
> Jesus replicou: Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, porque eu saí de Deus. É dele que eu provenho, porque não vim de mim mesmo, mas foi ele quem me enviou.

> Por que não compreendeis a minha linguagem? É porque não podeis ouvir a minha palavra.
> Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.
> Mas eu, porque vos digo a verdade, não me credes.
> Quem de vós me acusará de pecado? Se vos falo a verdade, por que me não credes?
> Quem é de Deus ouve as palavras de Deus, e se vós não as ouvis é porque não sois de Deus." (Jo 8, 37-47)

Jesus esclareceu que a mensagem dos profetas não era recebida pelo povo diretamente de Deus, ou seja, que a mensagem dos profetas era passível de engano e deturpações, mas a dele era diretamente de Deus, logo, deixou claro quem ele é, o único Deus, e que somente ele poderia interpretar as Escrituras.

Posteriormente, São Paulo elucida quem é o filho de Abraão e que os herdeiros são os seguidores de Jesus Cristo como é possível constatar:

> "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: aos seus descendentes, como se fossem muitos, mas fala de um só: e a tua descendência (Gn 12,7), isto é, a Cristo.
> Ora, se sois de Cristo, então sois verdadeiramente a descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa." (Gl 3, 16, 29)

Aqui também existe uma resposta para aqueles que pensam no cristianismo como uma reinvenção humana, pois Cristo esclarece que a missão dele é diferente no sentido de ser maior que a dos profetas.

Cristo que é a verdade, pelo livre arbítrio, não fez os judeus admitirem que praticavam o mal, o que nos leva a concluir que alguns são tão perversos que são incapazes de reconhecer a luz de Deus nesta realidade, mesmo a percebendo, ou seja, não adianta falar a verdade para um herege ou blasfemador que não deseja entender a verdade.

É interessante a forma como Cristo trata da filiação e da herança pela raça. Ele considera desprezível a filiação perto dos laços de concórdia com os valores do Reino dos Céus. Nessa lógica, os judeus que desejavam assassiná-lo eram filhos do diabo e não de Abraão, pois Abraão, por ter a Deus como pai, teria aceitado a vinda de Cristo com as características anunciadas pelos profetas, pois Cristo é a sua descendência.

Os judeus errantes que queriam matar Jesus Cristo idolatraram Abraão quando criaram a relação de oposição que não existe na tradição entre Abraão e Jesus Cristo, onde escolhem Abraão como representante de Deus e menosprezam Jesus Cristo.

Cristo desagradava e feria o orgulho de muitos judeus por manifestar em si o poder e a sabedoria do altíssimo sem estar subordinado a eles que não o reconheciam e tentavam lhe matar.

O período que Deus deu para o povo escolhido manifestar em seu meio as obras do Reino de Deus estava certo de chegar ao fim com a vinda do Messias.

Por descenderem dos hebreus, os judeus possuíam, ligada à sua raça, a escolha de Deus para levarem seu nome, até que Cristo anunciou a Salvação a todos que cressem nele, inclusive os judeus.

É bom salientar que crer em Cristo significa obedecer a Ele e não somente acreditar que ele existe, pois, a fé se manifesta nas obras.

Muitas vezes, o problema dos que escolhem no que crer está em definir o que é obedecer a Deus, pois, por eles acrescerem e retirarem da tradição, acabam crendo neles mesmos e

desrespeitando a vontade de Deus que é confundida com seus anseios.

Eles não quiseram ser um com Cristo e nem o representar. Os que deveriam servir ao esperado Messias, serviam ao senhor deste mundo, ao assassino precipitado no mundo e, por isso, o Reino de Deus lhes foi tirado.

Cristo ordena doze homens, um número que representa as doze tribos de Israel para sobrepor o chamado dos hebreus.

E, a partir disso, o Reino de Deus foi tirado do povo judeu cujos membros que não serviam a Cristo passaram a ser como os pagãos.

Somente Deus pode criar uma igreja e ele somente criou uma, a santa Igreja Católica nos céus.

No mundo, a Igreja Católica tem início com a transferência do Reino de Deus dos judeus para aqueles homens simples ordenados pelo Senhor Jesus Cristo. Vejamos uma evidencia nas Escrituras da perda do Reino de Deus dos judeus:

> “Por isso vos digo: ser-vos-á tirado o Reino de Deus, e será dado a um povo que produzirá os frutos dele.” (Mt 21, 43)

Obviamente que, se a descendência de Abraão é Cristo, os seguidores de Cristo formam o novo povo escolhido.

Os judeus não estavam fazendo jus a responsabilidade que lhes era incumbida pela raça. Eram negligentes com as obras do Reino de Deus e aptos a assassinar por tolices, de modo que uma parte deles perseguia a Cristo, seus discípulos e leigos. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Acaso não foi Moisés quem vos deu a lei? No entanto, ninguém de vós cumpre a lei!
> Por que procurais tirar-me a vida? Respondeu o povo: Tens um demônio! Quem procura tirar-te a vida?” (Jo 7, 19, 20)

Os judeus se envergonhavam do que faziam, por isso negavam que queriam matar Cristo.

Eu acredito que pensavam estar agindo por causa nobre para os seus, mas na verdade, agiam pelo demônio, por paixão partidária. Queriam um Cristo que não fosse verdadeiramente o filho de Deus e que lhes exaltassem perante os homens.

Apesar de nosso Senhor manifestar todos os frutos do Reino de Deus, lhes era inaceitável perceber o quanto a vontade de Cristo estava distante de seus objetivos pessoais.

Uma parte dos judeus anunciava que possuía uma dignidade divina por guardar a lei fermentada em detrimento da razão. Uma lei que sequer era cumprida.

A lei possuía características de uma oferta primária, como um sinal de obediência.

Em Jesus, a lei se encerrou. Aquilo que era feito para a honra de Deus, que era conhecido em parte, se extinguiu com sua vinda. Vejamos uma referência disso:

> “Porque Cristo é o fim da lei, para justificar todo aquele que crê.” (Rm 10,4)

Crer em Cristo implica obedecer a ele, ou seja, respeitar o seu senhorio, sua autoridade.

Se o agir de um indivíduo é em acordo com a vontade de Cristo, nenhuma condenação há para ele e isso evidencia sua fé.

O quarto mandamento diz claramente para não se fazer nada no sábado para a honra de Deus, mas Cristo e seus discípulos ensinaram que fazer o bem para si e para outros é correto todos os dias.

Notemos que a palavra de Deus nunca foi compreendida de forma adequada até o próprio Deus a interpretar.

Obviamente, se honra a Deus fazendo o bem e isso fica claro nas palavras de Jesus quando diz que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado, como se pode averiguar a seguir:

> Num dia de sábado, o Senhor caminhava pelos campos e seus discípulos, andando, começaram a colher espigas.
>
> Os fariseus observaram-lhe: "Vede! Por que fazem eles no sábado o que não é permitido?" Jesus respondeu-lhes:
>
> "Nunca lestes o que fez Davi, quando se achou em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?
>
> Ele entrou na casa de Deus, sendo Abiatar príncipe dos sacerdotes, e comeu os pães da proposição, dos quais só aos sacerdotes era permitido comer, e os deu aos seus companheiros."
>
> E dizia-lhes: "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; e, para dizer tudo, o Filho do homem é senhor também do sábado." (Mc 2, 23-28)

O engano herdado de desde os primeiros homens[18] que orientava a não fazer atividade alguma para honrar o descanso do deus no Sabbath foi desfeito.

Cristo trouxe luz a confusão dos judeus em relação as obras no sábado. A lei acaba pela razão, pela verdade que veio habitar entre os homens e criou a santa Igreja Católica, sua representante.

Então, o costume de guardar o sábado para honra do Criador que se tem registro desde o paganismo sumeriano, assim como outras tradições que foram transferidas para os escolhidos, terminou em Cristo.

E foi dessa forma que chegou o período do anuncio da salvação pela Igreja Católica que é a representante de Cristo para todos, inclusive os judeus não convertidos ao cristianismo, pois desse ponto em diante, são pagãos como antes do chamado.

A Igreja Católica passou a ser a coluna e sustentáculo da verdade e nela foram evidenciadas e mantidas as verdades da fé por intermédio do Espirito Santo dado somente a ela.

Ao observar o motivo de cumprir rigorosas regras místicas pelo que elas proporcionam, como faziam os fariseus que acresceram à razão dos mandamentos, é perceptível uma essência pagã, onde se doa a um rito pelo que ele proporciona, sem haver uma razão em concordância com a vontade de Deus. Esse engano ocorria enquanto Deus esclarecia seu povo a respeito da santidade e do amor, ou seja, uma parte dos judeus já estava fazendo o caminho de volta para o paganismo.

Cristo cumpriu o que disse para os judeus com a criação de sua Igreja. Cristo disse que o Reino de Deus seria tirado dos judeus e entregue a um povo que produzisse os frutos do seu reino. Vejamos São Pedro contemplar o cumprimento da vontade de Jesus Cristo:

> “Vós, porém, sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus, a fim de que publiqueis as virtudes daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa.” (1Pe 2, 9)

É notável que São Pedro usa o predicativo ‘raça escolhida’ para os membros da Igreja Católica e o fez como uma sobreposição

a raça judia que antes possuía a escolha de Deus.

É fato que os católicos ordenados pelo bispo de Roma se tornaram a nova raça escolhida.

Santo Irineu de Lião, bispo de Roma, atesta que a igreja de Roma é a eleita que foi fundada por São Pedro e São Paulo como se pode notar:

> "Mas visto que seria coisa bastante longa elencar, numa obra como esta, as sucessões de todas as igrejas, limitar-nos-emos à maior e mais antiga e conhecida por todos, à igreja fundada e constituída em Roma, pelos dois gloriosíssimos apóstolos, Pedro e Paulo, e, indicando a sua tradição recebida dos apóstolos e a fé anunciada aos homens, que chegou até nós pelas sucessões dos bispos, refutaremos todos os que de alguma forma, quer por enfatuação ou vanglória, quer por cegueira ou por doutrina errada, se reúnem prescindindo de qualquer legitimidade. Com efeito, deve necessariamente estar de acordo com ela, por causa da sua origem mais excelente, toda a igreja, isto é, os fiéis de todos os lugares, porque nela sempre foi conservada, de maneira especial, a tradição que deriva dos apóstolos." (Patrística, Santo Irineu de Lião, Contra as Heresias, Onde Está a Verdadeira Tradição, p. 156)

O Reino de Deus dado aos hebreus agora pertence a igreja que é chamada desde o início de Católica, aos sacerdotes ordenados pelo sumo sacerdote Jesus Cristo e aos fiéis que produzem os frutos do Reino dos Céus.

Com São Pedro, a igreja universal(católica) que existe no Céu possui uma base no mundo.

A autoridade intransferível e o nome da única igreja

Somente Cristo possui autoridade para criar uma igreja e, por Ele ser único, criou apenas uma. O Reino de Deus não foi dado a qualquer povo e nem a qualquer um que se auto nomeie guardião do sagrado. Cristo realizou no mundo o que já existia determinado no céu.

A única igreja criada por Cristo possui todo o depósito da fé e também a categoria inata de ser para todos, por isso ela é chamada de católica desde a sua realização no mundo.

O nome 'católica' vem do grego 'καθολικός' (katholikos) que possui carga semântica dos predicativos 'completa' e 'universal'. Ela é chamada assim por muitos textos iniciais e provectos dos primeiros cristãos que atestam o que diz a tradição.

O caráter da igreja de Cristo determina o seu nome que expressa sua universalidade.

'Católica' é um nome que representa o que ela é nos céus e no mundo prático. Esse nome não foi escolhido por intermédio de arbitrariedade humana, é um nome criado pelo próprio Deus, pois foi ele quem determinou como sua igreja seria.

Santo Inácio de Antioquia, que viveu entre 35 e ~107 e que, portanto, foi contemporâneo de São Pedro, quando estava preso e prestes a ser encaminhado ao martírio, escreveu para os cristãos de Esmirna, os esmirniotas, qualificando a igreja de Cristo como católica, respeitadora da autoridade do bispo e celebradora da eucaristia. Vejamos como isso se apresenta:

> "Segui todos ao bispo, como Jesus Cristo segue ao Pai, e ao presbitério como aos apóstolos; respeitai os diáconos como à lei de Deus. Sem o bispo, ninguém faça nada do que diz respeito à Igreja. Considerai legítima a eucaristia realizada pelo bispo ou por alguém que foi encarregado

> por ele. Onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica. Sem o bispo não é permitido batizar, nem realizar o ágape. Tudo o que ele aprova, é também agradável a Deus, para que seja legítimo e válido tudo o que se faz. De agora em diante, convém retomar o bom senso e, enquanto ainda temos tempo, convertermos a Deus. É bom reconhecer a Deus e ao bispo. Quem respeita o bispo, é respeitado por Deus; quem faz algo às ocultas do bispo, serve ao diabo." (Patrística, *Padres Apostólicos* – Inácio Aos Erminotas 8, 9, União com o Bispo)

Não se pode celebrar missa, batizar ou fazer qualquer atividade particular aos ordenados sacerdotes católicos sem a autoridade da única igreja, a Igreja Católica. Sendo assim, faz um serviço para o diabo e está investindo contra a vontade de Deus quem diz criar igreja ou considera que um homem possa criar uma igreja, quem se autonomeia pastor de ovelhas sem obedecer a ortodoxia católica e quem celebra batismos e outros ritos católicos sem autorização da Igreja Católica.

Pregar a palavra de Deus somente é lícito perante Deus se for respeitada a interpretação católica. Quem respeita a autoridade do Bispo, respeita a autoridade de Cristo, pois foi Ele quem a deu por sucessão. Conseqüentemente, quem respeita a autoridade eclesial, possui o básico para ser igreja com o bispo.

Quem não crê na santidade da Igreja não crê em Deus e crê que a fé é um amontoado de mitos e ritos. O Espírito Santo que foi dado unicamente para a Igreja é desconsiderado quando não se crê na santidade da Igreja.

Somente é igreja com o Bispo quem respeita a autoridade eclesial da única igreja que existe, ou seja, a Igreja Católica.

Santo Inácio de Antioquia elimina qualquer possibilidade de existirem igrejas verdadeiras sem a presença de um sacerdote proveniente de uma sucessão que vem do próprio Cristo,

evidenciando que não existem outras igrejas e nem sacerdotes verdadeiros que não sejam católicos.

São Pedro registrou uma advertência a respeito dos pedantes que surgiriam no mundo e que interpretariam as Escrituras estando apartados da Igreja Católica com o intuito de deturpar o caminho da verdade. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Assim como houve entre o povo falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos doutores que introduzirão disfarçadamente seitas perniciosas. Eles, renegando assim o Senhor que os resgatou, atrairão sobre si uma ruína repentina.
> Muitos os seguirão nas suas desordens e serão deste modo a causa de o caminho da verdade ser caluniado.
> Movidos por cobiça, eles vos hão de explorar por palavras cheias de astúcia. Há muito tempo a condenação os ameaça, e a sua ruína não dorme.
> Têm, os olhos cheios de adultério e são insaciáveis no pecar. Seduzem pelos seus atrativos as almas inconstantes; têm o coração acostumado à cobiça; são filhos da maldição.
> Deixaram o caminho reto, para se extraviarem no caminho de Balaão, filho de Bosor, que amou o salário da iniqüidade.
> Com palavras tão vãs quanto enganadoras, atraem pelas paixões carnais e pela devassidão aqueles que mal acabam de escapar dos homens que vivem no erro.
> Prometem-lhes a liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois o homem é feito escravo daquele que o venceu.” (2Pe 2, 1-3, 14-19)

Os grupos religiosos que não obedecem a Roma sempre promoveram grandes calúnias contra a santa Igreja.

Hereges[19] e protestantes não acreditam em Deus, são como os anjos de satanás discordantes, são ateus que percebem a própria miséria interior por serem ateus e buscam modificar ou destruir a santa igreja com suas leituras bíblicas desordenadas que na verdade são frutos de fingimento insensato. Por não acreditarem em Deus, ou seja, na sua santa igreja, acreditam nas próprias vontades e buscam, nas suas leituras viciadas, nivelar Deus aos próprios anseios.

São Pedro é um homem de palavras certas. Ele chama de seitas e não de igrejas os grupos religiosos apartados da Igreja Católica que agiam pregando sem a autoridade e a orientação dele, do bispo de Roma. Isso demonstra grande respeito para Deus, pois somente Deus pode criar uma igreja. Pedro também demonstra sua grande erudição ao respeitar as cargas semânticas das palavras.

Se São Pedro chamasse de igrejas as seitas heréticas, estaria desrespeitando Deus, pois somente Deus pode criar algo como a sua igreja e ele somente criou uma, a santa Igreja Católica por Ele ser um.

Se Deus criasse outra comunhão senão a sua, quem a regeria? Obviamente que as outras comunhões são regidas pelos homens e pelo diabo, pois não foram criadas por Deus.

Cristo fundou sua Igreja Católica, uma instituição santa que não é deste mundo e deu somente a ela o Consolador para mantê-la até o fim dos tempos.

Foi Cristo quem colocou Cefas na base da edificação de sua igreja, a pedra, o homem.

A igreja verdadeira possui São Pedro como a pedra que a sustenta no mundo e Cristo como a pedra angular que vai da base ao topo, ou seja, Cristo é tanto a cabeça da Igreja como o que mantém todos os membros que contribuem para a salvação.

Pedro está na base porque ele guarda a representante de Cristo no mundo, nesta realidade.

Se existe um único Deus, somente existe uma igreja com autoridade eclesial feita para todos, uma única representante de Cristo em concordância com o comando de um único Deus que possui uma única verdade.

Quando é dito que a igreja de Cristo não é feita por mãos humanas, estamos dando ênfase ao fato de que ela é constituída por autoridade eclesial, ou seja, ela está onde está o bispo e os fiéis católicos que não é um espaço físico, pois *onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica,* ou seja, existe uma relação de equivalência entre a presença do bispo e a presença de Jesus Cristo, assim como existe equivalência entre a presença do bispo junto a multidão com a presença da Igreja Católica.

A igreja física somente é a casa de Deus por haver nela um sacerdote provido de uma sucessão cujo sumo sacerdote é Cristo que determinou isso e fiéis ligados ao bispo que tomaram suas cruzes.

Cristo é o sumo sacerdote e sua igreja é um reino de sacerdotes.

Ela une todos os cristãos em todo o mundo formando uma única igreja com características universais.

As seitas fundadas pelos homens possuem características diferentes das da igreja de Cristo, são fundadas por homens sem autoridade eclesial e são muitas. Elas podem ser tão numerosas quanto existem razões que divergem da razão de Deus, tão numerosas quanto são as heresias que acrescem e retiram do depósito da fé e tão numerosas quanto o nicho de mercado permite ser.

Se o corpo de Cristo é a Igreja, ela é sua representante que exerce sua santidade na prática, como se pode notar:

> “Agora me alegro nos sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha

carne, por seu corpo que é a Igreja.” (Cl 1, 24)

Existe uma única proposta na Igreja que é a proposta do Senhor Jesus Cristo e ela não abre exceções, pois é separada por Deus. Seus dogmas foram atestados por homens santos, ou seja, pelo próprio Deus por intermédio de sinais.

Por Deus nunca mudar, sua igreja também não muda.

A Igreja é santa porque foi separada por Jesus Cristo para dar continuidade a sua obra. Cristo deixou com ela o Espírito Santo e disse que maiores obras sua instituição faria.

Quem macula com palavras a igreja de nosso Senhor pelos traidores que não honraram as suas funções e responsabilidades não macula fazendo uso da razão, macula por leviandade, engano, vaidade ou amor à discórdia.

Muitos são os que criticam a santa Igreja Católica pelos maus que estão espiritualmente desligados dela e que se consideram membros. Os que assim fazem estão indo contra o próprio Deus.

Maus exemplos existem em qualquer associação e não seria diferente entre os que agem sob o signo ‘Igreja Católica’, pois a Igreja está atuando no mundo.

Graças a Deus são bem poucos os que, como Judas Iscariotes, estiveram entre os cristãos sem cumprir seus compromissos e que imergiram no materialismo mundano traindo a Cristo.

Entre os seguidores de Cristo havia um traidor, por isso, devemos entender que, durante os séculos, muitos outros surgiriam.

Se judas não fere a santidade de Cristo, um traidor da Igreja não poderia manchar a nada mais que a própria alma.

Certos de que a igreja santa é formada por cristãos pecadores e santos, quando se persegue esses pequeninos dados ao serviço do Senhor, se persegue a Igreja, logo, se persegue ao

próprio Jesus Cristo. Vejamos a seguinte passagem esclarecedora dessa razão:

> "Enquanto isso, Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Apresentou-se ao príncipe dos sacerdotes, e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, com o fim de levar presos a Jerusalém todos os homens e mulheres que achasse seguindo essa doutrina.
> Durante a viagem, estando já perto de Damasco, subitamente o cercou uma luz resplandecente vinda do céu.
> Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?
> Saulo disse: Quem és, Senhor? Respondeu ele: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro te é recalcitrar contra o aguilhão.
> Então, trêmulo e atônito, disse ele: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: -Levanta-te, entra na cidade. Aí te será dito o que deves fazer." (At 9, 1-6)

Saulo perseguia os apóstolos, mas o Senhor questiona: *'por que me persegues?*'. Isso evidencia que quem persegue a Igreja Católica, persegue a Cristo.

Isso é uma atestação prática de que a Igreja, ou seja, os sacerdotes ordenados por Cristo e os fiéis são representantes de Cristo, obviamente exercendo representações diferentes.

Enquanto Saulo ameaçava de morte os santos, o Senhor deu-lhe ordens e ele não relutou, tratando de segui-las sem questionar. Ele deveria ter uma falha educacional grave, por isso, necessitava do Senhor, de um pai que lhe reconhecesse como filho e lhe orientasse.

A voz imponente do Senhor Jesus Cristo lhe estremeceu e lhe forneceu o necessário. Saulo necessitava de um caminho

verdadeiro de servidão a Deus e de uma punição para que saísse do mal caminho.

Obviamente que essa representação sem conjugação para alguma benesse material não é bem percebida ou quista por heréticos, por isso sofreria ataques por blasfêmias.

Saulo ficou cego e, mesmo infeliz, tendo de ser auxiliado para se locomover, não murmurou contra o Senhor, mas tratou de obedecer com grande fervor.

Ele recebeu um novo nome e deixou de perseguir a Igreja Católica para ser perseguido por tomar parte na obra do Reino dos Céus.

Cristo nunca abandonou sua Igreja, por isso, apesar das dificuldades, ela seguiu esforçada e auxiliada pelo Espírito Santo, honrando seu nome e cativando com seu exemplo de amor a todos aqueles que desejam entrar e os que já estão no caminho da salvação.

O que há de se concluir com isso é que quem persegue a Igreja Católica persegue a Cristo, porque ela é a sua representante.

A mulher cuja descendência ferirá a cabeça de satanás

Somente pelo Espírito Santo é possível dizer com verdade que Jesus Cristo é o Senhor e que Maria é mãe de Deus. Fato esse evidenciado quando Isabel, cheia do Espirito Santo disse que Maria é mãe do Senhor, ou seja, mãe de Deus, antes de Jesus Cristo ter nascido como é possível constatar:

> “[...]e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. [...] Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor?" (Lc 1, 41-43)

É impossível para alguém que não possui o Espírito Santo admitir que Maria é a Mãe do Senhor porque o Espírito Santo foi dado somente para a Igreja Católica.

Muitas foram as vezes que Cristo chamou sua amada mãe de mulher (senhora) e, quando fazia isso, se referia a sua função profética, como podemos averiguar:

> “Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar.” (Gn 3, 15)

Se as Escrituras fossem escritas por pessoas sem a pretensão de pregar a palavra de Deus, existiriam registradas, nelas, as milhares de vezes que Jesus chamou a mulher de mãe.

Assim como fez Jesus, os membros da única igreja chamam Maria de Senhora (mulher) e também de mãe.

Deus havia determinado que existiria ódio entre Maria e satanás, entre aqueles que são filhos dela e os filhos de satanás.

São João nos revelou a inimizade de origem espiritual ao narrar a guerra no céu conjugada com a gestação de Maria.

Assim, Maria é bendita pelos filhos de Deus e aqueles que a caluniam se atestam como filhos de satanás.

A inimizade contra Maria é a primeira evidência básica constatável na vida prática que indica a servidão ao demônio.

São João nos revela que são filhos de Maria todos aqueles que guardam os mandamentos e têm o testemunho de Deus, ou seja, os cristãos são filhos de Maria. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> "Este, então, se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus." (Ap 12, 17)

O reino de sacerdotes ou a igreja de Cristo existe para manter a verdade da fé, assim como Maria comportou o Verbo de Deus em seu ventre, por isso, Maria é mãe dos cristãos e a Igreja é como uma alegoria sua.

Não existe Igreja sem Maria. Assim, a devoção a Maria é como característica inata da Igreja.

Não são os filhos de qualquer mulher que ferirão satanás na cabeça, são os filhos de Maria, pois a devoção à sua pessoa leva à santidade.

É se tornando filho de Maria que se torna cristão.

Ela ser a mulher que gera a semente que fere a cabeça de satanás é uma certeza para Cristo, por isso, Ele a chama de mulher

(senhora) e deixa entender que ambos possuem uma responsabilidade comum e definida quando diz:

> “Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou.” (Jo 2, 4)

Se Cristo questionou se competia a eles é porque ambos possuíam uma responsabilidade diferente da que possuíam aqueles que festejavam e que agiam em comum acordo, ou seja, vieram ao mundo para a salvação.

Maria sugeriu e Cristo não deixou de obedecer a sua mãe. Cristo somente a questionou sobre a utilidade daquele milagre para a salvação. Então, Jesus, levado pela obediência à mãe, (a mulher revelada por Deus) converteu água em vinho e esse milagre serviu para a fé de seus discípulos.

Com isso, percebemos a intercessão de Nossa Senhora em vida.

Percebemos também uma relação oposta a aquilo que se percebe em gênesis quando Eva induz Adão ao erro e a mulher Maria induz Cristo a produzir um milagre para a edificação.

Notemos uma Maria moderada quanto aos seus próprios méritos, como se fosse guardada por um cavaleiro, uma Maria que já está ciente de quem é, pois é perceptível que Cristo dialoga com ela planejando, entrando em acordo, como se ambos fossem cientes de toda a razão de Deus e das profecias.

Vejamos Cristo dar ênfase a sã doutrina católica onde o cristão verdadeiro é filho de Maria no momento que padecia pela humanidade:

> “Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: Mulher, eis aí teu filho.

> Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa." (Jo 19, 26-27)

Maria não havia gerado outros filhos no seu ventre, mas ela é mãe da Igreja e, por isso, o discípulo que amava é seu filho e está perto dela. Essa verdade se mantém e se manterá até o fim dos tempos.

Ter Maria como mãe é dogma da única Igreja criada por Cristo que, antes de morrer, chama pela última vez sua mãe de mulher (senhora), se referindo a mulher citada em gêneses cuja descendência fere a cabeça da serpente e diz que ela é mãe do discípulo que amava e que o discípulo que amava é filho dela.

A mulher (senhora) e a sua descendência que é a Igreja de Cristo estavam fadados a conflitar com o dragão até o fim dos tempos, pois foi determinado por Deus que seriam inimigos, o que pode ser constatado em uma das profecias do livro Gêneses. Esse fato elucida a razão do escárnio dos servos de satanás contra Maria que São João descreve como um rio de vômito que sai da boca da serpente para afogar a bendita revestida do poder de Deus, como se pode constatar:

> "A Serpente vomitou contra a Mulher um rio de água, para fazê-la submergir.
> Este, então, se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus." (Ap 12, 15, 17)

Satanás não alcança Maria e, assim como tentou tragar Cristo, tenta tragar os cristãos por serem filhos dela.

O vômito é algo que foi consumido anteriormente, logo, toda acusação contra ela é pratica de quem as profere.

Os acusadores de Maria se deleitam nas imundices que vomitam sobre ela, por isso, são os iníquos os seus principais caluniadores.

Nos revelou São João que a descendência da mulher são todos aqueles que tem o testemunho de Jesus, ou seja, os cristãos, os imitadores de Cristo que, por imitá-lo, tomam Maria como mãe.

Segundo a revelação de São João, os cristãos filhos de Maria sofreriam as perseguições propiciadas pela serpente e a história da humanidade se mostrou marcada por perseguições contra a Igreja.

Uma vez que o serviço para Maria é necessário para obter uma vida separada por Deus, ou seja, de santidade, aqueles que negam serem filhos dela protestam contra o serviço para Deus na forma como os discípulos o concebiam, pois, o serviço para Deus passa pela devoção para Maria.

O serviço à Maria consiste em servimos a Deus seguindo o exemplo de Cristo seu filho.

Em seu livro, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria*, São Luiz Maria Grignion de Montfort diz que é por Maria que ele busca e encontra Jesus. Vejamos como isso se apresenta:

> "O Altíssimo desceu perfeita e divinamente até nós por meio da humildade de Maria, sem nada perder da sua divindade e santidade. É igualmente por Maria que os pequeninos devem subir, perfeita e divinamente, ao Altíssimo, sem nada temer." (Montfort, p. 111)

São Luiz, em completa concordância com as palavras que São João recebeu de Deus, como filho de Maria, lutou para ferir a

cabeça da antiga serpente. Luta essa que foi evidenciada por Deus no livro *Gêneses*.

A perseguição contra a Igreja ou a semente de Maria é um pecado que evidencia uma grande servidão prática a satanás, algo muito mais grave que honrarias ao príncipe das trevas.

Todos nós somos pecadores, contudo, existem práticas que são particulares aos que servem ao demônio. Há grande distinção entre errar tendo um vício e servir ao demônio.

Aqueles que contribuem para o reino das trevas percorreram caminhos mais perversos.

As perseguições aos cristãos, não fazem sentido sem uma explicação ligada ao agir de satanás e seus anjos no mundo como uma inspiração demoníaca interferindo no agir. Na Grécia dos aqueus a palavra 'inspirar' significava dotar o intelecto por intermédio de deuses pagãos como as musas. Aquele que iria proferir algo, costumava invocava algum deus para lhe lembrar, sussurrar no ouvido ou possuir seu corpo falando por sua boca. O canto I da *Ilíada* nos dá exemplo disso, iniciando da seguinte forma:

> "Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles. A ira tenaz, que lutuosa aos Gregos." (Homero, *Ilíada*, Canto I)

Esse era um costume dos homens dedicados a erística, a versificar e a buscar a razão das coisas. Vejamos um trecho de um diálogo socrático onde a invocação às musas e a Memória se apresenta como algo essencial para a eloqüência:

> "De modo que eu, de minha parte, tal como os poetas, preciso, ao principiar o relato, invocar as musas e Memória." (Platão, *Eutidemo*, p. 45)

Obviamente, a inspiração dos gregos era adquirida pelo estado de concentração que os fazia falar com coerência, mas gerava um certo auto-engano ao ponto de considerarem o conhecimento como advindo dos deuses.

Havia a inspiração de Deus, mas ela não se dava como os gregos a concebiam. Há uma certa razão na inspiração que leva a conclusão sobre questões da vida e ela vem de Deus que nos deu capacidade para isso. Também existe a inspiração demoníaca que leva a perversão e a destruição que vem do opositor.

Certamente é o príncipe das trevas quem inspira seus servos. São João, assim como Jesus Cristo, associaram alguns pecados a quem tomou o diabo por pai e o assassinato é uma das formas de evidenciar a inspiração de satanás no homem. Também é possível perceber tal inclinação para o mal por uma disposição a difamar a Igreja e os valores que ela representa.

Uma vida de rejeição a Deus seria a real invocação ao demônio, pois a rejeição a Deus, na justificativa do mal, culmina em uma possessão que leva o indivíduo a difamar Maria, a Igreja e os santos sem perceber que é o demônio que fala por ele.

Observemos a veneração dos cristãos da Igreja Católica de ~96 d.C., ao velarem o corpo de Maria que, segundo a tradição da Igreja, as Escrituras e a história da humanidade, é a mãe dos cristãos. Um ato de veneração que contrasta com o escárnio dos servos de satanás:

> "...nós juntamente com ele e muitos de nossos santos irmãos se reuniram para contemplar aquele corpo mortal, Fonte da Vida, que recebeu o Deus encarnado..." (Pseudo-Dionísio, o Areopagita, *Dos Nomes Divinos*, 3, 1)

Os discípulos de Cristo chamaram o corpo de Maria de fonte da vida o que evidencia um grande respeito e reconhecimento

de quem ela é.

Santo Epifânio, o bispo de Salamina, entre os anos de 274 e 377 escreveu contra as heresias e reatestou a tradição oral que recebeu:

> [...]digna de honra é para nós, Senhor, a festividade deste dia em que a Beata Virgem Maria, a Santa Mãe de Deus, sofreu a morte temporal, mas não pôde ser retida pelos inexoráveis laços, porque ela deu à luz Seu Filho, nosso Senhor, que tomou sua carne (*Panarion*, p. 273)

Nos conta a tradição: Os que não puderam estar em seu velório receberam a benção de visitá-la em seu túmulo para lhe contemplar, mas perceberam que seu corpo havia sido tomado para Deus. Assim, também subiu a arca da santificação. (Sl 132, 8), a rainha ornada de ouro (revestida de sol) para estar com Ele (Sl 44, 10). *Ou a Santa Virgem morreu e foi sepultada e seguiu-se depois sua Assunção na glória, ou, sem fim, verificou-se em plena e ilibada pureza, adornando a coroa de sua virgindade*. (Panarion, p. 267) *A Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, terminado o curso de sua vida terrena, foi elevada à glória celeste em corpo e alma.* (Panarion, p. 282).

O corpo, a alma e o espírito, são como um fenômeno único, contudo, pelo pecado, se separam na morte, mas a fonte da vida não possuía pecados, por isso recebeu a integralidade. Um ser com pecados não poderia comportar Cristo.

Como crer na santidade de uma arca feita pelas mãos humanas e não crer na santidade da fonte da vida que comportou o verbo de Deus? Obviamente os que não crêem na santidade da mulher, do grande sinal, a comparam com as mulheres que conhecem cheias de pecados.

Arca era apenas uma representação do que viria por comportar parte escrita da palavra de Deus. Maria é a verdadeira

arca da aliança, a mulher cuja descendência ferirá a cabeça da serpente.

O primeiro bispo de Jerusalém, Tiago menor, São Tiago, irmão(primo) do Senhor Jesus, filho de Maria que é irmã de Maria imaculada, em 65 d.C., nos apresenta em sua liturgia o que segue:

> "Exalta o poder dos cristãos. Isto te pedimos, pelo poder da preciosa e vivificante Cruz, **pelas súplicas de nossa imaculada Senhora, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria**, do venerável Precursor, dos teus santos Apóstolos e de todos os Santos, nós te suplicamos, Senhor de infinita misericórdia: escuta a nossa oração e tem piedade de nós! Kyrie eleison.[20]" (Rito de Jerusalém)

Maria sempre foi a mais homenageada e sua intercessão a mais buscada entre os discípulos e não existia, assim como não existe na atualidade, relação de oposição entre a veneração para a sua pessoa e a adoração para Cristo. A Senhora possui seu lugar certo, ela não é o sol, ela é envolvida por ele. Ela é o grande sinal que leva à santidade.

Cristo foi acusado pelos judeus e traído por Judas

Judas Iscariotes buscava os próprios interesses enquanto acompanhava Cristo e seus discípulos, pois, segundo as Escrituras, tinha discurso caridoso enquanto tirava para si do saco de moedas.

Essa postura, onde Deus é buscado e utilizado em prol de alguma causa pessoal, indicia o vigarista, o maligno e o perverso, pois o cristianismo é serviço ao único que é digno.

Por dinheiro, Judas entregou Cristo que celebrava a última ceia em oculto, pois era próxima a sua hora e Deus permitiu que as perseguições se intensificassem.

Para preparar a ceia e se manter em oculto, Ele foi auxiliado por alguns moradores locais, mas Judas Iscariotes o traiu dando a sua localização.

Grande foi o pecado de Judas que, ao perceber o mal que fez, tentou se enforcar em um penhasco rochoso.

Na investida suicida, algo deu errado, ele caiu de cabeça para baixo e teve o tórax aberto de maneira que as suas entranhas foram derramadas.

Cristo, que não possui pecados e conseqüentemente não possuí crimes, foi condenado injustamente por, segundo os judeus, se auto intitular rei dos judeus quando disse que era o rei e que havia nascido para dar testemunho da verdade.

Os judeus acusaram Jesus de ferir a fermentação chamada de lei, pois, nela, qualquer um que dissesse que era Filho de Deus deveria morrer. Eles também o acusaram de se nomear rei, por tal ato ferir a autoridade de César[21]. Vejamos como isso se apresenta:

> “Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se declarou Filho de Deus.

> Desde então Pilatos procurava soltá-lo. Mas os judeus gritavam: Se o soltares, não és amigo do imperador, porque todo o que se faz rei se declara contra o imperador." (Jo, 19, 7, 12)

Pilatos queria libertar Cristo, mas os judeus queriam matá-lo e assumiram a qual autoridade obedeciam. Assumiram que o senhor deles era o imperador César, o representante do governo poderoso do Império Romano como é possível constatar a seguir:

> "Mas eles clamavam: Fora com ele! Fora com ele! Crucifica-o! Pilatos perguntou-lhes: Hei de crucificar o vosso rei? Os sumos sacerdotes responderam: Não temos outro rei senão César!" (Jo, 19, 15)

Os judeus consideraram o senhorio de César acima do de Deus, pois acusaram Cristo de agir contra a autoridade do império, o que evidencia uma relação consciente contra Jesus Cristo e em favor de César, onde é considerada como suprema a autoridade mundana de César, ou seja, os judeus colocaram César no lugar de Deus, o que caracteriza idolatria.

Grande é o pecado de tomar um governo mundano como superior a Deus.

Os judeus haviam se tornado filhos do diabo além de pagãos, sendo a condição de pagão algo menor e comum a todo aquele que não houve Cristo ou o seu corpo místico.

Percebemos dois tipos de opositores distintos. Percebemos os que aparentam ou dizem estar do lado de Cristo e que buscam os próprios interesses o traindo oportunamente como fez Judas e percebemos os que fazem oposição clara a ele considerando autoridades humanas em detrimento da autoridade do Senhor.

Todo governo deve obediência a Deus assim como todo homem, mas a parte dos judeus que condenou Cristo obedecia aos poderes erguidos neste mundo. Essa postura é a mesma que se percebe nos partidaristas que consideram que um governo possa impedir o cristianismo de forma lícita.

Deus deve estar sempre acima de tudo e de todos de forma não passível de negociação, contudo uma parte dos judeus se mostrou como o povo escolhido por satanás, pois essa parte agia como a sua mão maligna no mundo ao condenar Cristo em prol de uma autoridade mundana e de um prestigio já perdido.

Perdoai-nos, Deus, éramos nós quem deveríamos sofrer!

Cuspiram no rosto de Nosso Senhor, lhe bateram várias vezes na cabeça com uma vara, escarneceram dele em todo o tempo de suas últimas horas, lhe deram vinho misturado com fel para beber, chicotearam-no, bateram nele, o crucificaram e perfuraram seu lado para garantir sua morte.

Uma parte dos judeus desejou essa condenação ao Senhor Jesus por ódio à verdade.

Toda a humilhação e sofrimento que acometeu Jesus foi permitida por Ele, pois se Ele não permitisse, seus acusadores não poderiam lhe fazer mal algum.

Cristo expira em uma sexta feira e ressuscita no domingo, três dias depois, como havia sido profetizado e esse dia se torna, na tradição da única Igreja, a Igreja Católica, o novo dia do Senhor.

Após o Senhor Jesus morrer, houve um sinal do céu atestando quem Ele era para os incrédulos.

Muitos tiveram certeza de que ele possuía natureza divina, inclusive parte de seus acusadores. Mesmo assim, todas as gerações de iníquos lhe escarneceriam, pois, como foi evidenciado, eles preferem o engano.

Cristo foi vitorioso sobre a morte, apesar de que os que o vissem com os olhos da carne poderiam julgá-lo miserável e

incompetente e é assim que os filhos de satanás o julgam e o julgarão até o fim dos tempos.

Os primeiros protest os contra a Igreja

Como foi dito, Cristo retirou o Reino de Deus dos judeus e o deu à sua Igreja comandada por São Pedro que recebeu as Chaves dos Céus.

Possuir as Chaves dos Céus não significa que Os Céus estão à mercê da arbitrariedade de um homem. Deus não daria as chaves dos céus para um homem sem ter lhe dado o Espírito Santo. O Espírito Santo era com São Pedro de uma forma superior.

O Espirito Santo foi dado somente a Igreja Católica.

Se aprender com homens como Platão, Sócrates e Aristóteles pode dotar um homem com excelência, é inimaginável o que é possível aprender com Jesus Cristo.

É fato registrado que São Pedro convocou diversos concílios onde vencia todos os representantes de grupos religiosos pela erudição que recebeu de Deus, mas o insensato nivela seu próximo por si e considera os discípulos como se formassem um grupo de ignorantes e Jesus Cristo como um mestre ignorante com boas deduções que falava coisas bonitas e reconfortantes.

Todo homem que realmente se aproxima de Deus desenvolve a excelência de uma forma extraordinária.

Desde o início da Igreja, muitos não aceitaram o senhorio de Cristo e o desobedeceram indo contra as suas determinações, por isso, a Igreja, assim como Cristo, foi hostilizada.

Havia, no início da Igreja, alguns filhos de satanás que negavam sua autoridade. Esses filhos do maldito a perseguiam por ela dar os frutos do Reino dos Céus e falar com grande eloqüência inspirada pelo Espírito Santo.

Nesse período, Deus havia dado à Igreja muitos sinais para trazer fé aos incrédulos, mas havia muitos homens pertencentes a seitas apartadas da Igreja, grupos religiosos que não aceitavam o

senhorio de Cristo e nem a autoridade de sua Igreja e que, por isso, protestavam contra ela, diante da verdade clara, preferindo o engano que tomaram por verdade. Vejamos um registro bíblico a respeito disto:

> "Estêvão, cheio de graça e fortaleza, fazia grandes milagres e prodígios entre o povo. Mas alguns da sinagoga, chamada dos Libertos, dos cirenenses, dos alexandrinos e dos que eram da Cilícia e da Ásia, levantaram-se para disputar com ele.
> Não podiam, porém, resistir à sabedoria e ao Espírito que o inspirava.
> Então subornaram alguns indivíduos para que dissessem que o tinham ouvido proferir palavras de blasfêmia contra Moisés e contra Deus.
> Amotinaram assim o povo, os anciãos e os escribas e, investindo contra ele, agarraram-no e o levaram ao Grande Conselho. Apresentaram falsas testemunhas que diziam: Esse homem não cessa de proferir palavras contra o lugar santo e contra a lei. Nós o ouvimos dizer que Jesus de Nazaré há de destruir este lugar e há de mudar as tradições que Moisés nos legou. Fixando nele os olhos, todos os membros do Grande Conselho viram o seu rosto semelhante ao de um anjo." (At 6, 8-10)

O Espírito falar pela boca de Estevão era insuportável para os que consideravam como puro e tradicional o judaísmo e a lei fermentada, pois o sinal da parte de Deus atestava a verdade da Igreja de Cristo e conseqüentemente a perda da autoridade dos judeus determinada por Ele quando disse que o Reino de Deus lhes seria tirado.

Os que acusavam Estevão de blasfemar eram todos sem salvação, por isso o assassinaram usando a lei judaica para o cumprimento daquilo que eles queriam, para o desamor, assim como fizeram com Cristo.

Não suportaram perceber Estevão como um autêntico anunciador do Reino dos Céus. Vejamos como foi sua morte:

> “Homens de dura cerviz, e de corações e ouvidos incircuncisos! Vós sempre resistis ao Espírito Santo. Como procederam os vossos pais, assim procedeis vós também!
> A qual dos profetas não perseguiram os vossos pais? Mataram os que prediziam a vinda do Justo, do qual vós agora tendes sido traidores e homicidas.
> Vós que recebestes a lei pelo ministério dos anjos e não a guardastes...
> Ao ouvir tais palavras, esbravejaram de raiva e rangiam os dentes contra ele.
> Mas, cheio do Espírito Santo, Estêvão fitou o céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus:
> Eis que vejo, disse ele, os céus abertos e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus.
> Levantaram então um grande clamor, taparam os ouvidos e todos juntos se atiraram furiosos contra ele.
> Lançaram-no fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram os seus mantos aos pés de um moço chamado Saulo.
> E apedrejavam Estêvão, que orava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito.
> Posto de joelhos, exclamou em alta voz: Senhor, não lhes leves em conta este pecado... A estas palavras, expirou.” (At 7, 51-60)

Não é porque os homicidas falavam em uma suposta defesa a favor de Deus que eles agiam sob a razão do criador. Eles eram filhos de satanás que não teriam poder algum sobre Estevão se Deus não permitisse e que reinterpretavam livremente o que liam das Escrituras.

Deus permitiu que aqueles que se autonomearam defensores de Deus e da lei de Moisés matassem Estêvão que teve

a atitude de pedir perdão pelos pecadores como o seu Senhor havia feito.

Estevão, cuja lucidez somente poderia ter sido recebida dos ensinamentos da Igreja e do Espírito Santo, entendia o grande engano daqueles homens, por isso, pediu a Deus que não levasse em conta os seus pecados. O registro de sua morte mostra que a inspiração demoníaca que leva a protestar existe desde o início da Igreja, evidenciando que a sanha protestante é um agir maligno capaz de inspirar os filhos de satanás de tal forma que insanamente incapacitam os protestantes de perceberem Deus e sua verdade.

O Velho Testamento, o Novo Testamento e a Sucessão Apostólica

A lista de livros sagrados dos judeus passou por muitos estados de transformação. É fato que os livros estavam sendo traduzidos para a língua grega, pelo fato de o grego ser a linguagem de maior uso. Alguns historiadores dizem que a tradução possui data de antes de Cristo e foi feita por setenta e dois estudiosos rabinos, seis de cada uma das doze tribos de Israel, por isso a versão exposta é chamada de Septuaginta ou a Versão dos Setenta, outros historiadores dizem que não, que no período em que os discípulos pregavam, os livros ainda estavam sendo traduzidos. Fato é que os livros existiam e eram lidos pelos apóstolos que os usavam para falar sobre Cristo.

Os livros que compunham a lista disponível para os apóstolos eram: *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, Samuel I (Reis I), Samuel II (Reis II), Reis (Reis III), Reis (Reis IV), Crônicas I (Paralipômenos I), Crônicas II (Paralipômenos II), Esdras I, Esdras II (Esdras e Neemias),* ***Ester, Judite****,* ***Tobias****,* ***Macabeus I****,* ***Macabeus II****,* ***Macabeus III****,* ***Macabeus IV****, Salmos, Odes, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Job,* ***Sabedoria****,* ***Eclesiástico*** *(Sirac), Salmos de Salomão, Oséias, Amós, Miquéias, Joel, Obadias, Jonas, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias, Isaías, Jeremias, Lamentações,* ***Baruc****, Epístola de Jeremias, Ezequiel, Suzana (7),* ***Daniel****, Bel e o Dragão.*

Era essa a lista de livros usada pelos apóstolos para consultar a tradição que os precedeu e pregar sobre única fé.

Percebendo que muitos judeus estavam se convertendo ao cristianismo, representantes do povo judeu, no ano de 70 d.C., oficializaram uma lista de livros sem os livros ***Judite****,* ***Tobias****,* ***Macabeus I****,* ***Macabeus II****, (Macabeus III e IV),* ***Sabedoria****,* ***Eclesiástico****,* ***Baruc****,* e também fragmentos dos livros ***Daniel*** e

Ester, pois os discípulos de Cristo os estavam usando para converter os judeus ao cristianismo.

Quando excluíram parte da palavra de Deus escrita, inclusive um livro certificado como palavra de Deus por Jeremias (Baruc), os judeus estavam agindo para defender o que se findou em Cristo.

Os rabinos definiram alguns critérios para aceitarem que os livros fizessem parte da nova lista. Neles, os livros deveriam ter sido escritos na terra santa, ou seja, em Israel, pois criam que Deus somente poderia agir entre eles; escritos somente em hebraico, nem aramaico e nem grego; escritos antes de Esdras (455-428 a.C.) e não deveria contradizer a Torá ou a lei de Moisés.

Esses pressupostos são do povo judeu, os cristãos da Igreja Católica, ou seja, os apóstolos, continuaram a usar as Escrituras de forma completa.

Da tradição Católica, nasceu o Novo Testamento pelo fato de a Igreja Católica ser a coluna e sustentáculo da verdade. Como foi citado, *Assim, Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando* ***Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja****. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava.* (Patrística, Santo Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, Origem Apostólica da Tradição, p. 164)

As cartas de São Paulo foram colecionadas no final do Século I durante o papado de Clemente I e os evangelhos de São Mateus, São Marcos e São Lucas por volta de 150 d.C., durante o papado de Pio I.

No ano de 200 d.C., durante o papado de Zeferino, o cânon de Muratori possuía os seguintes livros: Os quatro evangelhos: *São Mateus*, *São Marcos*, *São Lucas* e *São João*; *Atos dos Apóstolos*; As cartas de São Paulo: *Romanos*, *I* e *II Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses*, *Colossenses*, *I* e *II Tessalonicenses*, *I* e *II Timóteo*, *Tito* e *Filêmon*; *Tiago*; *I* e *II João*; *Judas*; *Apocalipse de João*; *Apocalipse*

de Pedro e *Sabedoria de Salomão*. Também era usada a obra literária O Pastor de Hermas em estudos particulares.

No ano de 250 d.C., durante os papados de Fabiano e Cornélio, se configurava da seguinte forma o Novo Testamento usado por Orígenes da Cesareia (184-253 d.C.): Os quatro evangelhos: *São Mateus*, *São Marcos*, *São Lucas* e *São João*; *Atos dos Apóstolos*; *Atos dos Apóstolos*; Cartas de São Paulo: *Romanos*, *I* e *II Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses*, *Colossenses*, *I* e *II Tessalonicenses*, *I* e *II Timóteo*, *Tito* e *Filêmon*; *I Pedro*; *I João* e *Apocalipse de São João*. Nesse período eram discutidos os livros: *Hebreus*; *Tiago*; *II Pedro*; *II* e *III João*; *Judas*; *O Pastor de Hermas*; *Carta de Barnabé*; *Doutrina dos Doze Apóstolos* (*Didaqué*) e *Evangelho dos Hebreus*.

No ano de 300 d.C., durante o papado de Marcelino, a Igreja Católica possuía o cânon do Novo Testamento formado pelos livros: Os quatro evangelhos: *São Mateus*, *São Marcos*, *São Lucas* e *São João*; *Atos dos Apóstolos*; Cartas de São Paulo: *Romanos*, *I* e *II Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses*, *Colossenses*, *I* e *II Tessalonicenses*, *I* e *II Timóteo*, *Tito* e *Filêmon*; *I Pedro*; *I João* e *Apocalipse de São João*. Os livros discutidos eram: *Tiago*; *II Pedro*; *II* e *III João* e *Judas*. Concluía-se que deveriam ser excluídos do cânon, não da tradição, os livros: *O Pastor de Hermas*; *Carta de Barnabé*; *Evangelho dos Hebreus*; *Apocalipse de Pedro*; *Atos de Pedro* e *Doutrina dos Doze Apóstolos* (*Didaqué)*.

No ano de 400 d.C., durante o papado de, Anastácio I, o cânon do Novo Testamento foi definido pelo Concilio de Cartago se configurava da seguinte forma: Os quatro evangelhos: *São Mateus*, *São Marcos*, *São Lucas* e *São João*; *Atos dos Apóstolos*; Cartas de São Paulo: *Romanos*, *I* e *II Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses*, *Colossenses*, *I* e *II Tessalonicenses*, *I* e *II Timóteo*, *Tito* e *Filêmon*; *Hebreus*; *Tiago*; *I* e *II Pedro*; *I*, *II* e *III João*; *Judas* e *Apocalipse de São João*.

Notemos que as Escrituras de antes de Cristo, com suas integralidades, somente são usadas pelos apóstolos e, por

conseqüência, pela santa Igreja Católica e que o Novo Testamento nasce da tradição da Igreja Católica.

Santo Irineu de Lião, que viveu entre os anos de ~130 e ~202, escreveu a obra *Adversus Haereses (Contra as Heresias)* onde consta a sucessão apostólica de São Pedro (33 - 64 d.C.) ao Papa Eleutério (174 - 189 d.C.) que era o Papa em seu tempo, evidenciando que a única igreja, a Igreja Católica possuía um líder que residia em Roma, onde estava o núcleo da Sé Apostólica de Cristo. Vejamos um trecho do documento que comprova isso:

> “Os bem-aventurados apóstolos que fundaram e edificaram a Igreja transmitiram o governo episcopal a **Lino**, o Lino que Paulo lembra na carta a Timóteo. Lino teve como sucessor **Anacleto**. Depois dele, em terceiro lugar, depois dos apóstolos, coube o episcopado a **Clemente**, que vira os próprios apóstolos e estivera em relação com eles, que ainda guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição. E não era o único, porque nos seus dias viviam ainda muitos que foram instruídos pelos apóstolos. No pontificado de Clemente surgiram divergências graves entre os irmãos de Corinto. Então a Igreja de Roma enviou aos coríntios uma carta importantíssima para reuni-los na paz, reavivar-lhes a fé e reconfirmar a tradição que há pouco tempo tinham recebido dos apóstolos, isto é, a fé num único Deus todo poderoso, que fez o céu e a terra, plasmou o homem e provocou o dilúvio, chamou Abraão, fez sair o povo do Egito, conversou com Moisés, deu a economia da Lei, enviou os profetas, preparou o fogo para o diabo e os seus anjos. Todos os que o quiserem podem aprender desta carta que este Deus é anunciado pelas Igrejas como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e conhecer a tradição apostólica da Igreja, porque mais antiga do que os que agora pregam erradamente outro Deus superior ao Demiurgo e Criador de tudo o que existe. A este Clemente sucedeu a **Evaristo**; a Evaristo, **Alexandre**; em seguida, sexto depois dos apóstolos foi **Sisto**; depois dele, **Telésforo**, que fechou a vida com gloriosíssimo martírio;

em seguida **Higino**; depois **Pio**; depois dele, **Aniceto**. A Aniceto sucedeu **Sótero** e, presentemente, **Eleutério**, em décimo segundo lugar na sucessão apostólica, detém o pontificado. Com esta ordem e sucessão chegou até nós, na Igreja, a tradição apostólica e a pregação da verdade. Esta é a demonstração mais plena de que é uma e idêntica a fé vivificante que, fielmente, foi conservada e transmitida, na Igreja, desde os apóstolos até agora. (Patrística, Santo Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, Onde Está a Verdadeira Tradição, p. 156)

Mostrando que a Igreja Católica, assim como São João revelou, se manteria até o fim dos tempos, Santo Irineu listou os seguintes papas em sua obra que visava evitar a ocorrência de heresias, ou seja, de escolhas pessoais na única fé da Igreja Católica:

33 – 64: São Pedro
64 – 79: Lino (o primeiro sucessor de São Pedro)
79 – 90: Anacleto
90 – 101: Clemente I
101 – 107: Evaristo
107 – 116: Alexandre I
116 – 125: Sisto I
125 – 138: Telésforo
138 – 142: Higino
143 – 154: Pio I
154 – 165: Aniceto
166 – 174: Sotero
174 – 189: Eleutério

Lista de papas de Eleutério até Francisco, o Papa do tempo da conclusão desta, fornecida pelo Vaticano:

189 - 199 - Vítor I
199 - 217 - Zeferino

217 - 222 - Calisto I
222 - 230 - Urbano I
230 - 235 – Ponciano
235 - 236 – Antero
236 - 250 – Fabiano
251 - 253 – Cornélio
253 - 254 - Lúcio I
254 - 257 - Estevão I
257 - 258 - Sisto II
260 - 268 – Dionísio
268 - 274 - Félix I
274 - 282 – Eutiquiano
282 - 296 – Caio
296 - 304 – Marcelino
307 - 309 - Marcelo I
309 - 310 – Eusébio
310 - 314 – Melcíades
314 - 335 - Silvestre I
336 – Marcos
337 - 352 - Júlio I
352 - 366 – Libério
366 - 384 - Dâmaso I
384 - 399 – Sirício
399 - 402 - Anastácio I
402 - 417 - Inocêncio I
417 - 418 – Zózimo
418 - 422 - Bonifácio I
422 - 432 - Celestino I
432 - 440 - Sisto III
440 - 461 - Leão I Magno
461 - 468 - Hilário (ou Hilaro)
468 - 483 – Simplício
483 - 492 - Félix II
492 - 496 - Gelásio I
496 - 498 - Anastácio II
498 – 514 – Símaco
514 – 523 – Hormisdas

523 – 526 - João I
526 – 530 - Félix III
530 – 532 - Bonifácio II
533 – 535 - João II
535 – 536 - Agapito I (ou Agapeto)
536 – 537 – Silvério
537 – 555 – Vigílio
556 – 561 - Pelágio I
561 – 574 - João III
575 – 579 - Bento I
579 – 590 - Pelágio II
590 – 604 - Gregório I Magno
604 – 606 - Sabiniano
606 – 607 - Bonifácio III
608 – 615 - Bonifácio IV
615 – 618 - Adeodato I (ou Deusdedite I)
619 – 625 - Bonifácio V
625 – 638 - Honório I
638 – 640 - Severino
640 – 642 - João IV
642 – 649 - Teodoro I
649 – 655 - Martinho I
654 – 657 - Eugênio I
657 – 672 - Vitaliano
672 – 676 - Adeodato II (ou Deusdedite II)
676 – 678 - Dono
678 – 681 - Agatão
682 – 683 - Leão II
683 – 685 - Bento II
685 – 686 - João V
686 – 687 - Cônon
687 – 701 - Sérgio I
701 – 705 - João VI
705 – 707 - João VII
708 – Sisínio
708 – 715 - Constantino
715 – 731 - Gregório II

731 – 741 - Gregório III
741 – 752 - Zacarias
752 - Estevão [II] (4 dias)
752 – 757 - Estevão III
757 – 767 - Paulo I
768 – 772 - Estevão IV
772 – 795 - Adriano I
795 – 816 - Leão III
816 – 817 - Estevão V
817 – 824 - Pascoal I
824 - 827 - Eugênio II
827 - Valentim
827 - 844 - Gregório IV
844 - 847 - Sérgio II
847 - 855 - Leão IV
855 - 858 - Bento III
858 - 867 - Nicolau I
867 - 872 - Adriano II
872 - 882 - João VIII
882 - 884 - Marino I (ou Martinho II)
884 - 885 - Adriano III
885 - 891 - Estevão VI
891 - 896 - Formoso
896 - Bonifácio VI
896 - 897 - Estevão VII
897 - Romano
897 - Teodoro II
898 - 900 - João IX
900 - 903 - Bento IV
903 - Leão V
904 - 911 - Sérgio III
911 - 913 - Anastácio III
913 - 914 - Lando
914 - 928 - João X (João de Tossignano, Arcebispo de Ravena)
928 - Leão VI
928 - 931 - Estevão VIII

931 - 935 - João XI
936 - 939 - Leão VII
939 - 942 - Estevão IX
942 - 946 - Marino II (ou Martinho III)
946 - 955 - Agapito II
955 - 964 - João XII
963 - 965 - Leão VIII
964 - Bento V
965 - 972 - João XIII (João de Nardi)
972 – 974 - Bento VI
974 – 983 - Bento VII
983 - 984 - João XIV (Pedro Canipanova)
985 - 996 - João XV
996 - 999 - Gregório V (Bruno de Carínthia)
999 - 1003 - Silvestre II (Gerberto de Aurillac)
1003 - João XVII (Giovanni Sicco)
1003 - 1009 - João XVIII (João Fasano de Roma)
1009 - 1012 - Sérgio IV (Pietro Buccaporci)
1012 - 1024 - Bento VIII (conde de Túsculo)
1024 - 1032 - João XIX (conde de Túsculo)
1033 - 1045 - Bento IX (Teofilato de Túsculo) - 1º Pontificado
1045 - Silvestre III, romano
1045 - Bento IX (Teofilato de Túsculo) - 2º Pontificado
1045 - 1046 - Gregório VI (João Graciano Pierleone)
1046 - 1047 - Clemente II (Suidgero de Morsleben)
1047 - 1048 - (Teofilato de Túsculo) - 3º Pontificado
1048 - Dâmaso II (Poppo, conde de Brixen)
1049 - 1054 - Leão IX (Bruno, conde de Egisheim-Dagsburg)
1054 - 1057 - Vitor II (Geraldo de Borgonha, Bispo de Florença)
1057 - 1058 - Estevão X (Frederico, abade de Monte Cassino)
1059 - 1061 - Nicolau II (Geraldo de Borgonha, Bispo de Florença)
1061 - 1073 - Alexandre II (Anselmo de Baggio)

1073 - 1085 - Gregório VII (Hildebrando, monge)
1086 - 1087 - Vítor III (Desidério, abade de Monte Cassino)
1088 - 1099 - Urbano II (Odo, Cardeal-Bispo de Óstia)
1099 - 1118 - Pascoal II (Rainério, monge de Cluny)
1118 - 1119 - Gelásio II (João de Gaeta)
1119 - 1124 - Calisto II (Guido de Borgonha, Arcebispo de Viena)
1124 - 1130 - Honório II (Lamberto dei Fagnani)
1130 - 1143 - Inocêncio II (Gregorio de Papareschi)
1143 - 1144 - Celestino II (Guido di Castello)
1144 - 1145 - Lúcio II (Gherardo de Caccianemici)
1145 - 1153 - Eugênio III (Bernardo Paganelli de Montemagno)
1153 - 1154 - Anastácio IV (Conrado, Bispo de Sabina)
1154 - 1159 - Adriano IV (Nicolau Breakspeare)
1159 - 1180 - Alexandre III (Rolando Bandinelli de Siena)
1181 - 1185 - Lúcio III (Ubaldo Allucingoli)
1185 - 1187 - Urbano III (Humberto Crivelli)
1187 - Gregório VIII (Alberto de Morra)
1187 - 1191 - Clemente III (Paulo Scolari)
1191 - 1198 - Celestino III (Jacinto Borboni-Orsini)
1198 - 1216 - Inocêncio III (Lotário, conde de Segni)
1216 - 1227 - Honório III (Censio Savelli)
1227 - 1241 - Gregório IX (Hugo, conde de Segni)
1241 - Celestino IV (Gaufredo Castiglione)
1243 - 1254 - Inocêncio IV (Sinibaldo Fieschi)
1254 - 1261 - Alexandre IV (Reinaldo, conde de Segni)
1261 - 1264 - Urbano IV (Jacques Pantaleon de Troyes)
1265 - 1268 - Clemente IV (Guido Fulcodi)
1271 - 1276 - Gregório X (Teobaldo Visconti)
1276 - Inocêncio V (Pedro de Tarantasia)
1276 - Adriano V (Ottobono Fieschi)
1276 - 1277 - João XXI (Pedro Juliani)
1277 - 1280 - Nicolau III (Giovanni Gaetano Orsini)
1281 - 1285 - Martinho IV (Simão de Brion)
1285 - 1287 - Honório IV (Giacomo Savelli)
1288 - 1292 - Nicolau IV (Girolamo Masei de Ascoli)
1294 - Celestino V (Pietro del Murrone)

1294 - 1303 - Bonifácio VIII (Bento Gaetani)
1303 - 1304 - Bento XI (Nicolau Boccasini)
1305 - 1314 - Clemente V (Bertrand de Got)
1316 - 1334 - João XXII (Jacques Duèse)
1334 - 1342 - Bento XII (Jacques Fournier)
1342 - 1352 - Clemente VI (Pierre Roger de Beaufort)
1352 - 1362 - Inocêncio VI (Etienne Aubert)
1362 - 1370 Urbano V (Guillaume de Grimoard)
1370 - 1378 Gregório XI (Pedro Rogerii)
1378 - 1389 Urbano VI (Bartolomeo Prignano)
1389 - 1404 Bonifácio IX (Pietro Tomacelli)
1404 - 1406 Inocêncio VII (Cosma de Migliorati)
1406 - 1417 Gregório XII (Angelo Correr)
1417 - 1431 Martinho V (Odo Colonna)
1431 - 1447 Eugênio IV (Gabriel Condulmer)
1447 - 1455 Nicolau V (Tomaso Parentucelli)
1455 - 1458 Calisto III (Alfonso de Bórgia)
1458 - 1464 - Pio II (Enea Silvio de Piccolomini)
1464 - 1471 - Paulo II (Pietro Barbo)
1471 - 1484 - Sisto IV (Francesco della Rovere)
1484 - 1492 - Inocêncio VIII (Giovanni Battista Cibo)
1492 - 1503 - Alexandre VI (Rodrigo de Bórgia
1503 - Pio III (Francesco Todeschini-Piccolomini)
1503 - 1513 - Júlio II (Giuliano della Rovere)
1513 - 1521 - Leão X (Giovani de Medici)
1522 - 1523 - Adriano VI (Adriano de Utrecht)
1523 - 1534 - Clemente VII (Giulio de Medici)
1534 - 1549 - Paulo III (Alessandro Farnese)
1550 - 1555 - Júlio III (Giovanni Maria del Monte)
1555 - Marcelo II (Marcelo Cervini)
1555 - 1559 - Paulo IV (Gianpetro Caraffa)
1559 - 1565 - Pio IV (Giovanni Angelo de Medici)
1566 – 1572 - Pio V (Michele Ghislieri)
1572 - 1585 - Gregório XIII (Ugo Boncompagni)
1585 - 1590 - Sisto V (Felici Peretti)
1590 - Urbano VII (Giambattista Castagna)
1590 - 1591 - Gregório XIV (Niccolo Sfondrati)

1591 - Inocêncio IX (Giovanni Antonio Facchinetti)
1592 - 1605 - Clemente VIII (Ippolito Aldobrandini)
1605 - Leão XI (Alessandro Ottaviano de Medici)
1605 - 1621 - Paulo V (Camillo Borghesi)
1621 - 1623 - Gregório XV (Alessandro Ludovisi)
1623 - 1644 - Urbano VIII (Maffeo Barberini)
1644 - 1655 - Inocêncio X (Giambattista Pamphili)
1655 - 1667 - Alexandre VII (Fabio Chigi)
1667 - 1669 - Clemente IX (Giulio Rospigliosi)
1670 - 1676 - Clemente X (Emilio Altieri)
1676 - 1689 - Inocêncio XI (Benedetto Odescalchi)
1689 - 1691 - Alexandre VIII (Pietro Ottoboni)
1691 - 1700 - Inocêncio XII (Antonio Pignatelli)
1700 - 1721 - Clemente XI (Giovanni Francesco Albani)
1721 - 1724 - Inocêncio XIII (Michelangelo Conti)
1724 - 1730 - Bento XIII (Pietro Francesco Orsini)
1730 - 1740 - Clemente XII (Lorenzo Corsini)
1740 - 1758 - Bento XIV (Prospero Lambertini)
1758 - 1769 - Clemente XIII (Carlo Rezzonico)
1769 - 1774 - Clemente XIV (Lorenzo Ganganelli)
1775 - 1799 - Pio VI (Giovanni Angelo Conte Braschi)
1800 -1823 - Pio VII (Luigi Barnaba Chiaramonti)
1823 - 1829 - Leão XII (Annibale della Genga)
1829 - 1830 - Pio VIII (Francesco Saverio Castiglioni)
1831 - 1846 - Gregório XVI (Bartolomeo Cappellari)
1846 - 1878 - Pio IX (Giovanni Conte Mastai-Ferretti)
1878 - 1903 - Leão XIII (Giocchino Vincenzo de Pecci)
1903 - 1914 - Pio X (Giuseppe Sarto)
1914 - 1922 - Bento XV (Giacomo Marchese della Chiesa)
1922 - 1939 - Pio XI (Achille Ratti)
1939 - 1958 - Pio XII (Eugenio Pacelli)
1958 - 1963 - João XXIII (Angelo Giuseppe Roncalli)
1963 - 1978 - Paulo VI (Giovanni Battista Montini)
1978 - 1978 - João Paulo I (Albino Luciani)
1978 - 2005 - João Paulo II (Karol Woityla)
2005 - 2013 - Bento XVI (Joseph Ratzinger)
2013 - Francisco (Jorge Mario Bergoglio) (Vaticano, 2016)

São Pedro e o núcleo da Igreja em Roma

Sobre a pedra São Pedro a Igreja de Cristo foi edificada. O homem com as Chaves dos Céus gerenciou concílios fazendo uso da razão de Deus e ordenou muitos sacerdotes que arranjavam um modo de ganhar o pão nos lugares onde se instalavam. Uma vez estabelecidos, os sacerdotes faziam como Cristo os ordenou, orientando na educação e na fé da Igreja.

Pedro fez muitas outras coisas em prol da verdade, conforme Cristo o revelava.

A Igreja estabelecida por Cristo possui a missão de dar continuidade à sua obra até o fim dos tempos. Ela é a representante de Cristo que subiu aos céus. Vejamos como essa representação se apresenta nas Escrituras:

> “Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou.” (Lc 10, 16)

Os ordenados pela Igreja são os representantes de Cristo, mas somente fazem jus ao título quando cumprem sua autoridade eclesial ou quando seus atos estão em plena concordância com o depósito da fé, o que implica dizer que toda heresia[22] é praticada fora da santidade da Igreja.

Rejeitar um sacerdote em concordância com a tradição da Igreja, de uma ordem que vem de Cristo, é rejeitar a Cristo.

Nessa inegável e indissolúvel representação de Cristo pela Igreja Católica, havia também um inegável estado de hierarquia onde São Pedro foi escolhido por Cristo como o primeiro líder para firmar sua Igreja nesta realidade.

Cristo somente poderia escolher o melhor possível e escolheu São Pedro que, para não ser tomado por orgulho e soberba, entendeu que era pecador ao negar seu senhor três vezes quando pensava que jamais pecaria dessa forma, por ter no coração o amor verdadeiro. Posteriormente, esse mesmo homem daria sua vida pela pregação e seria martirizado por amor a Cristo.

São Pedro recebeu do próprio Cristo a responsabilidade de edificar, comandar e fazer crescer a santa igreja católica representando o senhor Jesus nas mesmas obras, ou seja, recebeu as Chaves do Céu. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Jesus então lhe disse: Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.
> E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela.
> Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.” (Mt 16, 17-19)

Quem trabalha contra as determinações de Deus são os filhos de satanás e ir contra a autoridade de Pedro evidencia a servidão ao demônio.

Para não haver dúvidas, Cristo revela que a entrega das Chaves dos Céus a São Pedro é uma determinação de Deus e não de homens quando disse: “[...]porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.”

Pedro foi santificado. Deus o quis para si e o nomeou líder de sua representante no mundo, líder da Igreja Católica.

São Pedro, como líder, convocava diversos “representantes” religiosos, até mesmo fariseus, nos concílios, para

que, na disputa argumentativa, fosse evidenciada a verdade perante eles de modo que os libertassem dos enganos.

Era sempre São Pedro e os discípulos os que desenvolviam a razão de Deus nas decisões, pois eles estavam com a verdade que edificava a todos, o Espírito Santo somente foi dado a eles por serem a Igreja Católica.

Era importante que diversos representantes religiosos participassem dos concílios para que, na disputa verbal[23], fosse evidenciada a verdade diante daqueles que se propunham a levar o nome de Deus.

Negar a santidade da única Igreja e a liderança de São Pedro é rejeitar o senhorio de Cristo do mesmo modo que satanás negou o senhorio de Deus ao ir contra suas determinações.

O homem possui sua própria razão que pode não convergir na razão do Senhor, mas o homem que serve a Deus se esvazia de si e crê na vontade de seu senhor.

Aquele que possui uma fé diferente da única fé segue a si mesmo ou pensa servir a Deus na observância da própria razão ou da razão de outro, fazendo como satanás e seus anjos.

É inegável a responsabilidade dada a São Pedro. Nesta outra citação, o Senhor Jesus Cristo passa para ele a responsabilidade de cuidar da Igreja, pois Ele irá para Deus:

> “Disselhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.” (Jo, 21, 16)

A igreja de Cristo ser o único caminho[24] para o Céu foi uma determinação do Senhor e não do homem, pois é necessário que haja uma representação neste mundo que determine o que é fé, ou seja, o que fazer para se religar a Deus.

Uma única igreja foi edificada tendo como líder São Pedro, uma igreja santa e indestrutível que permanecerá até o fim dos tempos, pois as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Cristo é a cabeça da única igreja o que leva a crer que ele a mantém e que é um com o bispo. É possível constatar isso lendo o trecho a seguir:

> "Ele é a Cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o Princípio, o primogênito dentre os mortos e por isso tem o primeiro lugar em todas as coisas." (Cl 1, 18)

Se temos um único Deus, temos uma única verdade. Se temos uma única verdade, temos um único caminho. Se temos um único caminho, temos uma única fé. Se temos uma única fé, temos uma única igreja. Se temos uma única fonte de autoridade eclesial, temos apenas um núcleo interpretativo.

O núcleo da Igreja Católica estava, no princípio, em Jerusalém, lugar onde se evidenciavam as verdades da fé.

Esse núcleo recebia os problemas registrados nas diversas igrejas católicas espalhadas pelo mundo e dava a palavra final.

A localização desse núcleo era determinada pela localização do líder São Pedro que, a princípio, estava em Jerusalém, local escolhido para que a semente fosse semeada. Posteriormente, São Pedro vai a Roma na Itália, onde fixa o núcleo da Igreja com sua presença, funda a igreja física com São Paulo e passa a gerenciar todas as outras igrejas que, mesmo espalhadas pelo mundo, mantém a unidade católica, uma única pregação.

Obviamente, havia confusões quando não se observava o que os pais da santa igreja concluíam sobre a fé. São Paulo deixou claro que deveria haver respeito na Igreja que é a casa de Deus. Ele dissertou sobre a importância da decência e do respeito à verdade.

A erística nas igrejas possuía o propósito de resolver algum problema, mas a igreja de Roma sempre possuí a última palavra. *Quando um caso é enviado a Sé Apostólica, encerrado está.*

Santo Irineu de Lião descreve a unidade da Igreja Católica por volta de 180 d.C. Como se pode notar:

> “Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus; e a vinda, o nascimento pela Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu, em seu corpo, de Jesus Cristo, dileto Senhor nosso; e a sua vinda dos céus na glória do Pai, para recapitular todas as coisas e ressuscitar toda carne do gênero humano; a fim de que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos e toda língua o confesse; e execute o justo juízo de todos: enviando para o fogo eterno os espíritos do mal, os anjos prevaricadores e apóstatas, assim como os homens ímpios, injustos, iníquos e blasfemadores; e para dar em prêmio a vida incorruptível e a glória eterna aos justos, aos santos e aos que guardaram os seus mandamentos e perseveraram no seu amor, alguns desde o início, outros, depois de sua conversão.
>
> Tendo, portanto, recebido esta pregação e esta fé, como dissemos acima, a Igreja, mesmo espalhada por todo o mundo, as guarda com cuidado, como se morasse numa só casa, e crê do mesmo modo, como se possuísse uma só alma e um só coração; unanimemente as prega, ensina e entrega, como se possuísse uma só boca. Assim, embora pelo mundo sejam diferentes as línguas, o conteúdo da tradição é um só e idêntico. As Igrejas fundadas na Germânia não crêem e não ensinam de modo diferente, nem as da Ibéria, nem as dos celtas, nem

> as do Oriente, nem as do Egito, nem as da Líbia, nem as estabelecidas no centro do mundo; mas como o sol, criatura de Deus, é em todo o mundo um só e o mesmo, assim a luz da pregação da verdade brilha em todo lugar e ilumina todos os homens que querem chegar ao conhecimento da verdade. E nem o que tem maior capacidade em falar, dentre os que presidem às Igrejas, dirá algo diferente, porque ninguém está acima do Mestre; nem quem tem dificuldade em expressar-se inferioriza a Tradição. Sendo a fé uma só e a mesma, nem quem pode dizer muito sobre ela a amplia, nem quem pode falar menos a diminui.” (Patrística, Santo Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, A Regra da Fé, p. 31)

Santo Irineu de Lião descreve a unidade católica e seu agir em plena conformidade com a determinação do Senhor Jesus Cristo, algo que não seria possível se Cristo não fosse com ela.

Todas as Igrejas, espalhadas pelo mundo obedeciam a Roma, assim como é nos dias atuais.

As igrejas eram bem organizadas, seus membros eram caridosos entre si. Eles depositavam ofertas voluntárias para os necessitados aos pés dos apóstolos que dividiam segundo as necessidades. Não existia, entre eles, um idealismo onde se apodera um governo que impõe suas determinações, ninguém era forçado a fazer coisa alguma e a caridade era uma manifestação espontânea inspirada no amor de Deus.

Essa unidade cristã não pode ser comparada com as investidas materialistas humanas sem autoridade eclesial e criadas por homens com a pretensão de serem caridosas e igualitárias, pois todas elas falharam por não possuírem a santidade da Igreja que não pode ser transferida e nem reproduzida por outras instituições.

Assim como nosso Senhor Jesus Cristo havia determinado, sua Igreja se esforçou para pregar o evangelho a toda criatura. São Pedro enviou sacerdotes para todas as partes do mundo com o intuito de anunciar o Reino dos Céus.

A Igreja, como nosso Senhor determinou, é a coluna e sustentáculo da verdade. Ela é determinadora da verdade e não as Escrituras que surgem baseadas na sua verdade, como podemos ler a seguir:

> "Todavia, se eu tardar, quero que saibas como deves portar-te na casa de Deus, que é a Igreja de Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade." (1Tm 3, 15)

A santidade está na Igreja que considerou ser um bem preservar uma pequena parte de sua história e tradição em escritos, após nosso Senhor Jesus Cristo subir aos céus.

Por volta do ano 56 d.C., São Paulo escreve de Corinto na Grécia para o núcleo da Igreja em Roma, sem saber que escrevia parte do que chamariam Bíblia Sagrada que seria usada para constatar a fé da única Igreja, dizendo o seguinte:

> "Primeiramente, dou graças a meu Deus, por meio de Jesus Cristo, por todos vós, porque em todo o mundo é preconizada a vossa fé." (Rm 1, 8)

São Paulo, ciente de que as obras feitas pela Igreja Católica não seriam possíveis se Cristo não fosse com ela, dá graças a Deus pela fé da Igreja Católica que está em Roma ter sido difundida por todo o mundo, ou seja, a Igreja que estava em Roma determina o que é matéria de fé justamente porque São Pedro, o representante de Deus, o homem com as Chaves dos Céus, residia nela.

Roma possuía e possui a última palavra para que não houvesse e não haja prática herética nas igrejas espalhadas pelo mundo.

Entendamos a incapacidade dos heréticos que não respeitam Deus e a sua santa igreja, por isso tenhamos misericórdia e perdão nos nossos corações pelas suas deficiências mentais ou fragilidades psicológicas.

O que sustenta a fé é a Igreja Católica. Os textos sagrados sem ela não serviriam para manter a fé e nem para criar outra igreja como pensam os heréticos, pois o único que pode criar uma igreja é Cristo e o texto sem a Igreja não possui base para se manter, de modo que, se somente houvesse a Bíblia, sem a única igreja que recebeu o Espirito Santo e que é a coluna e sustentáculo da verdade, o que seria impossível, poderia se praticar até mesmo satanismo baseado nas Escrituras, devido aos enganos do mundo que levam os hereges a tomarem posturas semelhantes às de satanás ao citar um Salmo contra Cristo, ao mentir fazendo uso da verdade escrita.

Logicamente não existiria a Bíblia da Igreja Católica sem a Igreja Católica.

Muitos seguiriam o exemplo de satanás e enganariam dizendo que está escrito na Bíblia, usando os textos sagrados pela Igreja Católica como o definidor da verdade quando ele não é, pelo fato de que o texto escrito é passível de ser deturpado. Quem sustenta a verdade é a Igreja Católica, a coluna e sustentáculo da verdade.

Muitos pecam dizendo, nos seus íntimos, que quem os levou a errar foi o próprio Deus ao enganarem fazendo uso das Escrituras.

Segundo São Pedro, líder da Igreja, nenhuma profecia é de interpretação pessoal. Ele disse isso ao se referir as profecias do Velho Testamento, mas isso também se aplica aos escritos sagrados que a Igreja Católica produziu, ou seja, ao Novo Testamento, o que desautoriza o uso de interpretações bíblicas diferentes da única interpretação da Igreja Católica, mas não desautoriza a pregação do evangelho por leigos[25] que não possuem autoridade eclesial, pois eles, desde que respeitem a

única fé, a fé católica, estão contribuindo para o Reino dos Céus, intercedendo por seu próximo.

A Igreja nasce tendo como base os ensinamentos de Cristo, ou seja, a tradição católica, a única fé verdadeira cuja inspiração gerou o Novo Testamento.

A palavra escrita não se mantém sem a Igreja, pois, segundo São Pedro, existe a necessidade de que o núcleo interpretativo defina a verdade.

Se a definição da verdade fosse diferente da definida pela Igreja Católica, todos os hereges estariam corretos ao mesmo tempo por interpretarem o texto sagrado na observância das próprias razões, quando nem os que interpretam textos de leigos conseguem entrar em consenso.

Sobre os que interpretam livremente, disse o Padre Júlio Maria (1878-1944) que *o protestante é um ateu envolvido na capa de uma Bíblia, conservando somente a capa, sendo ele mesmo o texto da Bíblia, isso é, sua própria vontade, pela livre interpretação.*

Cristo disse para seguirmos a Igreja e foi a sua Igreja a escritora de parte da Bíblia (Novo Testamento) e organizadora de toda ela que é palavra de Deus porque representa a fé da Igreja que está em Roma, ou seja, ela é um registro da Igreja que mantém a verdade.

Fato é que a Bíblia foi sagrada pela Igreja Católica.

Notemos que, nessa verdade, texto é uma manifestação lingüística e sacralidade é condição do que é sagrado. Não devemos confundir um fenômeno com o outro.

Se a verdade pudesse ser mantida somente pelas Escrituras, não existiriam, desde a criação da Igreja, seitas que usavam escritos sagrados para justificar a blasfêmia e a agressão contra Cristo e também não existiriam as seitas que escrevem por cima de textos sagrados lhes acrescendo e retirando elementos para justificar diversas heresias e blasfêmias. Sem o governo

episcopal que São Pedro herdou, quem faria uso das chaves dos céus?

Aquele que nega o sacerdócio régio nega a Jesus Cristo, deseja ser Deus e foi satanás o primeiro que negou o sacerdócio régio ao fazer livre interpretação das Escrituras contra Cristo.

Se as Escrituras fossem suficientes para manter a fé, satanás não usaria o texto de um Salmo para tentar nosso Senhor como fez. Essa técnica satânica se manteria entre todos os que se levantariam contra a Igreja usando partes dos textos sagrados para dizer, assim como satanás, que está escrito e que somente as Escrituras são suficientes.

As inadequações retóricas estão presentes em todas as mentiras e elas são possíveis porque a língua falada e escrita permite o uso de inadequações muito sutis. Devido a isso, é necessária a Igreja, a definidora da fé, para adequar as Escrituras à verdade que é de propriedade dela.

Cristo disse que deveríamos seguir a Igreja, pois ela é o que sustenta a verdade. A Bíblia sem ela pode ser deturpada. Somente a Igreja que escreveu e organizou a Bíblia, a Igreja Católica, pode interpretar a Bíblia.

Muitas das heresias são provenientes da livre interpretação daqueles que consideram que seguir a Bíblia é o mais importante.

Muitos, devido a falhas de caráter, honram Cristo com os lábios, mas possuem dificuldade em aceitar seu senhorio quando ele cria uma igreja santa.

A fera, o Império Romano e o início das perseguições

Historicamente a perseguição aos cristãos promovida pelo Império Romano iniciou durante o governo de Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus (Cláudio) que governou entre 41 d.C. e 54 d.C., contudo, os filhos do príncipe das trevas perseguiam os cristãos desde que eles se tornaram notáveis pelos judeus com atitudes de protesto como narra o texto sagrado sobre a morte de Estevão.

Judeus e judaizantes desenvolviam mentiras pecando contra o Espirito Santo por causa do ódio mortal que sentiam contra os católicos que pregavam Cristo crucificado. Se escandalizavam de tal forma com Cristo crucificado que desejavam condenar os cristãos à morte.

Os judeus chamaram Maria de prostituta e de monte de estrume e chamavam Jesus de filho de prostituta e tal menosprezo reverberou pelos anos.

São Paulo tinha ciência do efeito de sua pregação nos judeus e nos pagãos, vejamos uma referência disso:

> “[...]nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos.” (I Cor, 1, 23)

Judeus e membros de seitas judaizantes promoviam muitas ameaças e denúncias contra membros da Igreja Católica. São Paulo, por exemplo, foi vítima dos judeus que lhe acusavam constantemente de proferir blasfêmias contra Moisés e Abraão e, diante das mentiras proferidas contra ele, enviadas inclusive para o Império Romano, pediu para ser julgado por César, o líder do governo colocado acima de Deus que os judeus tanto respeitavam, para aproveitar a oportunidade e pregar para os poderosos.

Em 41 d.C., o núcleo da Igreja Católica já havia sido transferido para Roma na Itália. Ele recebia os problemas das Igrejas Católicas espalhadas pelo mundo e dava a última palavra.

Em 54 d.C., Nero Claudius Cæsar Augustus Germanicus (Nero César) sucede o imperador Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus (Cláudio).

Havia muita disparidade entre o Império Romano governado por Nero César e as tradições de origem dos povos escravizados.

O Império Romano prezava por seus fins e não pelo misticismo e tradição alheia, por isso, como solução, foi dado um novo deus ao povo.

Para cumprir seus intentos, Nero Cesar deveria receber o “amor” de todos sobre todas as coisas, algo fácil de adquirir dos paganizados, inclusive foi fácil para uma parte dos judeus que colocou a autoridade do imperador romano acima da autoridade de Deus, quando Deus deveria ser colocado sobre todas as coisas.

Para os cristãos verdadeiros, colocar outro no lugar de Deus é algo inconcebível, contudo, Nero César exigia que todos o adorassem como se fosse deus por intermédio de sua estátua. Vejamos a referência sobre isso:

> “Foi-lhe dado, também, comunicar espírito à imagem da Fera, de modo que essa imagem se pusesse a falar e fizesse com que fosse morto todo aquele que não se prostrasse diante dela.” (Ap. 13, 15)

Todos os que não se prostrassem diante da imagem da Fera eram punidos com a morte.

Nero César impunha sua autoridade acima da autoridade de Deus, mas os cristãos não se sujeitaram a determinação do

imperador como fizeram os judeus ao condenar Cristo acusando-lhe de impor um reinado ofensivo à autoridade do império.

A atitude dos cristãos era um grande desrespeito e uma ameaça para a autoridade do império e talvez isso tenha fomentado uma investida maior contra eles, os inimigos do mundo.

Quando o imperador de Roma estava a pôr fogo em uma área desabitada próxima à cidade, com o propósito de edificar sobre ela, houve um acidente. Tragicamente o fogo se alastrou devastando dez bairros e Nero César culpa os cristãos pelo incêndio, já que romano algum ousaria questionar sua palavra tomada como a verdade com o intuito de macular o cristianismo questionador de sua autoridade mundana que estimava ser divina.

Nero César tinha muito a perder com a atitude dos Cristãos, pois, com a liberdade religiosa dos povos escravizados haveria uma migração significativa do acumulo de renda e poder para o povo e o império não conseguiria se manter, por isso, o imperador, que desejava ser adorado como um deus e que escravizava a todos, determinou que todos deveriam prestar culto a ele, o deus dos homens.

Se todo escravo se rebelasse, o império ruiria, pois, um povo livre somente mantém a aquilo que lhe serve e o Império Romano somente servia a si.

O único benefício de estar sob o domínio do Império Romano era a proteção contra as invasões de bárbaros salteadores, algo que é possível concluir por intermédio da leitura de textos de Santo Agostinho de Hipona.

São Pedro e São Paulo eram considerados estrangeiros, possuidores de uma outra tradição, questionadores da divindade do imperador e servos fiéis do único Deus. Além dessas implicações, Nero César percebeu, nos cristãos, poder, influência e o desejo espontâneo de servir a Deus. Então, como um falso justiceiro, combateu os inimigos de seu governo iniciando a primeira onda de perseguições formalizadas contra a Igreja Católica (Cristo), levando muitos ao martírio, contudo, cada cristão que sofria tortura e morte

alimentava ainda mais o desejo por pregar o evangelho e por destruir o poder daquele império imerso no mal.

A história da Igreja nos diz que, em meio a essas perseguições, o próprio São Pedro indicou São Lino como seu sucessor, por ele ser estudioso e por ter habilidades administrativas desde antes de sua conversão.

São Lino se tornou um homem santo e dedicado ao serviço do Senhor após ter sido convertido por São Pedro e São Paulo. Esse santo é citado na segunda epístola de São Paulo a Timóteo, como podemos constatar:

> "Apressa-te a vir antes do inverno. Saúdam-te Eubulo, Prudente, Lino, Cláudia e todos os irmãos." (2Tm 4, 21)

Os judeus e judaizantes acusavam constantemente São Paulo de ser uma ameaça ao Império Romano por ele pregar o Cristo crucificado, o rei dos judeus crucificado, como se Cristo, de alguma forma ferisse a autoridade do império que almejava ser divina.

Tanto os judeus mentiram que aquilo que para os pagãos do Império Romano era loucura passou a ser real, uma ameaça possível.

As primeiras acusações contra São Paulo haviam sido ignoradas pelos governantes poderosos do Império Romano que as concebiam como mentiras. Os governantes também concebiam os judeus e os judaizantes como mentirosos e traidores. Isso se comprova pois, após ser acusado muitas vezes pelos judeus, São Paulo, voluntariamente, desembarcou na costa da Itália para ser julgado pelos poderosos e pregar para eles na oportunidade e foi informado que não existiam acusações consideradas válidas contra si diante de César, contudo, por muito os judeus lhe acusarem, surgiu a oportunidade de imputar culpa nos cristãos de maneira

favorável à reputação do império, acusando os cristãos de crimes que eles não cometeram. Então, oportunamente e graças às mentiras dos judeus, Nero César mandou prender, torturar e matar São Pedro e São Paulo em 67 d.C. e, em 68 d.C., cometeu suicídio.

Ao escavar e restaurar o local onde São Pedro e São Paulo foram martirizados, arqueólogos dizem que, ao fazer a descida para seu cárcere em uma das vezes que foi prezo, São Pedro foi jogado contra uma parede por soldados e bateu a cabeça ensangüentada deixando a impressão de seu rosto feita com sangue na rocha da prisão Mamertinum[26].

Ao examinarem seus cárceres e a tradição da Igreja, surge, na tradição, a história de que, enquanto estava preso, São Pedro fez muitos milagres e converteu todos os guardas e presos antes de ser levado para sua crucificação de cabeça para baixo.

São Pedro pediu para ser crucificado desse modo como um sinal de humildade, para não ser considerado semelhante ao seu senhor, por isso, a cruz invertida é um símbolo de humildade e de reconhecimento da distância entre o homem e Deus.

São Pedro não era Deus, mas era santo e com sua santa humildade clamou para que não fosse crucificado como seu senhor, evidenciando que Cristo fez a melhor escolha possível.

Ele havia aprendido com o próprio Senhor Jesus Cristo que não deveria se orgulhar de quem ele era quando Deus o fez perceber que era pecador, por isso foi humilde até seu último momento.

Muitos usam a humildade de São Pedro para lhe tratar como um qualquer. Esses estão imersos no engano do protesto.

São Lino sucedeu a São Pedro como o segundo Papa da Igreja Católica e governou entre 67 d.C. e 76 d.C.

A escolha de São Pedro foi a melhor possível, pois, tendo as mesmas atitudes de Jesus Cristo e as dele, o Papa Lino sagrou quinze bispos e os enviou para diversas cidades da Itália. Ele

também ordenou dezoito sacerdotes para prestar serviços em novas comunidades criadas em Roma.

Inteligência e sabedoria sempre foram atributos dos homens ordenados por Deus, pois, em todos os tempos, Ele sempre escolheu homens competentes para liderar seu povo. O profeta Jeremias havia profetizado esses homens prodigiosos para o povo escolhidos quando disse:

> “Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com inteligência e sabedoria.” (Jr 3, 15)

O fato evidencia o caráter dos chamados por Deus entre os israelitas, o que permite evidenciar também na Nova Aliança.

Não eram pessoas com qualquer razão e nem ordenadas por qualquer um, os sacerdotes católicos têm como ordenador o próprio Cristo que lhes educou de uma forma que jamais poderíamos imaginar.

Sérvio Sulpício Galba sucede a Nero César governando entre 68 d.C. e 69 d.C. o Império Romano. Em seguida, Aulo Vitélio Germânico, em 8 meses do ano de 69 d.C. e Tito Flávio Sabino Vespasiano entre 69 d.C. e 79 d.C.

O Papa Lino foi torturado, morto e sepultado ao lado do túmulo de São Pedro, durante o governo de Vespasiano, em 79 d.C.

Anacleto é sagrado Papa em 79 d.C. e em 92 d.C. morre de causas naturais. Clemente I assume o papado de 90 a 101 d.C.

Tito Flávio sucede a Vespasiano em 79 d.C. e, em 81 d.C., Domiciano assume o império até o ano de 96 d.C., promovendo a segunda onda de perseguições formalizadas contra a Igreja, durante o papado de Clemente I.

São João foi banido pelo imperador Domiciano para a ilha de Patmos e, em meio a essa nova onda de perseguições contra a

santa Igreja Católica, escreveu o livro *Apocalipse* revelando que o cristianismo irá vencer no final.

Apocalipse é uma resposta necessária ao sofrimento do passado, do presente e do futuro para muitos que poderiam considerar o fim do cristianismo pelo poder do Império Romano ou outro que afligisse os cristãos.

Os cristãos perseguidos, quando fizeram uso da razão para avaliar a continuidade da Igreja, perceberam o fim do evangelho de amor pelas mãos do homem mau, mas, por intermédio da fé nas promessas de Deus que diziam que o bem venceria no fim e que a Igreja Católica é indestrutível, os católicos tiveram suas forças renovadas para continuar.

Com cautela, São João criticou o poder que os afligia e a Fera cujo cálculo do nome resulta em 666 foi evidenciada:

> "Eis aqui a sabedoria! Quem tiver inteligência, calcule o número da Fera, porque é número de um homem, e esse número é seiscentos e sessenta e seis." (Ap, 13, 18)

O tempo do verbo de ligação que São João usa para evidenciar a Fera está no presente, ou seja, não foi e nem será. Isso evidencia que São João poderia estar se referindo a um homem no seu presente, ao presente do momento da escrita ou a um poder reminiscente como o das perseguições promovidas por um tipo de governo, caso o promotor desse poderio tenha espirado. A princípio, pelo tempo do verbo, é anulada a referência à Fera referida no futuro.

Certamente, São João se referia a Nero César por outras referências a ele como a feita à sua estátua ou ao tipo de governo praticado por ele, já que a Fera pode ser também uma alegoria das perseguições sofridas pelos cristãos, assim como são chamados os processos notáveis semelhantes a ondas devastadoras.

O poder que foi colocado acima do poder de Deus pelos judeus ao condenar Cristo é o mesmo que martirizou São Pedro e São Paulo.

Há uma malignidade cruel nos governos que não obedecem a Deus. Satanás inspira os seus filhos a ter servidão e respeito pelos seus representantes malignos. Essa verdade pode ser constatável pelo fato de os judeus terem condenado Cristo à morte por obediência ao Imperador.

O poder que permanece resistente a ferida mortal é o poder de Nero César, *uma das cabeças* (Ap. 13, 3) da Fera *que estava ferida de morte, mas essa ferida de morte fora curada* (Ap. 13, 3) com a ascensão de um novo imperador que manteve as perseguições.

Nero César foi o primeiro a oficializar as perseguições contra a Igreja e o assassino de São Pedro e São Paulo, fundadores da Igreja Católica em Roma. Seu nome na escrita de São João que é de origem hebraica se apresenta da seguinte forma: ‘ה ו ר ה ר ס ק’ ‘NVRN RSQ’ (Nero César).

Para calcular o número da Fera, devemos usar os números do alfabeto grego, pois formam a única referência válida que se pode possuir de atribuição de valores às letras no tempo de São João, criando uma equivalência com o alfabeto hebraico e seus valores são:

Alfabeto grego: Alfa (Αα) = 1; Beta (Ββ) = 2; Gama (Γγ) = 3; Delta (Δδ) = 4; Épsilon (Εε) = 5; Stigma (Ϛ , ς) = 6; Zeta (Ζζ) = 7; Eta (Ηη) = 8; Teta (Θθ) = 9; Iota (Ιι) = 10; Capa (Κκ) = 20; Lambda (Λλ) = 30; Mu (Μμ) = 40; Nu (Νν) = 50; Csi (Ξξ) = 60; Omicron (Οο) = 70; Pi (Ππ) = 80; Ro (Ρρ) = 100; Sigma (Σσς) = 200; Tau (Ττ) = 300; Upsilon (Υυ) = 400; Phi (Φφ) = 500; Qui (Χχ) = 600; Psi (Ψψ) = 700 e Omega (Ωω) = 800.

Alfabeto hebraico: Alef (1 = (א ; Bet (2 = (ב ; Gimel (3 = (ג ; Dalet (4 = (ד ; He(5 = (ה ; Vav (6 = (ו ; Zayin(7 = (ז ; Het (8 = (ח ; Tet (9 = (ט ; Yod (10 = (י ; rHaf (20 = (ך /כ ; Lamed (30 = (ל ; Mem(40 = (ם /מ ; Num (50 = (ן /נ ; Sameq (60 = (ס ; Ayin (= (ע

70; Pe (80 =(ף /פ ; Tsadi (90 = (ץ /צ ; Kof (100 = (ק ; Resh (= (ר
200; Shin (300 = (ש ; Tau (400 = (ת .

	ה :	N		50
	ו :	V		6
	ר :	R		200
	ה :	N		50
	ר :	R		200
	ס :	S		60
+	ק :	Q		100
		=		666

Eis a Fera, eis o poder que uma parte dos judeus tomou como absoluto.

Satanás não é um homem, mas ele vive nos atos de seus filhos. Essa existência física de satanás que resiste à morte foi evidenciada por São João.

A fera foi evidenciada. O homem que se definiu como deus para os romanos por intermédio de seu governo, o deus que uma parte dos judeus idolatrou.

Nero se fez deus para os homens e decretou que sua vontade está acima de tudo, criando uma oposição contra o primeiro mandamento.

Uma parte daqueles que tomaram a cruz após Cristo, amando Deus acima de tudo, foi martirizada o que causou grande dor aos cristãos, mas Deus revelou, por intermédio de um de seus servos, que eles venceriam a dor e a morte. Também revelou que a Igreja Católica permaneceria até o fim dos tempos.

Deus deu a revelação da indestrutibilidade da Igreja muito necessária por intermédio de São João. O livro *Apocalipse* de São João serviu para revelar a vitória do cristianismo e tal revelação foi muito importante para a Igreja que percebia o terror constante das perseguições do Império Romano torturador e assassino de seus representantes.

Constantino e o fim parcial das perseguições pelo Império Romano

Todos os sucessores de São Pedro gerenciavam a Igreja do núcleo em Roma que, no tempo dos apóstolos, era uma cidade comparável a uma Babilônia no oriente em iniqüidade, um lugar cheio de almas perdidas que necessitavam de conversão.

As perseguições oficializadas do Império Romano contra a Igreja se estenderam por ~257 anos e tiveram seu ápice durante o governo de Gaius Aurelius Valerius Diocletianus que foi imperador entre 284 e 305. Elas continuaram até cessarem temporariamente com o governo de Flavius Valerius Constantinus que tomou o Império Romano para si por intermédio do uso da força.

Flavius Valerius Constantinus começou diversas ondas de ataques contra o Império Romano que começou a encontrar ruina nas suas vitórias.

Certamente os cristãos, assim como os pagãos, estavam encontrando alivio no domínio crescente de Constantinus que estava fazendo um trabalho para Deus sem saber.

Nos conta a história e a tradição que, em 312 d.C., o imperador romano Flavius Valerius Constantinus estava para travar uma batalha contra Marcus Aurelius Valerius Maxentius Augustus com o intuito de lhe tomar o poder, quando teve uma visão no pôr-do-sol ou uma revelação em um sonho. Ele viu as letras gregas ‘XP’ que são as primeiras letras de ‘ΧΡΙΣΤΌΣ’ (Χριστός, Cristo) se juntarem formando uma cruz sobrepondo o sol e, com elas, a inscrição em latim ‘In Hoc Signo Vinces’ que significa ‘Nesse signo vencerás’.

Constantinus teve certeza, pôs o signo sobre os escudos de seus soldados que eram em menor número e venceu milagrosamente.

Em 313 Constantinus decreta o Edito de Milão que dava liberdade para que as pessoas determinassem como deveriam desenvolver suas vidas práticas.

O Edito de Milão trabalhava contra as práticas dos governos passados que tiraram as liberdades dos povos vertidos em escravos. Com Constantinus no poder, o povo estava livre para praticar as diversas manifestações de ritos pagãos e, com isso, o deus que almejava ser o único deus dos homens foi parcialmente derrubado para dar lugar aos muitos outros do paganismo.

A partir disso, era possível que os pagãos pudessem, por exemplo, cultivar a terra seguindo uma data mística de modo aceitável, mesmo que isso levasse ao prejuízo.

O regime de escravidão estava chegando ao fim. O controle do Império Romano sobre as vidas das pessoas ia diminuindo conforme Constantinus tirava as imposições e os cristãos iam sendo também aliviados das perseguições conforme o justo governava.

Pagãos e cristãos puderam erguer locais de culto e tiveram suas propriedades que foram confiscadas por imperadores anteriores devolvidas. No caso do cristianismo, foram devolvidas diversas propriedades, inclusive de reuniões que haviam sido confiscadas sob a idéia de que o imperador possuía uma autoridade superior a autoridade de Deus.

Então houve um colapso do sistema baseado em escravidão, pois, com a liberdade, o poder migrou do governo para os indivíduos e, no século IV, o Império Romano começou a ruir financeiramente com a redução do número de escravos que proporcionavam a manutenção das produções agrícolas que supriam as necessidades gerais que incluíam o fornecimento de alimento dos próprios escravos.

Cerca de vinte e três anos depois de ter decretado o Édito de Milão, Constantinus percebeu a morte próxima, se arrependeu de sua vida como pagão, deu fé ao catolicismo e foi batizado. Ele foi tomado para Deus no dia 22 de maio de 337 d.C., arrependido de

seus pecados, católico, batizado validamente e realizador da vontade do Senhor, independentemente de ter desenvolvido uma vida completa na única fé.

V - A IGREJA DE CRISTO NA IDADE MÉDIA

A invasão de povos bárbaros na Europa

Em quase quatrocentos anos após nosso Senhor Jesus Cristo subir aos céus, o Império Romano estava sem recursos financeiros e mantimentos suficientes para guardar suas fronteiras. Essa situação propiciou uma grande invasão de povos estrangeiros de origem germânica.

Os bárbaros perceberam a possibilidade de vencer o Império Romano fragilizado e começaram as investidas no ano de ~402 d.C.

Apesar de os cristãos não estarem decretados como inimigos do Império Romano, foram perseguidos pelos sucessores de Constantinus.

O último imperador romano foi Flavius Romulus Augustus, que foi destituído de sua função em 476 d.C. e, com sua perda de poder, a Europa se tornou um lugar de convívio de muitos povos livres.

As invasões no ocidente trouxeram costumes, influências lingüísticas e o paganismo bárbaro que também assimilou elementos do cristianismo pelo fato de o catolicismo ser a religião reconhecida como a verdadeira, contudo esse reconhecimento por si não gera fruto de conversão, o que gerava o estranho fenômeno onde se busca o prestigio religioso do cristianismo ao mesmo tempo que ele é considerado como mais uma religião qualquer.

Nos povos germânicos influenciados pela religião verdadeira, a idéia de que o adultério condena o indivíduo a um local de danação eterna passou a existir entre eles após o contato com o cristianismo.

Existe a questionável conclusão de alguns historiadores de que os bárbaros não compreendiam o adultério como prática digna de punição, contrariando a própria natureza humana, como se a moralidade fosse uma moda ou uma escolha e não uma conseqüência de se viver na verdade. Nesse caso, sensato é dizer que eles tomavam o adultério como erro, mesmo antes de seu contato com os cristãos, pois é inato desejar ter exclusividade na procriação e que somente inventaram a danação eterna para isso após o contato com o cristianismo, pois Deus colocou no coração de todo homem o conhecimento do bem e do mal.

Os povos pagãos, em sua maioria, não possuíam critérios para assimilar credos religiosos, por isso, criavam suas próprias religiões usando, inclusive, signos lingüísticos da Igreja Católica que crescia em poder, devido ao alívio das perseguições do Império Romano.

O convívio em área de muitos povos logo produziu um maior número de heréticos que selecionavam o que acreditar e o que rejeitar da diversidade pagã e da fé da Igreja Católica.

Para os bárbaros e paganizados, o cristianismo era como uma religião qualquer com seus mitos e seus ritos, contudo, de muito prestígio e, devido a isso, se sentiam livres para elaborar novas seitas e novas crendices baseadas na religião que havia se tornado a maior do mundo.

Os bárbaros modificaram a própria mitologia quando entraram em contado com os cristãos. Deles assimilaram algum valor como o modelo de fidelidade.

Obviamente, eles eram fieis seguindo alguns critérios próprios, mas não tomavam isso como um valor elevado a se cultivar equiparável a lealdade que os cristãos possuíam ao Senhor.

Devido à popularidade do catolicismo, formaram-se grupos religiosos apartados da Igreja que se diziam cristãos e mesclavam práticas dos bárbaros às da Igreja. Praticavam um cristianismo reinventado e adaptado aos seus vícios com crendices criadas do

homem para o homem ou do homem para os vícios. Cristianismo esse herético e fruto de oportunismo.

Neste meio herético e paganizado de convívio de muitos povos, surgiram muitos grupos de falsos cristãos que não eram reconhecidos como cristãos pelo sucessor de São Pedro e diziam professar a fé católica.

Todo herege que não podia negar a universalidade da Igreja Católica se chamava de católico sem reconhecer a autoridade de Cristo que criou uma única igreja. Essa prática se manteve pelos séculos e existe até hoje entre aqueles que se consideram da igreja universal e que escolhem no que crer e acrescem idéias baseadas nas próprias razões à fé particular.

Existe uma associação indissolúvel entre a prática da perversão e a prática do mal. O mesmo ocorre com a prática herética. A história da humanidade não mostra que isso seja diferente. Temos ciência dessas práticas conjugadas que possuem sempre uma formula semelhante.

Nelas, sempre existe um culto a algum falso deus ou se pratica alguma imanentização[27] que aceita perversões e crimes baseados em vícios e idealismos.

No oriente, os mulçumanos bestializados haviam criado um domínio de terror onde as pessoas comuns haviam perdido completamente a dignidade, mas, com os valores cristãos disseminados por todo o mundo, o bem foi reconhecido e defendido.

O homem lúcido e capaz de lutar por justiça se tornou a mão do bem no mundo, no oriente e no ocidente.

Imersos em uma cultura com valores cristãos, os povos passaram a combater tudo o que se mostrava perverso e a Cruz foi usada como símbolo do bem e da justiça.

Muitos bárbaros devastadores do Ocidente começaram a se converter ao catolicismo e, com isso, passavam a observar o Oriente como o lugar do nascimento da única fé.

Muitos do Ocidente migravam para o Oriente protegidos pelos Cavaleiros Hospitalares em busca de visitar os lugares sagrados e participar de comemorações cristãs nos locais narrados pela Igreja Católica Romana.

Eles se aventuravam, mesmo colocando suas vidas em perigo, a mercê de inúmeros salteadores. Se auto submetiam a atravessar campos de carnificina no ocidente e no oriente para contemplar os lugares narrados pela fé.

O início das Cruzadas

Por volta de 632 d.C., após mais de quatrocentos anos de um domínio de terror mulçumano no oriente, bravos cavaleiros levando cruzes começaram a reagir contra essa grande ameaça violenta, blasfemadora e herética. *Com que alegria, no tempo das Cruzadas, eu teria partido para combater os hereges!* (Santa Teresinha de Lisieux em um sonho contra os prussianos no ocidente)

Os mulçumanos haviam profanado tudo o que tocavam, inclusive as relíquias e monumentos que faziam parte da história do cristianismo.

Eles roubavam, escravizavam e massacravam cristãos e peregrinos, por isso, houve a necessidade de iniciar uma cruzada para a manutenção da ordem.

O domínio mulçumano era, sem dúvidas, um domínio maligno que deveria ser extirpado, então, em 1095 d.C., no oriente, o imperador Aleixo de Constantinopla solicitou apoio militar do Papa Urbano II do ocidente para conter a ameaça.

Urbano II, no concílio de Clermont, convenceu os cavaleiros a iniciarem uma cruzada do ocidente para o oriente com o intuito de proteger os cristãos, as relíquias sagradas e tomar Jerusalém.

As Cruzadas não trabalhavam pela manutenção do poder e sim pelo bem comum na defesa das liberdades do povo.

Até 632 d.C., os mulçumanos haviam escravizado mais de um milhão de cristãos e profanado tudo quanto puderam, inclusive o templo de Salomão que foi derrubado para que sobre ele fosse construído a mesquita chamada Al-Aqsa. Certamente, o idear sobre a terra a deixou mais valiosa do que aquilo que estava sobre ela.

Por todos os motivos dignos expostos, as Cruzadas se iniciaram com cristãos do ocidente auxiliando os cristãos do oriente

que sofriam todo tipo de violência nas mãos dos mulçumanos.

Na primeira investida, em 1099, conseguiram conquistar Jerusalém. Os cavaleiros dessa primeira cruzada não quiseram entregar o domínio de Jerusalém para o imperador Aleixo, por não o perceberem digno de seus esforços. Então, os cristãos do ocidente, formaram um domínio cristão no oriente, em vez de voltarem para o ocidente e terem sua missão cumprida. Esses bravos homens entenderam que sua obrigação era algo de ordem superior e que ela não obedecia a intentos humanos.

Depois disso, muitos foram mortos, a ameaça somente crescia e o clamor do meio do horror correu o mundo inteiro.

O socorro, a princípio, veio de leigos cavaleiros que ofereceram seus serviços à Igreja, prometendo viver vida monástica, aceitando todas as privações por amor à justiça, para proteger os padres e os peregrinos.

Essa postura evidencia a santidade dessa atitude que foi inspirada no amor de Deus.

Esses bravos homens requeriam da Igreja apenas apoio e reconhecimento. Eles se tornaram uma ordem militar da Igreja de Cristo chamada Os Pobres Cavaleiros de Cristo que viria a ser chamada de Templários.

O desejo de servir a Deus contendo hereges formou diversos heróis que, nas privações, deram suas vidas por amor ao bem.

Trata-se de um serviço que levou à santidade, devido a sua nobreza. Um serviço ao Rei dos reis.

É mui digno o servir a Deus dando a vida por inocentes, pois essa caridade une os atos dos cavaleiros aos dos santos que dão a vida pelo Reino dos Céus no orientar de seu próximo para a salvação.

Muitos foram os leigos que estavam dispostos a estabelecer a ordem contendo a ameaça. Eles ostentavam a cruz com orgulho por concordar com a razão de Deus.

Eles também lutavam por si, pois, caso não lutassem, certamente seriam exterminados.

A bestialidade mulçumana era enorme. Coincidentemente, os bandidos que trucidavam viajantes e tiravam a liberdade alheia eram hereges. Nem a Igreja e nem as ordens militares formadas por leigos mataram hereges por serem hereges.

Devemos o bem das Cruzadas aos leigos cristãos, na prática do bem, que saíram da passividade com o intuito de acabar com o mal.

Sem um impedimento maior, a Igreja pôde crescer e formar força militar capaz de investir contra a hostilidade que se apresentava diante dos inocentes.

Após o ano 1100 a Igreja passou a organizar investidas contra os crimes praticados nesse período e ela já havia formado cavaleiros para defender as liberdades alheias.

É importante evidenciar a nobreza daqueles que reagiram por muitos anos no serviço do Senhor. Houve, inclusive, uma promessa semelhante a dada para os israelitas que buscavam Canaã. Nessa nova investida, todos buscavam encontrar sua paz em Jerusalém.

Obviamente, muitos leigos se sentiram atraídos por despostos de guerra e foram buscar riqueza em Jerusalém, mas a marca dos fiéis era a pobreza e a luta pelas liberdades alheias.

Estabeleceu-se uma relação mais clara entre as seitas religiosas heréticas e a prática de atrocidades e, no ocidente, os hereges chamados cátaros[28] cresciam em popularidade no sul da França. O catarismo era uma seita que se dizia cristã, mas era maniqueísta e gnóstica. Considerava incompleto (imperfeito) ou maligno o mundo material e completo (perfeito) o mundo espiritual, por isso, essa seita incentivava o suicídio e desencorajava a reprodução, contradizendo o próprio Deus que considerou boa a sua criação. O catarismo assimilava qualquer crendice que fosse de consenso entre eles, o que evidencia que se tratava de mais uma

seita feita pelo homem e para o homem, ou seja, era um grupo religioso baseado em vícios e, por isso, por um tempo, se tornaram o grupo de hereges de maior prestigio na Europa, se comparado aos muitos outros não católicos.

Os Cátaros atribuíam ao bem e ao mal equivalência de poder e acreditavam que, devido a tantas desgraças, que eram confundidas com incompletudes por eles, o mundo material somente poderia ser obra do demônio, sendo assim, a gestação deveria ser uma coisa evitada, pois seria por intermédio dela que o mal perpetuaria no mundo, logo, seria a mulher grávida como um portal para o inferno (mundo material) na concepção deles.

Para a única fé, Deus é a única fonte de poder e seu opositor somente possui permissão de agir e não poder, contudo os cátaros blasfemaram ao atribuírem poder e adoração ao demônio ao compará-lo com o único Deus.

As ações cátaras benéficas para a humanidade seriam uma luta terrena do bem contra o mal com todas as idéias erradas que levam ao desamor.

Tais ideais radicais não eram populares e felizmente os cátaros não possuíam força suficiente para pôr em prática seus intentos em grande escala. Eles sequer podiam vencer a ordem militar que visava defender a Igreja e os peregrinos.

Mesmo com as ordens militares em ascensão no oriente, os cristãos passavam por um período difícil. Roubos e assassinatos a viajantes eram fatos corriqueiros. Tanto os cristãos do ocidente quanto os do oriente sofriam por estarem situados em zonas de convívio de muitos povos com diferentes costumes.

Qualquer um que desejasse viajar teria de estar fortemente armado.

Obviamente, a Igreja necessitava de uma força militar para se proteger e conter as investidas criminosas dos bárbaros no ocidente e os constantes saques e assassinatos dos mulçumanos no oriente.

Muitas instituições de força militar foram criadas sem o consentimento do Papa, porque os leigos não toleravam as atrocidades dos grupos heréticos e, por isso, se organizaram em muitos grupos. Obviamente, na desobediência e no apartamento da observação do que diz a coluna e sustentáculo da verdade, existem más interpretações da fé.

Muitos fizeram investidas contra as pessoas dadas a práticas pagãs sem o consentimento do Papa, mas não é por isso que podemos dizer que estavam errados, pois temos de ter em mente que esses leigos viviam em um período violento e que uma parte dos bárbaros e dos mulçumanos se mostrava como invasores cruéis de práticas abomináveis.

A Igreja que prega o amor ao próximo apoiou coerentemente as ordens militares para se defender e defender os inocentes viajantes.

Nesse período onde a vida de um inocente valia pouco, convinha a homens de bem inverter a razão perversa.

Todas as investidas contra os hereges eram alimentadas pelo senso de justiça e pelos valores cristãos.

Nesse período da Idade Média, obviamente, a comunicação não era tão eficaz em velocidade como é hoje, por isso, a igreja que estava em Roma não poderia ter comandado todas as ações executadas por ordens militares no oriente e no ocidente e nem ter o controle dos atos isolados de alguns de seus membros. A maioria das ações eram investidas individuais movidas por sentimentos comuns a todos os seres humanos como o desejo por justiça e o desejo por garantir a segurança. Roma não poderia ter comandado tudo.

Foram muitos os desgraçados pelo mal que se ofereceram para o serviço de cavaleiro pelo desejo de afligir hereges rachando-lhes os crânios com massas ou abrindo-lhes os tórax com espadas.

Muitos justos se submeteram à vida monástica e se sacrificaram pelo amor do Senhor, pois o desejo de fazer o bem que vem do Senhor se cumpria na oportunidade. Certamente, a caridade

que leva a dar a própria vida, o amor de Deus, dominou o coração de muitos.

Como nos revelou São João, os santos lavados e remidos que receberam vestes brancas clamarão por justiça, pelo sangue dos inocentes até o fim dos tempos.

No século XII foi criado um sistema de consulta chamado Inquisição que tinha a finalidade de combater as heresias entre os católicos. Nele, a Igreja jamais condenou alguém à morte por paganismo ou heresia. As investidas com mortes sempre eram de leigos contra assassinos que coincidentemente eram hereges ou pagãos pela conjugação das práticas, pela regra universal, onde todo praticante de iniqüidade pratica heresia ou rejeita a Igreja. 'Herege' era como um sinônimo de 'criminoso' e muitos foram os iníquos levados por bravos homens à morte.

A maioria das instituições religiosas e sociedades desse período levavam inocentes à condenação de morte e foi a Igreja Católica a primeira que reagiu contra isso, mas, apesar de seus grandes feitos, ela é caluniada como autora de diversas atrocidades, inclusive as que combateu.

O povo queria matar qualquer suspeito de prática herética, mas a Igreja criou a inquisição para que o suspeito tivesse um julgamento justo.

Nos tribunais onde corriam processos inquisitórios, nunca houve uma condenação à morte por prática de heresia ou bruxaria, obviamente sem crimes associados, com o consentimento da Igreja Católica.

A condenação à morte vinha do povo desejoso por extirpar as sementes malignas de seu meio, por ter vivido o terror prático.

Nos tribunais seculares a morte era certa, mas nos tribunais católicos, a Igreja de nosso Senhor inocentou muitos que o povo desejava matar.

A Igreja somente analisava católicos. Ela nunca convocou, para um tribunal inquisitório, uma bruxa por estar praticando

bruxaria, um judeu por estar na tradição de seu povo ou um mulçumano pelas suas práticas religiosas. Somente eram convocados católicos para serem consultados sobre suas práticas heréticas.

O verdugo dos criminosos era o povo que queria extirpar o mal de seu meio como fizeram os israelitas em algumas de suas investidas no passado.

Julgar alguém em um tribunal e condenar à morte não é uma prática coerente com a santidade da Igreja, é uma prática das sociedades, mas é compreensível que alguns indivíduos que se mostram irrecuperáveis devem ser retirados do convívio social pelo bem das pessoas e cabe ao povo fazer isso como ele fez de forma justa.

A sociedade cristianizada, com um padrão moral elevado, não desejava que o terror passado retornasse.

Eram os leigos os verdugos dos hereges. Os bravos cavaleiros mataram no combate, na defesa do bem ou por razões próprias, contudo, muitas falácias da oralidade tendem a caluniar aqueles que deram suas vidas por amor à justiça, aqueles que garantiram as liberdades que gozamos na atualidade.

O julgamento inquisitório foi, assim como as Cruzadas, por ser parte da Igreja, caluniado, de modo que, na oralidade popular, os julgamentos católicos não se aparentam em nada com um agir santo.

Nas falácias, tudo é muito simplificado e a Igreja se apresenta como a promotora de diversas atrocidades contra inocentes que somente queriam viver suas vidas e que eram jogados ao povo com uma sentença de morte.

Foi satanás quem inspirou as primeiras críticas às cruzadas, pois é sua função concluir as coisas para que veio. É ele quem inspira contra os leigos que impediram as forças terrenas que matavam, roubavam e destruíam.

Se os que caluniam os bravos cavaleiros vivessem no período de êxito do domínio mulçumano no oriente, clamariam a Deus pela existência das Cruzadas, pelas investidas dos leigos no extermínio do domínio herético sobre o mundo e, se os que caluniam a inquisição fossem acusados injustamente pelo povo, nesse período de contenção de ameaças, clamariam derramando todas as lágrimas possíveis para serem julgados por um tribunal inquisitório católico, pois como inocentes teriam suas inocências atestadas para o povo.

Diferentemente do que se propagou na oralidade sobre a Santa Inquisição, todos os presos desejavam o julgo propiciado pela Igreja Católica que era a única a oferecer um julgamento justo aos acusados com o intuito de poupar a vida dos inocentes que chegavam até ela com uma sentença de morte.

Não era almejado ser julgado pelos tribunais seculares apartados da Igreja que davam a sentença de morte certa para que os criminosos servissem de exemplo.

Todos desejavam receber o julgo da santa Igreja Católica, o que fez muitos criminosos que sequer acreditavam em Deus, blasfemarem contra Deus e até mesmo fingirem estarem possuídos pelo demônio, para serem entregues aos inquisidores, na esperança de serem absolvidos.

Obviamente, a Igreja somente consultava católicos por suas práticas e se manteve assim pelos séculos. Por exemplo, no século dezenove, são padre Pio de Pietrelcina, foi investigado por diversos fenômenos presentes em sua vida e um deles foi a presença de chagas em suas mãos. Na sua consulta foram levantadas as seguintes hipóteses para se chegar à verdade: autoestigmatização por doença, autoestigmatização por sugestão ou aplicação de meios artificiais, estigmas de origem divina e estigmas de origem diabólica.

Com esse dado fica claro que a santa inquisição trabalhava em prol da verdade e da justiça e não para corroborar com

interesses da santa Igreja Católica de modo que seria capaz de evidenciar falsos milagres atribuídos aos seus santos.

No exemplo, o santo padre Pio foi investigado quando seria cômodo, se fosse uma instituição mentirosa, aceitar os milagres que corroboram com a fé católica.

Esto vir

Grande predisposição para caluniar cegamente a Igreja e a virilidade dos bons homens possuem aqueles que fazem mau uso do que Cristo representa, ao questionarem a ausência de amor e de perdão na Igreja Católica e nos bravos cavaleiros que sujeitaram diversas ameaças durante a Idade Média.

Cristo nos disse para dar a outra face e sobre isso há muito para esclarecer.

Apanhar na face está no nível de uma ofensa grave como a *hybris* grega que era resolvida, muitas vezes, tirando a vida do ofensor.

Nosso Senhor não disse que deveríamos permitir matanças promovidas por homens maus contra inocentes e nem que deixássemos sermos mortos. Cristo não disse: “Se estão matando tua família, teus amigos e a ti, ficas quieto e deixa a espada te transpassar”. Ele também não te mandou lançar-te na boca de uma fera.

Muitos são os que confundem a responsabilidade e os atos da sociedade ao promover a justiça com a responsabilidade da Igreja.

Obviamente, quando se está em desgraça “aparente”, está na vontade de Cristo que perdoemos nossos agressores, mas o estado de desgraça “aparente” em si não é algo que deve ser ambicionado. Deve ser somente aceito como conseqüência possível.

Cristo celebrou a última ceia de forma clandestina, foi ajudado por pessoas para se manter em oculto, para não entrar em conflito com seus acusadores antes da sua hora. Não foi por covardia, pois, se ele quisesse, exterminaria todos os seus inimigos sem erguer um dedo.

Se dar a cara é deixar ser morto, porque Cristo não realizou as últimas ceias publicamente?

Apanhar na cara é receber ofensa grave. Nosso Senhor Jesus Cristo com sua infinita sabedoria nos diz para não nos encolerizarmos com as ofensas graves contra nós e que também devemos dar a chance de sermos ofendidos novamente.

As ofensas não nos ferem mortalmente, por isso, devem ser ignoradas na maioria das vezes, contudo investidas que tentam contra nossa integridade física não. Quem cumprirá nosso compromisso com Deus em nosso lugar? Deve-se sempre levantar essa questão quando se reflete sobre a morte, pois se deve querer fazer mais para Deus antes de morrer. Fazer o que Deus quer é o objetivo do cristão viver. *Deus Vult!*

Vejamos o que o catecismo nos informa quanto a defesa:

> A legítima defesa pode ser não somente um direito, mas até um grave dever para aquele que é responsável pela vida de outrem. Defender o bem comum implica colocar o agressor injusto na impossibilidade de fazer mal. É por esta razão que os detentores legítimos da autoridade têm o direito de recorrer mesmo às armas para repelir os agressores da comunidade civil confiada à sua responsabilidade. (*Catecismo*, 2265.)

Nos faz perceber a própria natureza, a tradição e as Escrituras que devemos ser homens na prática do bem que inclui o defender, e, no defender pelo bem está incluso o matar para salvar vidas.

Quem fará o bem se os homens se tornarem todos efeminados? Quem irá para a guerra pelas mulheres? Que inversão de valores é essa que calunia quem defende mulheres, crianças, peregrinos e outros inocentes?

Jesus Cristo chamou apenas homens e fez isso baseado no propósito de Deus, onde é o homem que encabeça as ações, é ele quem reage e se sacrifica.

Se mulheres fossem aptas para o sacerdócio, Jesus teria chamado sua mãe que foi e é a mulher mais santa.

O homem tem em sua natureza o agir e o reagir muito mais inflamados que a mulher. A vontade e a competência de agir usando força bruta são sempre maiores nele.

São Pedro, impulsivo, tomado por amor pelo Senhor, senso de justiça e reação cortou a orelha de um dos servos do sumo sacerdote. Como Cristo de boa vontade desejou ser entregue e questionou retoricamente São Pedro se deveria não beber o cálice dado a ele pelo pai.

Todo idealismo sobre reagir deve ser anulado pela vontade de Deus e São Pedro aceitou a vontade de Deus. Pedro estava pronto para reagir, mas aceitou a vontade do Senhor, permitiu que o levassem.

Está na natureza dos filhos homens superar a autoridade da mãe por competência e seguir o exemplo do pai.

Davi, em seu leito de morte, ciente de todas as aflições e responsabilidades que seu filho herdaria, lhe diz suas últimas palavras que são as mais importantes que um pai poderia dizer a um filho homem. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Eu me vou, disse ele, pelo caminho que segue toda a terra. Sê corajoso: porta-te como homem.” (1Rs 2, 2)

Esto vir (Seja homem). Porque ser homem significa fazer o que é necessário, ser ativo, ter atitude de macho.

Cristo que entregou sua vida pela humanidade é o exemplo maior de virilidade, caridade e coragem. Ele que existe antes de

todas as coisas é a inspiração para Davi que foi homem guerreiro ciente da postura que um homem de verdade deve ter diante da vida e que não poderia dizer palavras mais sábias para o filho.

Os apóstolos, que deram suas vidas pela pregação do evangelho, são grandes exemplos de doação viril de si e os leigos, que deram suas vidas pelo bem, são exemplos de homens viris que foram as últimas conseqüências para fazer o correto e o necessário.

Passividade é coisa de mulher. Se fossemos todos efeminados e inclinássemos a cabeça na decapitação, quem frearia os assassinos de inocentes? Digo isso sabendo que muitas mulheres são mais esforçadas que uma parte dos homens.

Em tempos difíceis, o homem deve se espelhar no exemplo de Matatias que, na velha aliança, ao perceber o povo de Deus sendo exterminado pelo poder que os dominava, começou por promover o encontro de um traidor covarde e corrompido com o criador e, em seguida, liderou o povo para permanecer firme no compromisso com Deus. Vejamos como se apresenta o início da revolta de Matatias:

> “Eis que um judeu se adiantou para sacrificar no altar de Modin, à vista de todos, conforme as ordens do rei.
> Viu-o Matatias e, no ardor de seu zelo, sentiu estremecerem-se suas entranhas. Num ímpeto de justa cólera arrojou-se e matou o homem no altar.
> Matou ao mesmo tempo o oficial incumbido da ordem de sacrificar e demoliu o altar.
> Com semelhante gesto mostrou ele seu amor pela lei, como agiu Finéias a respeito de Zamri, filho de Salum.
> Em altos brados Matatias elevou a voz então na cidade: Quem for fiel à lei e permanecer firme na Aliança, saia e siga-me.” (1 Mc 2, 23-27)

A cólera de Matatias é chamada de justa, o que evidencia que ele manteve sua santidade e integridade ao matar o traidor e o

representante do governo.

Matatias agiu liderando o povo de Deus. Ele fez o necessário. Ele foi viril.

A princípio, Matatias tentou promover o bem ou o estado que propiciasse a prática do bem para poder cumprir com a aliança.

Em Matatias havia uma noção de povo escolhido por ser da raça dos escolhidos e ele estava percebendo o genocídio de seu povo e a extinção do culto a Deus, o que justifica sua atitude viril de reagir contra a tirania de Antíoco Epífanes, filho do rei Antíoco, descendente de Alexandre, filho de Felipe da Macedônia.

Antíoco era muito poderoso, pois derrotou Dário o rei dos Persas e muitos outros reis. O império de Antíoco avançava pelos confins do mundo cobrando impostos de quase todo o mundo.

Por alguns representantes corrompidos que venderam a liberdade dos judeus a Antíoco, o povo de Deus padecia. Fez bem Matatias quando matou o judeu, pois foi esse tipo de traidor que resolveu fazer aliança com o poder maligno que escravizou e forçou todos os judeus a prestar culto aos deuses pagãos.

Após a ação viril, houve muitas reações dos judeus para se defenderem e também muitos exemplos de covardia, pois eles não possuíam um líder viril antes de serem liderados por Matatias.

Milhares tentaram fugir desarmados para as montanhas como efeminados e foram mortos assim que encontrados.

Os judeus respeitavam o sábado e não atacavam nesse dia. Ficavam parados esperando algum milagre acontecer enquanto degolavam suas mulheres e crianças.

Diante disso, Matatias, que foi a inspiração da reação contra o governo tirano, determinou que os judeus poderiam lutar no sábado. Essa foi uma decisão sábia, pois tem mais respeito por Deus quem defende a vida de inocentes que aqueles que negligenciam o amor ao próximo por uma tradição.

Guardar o sábado é um costume que representava um respeito muito profundo, mas não trazia bem algum para os

necessitados e Deus não intervia pelas vidas que estavam sendo destruídas. Vejamos o que nosso Senhor diz sobre fazer o bem no sábado:

> "Encontrava-se lá um homem que tinha a mão seca. Alguém perguntou a Jesus: É permitido curar no dia de sábado? Isto para poder acusá-lo.
> Jesus respondeu-lhe: Há alguém entre vós que, tendo uma única ovelha e se esta cair num poço no dia de sábado, não a irá procurar e retirar?
> Não vale o homem muito mais que uma ovelha? É permitido, pois, fazer o bem no dia de sábado.
> Disse, então, àquele homem: Estende a mão. Ele a estendeu e ela tornou-se sã como a outra.
> Os fariseus saíram dali e deliberaram sobre os meios de o matar." (Mt, 12, 10-14)

Sempre foi permitido fazer o bem no sábado segundo a razão de Deus. Foi o homem quem proibiu.

A abertura da exceção de lutar para se defender no sábado criada por Matatias que possuía o agir em comunhão com Deus é um dos agravantes que fez com que, posteriormente, um concilio hipócrita judeu rejeitasse os escritos de Macabeus como não inspirados por Deus, apesar de representarem a vontade do Messias aguardado.

A Igreja Católica, por ser representante de Cristo, tem os escritos de Macabeus em seu cânon.

Os judaizantes reconhecem os escritos de Macabeus como não inspirados pela quebra com o compromisso da tradição em determinado caso e por assimilarem protestos contra a Igreja Católica, assim como uma parte dos judeus hipócritas que caluniam a santa Igreja Católica rejeita os livros de Macabeus pelo cânon aprovado no concilio de Jamnia.

Apesar do apoio, os judeus que são idolatrados nas seitas judaizantes desprezam as seitas judaizantes como se fossem fruto de loucura e ambos, judeus e judaizantes, desprezam os protestantes idólatras de judeus como se fossem variações de escabiose.

Os judeus, ao lerem o texto sagrado, percebiam a razão de Deus em Matatias, por isso, se convertiam ao cristianismo. Esse fato desagradou muito os judeus defensores da tradição que, por rejeitarem a Cristo, rejeitaram também a palavra de Deus nos livros I e II Macabeus.

Nos escritos rejeitados, Cristo se apresenta de um modo mais prático no mundo real, como definiram os profetas, como ele viria após se fazer carne por Maria, por isso, eles, os livros rejeitados, seriam um dos principais veículos de conversão dos judeus para o cristianismo.

Posteriormente, a rejeição seria assimilada pelos protestantes insanamente por desejarem se apartar e criticar a Igreja Católica. Esses protestantes manteriam suas posturas errôneas mesmo sendo eles completamente desprezados pelas comunidades judaicas como se fossem um tipo de infecção parasitária.

Quem frearia o agir assassino nas investidas contra a humanidade que estavam por vir? O que seria dos inocentes, caso não existissem homens dispostos a se sacrificarem pela humanidade?

A humanidade deve ser grata aos bravos cavaleiros que foram homens ao dar suas vidas por amor aos inocentes em concórdia com a vontade de Deus.

A Igreja, a educação e a ciência

Se a Igreja Católica não houvesse disseminado seus valores e empregado sua influência durante a Idade Média, o mundo não conheceria a verdade e o amor de Deus como na atualidade. Sem a Igreja Católica, o mundo estaria imerso nas trevas das superstições e do paganismo.

A Idade Média, que compreende os anos 401 e 1401, foi o período das ordens militares, das Cruzadas, das universidades e dos hospitais onde a Igreja propiciou o desenvolvimento das bases da sociedade como a conhecemos na atualidade. Foi um período que, por tantas qualidades, poderia ser chamado e é chamado por muitos eruditos de Idade das Luzes, pois a Igreja refletia a luz de Deus em meio a escuridão para o aflito, o cativo e o ignorante.

Com as ameaças contidas no ocidente, a Igreja de Cristo cultivou os valores essenciais que viriam a ser formadores das bases de todas as sociedades prósperas futuras no amor.

Com sua influência e domínio ela pôde impedir que a Idade Média se tornasse um período de trevas.

Ela suprimiu as atrocidades praticadas por grupos religiosos fanáticos e resgatou uma parte dos homens do esoterismo.

Deus somente poderia oferecer o melhor, por isso, sua representante também resgatou a educação grega e criou as universidades, hospitais e mosteiros no mesmo período das belíssimas catedrais, por volta de ~1100.

O progresso foi possível porque os valores disseminados pelo catolicismo garantiram as liberdades alheias.

A Igreja Católica, além de construtora da sociedade, foi a grande inspiradora de belas artes e de boa cultura. Nesse período, cultivou grandemente o verdadeiro amor, a devoção a Deus e o serviço a Maria que eram práticas dos apóstolos. Esses valores

foram disseminados na sociedade e promoveram uma grande evolução no caráter do homem.

O respeito e o amor se tornaram regras, principalmente em prol das mulheres.

Em ambiente palaciano, entre os aristocratas franceses cristãos, desenvolveu-se o 'Fin'amor' (Verdadeiro Amor) que viria a inspirar os amantes e a literatura de todas as gerações futuras, de modo que, se hoje estudamos alguma obra romântica tradicional, nela está presente algum valor cultivado na Idade Média.

Como a grande construtora da sociedade, a Igreja Católica propiciou a base para a formação intelectual do mundo, trabalhou bases científicas, alta cultura, ordem, moral e justiça. Propiciou o avanço nos estudos de direito, economia, gramática, retórica, lógica, aritmética, desenho, arte, música[29] e muitas outras ramificações artísticas.

Na Europa, rapazes e moças iam para as universidades católicas, após estudarem o Trivium e o Quadrivium. Estudavam retórica, gramática e lógica que compunham o Trivium e, posteriormente, aritmética, geometria, música e astronomia que compunham o Quadrivium para poderem ingressar nas universidades.

Pobres ou ricos podiam entrar nas universidades livremente desde que estivessem dispostos a estudar. A disposição era comprovada com o estudo básico do Trivium e do Quadrivium.

A Igreja de Cristo sempre assimilou os bons exemplos e fórmulas que funcionavam. Ela liderou esse momento necessário para tirar o homem da selvageria e da condição animal, buscando bases firmes para todos os valores importantes nesta vida e para a evolução do *bom trabalho*.

Todo *bom trabalho* em toda história da humanidade é mandamento de Deus, pois foi ele quem nos ordenou que o praticássemos para o nosso sustento e, se trabalhamos por ordem

de Deus, toda boa obra humana é inspirada por Ele, seja ela de um pagão, leigo ou sacerdote.

Não se pode trabalhar fora da determinação divina e ao mesmo tempo produzir boa coisa, pois toda a verdade e o *bom trabalho* estão em conformidade com a vontade de Deus, por isso, a Igreja resgatou a alta cultura grega, fato esse que evidencia o seu caráter conservador de tudo o que é fruto divino de bondade, de conhecimento e de poder.

Todo o nosso modelo de estudo e de educação é baseado, em parte, no que se praticava na Grécia da Idade Antiga. Isso ocorre porque a Igreja assimilou o melhor exemplo existente com a melhor das intenções. Tudo foi inspirado em fórmulas que funcionavam.

Nas universidades, instituições criadas pela Igreja Católica, havia o ensino e os trabalhos nos moldes gregos clássicos do período helênico compreendido entre 323 a.C. e 146 a.C. Usavam o método de ensino que poderia consistir em trazer um questionamento, muitas respostas erradas e, ao final, a resposta correta, de uma forma natural como nas discursões e disputas gregas formais embasadas, dotando os alunos com a capacidade de averiguar verdades, mentiras e erros de raciocínio.

O nome 'universidade' dado aos centros de ensino criados pela Igreja Católica se deve ao uso do modelo de ensino clássico, por ele ser o mais próximo do natural, um formato universal que serve e é para todos, assim como a Igreja de Cristo é para o necessitado, propiciando uma boa assimilação do conteúdo, da melhor forma possível.

A Igreja católica ('καθολικός' (universal)) por ter a fé perfeita (completa) para todos, criou as universidades com uma proposta de ensino universal, ou seja, um ensino que abrange tudo o que há de melhor possível para todos.

A Igreja resgatou o modelo educacional que funcionou e aquilo que possuía valor ao longo da história da humanidade.

Na observância de como se dá o processo educativo, ela percebeu que era importante para o indivíduo ter uma boa base gramatical, além de saber se expressar com lógica e eloqüência para se educar de modo correto.

A base gramatical preserva a língua, suas formas artísticas e facilita o aprendizado em qualquer área do conhecimento, pois possibilita trabalhar assuntos com menos erros de raciocínio.

Tudo na vida parte de uma base fixa, por isso, a Igreja resgatou e conservou tudo o que possuía valor e que possibilitasse fazer o homem avançar intelectualmente.

A primeira gramática surgiu no oriente, na índia, em um período que historiadores estimam que possa ter sido confeccionada, entre 600 ou 300 a.C. (não se sabe com exatidão). Ela supria a mesma necessidade das atuais, servindo como base para a preservação da língua.

Caso a língua não fosse preservada, haveria uma desaceleração do avanço das Artes e da evolução humana pela falta de capacidade de raciocinar com lógica sobre questões básicas.

No ocidente, existe o registro de uso de uma base gramatical na Grécia Antiga, entre 170 a 90 a.C., que buscava preservar a beleza dos textos artísticos e servia como base de estudo do funcionamento da língua.

Por causa do caráter conservador da Igreja é que Dionísio da Trácia, autor da primeira gramática no ocidente e muitos outros pagãos brilhantes fazem parte, até hoje, de um bom currículo de artes da linguagem.

Estudos sobre as unidades de sentido e as estruturas das línguas, assim como muitos outros estudos, foram preservados pela Igreja.

É graças a representante de Cristo que os estudos sobre a arbitrariedade do signo, entre muitos outros de Aristóteles, serão sempre usados nas universidades por teóricos da língua.

A gramática nasce do conservadorismo objetivando preservar a beleza artística produzida e conjugada à retórica e à lógica. A Igreja, por resgatar os aspectos da verdadeira educação, atestou que é conservadora do bem e que estava a oferecer o melhor possível, assim como Deus que, por sua bondade e amor infinito, somente poderia nos oferecer o melhor possível.

Santo Tomas de Aquino ousava prometer, em ambiente universitário, uma grande didática que permitia ensinar a todos com resultados infalíveis, rápidos e sem aborrecimentos, de modo que o ensino se tornasse prazeroso. Um método que permitia fundar escolas universais com o caráter da Igreja de Cristo e também obter uma educação universal que se adequa a natureza do aprendizado humano propiciador de um maior e melhor avanço para a humanidade.

Isso lustrou ainda mais a Idade Média, o período maravilhoso onde se cultivou as bases do conhecimento e da sociedade como a conhecemos.

Esse período dominado pela Igreja Católica somente poderia conservar o melhor e nele foi cultivado o que mantém o *bom trabalho* e a verdadeira educação.

O homem, fazendo uso da sua liberdade, começou a evoluir mais rapidamente suas tecnologias, seus meios de produção e, por conseqüência disso, a sua cultura cristã que se popularizou.

Entre os séculos XII e XIII, a arte retratava de forma muito criativa cenas do cotidiano, de tudo aquilo que possuía algum valor para o homem desse tempo.

A arte romanesca, apesar de ser produzida com pouca técnica, de modo que as cores eram fortes e não havia a técnica que permitia a produção de perspectiva, era muito criativa e possuía beleza certa e única. As iluminuras, desenhos presentes em livros, davam uma previsão do conteúdo e mostravam as inclinações do homem nesse tempo.

Na França, em meados do século XIII, já era perceptível um certo aprimoramento das técnicas artísticas com o uso de

sombras e de tonalidades de cores que começavam a ter semelhança com as da realidade da percepção ocular.

A arquitetura das catedrais góticas são um grande exemplo da tendência desse período. Os ambientes espaçosos com os tetos altos e repletos de itens ilustrativos possuem um tom de mortificação particular inspirado na negação do eu e proporcionam uma experiência arrebatadora.

A calmaria e o sentimento de pequenez do homem trazido pelos tetos altíssimos inspiravam e auxiliavam o homem em sua busca pela morte de si para que Cristo viva.

Assim, diante do belo, o homem possuía mais facilidade em admitir sua miséria interior e se arrepender.

Reproduzir e preservar o que é belo é uma predisposição natural humana e as manifestações artísticas e culturais representavam os valores desse tempo.

O período da renascença tem início na Itália em 1290 e durou até 1525. Nele, a arte plástica evoluiu muito e houve um resgate da cultura religiosa greco-romana, o que era esperado, pois a cultura grega era percebida com certo brilho. Isso refletiu principalmente nas produções artísticas e na arquitetura.

O homem estava mais tolerante e suscetível a assimilar e a reproduzir elementos artísticos da cultura pagã e isso é perceptível em algumas produções artísticas desse período que retrataram a mitologia da Grécia da Idade Antiga.

Tudo isso era fruto da evolução da ludicidade conjugada a evolução da educação na sociedade, algo previsível.

Na pintura, o homem já era capaz de reproduzir perspectivas reais na superfície plana de um quadro fazendo uso de cálculos matemáticos para determinar as proporções corretas.

A Igreja Católica que criou as universidades e os hospitais também propiciou o surgimento da ciência.

O método científico foi estabelecido no ceio da Igreja Católica por intermédio do frade franciscano Roger Bacon que

começou a desenvolver um método que buscava aprofundar o conhecimento fazendo uso de critérios válidos, como uma evolução da disputa grega resgatada pela Igreja na Idade Média.

Após a apreciação do método científico do frade franciscano, se definiu o modo correto de analisar os fenômenos, o que propiciou, posteriormente, o desenvolvimento da ciência.

Devemos tem ciência de que nada substitui a filosofia, pois ela possui uma utilidade diferente da ciência que não é apta a responder certas questões. Devemos ter ciência também de que mais conhecimento aprofundado e mais evidenciação da verdade somente possui eficácia quando se considera parte de todas as possibilidades erradas, pois nesta realidade o entender possui limitações que podem sofrer indução ao engano.

O que a constatação de um número de ocorrências de determinado comportamento humano, que pode ser adquirido com a ciência matemática desassociada inclusive da humanidade, poderia contribuir para a definição da moral sem o uso de outras bases como a filosófica e a religiosa católica? Em nada para a definição da moral.

Santo Agostinho é precursor de muitos sábios. A devoção à sua pessoa por seus feitos gerou diversos benefícios aos avanços científicos.

Muitos foram os homens santos dados aos estudos como Santo Agostinho que abordaram, durante suas vidas, questões que não eram matéria de fé como as científicas com grande maestria, apesar da limitação intelectual humana e dos poucos recursos disponíveis.

Existem diversas falácias na oralidade dos mais carentes de informação deste século que retratam a Igreja Católica como uma inimiga da evolução científica, como se ela somente servisse para manter as pessoas ignorantes.

A verdade é que a Igreja Católica não somente propiciou a ciência como também a produziu.

Se houve algum questionamento a respeito das crenças baseadas nos falsos misticismos, foi a Igreja Católica quem propiciou.

Apesar de a Igreja ter propiciado a ciência, entre os ocultistas, ainda se dá fé a enganos místicos como aleatoriedade no universo e teoria do caos no universo.

Os avanços no estudo da lógica evidenciam que a Igreja Católica era dedicada e prezava pelo pensamento racional.

A Igreja foi a pioneira nos estudos da física. No período medieval havia físicos que afirmavam que o tempo somente existe por haver movimentação dos astros e outros que discordavam como Santo Agostinho de Hipona. Para o santo, se podemos perceber que uma tarefa pode levar mais tempo que outra é porque o tempo existe independentemente dela e o tempo foi criado para o mundo[30]. Nessa noção de tempo, Deus não se submete ao tempo. Vejamos o que diz o santo sobre o tempo, em conformidade com o livro de gênesis:

> “Ouvi um homem instruído dizer que o tempo nada mais é que o movimento do sol, da lua e das estrelas. Mas eu não concordei. Antes, por que não seria o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e a roda do oleiro continuasse a mover-se, deixaria de existir o tempo para medirmos as voltas dela? Acaso não poderíamos dizer que essas voltas se realizavam em espaços iguais, ou que uns são mais longos, outros mais curtos se a roda algumas vezes se move mais devagar, outras vezes mais depressa? E dizendo isso, não falamos também nós no tempo, e não há em nossas palavras algumas sílabas longas e outras breves, pelo fato de umas ressoarem durante mais tempo e outras durante menos tempo? Ó Deus, concede aos homens verem nesse modesto fato os conceitos comuns das pequenas e das grandes realidades. Existem astros e luzes no céu que servem como sinais para indicar as estações, os dias e os anos. Contudo, assim como eu não ousaria afirmar que uma

> volta daquela roda de madeira representa um dia, também aquele homem instruído não se atreva a dizer que não represente um tempo." (Santo Agostinho de Hipona, *Confissões*, Cap. XI, Sub. 23, 29 – O tempo e o movimento dos astros)

Percebemos Santo Agostinho desconsiderar que o tempo do mundo poderia ser criado pelo movimento de uma estrutura maior como a Via Láctea que, na perspectiva dele, poderia ser apenas o sistema solar. Percebamos o que nos pode informar as Escrituras a respeito disso e tenhamos ou reatestemos a noção do porquê de abominar o uso de um texto sagrado para a interpretação livre de questões científicas:

> "Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o terceiro dia. Deus disse: "Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite; sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos, e resplandeçam no firmamento dos céus para iluminar a terra". E assim se fez." (Gn 13, 14, 15)

Santo Agostinho, fazendo uso de sua técnica educativa, trazia luz a questionamentos, derrubando respostas e conceitos errados, explicitando a verdade, contudo, a filosofia não lhe permitia obter dados que somente poderiam ser adquiridos por intermédio da ciência.

A resposta que a filosofia pode dar e não a tese a respeito das "leis da física independentes da matéria" já estava escrita em Gêneses, ou seja, os luzeiros servem para marcar e não para criar o tempo.

Hoje, sabemos que o homem usa até mesmo a freqüência da pulsação do átomo para marcar o tempo com precisão e não para criar o tempo.

Se fizermos uma outra leitura do texto bíblico adicionando à palavra ‘sinais’ à carga semântica de ‘milagre’ presente nas Escrituras sagradas pela Igreja Católica, os astros passariam a ser os geradores do tempo e não apenas marcadores como fenômenos observáveis, portanto não se pode usar as Escrituras para provar ou contradizer certos conceitos científicos, apesar de que ela tenha abordado alguns deles.

Para não cair no engano de usar um texto bíblico para atestar algo que somente pode ser evidenciado pela ciência, mesmo que dito por um santo erudito, como não foi o caso do santo erudito Agostinho que teve cautela e sabedoria ao dizer que não ousa definir tais coisas, digo que aguardo ansioso pela resposta de algum cientista que evidencie com exatidão essa parte da criação de Deus.

A verdade é que Deus mantém a ordem nos fenômenos do mundo de uma forma que não podemos entender por intermédio da filosofia e da ciência. Sabemos que algo existe, estudamos, mas não conseguimos explicar sua origem. Se ignorássemos toda a matéria do universo, não seria possível explicar, por exemplo, uma dimensão vazia sequer na sua origem.

As questões sobre o mundo não são matéria de fé da Igreja, contudo, o estudo se faz necessário, pois o homem possui em si uma categoria inata que o faz buscar trabalhar em respostas que levam a evolução tecnológica que pode propiciar a melhoria da produção e da qualidade de vida.

O estudo está na base da promoção de trabalho e o trabalho é mandamento de Deus.

Não é porque o indivíduo está engajado no serviço a Deus que ele é dotado de toda a sabedoria do mundo. Não ter certeza sobre a causa de um fenômeno é algo comum a nós, criaturas de Deus, principalmente aos mais cautos.

Por intermédio da ciência, podemos verificar a perfeição (completude) da criação de Deus, por isso é compreensível que muitos cientistas, maravilhados com a beleza da criação e com o mínimo que conseguiram manipular dela, passem a idolatrar o

estudo elegendo-o como deus, assim como fizeram os positivistas que, inclusive, pretendiam anular a fé e destruir o cristianismo fazendo uso de diversas falácias onde o cristianismo se apresenta como nulo e inimigo do progresso.

Houve certamente uma confusão entre os blasfemadores, pois a responsabilidade da Igreja é com a salvação.

O pecado por estupidez não é uma característica particular da Igreja ou de cientistas incautos e o erro sobre as questões científicas não está restrito a particularidades ou a preferências. O erro acomete a todos, obviamente, em níveis diferentes.

A Igreja serve à verdade e, por conseqüência, ao bem. Nesse último está inclusa a contribuição no processo de melhoria do caráter humano, o crescimento intelectual e a promoção da educação.

O homem somente pode evoluir na moral e nos bons costumes quando preza pela razão e os valores que a Igreja cultivou colocando o temor ao criador acima de tudo.

Assim como os pais que se preocupam com a educação dos filhos, a Igreja Católica temeu que houvessem adiantamentos educacionais que levassem o homem à perda da virtude, desviando-lhe o pensamento para ocupações e valores vis, por isso promoveu a luz da ciência onde somente existia trevas. Para tanto, ela foi inspirada por Deus.

É o estudo e o trabalho que propiciam o melhor para o homem materialmente falando, por isso, Deus, em sua infinita sabedoria, considerou por bem tirar o homem da ignorância lhe fornecendo, por intermédio de seu novo povo escolhido, a Igreja Católica, as bases para a construção de uma nova sociedade que busca a verdade, a boa educação e, por conseqüência, o bem.

Maria a inspirar amor, pudor, modéstia e respeito

Muitos são os que concebem o amor como a própria cobiça. Fenômeno esse pertencente aos que aceitam perversões como práticas toleráveis em suas vidas, o que os fazem perder muitas noções de práticas elevadas que incluem a noção de que existe o amor lícito entre homem e mulher perante Deus que quer homem e mulher unidos em santidade, na castidade.

A cultura e, por conseqüência dela, a produção literária da Idade Média certificam a assimilação dos valores cristãos desse período iluminado pela graça de Deus.

Por causa da grande influência cristã, encontramos evidencias de valores morais e costumes baseados no serviço a Maria disseminados como parte da cultura ocidental.

A devoção à Virgem inspirou os aristocratas franceses, em ambiente palaciano feudal, no desenvolvimento de todos os princípios do fenômeno *amor cortês* que promoveu toda a delicadeza, a sensatez, o cuidado e o respeito dos homens para as mulheres em um amor transcendente que tira o homem da condição animal e o eleva como filho de Maria.

Por intermédio de muitos feitos heróicos de devoção a Maria, desenvolveu-se uma ritualística baseada nos valores morais cristãos inspirados no serviço dos santos e guerreiros que se chamou *Fin'amor* (O verdadeiro amor), uma arte de amar que recebeu esse nome após o reconhecimento de que tal fenômeno somente poderia ser fruto da vontade de Deus para os casais.

A ritualística do *amor cortês* não deve ser confundida como sendo ato sexual ou rito sexual, pois ela se trata de cortejo santo, se trata de conquistar o amor de modo correto perante Deus.

O cortejo possuía toda a moral e o respeito mútuo de uma vida reta perante Deus pela moral universal cristã que leva o homem

a amar sua mulher seguindo o exemplo do amor de Cristo para a Igreja, dando sua vida por ela.

Por seu exemplo de santidade e dedicação, Maria passou a representar o caráter da mulher leiga e bem-aventurada. Por conseqüência disso, as mulheres bem quistas eram as que não se inclinavam para o mal e se vestiam com pudor e modéstia.

Para amar, o cavalheiro deveria possuir uma vida de retidão dentro dos padrões do *amor cortês* e o cortejo ou jogo amoroso deveria obedecer aos valores e regras desse período dotado de moral elevada.

Possuíam grande valor os praticantes do bem e dos bons costumes, pois viver em retidão com Deus se tornou a base para vida comum.

Para entrar na vida amorosa, era requerido que o cavalheiro fosse bom, tivesse lealdade ao seu senhor e amor ao próximo. Todos esses valores são cristãos, estão presentes no serviço a Maria e agradam a Deus. Eles foram transferidos pela ritualística do amor para o serviço em prol da amada.

Para podermos observar o fenômeno exposto, utilizarei a obra tida como a maior representante do *amor cortês*, o poema francês medieval escrito como um sonho alegórico por Guilherme de Lorris (1200-1230) chamado *O Romance da Rosa*, onde se lê que na juventude, idade em que o corpo pede uma companheira, o Rei Cipião dormiu profundamente e teve um sonho belíssimo que o agradou muito. Sonhou que era maio, mês de amar, de prazeres, da primavera no hemisfério norte, quando se cultua o início da vida, quando o verde fica exuberante e os pássaros voltam a cantar. Momento também em que os jovens começam a se enamorar graças ao tempo promissor e prazeroso chegado.

Em sua casa, o cavalheiro despertou, saiu para contemplar a beleza da natureza e foi ao encontro do rio, seguindo sua margem até chegar onde está a rosa, no jardim do amor cercado por um muro.

Do lado de fora do jardim, havia esculturas e pinturas de sentimentos que não deveriam fazer parte do *amor cortês*.

Para participar do jardim, é necessário ter algumas qualidades morais opostas às figuras pintadas do lado de fora. O cavalheiro então é convidado a entrar no Jardim do Amor por Ociosa e dá início à seqüência ritualística característica da vida nobre.

É notável que o protagonista segue a margem do rio que é uma alegoria do caminho que todos devem seguir, da aceitação dos instintos e das categorias inatas.

Esse é o momento em que o protagonista sai da passividade na busca por satisfazer os seus desejos que devem obedecer a uma razão superior por serem nobres.

Conforme Henry R. Loyn, no *Dicionário da Idade Média*, existe uma série de regras a ser seguida na ritualística do *amor cortês* que é baseada em valores morais inspirados em valores cristãos baseados no serviço a Maria que definem o que faz e o que não faz parte da vida cortês. A moral elevada cria um contraste para enaltecer e diferencia o amor verdadeiro do falso. Vejamos a citação abaixo:

> "O verdadeiro amor, ou Fin'amors, contrastava com os Fals'amors da maioria, caracterizado pela inconstância, a insinceridade e o ciúme mesquinho, o que os excluía da elite amorosa. O Fin'amors foi cada vez mais "cristalizado" em fins do século XII, quando a imagem do amante ansioso foi assimilada a um código de busca religiosa de Deus, em que as virtudes cristãs foram adquiridas através do serviço a Maria." (D.I.M, p. 21)

Este contraste é bem definido por intermédio da alegoria do muro que está do lado de fora do Jardim do Amor, onde estão pintadas figuras que representam sentimentos que são opostos aos

conceitos do *Fin'amors* (verdadeiro amor). Malquerença, figura que representa a perversidade, é pintada ao centro, um exemplo do que deveria estar fora da vida cortesã. Vejamos como isso se apresenta na seguinte passagem:

> "[...]em pouco tempo deparei-me com um grande e alegre jardim completamente rodeado por um muro alto. A parte externa da parede tinha desenhos, esculturas e títulos ricamente pintados. Com grande prazer contemplei essas figuras e imagens, que irei contar e descrever tal como as recordo.
> No centro vi a Malquerença. Ela dava a impressão de estar triste, aflita e de ser perversa; parecia evidente que desejava provocar e molestar, porém se mantendo oculta a todos. Parecia uma mulher pobre, porque não estava bem vestida. Tinha o semblante enrugado e franzido, e seu nariz era chato. Essa horrível e depreciável mulher cobria-se com um véu.
> Ao seu lado esquerdo havia uma figura de aspecto diferente; li o nome que tinha na cabeça: chamava-se Felonia.
> À direita, vi uma imagem que tinha o nome de Vilania: era semelhante às outras duas, tanto no aspecto quanto na forma. Como era insolente, dava a impressão de ser uma má e louca criatura, disposta a causar danos e a falar mal de todos. Eu saberia pintar e retratar muito bem o que fazia tal imagem, pois ela parecia realmente uma coisa vil, como se estivesse cheia de injúrias e fosse uma mulher pouco disposta a prestar honra a quem devia. [...]" (Guillaume de Lorris, *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), 1230)

Criando um contraste com o padrão aceito dentro da vida cortesã, Malquerença contrasta diretamente com o amor ao próximo, Felonia com a lealdade ao Senhor e Vilania com a qualidade de ser bom e caridoso.

É evidente a importância dos valores cristãos pertencentes ao fenômeno em estudo, pois são tomados como essenciais de modo que não podem ser ignorados.

Pelas convenções, o cavalheiro deveria repudiar tais figuras e possuir valores contrários a elas, se deseja dar início ao cortejo, sendo portador de valores aceitáveis para poder dar início a sua função de homem com as constantes investidas e solicitações amorosas, cabendo à amada recusar ou aceitar, contudo, pela ritualística em estudo, a dama é “obrigada” a dar pelo menos esperança ao cavalheiro, satisfazendo-lhe alguma solicitação que ela julgar razoável. Conforme vemos na citação abaixo:

> “Embora a dama pudesse parecer a figura dominante nesse drama privado, ela estava obrigada pelas convenções a condescender com as solicitações razoáveis do cavalheiro, da mesma forma que um senhor estava obrigado a recompensar seus fiéis seguidores; se ela não oferecesse algum favor ou esperança, era tachada de cruel e sem coração.” (D.I.M, p. 21)

A “recompensa” poderia se tratar de dar apenas esperança, caso fosse possível de existir amor ou de ceder ao cortejo para ser cortês, contudo, aqueles que querem difamar o período, dizem, equivocadamente, que a mulher era obrigada a se deitar com o cavalheiro. Obviamente, muitas mulheres deram a desculpa de que foram corteses para não assumir que desejavam ser cobiçadas, retirando de si a responsabilidade por ceder a um cortejo ou adultério, o que originou diversas difamações contra o fenômeno exposto que foi, assim como a Igreja, caluniado de forma desonesta. Se culpam até mesmo Deus, porque não culpariam o fenômeno exposto.

A língua cheia de trapaça trata dos excessos como se fossem regras, por isso, ao analisarem superficialmente o

fenômeno, ideólogos foram enfáticos ao dizerem que o cortejo se dava sempre para uma mulher casada, fazendo uso dos piores exemplos possíveis para caluniar um dos fenômenos que mais estava presente no cotidiano das pessoas em acordo com a razão de Deus.

A alegoria Ociosa, que está à porta do jardim, já inserida na vida cortesã, não pode negar o pedido feito pelo cavalheiro, pois ela deve ser cortês e ceder a sua solicitação razoável, como podemos observar:

> "[...]– Senhora Ociosa, não me leve a mal: já que Lazer, o belo, o nobre, está aqui nesse pomar com suas gentes, gostaria, se pudesse, de estar em sua reunião nessa mesma tarde. Tenho que ir, pois penso que a visão deve ser agradável e creio que os participantes serão corteses e bem-educados.
> Sem dizer mais nada, entrei no pomar pela porta que Ociosa abrira. [...]" (Guillaume de Lorris, *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), 1230)

Ociosa atende ao pedido e permite sua entrada no Jardim do Amor, um sinal de esperança de êxito na vida cortesã. Com isso, o cavalheiro se divide entre satisfazer seus desejos e seguir os valores morais tendo de cumprir uma seqüência de ritos preliminares para ter realização sexual lícita, em plena concordância com as restrições sociais e espirituais, elevando e valorizando seu amor. Isso pode ser constatado a seguir:

> "A luta intima do amante entre o seu desejo de satisfação imediata e sua consciência do valor moral implícito em batalhar pelo inatingível; entre as ambições pessoais e as restrições sociais externas; entre o estado auto-imposto de submissão e a necessidade irresistível de expressar

> dor e ressentimento: são essas antíteses que emprestam à poesia de amor cortesão sua tensão dramática e riqueza emocional." (D.I.M, p. 21)

O cavalheiro então é tentado a olhar para si no espelho de Narciso, ciente de que encontraria ali algo que o impulsionaria imediatamente a amar e, em vez da própria imagem, o espelho reflete sua amada que é uma forma de dizer que, ao observar a si, o cavalheiro somente enxerga sua amada ou o seu desejo por ela.

Após isso, ele não quer mais deixar o lugar e passa a travar uma luta interior entre a satisfação imediata e as restrições da moralidade cristã. Como podemos ler a seguir:

> "[...] este é o espelho perigoso no qual Narciso, cheio de orgulho, contemplou seu próprio rosto e seus olhos verdes claros, caindo morto imediatamente. Quem se olhar nesse espelho não encontrará salvador nem médico que possa impedir que veja em seus olhos algo que o impulsione e imediatamente a amar. [...]
> [...]no espelho, entre outras mil coisas, vi roseiras carregadas de flores que estavam em um lugar afastado e rodeado por uma cerca. Então senti um grande desejo de ir contemplar o grupo maior, e não deixaria de fazê-lo em troca de toda riqueza de Pavia e de Paris. [...]
> [...]dentre todos, escolhi um botão belíssimo; ao seu lado me pareceram inferiores os demais que vi. Tinha a cor vermelha mais perfeita que a Natureza pôde criar e estava rodeado por quatro pares de pétalas, colocadas com habilidade pela Natureza, umas nas outras. O talo era reto como um junco e sobre ele a flor se assentava sem pender nem se inclinar. Seu aroma se espalhava ao redor e o perfume que produzia enchia todo lugar. Ao cheirá-lo, perdi a vontade de abandonar aquele lugar e me aproximei para colhê-lo, mas não me atrevi a estender as mãos: os cardos afiados e os pontudos espinhos me impediram e assim não me deixei avançar, por medo de

> me causar dano – afinal, eram espinhos cortantes e sutis, além de urtigas e sarças de pontas finas como chifres. [...]" (Guillaume de Lorris, *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), 1230)

A rosa ainda é um botão, o que demonstra a falta de amadurecimento da relação ou da dama no cortejo. Mesmo assim o amante apressa-se a tentar colhê-la, deixando evidente seu desejo por satisfação imediata, mas lembra do seu compromisso com Deus e se detém por medo de causarem-lhe danos os espinhos entre outras barreiras que o impedem de se aproximar de seu objeto de desejo. Tais espinhos e barreiras são as restrições que possuem um papel fundamental no *amor cortês*, pois sem restrições não existiria a ritualística e o amante, no primeiro encontro, colheria a rosa, finalizando o cortejo.

Sem a ritualística do amor, os amantes seriam como os animais, por isso, para serem nobres, obedecem a Deus.

O cavalheiro percebe que o único caminho é servir à sua amada como o cavaleiro ao seu senhor, demonstrando seu valor e coragem, provando seu nobre e puro amor com o intuito de ser merecedor de colher a rosa posteriormente, de forma lícita perante Deus, como se lê abaixo:

> "Os protagonistas assumiram distintos papéis: o amante submetido à sua dama como o cavalheiro ao seu senhor, jurando leal e permanente serviço. Chamando a atenção para o seu pretz ("valor") e valor ("coragem") – ainda mais reforçados por seu nobre e puro amor -, ele solicita mercê ("piedade") e alguma recompensa." (D.I.M, p. 21)

Ao ser atingido pelas flechas atiradas pelo Deus do Amor, o cavalheiro demonstra sua coragem baseada na sua necessidade resistindo ao sofrimento, mostrando que não desistiria de suas

investidas para a sua amada pelo alivio dos sofrimentos como se pode observar a seguir:

> “Grande coisa é a necessidade: Ainda que eu tivesse visto caírem flechas e pedras mescladas tão abundantemente como se fossem granizo, eu não teria deixado de me dirigir até ali, pois o Amor – que tudo supera – dava-me valor e ousadia para cumprir suas ordens.
> Pus-me de pé, mesmo débil e desfalecido como se estivesse ferido. Sem me preocupar com o arqueiro, procurei caminhar até rosa que tinha meu coração, mas havia tantos espinhos, cardos e sarças que não consegui avançar o suficiente para chegar até a flor.” (Guillaume de Lorris, *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), 1230)

Parte do sofrimento interno do amante se dá por ter de cumprir com todas as convenções do *amor cortês* antes de ter satisfação.

Essa tarefa é tomada como quase inatingível, contudo, o sofrimento paciente valoriza ainda mais o seu amor. Como lemos abaixo:

> “Entretanto, ela era quase sempre inatingível, em virtude de sua alta posição ou distância física e por medo da censura social; paradoxalmente, era a própria distância dela que dava valor ao paciente sofrimento do amante.” (D.I.M, p. 21)

O amante toma consciência de que o caminho é árduo, que seu sofrimento está longe de ter um fim e que, olhando para si mesmo, não conseguiria forças para prosseguir.

O amante, ferido pelo amor, perde sua esperança e percebe que seu sofrimento aumenta cada vez mais, junto com a cobiça, contudo, o próprio amor lhe presenteia com alguma dádiva que lhe aviva a esperança de prosseguir como é possível verificar no seguinte fragmento:

> “[...]ao voltar a mim, chorei e suspirei, pois, meu sofrimento aumentava e piorava, de forma que eu perdia toda esperança de cura e alivio. Preferia estar morto ao invés de continuar vivo, pois definitivamente – segundo me parece – o Amor faria de mim um mártir e eu não poderia escapar.
> Entretanto, pegou outra flecha que apreciava muito, mas que eu considero muito pesada: a Boa Cara, que não consente que nenhum enamorado se arrependa de servir ao Amor, à margem de seus próprios sentimentos. [...]
> [...]– Vassalo, considera-te preso, pois não podes fugir nem te defender; não ofereças resistência, entrega-te a mim. Quanto mais de bom grado o fizeres, logo encontrarás piedade. Está louco quem pretende resistir ao que deve louvar e ao que tem que suplicar clemência. Não podes te esforçar contra mim. Quero te mostrar como não ganharás nada com o orgulho e a soberba. Renda-te sem lutar e de bom grado, pois assim o desejo.
> – Por Deus, com gosto o farei, não vou me defender. Não me permita Deus pensar que posso resistir frente a vós, pois não seria justo nem razoável. Podeis fazer comigo o que quiserdes, enforcai-me ou dai-me a morte: sei eu que não posso impedir-vos, pois minha vida está em vossas mãos. [...]” (Guillaume de Lorris, *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), 1230)

Em um romance como o apresentado, cujos personagens são alegorias, devemos considerar que o personagem Amor representa a relação seqüenciada em sentimentos do amante e da

amada, sendo assim, quando o Amor faz o cavalheiro sofrer, são as tribulações da relação que lhe causam sofrimento.

A má interpretação desses sentimentos pelos menos educados deve ter originado a confusão criada entre as cargas semânticas de ‘amor’ e ‘cobiça’.

No poema, existe o momento em que a amada demonstra que está disposta a aceitar o amante que tem suas boas expectações reanimadas por isso.

A amada possui a responsabilidade de mostrar o caminho certo para o amante ter êxito, o repreendendo e lhe pedindo que abandone o orgulho e a soberba que gera a cobiça, caso ele deseje continuar.

No romance, o amante compreende que não deve dar atenção ao seu sofrimento passado e que deve voltar à ritualística pelo serviço para Amor esperançado pela Rosa, tomando a atitude mais sensata em acordo com a vontade de Deus.

Por meio dessas análises, foi possível verificar que *O Romance da Rosa* reflete, de forma detalhada, os aspectos e implicações característicos do *amor cortês* desenvolvidos no ambiente feudal palaciano e influenciado por valores cristãos baseados no serviço a Maria.

A obra analisada pode ser comparada a um manual da arte de amar, pois permite apreciar um grande exemplo do conceito de amor medieval que evidencia como é valorizada e tratada com respeito e admiração a mulher que se espelha em Maria.

A mulher somente é amada do modo exposto quando está dentro de uma ritualística amorosa baseada no amor de Deus.

Para não expor sua amada, as referências à sua pessoa não lhe identificavam. Esse era um sinal de respeito muito profundo. O cavalheiro se referia a amada utilizando a alegoria de uma rosa, dando ênfase a características suas como beleza, formosura e perfume. Isso nos mostra o quanto a mulher foi quase divinizada.

O amor respeitoso entre os amantes inspirado no serviço a Maria é o mesmo amor que inspirou Guilherme de Loris em *O Romance da Rosa* no ano de 1022, o medievalismo de Almeida Garrett em *Rosa Pálida* no ano de 1852 e está presente em nossos dias, em cada rosa dada para uma mulher e em cada cortejo dentro dos padrões morais cristãos.

As mulheres se sentiram verdadeiras rainhas, pois assimilaram o valor dado à rainha do céu. Um exemplo disso pode ser encontrado no soneto *My Heart Shall Be Thy Garden* escrito pela poetiza Alice Meynell a mais de setecentos anos após o fenômeno do *amor cortês* se desenvolver. Nele, o eu lírico se compara a uma flor rainha que possui uma coroa formada por pétalas, uma flor que é do amado e que se entrega a ele. Vejamos como isso se apresenta no soneto:

> “From root to crowning petal, thine alone.”
> (‘Da raiz a coroa de pétalas, é somente teu.’) (Alice Meynell, *Poems*, ~1875)

O que foi uma transferência da predisposição para amar e servir a Deus na devoção a Maria formou o padrão de valores que inspirou todas as gerações futuras, independentemente das convicções pessoais dos autores.

Certamente a devoção a Maria se mostra como propiciadora de santidade e esse formato de cortejo se tornou base para todas as ritualísticas amorosas por ser percebido como algo verdadeiro e elevado pelos capazes de reconhecer o bem, ou seja, por todos.

O amor é a base que mantém as relações da sociedade e não somente ele foi difundido pela Igreja, muitos valores com suas extensões foram iluminados pela razão do nosso Deus e difundidos por sua representante a Igreja Católica.

VI - A IGREJA DE CRISTO NA IDADE MODERNA

O mundo estava mudando, ele começou a colher os bons frutos do crescimento intelectual e da liberdade propiciados por um cristianismo dominante na Europa, no final da Idade Média.

Historiadores chamam esse período de Renascimento por uma retomada de elementos das culturas pagãs na Itália. No resto da Europa, chamava-se maneirismo, contudo, em essência, se trata da mesma tendência.

Houve um renascimento de elementos da cultura grega antiga, fenômeno esse que foi influenciador da produção artística que passou a reproduzir e a homenagear elementos da cultura grega clássica.

A cultura menos provida de educação começou a criar uma rejeição contra a Igreja baseada na ignorância à própria história e, com ela, o conceito de Idade das Trevas por uma suposta falta de informações ao período anterior.

Entre os ideólogos que possuíam uma qualidade de vida superior no presente, era observado o passado por intermédio de depreciações falaciosas.

Qualquer elemento cultural, desde que possuísse as características de ser grego e antigo e que pudesse substituir, de alguma forma, elementos da cultura cristã era tomado como algo de grande valor pelos homens viciosos desse tempo. Assim, o paganismo passou a ser homenageado na arte inspirada no período clássico compreendido entre VI e IV a.C.

Honrado seria se somente se inspirassem nos bons frutos. Apesar de ser um movimento datado do fim da Idade Média, os elementos que o compõem estavam presentes na sociedade européia desde o ano de 1290. Ele teve seu auge por volta de 1525.

Existia uma tendência em prol de perceber beleza e assimilar valores do que era considerado belo e clássico, com isso, elementos com essas características foram retomados na arte e na arquitetura. Na religião, a ignorância trouxe o renascimento de antigas seitas pagãs que traziam a inspiração do que se entendia por satânico como base religiosa.

Ouve um ápice do fenômeno da bruxaria que se desenvolvia há muitos anos. Ele estava envolto em uma estranha nuvem de mistérios que levava a ter cautela, por existir temor contra aquilo que é desconhecido.

Tudo era muito novo e o mundo ainda não havia formado idéias e nem concluído a resposta a respeito da influência real da bruxaria, por isso, ela foi tomada como algo temível por alguns anos, entre os suscetíveis a crer em crendices ocultistas.

As bruxas eram mulheres ignorantes que se auto enganavam dando fé e nova roupagem a diversas práticas pagãs e idéias errôneas sobre o mundo, reaproveitando enganos e criando novos.

Por intermédio das incertezas que o desconhecido traz, a bruxaria logo se popularizou e os leigos percebiam as lendas que a envolvia com possíveis.

Temia-se a bruxaria por não existir o entendimento generalizado de que o ser humano pode viver em um delírio paralelo à vida corrente e real, na prática de nulidades por toda a sua vida, sem perceber que está em engano e também por não existir entendimento considerável entre a maioria leiga de que Deus é a única fonte de poder, o que invalidaria qualquer crença em um poder místico apartado do cristianismo como o da bruxaria.

Nesse período de difícil comunicação, era impossível que o núcleo da Igreja em Roma controlasse todas as investidas individuais dos inquisidores católicos, por isso, alguns poucos ignorantes, movidos por algum falso senso de justiça apartado da razão da Igreja, passaram a dar crédito para as tradições antigas, crendo que as bruxas exerciam algum poder maligno. Esse foi um

grande erro, pois o poder ameaçador da bruxaria que transitava na oralidade não existia na prática.

Para uma parte da humanidade, qualquer desgraça era tomada por influência maligna e todo o mal era obra do diabo ou das bruxas, mas, para um católico firme na tradição, Deus é a única fonte de poder.

A obra *Mallevs Maleficarvm,* escrita em 1487 por dois inquisidores encarregados de combater a bruxaria, ditava como se deveria julgar e condenar as bruxas.

Apesar de terem sido autorizados a combater a bruxaria pelo Papa Inocêncio VIII, nenhuma ação deveria ser contrária a vontade de Deus para todas as criaturas, por isso, a obra *Mallevs Maleficarvm,* que previa um tratamento desumano com as ignorantes bruxas, foi declarada como ilegal, antiética e seus autores foram considerados heréticos, assim que foi avaliada por Roma.

A Igreja Católica Apostólica Romana jamais chegou a usar o livro *Mallevs Maleficarvm* para julgar mulheres acusadas de bruxaria e nenhum membro do corpo de Cristo chegou a construir um instrumento de tortura contra humano ou animal.

Usar o livro como guia seria extremamente contra o catolicismo, pois Cristo veio pelos perdidos e o livro não era coerente com o caráter da Igreja de Cristo, por isso, ele jamais foi posto em prática.

A Igreja foi contra todo tratamento desumano idealizado ou aplicado por hereges contra as bruxas ou qualquer ser humano, porque ela, como a representante de Cristo, veio para catequisar os perdidos.

Uma grande alienação à História, que trabalhava contra a Igreja, passou a existir e, com ela, houve uma quebra maior com a idéia da importância do compromisso com Deus e grupos específicos começaram a chamar a Idade Média de Idade das Trevas, deturpando o conceito que se referia a falta de registros

históricos, que passou a se referir a trevas de males, após o ano de 1600.

Um dos principais precursores de Lutero, Alexandre VI

Deus, com sua infinita sabedoria, tem dado os papas que o seu povo merece. Uns bons que servem como bons exemplos e outros maus que servem como maus exemplos de onde pode-se tirar um bem na observância de seu erro permitido nesta realidade.

Apesar de entender que essa divisão entre bons e maus seja errada, por entender que o mal se manifesta em áreas, momentos e em níveis diferentes, a uso para separar os que honraram o nome de Jesus e os que traíram de forma suficiente para serem evidenciados como devem, sabendo também que muitos podem manter grandes virtudes e grandes pecados nas sombras.

Obviamente os únicos que pertencem a Igreja são os fiéis. A história da Igreja deve ser contada por intermédio da vida dos fiéis, não obstante o mal exemplo dos traidores deve ser evidenciado como algo que não pode destruir a instituição que Cristo edificou, pois ele mantém sua Igreja e determinou que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela, contudo o homem que não toma Cristo como Senhor usa diversos pretextos para não aceitar seu senhorio e encontra nos pecados dos sacerdotes o motivo para não obedecer a Deus. Tendência essa constatável nos aplausos às heresias evidenciáveis durante os séculos.

A santidade da Igreja não pode ser tocada pelo mal, por isso trago a figura singular de Rodrigo de Bórgia para que seja possível entender o erro ao questionar a autoridade de Cristo por causa do pecado do homem.

Cristo quis que houvesse uma participação do homem na salvação da humanidade, por isso, criou sua Igreja para lhe representar como um reino de sacerdotes e deu somente para ela o Espírito Santo.

Esse sacerdócio real cujo sumo sacerdote é Cristo requer muita responsabilidade com a santidade que é sempre visada pelo demônio.

Não é coincidência o fato de muitos dos nomeados sacerdotes que não conseguem viver o celibato ou o voto de pobreza, alcançarem um estado posterior pior que o anterior, pois neles passam a habitar muitos demônios. Alguns deixam a vida sacerdotal antes da nomeação e passam a viver pelo prazer, de modo que tudo se justifica pelas supostas benesses dos vícios.

Um dos sinais claros de amor aos vícios é o não cumprimento do voto de pobreza que foi praticado pelo sumo sacerdote Jesus Cristo, um outro e não menos importante é o menosprezo para com a Senhora.

Penso que, os que deixaram o Reino para viver suas razões individuais possuem mais dignidade que os que ficam para impô-las envergonhando a santa igreja.

Penso que quem não quer deixar sua vida e morrer por dentro por amor a Cristo, para que Cristo viva por si, que saia.

Antes de ser nomeado papa, Rodrigo de Bórgia possuía muitas amantes. Suas preferidas foram Vannozza dei Cattanei que deu origem a sua linhagem reconhecida e Giulia Farnese.

Vannozza já havia se relacionado com outro sacerdote, logo, não se tratava de uma desavisada inocente. Ela possuía pouco critério moral, assim como seu amante.

Segundo o cardeal Della Rovere, Rodrigo Bórgia subornou a todos do colégio de cardeais para ser eleito papa. Isso evidenciaria, se fosse verdade, que não somente o Papa era corrupto, contudo, penso que essa afirmação não passa de uma falácia sem base.

Para se tornar papa, Rodrigo Bórgia manteve seu caráter em oculto assim como faz todo usurpador sem escrúpulos.

Ele recebeu um novo nome para cumprir a tradição iniciada por Cristo que nomeou Simão Barjonas, e foi ele Alexandre VI.

Ele era um homem entregue aos vícios que não deixou a vida anterior após se tornar papa. Foi um verdadeiro usurpador ocupando o trono de São Pedro. Seu papado foi marcado por assassinato, adultério e intolerância.

Como papa, nomeou, a princípio, onze cardeais, entre eles, Cesare Borgia que era seu filho e Alexandre Farnese que era irmão de uma de suas amantes.

Alexandre VI (Rodrigo de Bórgia) foi um Papa que não honrou sua posição sacerdotal no convívio social, devido a não ser praticante pleno do celibato, contudo, por ser papa, sacerdote nomeado pela Igreja de Cristo, quando dava o sacramento era o próprio Cristo e não o homem pecador, pois Deus é justo e não desampararia os cristãos pelos pecados de um sacerdote. O homem Rodrigo teria de prestar conta de seus erros com Deus e não os membros da Igreja de Cristo.

A autoridade eclesial é em prol da Igreja e não do homem nomeado que recebe a responsabilidade de cuidar das ovelhas.

Ao narrar somente trechos que mostram o que há de pior em seu caráter, hão de pensar que se trata de um monstro e, ao narrar somente a história dos que caíram, hão de pesar que os decentes não existem. A língua permite muitas inadequações que permitem macular o caráter das pessoas mais santas, contudo Alexandre VI estava longe de ser santo quando deveria ser.

Ocorreu um fato em sua vida que o abalou. Após uma briga entre seus filhos que gerou a morte de um deles, Alexandre VI foi tomado por remorso e deixou entender que sentia o desejo de mudar a própria postura e a dos que estavam a sua volta. Ele não sentiu esse remorso quando mandou para a forca Savaranola no ano de 1498, nem quando fornicava pecando contra o celibato.

O contato com a morte e a percepção da necessidade da misericórdia de Deus lhe fez ter a idéia, talvez passageira, de rever seus erros.

Essa situação é particular de um homem que usou a Igreja para seus propósitos pessoais entre 1492 e 1503, um novo Judas[31] na modernidade que inclusive mandou matar quem tentou lhe orientar.

A postura do mais alto sacerdote da Igreja esfriou a fé de muitos que pensaram no motivo do esforço individual no caminho do Senhor e se sentiram sozinhos, desamparados e necessitados por ter um sacerdote que lhes desse exemplo.

Nada justifica criticar toda uma instituição por alguns indivíduos sem honra, principalmente sendo ela a Igreja de Cristo.

Se Judas não fere a santidade de Cristo, um traidor da Igreja não poderia manchar a nada mais que a própria alma.

Pecar contra o celibato não se tornou regra entre os sacerdotes para fazer jus às práticas do papa corrupto, a Igreja continuou santa e fiel à determinação do Senhor.

A Igreja não é formada apenas pelo Papa e o homem que ocupava o trono de São Pedro passaria.

Certamente, ele não era um homem entregue a oração e a penitência, mas felizmente não foi um herege que tentou adaptar a Igreja aos seus vícios, do contrário, seria destituído do trono de São Pedro.

Alexandre VI sabia que estava errado e reconhecia a verdade e a autoridade da Igreja, mesmos sem a respeitar.

Piores viriam que, na prática de heresias, questionariam a autoridade da Igreja pelos próprios vícios e diriam em seus corações que algo tão bom como pecar não poderia ser errado ou tão errado como a Igreja diz que é, como se o pecado fosse um conceito temporal que sofre mutação segundo a arbitrariedade humana.

Existe um dogma na Igreja de Cristo que atribui ao Papa a infalibilidade quando está a serviço da Igreja, como se ele fosse o próprio Cristo. Isso é tranqüilizador para o católico que comunga com suspeita da vida pessoal do sacerdote.

Separemos o homem que deveria buscar imitar Cristo na sua vida pessoal de Cristo, pois Cristo é santo e sua representante também. Cremos *no Espírito Santo, na santa Igreja Católica.*

Lembremos que Cristo aguardou Judas ir até o fim.

O Papa é infalível quando está se pronunciando como sucessor de Pedro, fazendo uso das chaves do céu concedidas por nosso Senhor Jesus Cristo; é infalível quando fala de moral, fé ou costumes, ensinando a Igreja ou quando demonstra sua intenção de decidir sobre algum dogma revelando alguma verdade, mas, ele não é infalível em sua vida pessoal, pois, se assim fosse, não teria pecados quando o único que não tem pecados é o nosso Senhor Jesus Cristo.

Já ouvi muitos discursos enganosos de autoridades eclesiais, contudo, quando estão tratando da tradição, todos devem restringir-se. Os que não fazem, o fazem por amor à própria razão.

Lembremos que São Pedro negou a Cristo, lembremos também que, posteriormente, foi morto por amor a pregação, e, em sinal de humildade, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo para não se assemelhar ao seu Senhor. Lembremos de nossos pecados, das mentiras que contamos, das coisas erradas que fazemos em oculto, quando pecamos com o olhar ou com o pensamento. Lembremos também de como muitas vezes fomos hipócritas e levianos quando presenciamos a revelação dos pecados alheios e tratamos do ocorrido com se não tivéssemos pecados. Lembremos de quando não amamos. Lembremos de tudo para que amemos mais.

Os sucessores de São Pedro são homens com muito estudo, cientes de toda a moral em concordância com uma vida reta e eles podem emitir algum sermão e não demonstrarem os mesmos valores proferidos em suas vidas práticas, o que obviamente é exceção, sem que isso fira a santidade da Igreja que nosso Senhor Jesus Cristo nos deixou.

Não podemos desprezar o propósito de Deus por alguns traidores que deveriam servir de bom exemplo. A Igreja, o corpo

místico de Jesus, não possui pecados.

Não podemos olhar para os pecados de alguns e questionar a autoridade da Igreja deixada por nosso Senhor Jesus Cristo, assim como não podemos olhar para o grande pecado de Judas e questionar a autoridade de Cristo.

A Igreja Católica, por possuir todo o Depósito da Fé, difunde seus valores em prol da manutenção da sociedade, de modo que, para reconhecer a sua importância e santidade não há a necessidade de ter fé e nem observar a santidade do homem, contudo perceber a Igreja como um fenômeno útil não é suficiente, pois outras coisas são úteis e, sem obediência a Roma, o engano prevalece.

Pode-se constatar sua santidade observando seus frutos ou sua intercessão em prol do Reino de Deus.

Somente os iníquos, que militam em causas para tornar o mundo uma grande Babilônia ou Sodoma, depreciam a Igreja por seus maus exemplos.

A associação delirante da Igreja com seus traidores, onde são os traidores seus representantes é um tipo de técnica difamatória usada por infames que difundiram suas idéias pelo mundo. Esse tipo de mentira é particular dos viciosos e acompanha a Igreja desde a sua criação.

Em meio aos homens santos de Deus hão de existir traidores. Isso é esperado. Cristo, que é a verdade, quando ordenou os discípulos, conseguiu uma proporção de onze para um, o que nos leva a crer que, caso não existisse a intercessão do Espírito Santo, a Igreja não se manteria.

Não é correto julgar Deus e seu Reino como maus pela queda de satanás, assim como não é correto condenar a instituição criada por nosso Senhor Jesus Cristo pelos erros de seus traidores. Devemos ser fiéis a Deus.

Quando o Papa Alexandre VI errava, o fazia fora do que a Igreja determinou, mas muitos perceberam, em seus atos, uma

oportunidade de questionar a autoridade de Cristo, mesmo sabendo que a Igreja não limita a sua atuação ao agir particular de um homem.

O reino de sacerdotes possuirá sempre muitos servos fiéis mantidos pelo Espirito Santo para cumprir a vontade de Deus, contudo aqueles que se posicionam aguardando o abismo se abrir para se lançar nele conseguem sua chance na observância dos pecados dos infiéis tomados como o que personificam os fiéis.

O início da pregação no Brasil

João II de Portugal foi o rei que, ao assumir o comando das expansões marítimas iniciadas pelo seu tio-avô Dom Henrique, defendeu as políticas de exploração dando prioridade a busca de um caminho marítimo para as índias, mas foi durante o reinado de seu sucessor e primo Manuel I de Portugal que iniciaram expedições oficiais para a América Latina registradas na história. Oficialmente, Pedro Álvares Cabral, comandante militar a mando de Manuel I chegou na costa nordeste do Brasil em 22 de abril de 1500 com treze caravelas portuguesas e um corpo de ~1400 homens formado por colonos, técnicos de navegação, marinheiros, escrivães, cozinheiros e padres.

Algumas atitudes dos colonizadores demonstravam que eram católicos fervorosos e que colocavam a cruz sobre tudo. Cabral, por exemplo, era filho de nobres e dotado de uma boa educação cristã que influenciou na forma como nomeou a nova terra que passou a ser chamada de Ilha de Vera Cruz (Ilha de Verdadeira Cruz).

Em dois dias, após o desembarque, foi rezada a primeira missa, fato que demonstra o zelo e o respeito pelo sagrado.

A primeira atitude de Cristóvão Colombo, ao chegar às Bahamas, no período pré-colonial de 1500 a 1530, foi erguer uma cruz o que evidencia uma forte influência da tradição cristã sobre parte dos colonizadores.

A grande Castela somente dava bons frutos por ser católica. Colombo havia sido enviado pelos reis de Castela para ensinar a verdadeira religião aos nativos da mesma forma que São Paulo trouxe a palavra da salvação para os índios quando desembarcou na costa da Itália[32].

Os membros da Igreja que aqui desembarcaram estavam preocupados exclusivamente com a conversão dos índios, fato esse

que deve ser considerado, pois a representação da Igreja termina exatamente nos propósitos da santa Igreja Católica.

Ir até a nova terra para viver uma privação maior que a anterior representa uma grande entrega de si para o Reino de Deus. Esse é o verdadeiro amor de Deus que leva o indivíduo a se entregar por benevolência pelo seu próximo.

Os índios viviam em grande selvageria e adoravam as coisas criadas por Deus de modo semelhante aos pagãos na Grécia de antes do período Heládico. Eles estavam imersos na promiscuidade e sofriam pela falta de recursos mais especializados e pela falta de disciplina nos moldes do amor cristão.

A iniqüidade somente agravava os sofrimentos. Muitas mulheres andavam nuas com os homens e usavam apenas acessórios. Quando rejeitavam o filho no ventre, o matavam erguendo pesos enormes ou ingerindo preparos tóxicos.

Na selvageria desgraçada e degradante, as enfermidades se agravavam de modo terrível. Alguns possuíam tumores enormes e era notável que a população era vítima de vários tipos de câncer e outras doenças.

A estimativa de vida de um índio era algo em torno de 42 anos comendo, bebendo e respirando as coisas mais puras e naturais.

Algumas tribos praticavam canibalismo por perversão e por acreditarem que a carne de um guerreiro inimigo lhes traria algum benefício, outras praticavam sacrifícios humanos e acreditavam em diversas superstições tolas.

Sem uma base moral e ética na verdade, superstições tolas e práticas perversas como o desamor e o infanticídio se tornaram parte de algumas tradições, por isso, os índios necessitavam de educação nas verdades da fé católica, para serem tirados dos enganos.

A igreja das universidades, das catedrais e das cruzadas fez um grande trabalho de catequização na nova terra, pois Cristo

disse para amarmos nosso próximo e está incluso o orientar para o caminho certo no amar.

A bestialidade se faz presente em qualquer sociedade, mas quando somente se conhece a selvageria é mais dificultoso o mantimento do bem.

Na maioria dos índios eram perceptíveis a selvageria e a carência por serem educados na verdade da fé católica, por isso, membros da Igreja começaram o trabalho de catequese neles e foi do Reino de Castela tomado pelo catolicismo que veio a manifestação do amor de Deus na forma de caridade para tirar esses seres humanos da grande miséria moral que viviam.

A rainha católica Isabel de Castela que gozava do privilégio de residir em um lugar tomado pelo catolicismo e, por conseqüência, o mais próspero e avançado de seu tempo, expressa seu desejo de fazer todos os esforços possíveis para converter os índios à sua religião, lhes educando na verdade da fé para que eles se convertessem em praticantes dos costumes da vida cristã.

Isabel pediu para os seus enviados que garantissem que os índios não sofressem dano algum nas suas pessoas e em seus bens.

Para fazer cumprir os desejos de Isabel, foram enviadas pessoas instruídas e capazes de cumprir a missão inspirada por Deus, mas, obviamente, a influência da Igreja termina com o não cumprimento de sua vontade por alguns colonos.

Com a exposição do catecismo aos selvagens, uma parte deles percebeu razão no evangelho de amor, reconheceu verdade no catolicismo e o aceitou. Não houve imposição alguma e nem poderia ter existido.

Cristo foi anunciado para os selvagens e com o reconhecimento da verdade da religião católica, uma parte dos índios deixou suas velhas tradições.

Quando há conversão há também um sinal de Deus. Os índios não foram obrigados a crer e mesmo assim muitos creram,

pois, todo homem sensato reconhece a verdade quando está diante dela.

A Igreja não podia dominar tudo, do contrário, todos os índios seriam tratados como almejava a grande rainha católica Isabel de Castela.

Esse foi um período conturbado onde alguns colonos desenvolveram atitudes extremas nas suas investidas exploratórias. Os exploradores trouxeram escravos do continente africano para o trabalho, pois os africanos possuíam o costume de vender membros de alguma tribo escravizada. Então, portugueses, espanhóis e italianos, que não eram verdadeiros cristãos, compraram, na África, africanos que eram vendidos por africanos escravizadores, ou seja, antes dos colonizadores irem lhes comprar, eles já eram escravos dos próprios negros escravizadores, equivalentes em maldade e selvageria aos colonos compradores de escravos, pois escravizavam e vendiam seu próximo.

Muitos degredados foram enviados para sofrer o exílio na nova terra.

As falácias da oralidade do século XXI nos falam sempre sobre um homem branco explorador e escravizador que tira o homem negro coitado e inferior de sua família na África, quando, na verdade, os habitantes do continente africano se auto escravizavam. Em outras falácias da oralidade, a Igreja já foi em prol do sistema de escravidão quando ela nunca foi e nem poderia ter sido.

Alguns índios, por estarem imersos em grandes perversidades, investiram contra os representantes da Igreja chegando a matá-los.

Ouve casos de representantes da Igreja que foram mortos na expectação de ressuscitarem sob risos selvagens de desdém e escárnios contra a ressureição.

Uma parte dos índios, que dominavam áreas que alguns degredados e exploradores desejavam explorar e que insistia em não se deslocar, foi exterminada por extratores que pagavam por prova de morte.

Muitos relatos de prova de morte envolvendo cabeças, orelhas e testículos se ouvia.

Em nenhuma dessas investidas perversas a Igreja tomou parte, pois são atos de homens sem Deus.

Muitos membros da Igreja, inclusive padres, lutaram lado a lado com algumas tribos de índios contra as atrocidades de alguns colonizadores ou tribo selvagem.

Em algum momento, os bons homens, índios, africanos e padres europeus se juntaram contra as investidas dos maus homens. Essa é a divisão correta, bons contra maus, pois raça ou origem, na verdade elucidada, não define caráter bom ou mal, o que contraria os ideólogos etnólogos.

Deve-se criar também distinção entre as investidas dos maus colonizadores, as dos bons colonizadores e as da Igreja que possuía o intento de levar a moral e os costumes da vida cristã para os necessitados.

O grande heresiarca Martinho Lutero e o protestantismo

Não foi Alexandre VI o único que, a princípio, trouxe dúvida quanto a representação de Cristo pela Igreja. Todos aqueles que não honraram o sacerdócio contribuíram para manchar a imagem da Igreja entre os mais ignorantes incapazes de compreender a santidade da instituição criada pelo Senhor.

Era uma questão de tempo para que surgissem os grandes questionadores da Igreja como Martinho Lutero e João Calvino que não compreendiam ou não amavam o senhorio de Cristo e, por conseqüência, sob algumas circunstâncias, a Igreja.

A história de Lutero com a Igreja de Cristo começa com sua fuga para o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, local onde ficou escondido das autoridades, pôde gozar de asilo e se tornar um monge devoto de nossa Senhora, pois a devoção a ela sempre foi pré-requisito para uma vida de santidade.

Lutero foi aconselhado por um amigo a buscar asilo no convento citado, após matar seu colega Jerônimo Buntz em um duelo motivado por ter tirado uma nota inferior a dele.

Segundo o padre Júlio Maria que evidenciou o caráter do grande herege em sua obra *O Diabo, Lutero e o Protestantismo*, Martinho tentou ser santo e piedoso, mas era vítima do próprio caráter, não possuía uma vida correta de oração e se detinha a caluniar e a praguejar seus irmãos até mesmo nos momentos em que falava com Deus.

Ao invés de amar, Lutero se dedicava a odiar. Quando algo lhe causava algum desconforto tratava de julgar como obra do diabo. Tinha muitas perturbações constantes e se encolerizava facilmente com seus irmãos em Cristo, o que demonstra uma propensão sua para desenvolver equívocos interpretativos como o mesmo fez.

Lutero gritava em sua clausura, pois suas perturbações eram imensas. Sua estadia no convento havia lhe tirado tudo, por isso suas paixões vinham lhe visitar à noite, quando estava a pensar.

Esse estado é bem particular daqueles que não abandonaram as idéias que possuíam na vida pregressa, que não percebem sentido na vida atual e que voltariam para a vida antiga se pudessem.

Lutero defendeu a virgindade de Maria em seus sermões sobre o livro de João, onde evidenciou que os irmãos de Jesus eram, na verdade, seus primos, defendeu também que Maria permaneceu virgem após o parto, e também defendia Maria dos judaizantes que lhe insultavam assim como insultavam a Jesus. Essa sua contribuição é plausível e inclusive a tomo oportunamente, contudo, ele estava perdido.

Quando não estava insatisfeito, Lutero chamou diversas vezes Maria de mãe de Deus, mas alternava seu caráter em polos opostos. Agia como um homem santo e, em alguns momentos, proferia coisas indizíveis sobre os irmãos.

As pressões sofridas lhe acentuaram ainda mais as peculiaridades.

Ele era um homem encarcerado que não suportava a realidade de alguém saber mais que ele, por isso, era somente uma questão de tempo para que a vaidade lhe subisse a cabeça, questionasse a autoridade da Igreja e começasse a proferir heresias e a protestar.

Suas paixões e seus vícios mundanos lhe motivariam ainda mais a questionar a autoridade da Igreja e conseqüentemente a autoridade de Cristo.

O Lutero da ficção é um homem piedoso que combateu indulgências vendidas por maus sacerdotes católicos. Ele é vendido como uma luz no meio das trevas e a atmosfera católica da ficção ao redor de Lutero é sempre perversa, cheia de sacerdotes sem

virtudes, por isso, convém trazer a verdade sobre a história desse grande heresiarca.

Lutero desejou o inferno para aqueles que dissertassem sobre as indulgências sem verdade e, ironicamente, aqueles que o defendem, mentem ao tratar do assunto.

As indulgências nada mais são que atos de penitência e sacrifício com o intuito de remover a culpa do pecado já perdoado.

A Igreja Católica nunca perdoou pecados mediante pagamento. O pagamento era feito por aqueles que sentiam que deveriam fazer algo para aliviar a culpa do pecado que Deus, por intermédio de sua Igreja, já havia perdoado.

Dizer que a Igreja cobrava para perdoar pecados é um embuste para enganar incautos desejosos por motivos para odiar a santa igreja.

Pode ter ocorrido enganos por intermédio de alguns intrujões usurpadores do Reino de Deus como sempre eles se prestaram a fazer, contudo, se analisarmos esse fenômeno, saberemos que ele existe sempre em qualquer período e em qualquer instituição. Por isso, é interessante saber o que realmente Lutero combatia.

As indulgências católicas não se assemelham com o sacrifício dos escolhidos e nem com a teologia da prosperidade pregada pelos protestantes como querem a definir.

As características das indulgências são semelhantes às da penitência.

Lutero possuía um problema espiritual, ele não era o benfeitor que pregam. Os bens verdadeiros que ele propiciou não são reconhecidos como são reconhecidos os enganos que lhe são atribuídos como se fossem bens.

É difícil imaginar como ele se sentiu sendo doutrinado nos moldes católicos, tolerando, por anos, a palavra de Deus sendo proferida por homens sábios, mas o próprio Lutero nos elucida sua condição de monge. Vejamos como o próprio se descreve:

> “Quando ainda monge, julgava-me perdido, sem salvação possível, sentindo, com tamanha violência, impulsos e atrativos pecaminosos e uma tendência acentuada à cólera, ao ódio e à inveja, contra um dos meus irmãos de hábito. Esse mal se renovava continuamente, não podendo eu encontrar descanso.” (Erl. Com. In Gall. III) (Pe. Júlio Maria, *O Diabo, Lutero e o Protestantismo*, 1950).

Essa predisposição a odiar que o acompanhava se acentuava quando encontrava alguém ou grupo valoroso que se distinguisse dele.

Ele tinha conhecimento de sua pessoa singular e de seus erros como algo enraizado em sua natureza. Sabia também de seu ódio anônimo propenso a vitimar qualquer um.

Lutero, em sua clausura, pediu a Deus que lhe tirasse aquele mal, mas ele se renovava e tomava novas formas de manifestação, o que culminaria em seus protestos.

Grande foi sua entrega aos maus sentimentos. *O pobre Lutero muito ao invés, parecia nunca haver sentido a doce e consoladora intimidade com Deus, lançando-se cegamente nas garras do demônio, quando era o seu lugar o regaço carinhoso do Pai.*” (Pe. Júlio Maria, 1950)

Me adianto em dizer que o monge Martinho Lutero protestou contra Deus, pois todo dogma católico não é criado pela arbitrariedade humana ou moda passageira. Os dogmas católicos são verdades que já existiam e que foram atestadas pela Igreja.

Lutero, por vaidade e de modo individual, contradizendo São Pedro, criou sua própria interpretação pessoal de alguns dogmas citados nos textos sagrados e modificou Deus para se adaptar à sua pessoa.

Por se julgar superior aos outros, ele se empenhou em mudar o nível da santidade alheia a igualando a sua.

Pe. Júlio Maria, ao analisar o perfil de Lutero, diz que, se existissem as religiões espíritas em seu tempo, Lutero teria se lançado de corpo e alma nelas. Dou fé nessa certeza, pois Lutero assimilava crendices ocultistas e não as desaprovava.

Por ter uma falsa concepção sobre a graça divina, devido as suas influências pagãs, o heresiarca Lutero almejava viver em um paraíso terreno sendo servido por Deus, de modo que todas as suas aflições fossem sanadas. Ele pensava que seus problemas de consciência e de caráter desapareceriam por ter alguma dedicação à obra de Deus.

Acredito que o estado de Lutero requeria uma entrega maior de si em oração na negação do eu, o que ele não fez.

A certeza de estar em conformidade com a vontade de Deus não lhe era suficiente. A paz e a alegria do Espírito não lhe satisfaziam, pois queria uma prova física do amor de Deus na forma de satisfação pessoal.

Essa atitude que concebe Deus como um servo que deve satisfazer os caprichos do homem com alguma manifestação física, somada ao seu afastamento da vontade de Deus e a seu espírito de revolta, gerariam a base do protestantismo como o conhecemos e a base da teologia da prosperidade que percebe Deus como um subordinado recebedor de barganhas, um deus pagão que trabalha para satisfazer caprichos e futilidades humanas. Nas teologias paganizadas, Deus não é tido como um Senhor ao qual se deve servir, mas como um meio de satisfazer o homem.

Deus diz a São Paulo, quando ele lhe pede que tire o espinho na sua carne, que somente a sua graça lhe bastava e São Paulo se conforma. Lutero, contrariando isso, quer mais que a graça.

Lutero não se conformava com as aflições que fazem parte do mundo e isso lhe trazia irritabilidade e um estado de revolta que

o levava a blasfemar contra tudo. Mandava muitos para o inferno e queria que o diabo carregasse o Papa.

Como todo homem dado aos vícios, Lutero não cria realmente no papel do sacerdote definido nas Escrituras e na tradição da Igreja, pois, quando se comparava com um verdadeiro sacerdote, percebia em sua pessoa uma grande discrepância. Então, na concepção dele, se ele não é, os outros não são.

Como ele era dado a aceitar o paganismo e, por conseqüência, o ocultismo, tentou adaptar a razão de Deus às suas de homem e, como a Igreja não lhe satisfazia, tentou modifica-la para si de modo errado.

Se Lutero desejava realmente mudar a Igreja, que tentasse fazendo uso da razão, mas sabemos que isso era impossível, pois havia sido Deus o criador da Igreja e é fato que Lutero observou, assim como muitos, os traidores e julgou a todos por eles.

Certamente Martinho Lutero era um homem psicologicamente fragilizado cheio de soberba. Séculos mais tarde, muitos ocultistas formulariam novas seitas com o mesmo critério usado por Lutero, onde se toma, como base, características do ocultismo[33] mescladas ao cristianismo.

Lutero era um homem elucidado quanto a verdade, pois a Igreja sempre formou bem os seus, mas isso não o impedia de odiar seu próximo. E foi desse ódio ao próximo que é contrário ao amor de Cristo e que é fruto de alguma patologia mental grave que nasceu os seus protestos.

Obviamente ele poderia ter escolhido se reduzir, mas escolheu se exaltar e reduzir a Cristo.

Ele não era levado pelo Espírito Santo, por isso, não compreendia a unidade do corpo de Cristo e questionava a autoridade da Igreja. Por questionar a Igreja, questionava a autoridade de Cristo. Se é pelo Espírito Santo que afirmamos que Jesus Cristo é o Senhor, o que dizer de quem trabalha contra as determinações de Cristo?

Lutero não era contra Jesus. Muito pelo contrário tentava ser santo e piedoso e defensor, mas cria, na maior parte do tempo nele mesmo. Em referência às mentiras dos judeus contra Cristo, descreveu o que segue em defesa do criador para que houvesse abominação contra as calúnias:

> "Cristo é primeiro adúltero junto ao poço com a mulher, porque naquele lugar **diziam** (os judeus) … **Que faz com ela?** Do mesmo modo, com Madalena. Do mesmo modo, com a adúltera." (Martinho Lutero: Tischreden, nº 1472, ed. Weimer, 11, 107(Conversas à Mesa))

Obviamente, a blasfêmia lida era um comentário comum entre os judeus e Lutero o evidenciou como erro.

Estariam os judeus falando de forma jocosa sobre Jesus e Lutero os criticando? Acredito que sim, contudo um ato de sua pessoa traria à tona um reflexo abominado por ele. Posteriormente, ele proporcionaria uma fuga de freiras e se casaria com uma delas.

Os infames tiveram de reinterpretar o caráter de Cristo para que se assemelhasse ao deles nas mesmas ações. Essa é a essência do protestantismo judaizante, modificar Deus segundo a vontade e a interpretação pessoal, tirar Deus de seu lugar e colocar a si no mais auto posto da personificação humana e divina e Lutero, sem perceber, seguia no mesmo caminho daqueles que ele criticava.

Lutero vitimava todos que estavam para a sua volta que não concordassem com ele e, quando estava desconfortável, poderia vitimar qualquer um.

Ele era um homem muito ocupado que se esqueceu da vida espiritual e desenvolveu muitas heresias.

Havia muitas provas de práticas heréticas contra Lutero sendo encaminhadas a Roma e por isso, quando ele percebeu que

seria excomungado, tentou mudar sua imagem perante a opinião pública.

Ele era professor universitário influente, lecionava para muitos e tinha certo prestigio, por isso, muitos alunos o apoiaram quando tentou se mostrar como um bom cristão e vítima de uma Igreja impiedosa.

Quando satanás caiu, levou uma parte dos anjos do céu e a fórmula se repete. Lutero havia envenenado muitos com suas mentiras.

Ele questionava a autoridade da Igreja e selecionava o que crer do depósito da fé, caracterizando prática herética, apesar disso, a Santa Sé deu tempo para que ele voltasse para Deus, para que desfizesse seu mal se pronunciando contrário às suas heresias e blasfêmias.

Vejamos o que disse o Papa Leão X a respeito das heresias de Lutero:

> “Tomando como exemplo a vontade de Deus que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva, nós queremos esquecer todos os insultos lançados contra nós e contra a Sé Apostólica.*” (EXURGE, DOMINE, 1520)*

O grande Papa Leão X demonstrou sabedoria ao imitar o caráter de Cristo quando julgou Lutero lhe dando a chance de corrigir seus erros, mas, apesar desse acolhimento, Lutero abraçou suas heresias como se fossem verdades e acusou a Santa Sé de ser anticristã.

Lutero apelou aos incautos por intermédio de uma representação teatral, em praça pública, como faria qualquer populista inescrupuloso. Ele convidou a universidade de Wittemberg para assistir a um espetáculo que nomeou como Piedoso e Edificante, acendeu uma fogueira e, vestido de monge, queimou a

bula de excomunhão onde se lia que era o desejo de todos os ofendidos esquecer os insultos.

Lutero possuía muitos seguidores, tão viciosos e fanáticos quanto ele, que invadiram a igreja local e queimaram todos os documentos que conseguiram encontrar.

No dia 3 de janeiro de 1521, o Papa Leão X declarou Martinho Lutero como excomungado por não ter voltado atrás e abandonado a soberba.

Lutero não se surpreendeu, pois havia feito o teatro em praça pública para afrontar a Igreja de Cristo e não estava disposto a mudar.

Uma série de mal-entendidos sucedeu a excomunhão e Lutero promoveu uma revolta contra a Igreja.

Muitos foram os que não reconheciam a santidade da Igreja e não sabiam mais no que poderiam acreditar.

Os seguidores de Lutero começaram a pôr dúvida em partes da Bíblia e criaram crendices seguindo preceitos humanos sem a inspiração do Espírito Santo.

Produziram os frutos heréticos da *Sola Scriptura*, auto-suficiência das Escrituras, cujo autor é satanás e da *Sola Fide* que rejeita a Igreja como missionária de Deus, contrariando São Pedro que diz que a interpretação das Escrituras não é individual, é dada aos santos por revelação, e, por conseqüência, contrariando todos os santos eruditos da única Igreja.

Os protestantes justificavam os atos citando versículos da Bíblia e ao mesmo tempo rejeitavam parte das Escrituras quando lhes convinha.

Muitos protestantes são capazes de justificar, em seus corações, qualquer investida contra a Igreja, por terem um pai e uma fonte inspiradora diferente. Uma vez que lhes é comprovado biblicamente os dogmas católicos, colocam em dúvida até mesmo as Escrituras sagradas como fez Lutero que rejeitou o livro de São Tiago por ele esclarecer que a caridade verdadeira se manifesta em

obras, algo contrário à heresia protestante que diz que somente é necessário acreditar.

O heresiarca Lutero chegou a chamar o livro de São Tiago de carta de palha, ou seja, algo sem estrutura sólida ou fácil de queimar, que queima rapidamente.

Penso que os protestantes dedicaram muito tempo aos seus vícios, por isso possuem a postura de não aceitar a verdade com humildade, como crianças, como filhos de Maria, como cristãos.

A palavra ‘piedade’, no dialeto de Lutero, somente possuía aplicação em sua pessoa. Para ele, a Igreja seria piedosa se permitisse suas heresias anticristãs.

Lutero se espantou quando percebeu a obra do diabo sendo posta em prática por intermédio de sua pessoa com a divisão das pessoas que acreditavam em suas mentiras. Certamente, não era exatamente isso o que ele desejava, contudo, como a desgraça estava feita, ele manteve a sua soberba.

A benevolência dos luteranos se limitava a orar pelos necessitados sem um ato verdadeiro de caridade, o que é uma nova interpretação da fé já cultivada na base do protestantismo.

Penso que os propensos a sair não fazem falta. Se estavam dispostos a se revoltar contra Jesus, não eram católicos.

Em 1529, Lutero confessa que, enquanto foi um monge, desejava realmente ser piedoso, mas se afundava sempre mais no abismo do erro e que, na verdade, era um grande trapaceiro e homicida.

O perturbado dizia que enxergava o demônio em tudo, no ar ou em qualquer ruído ou incomodo. Somente não percebia o diabo nas próprias ações, enquanto monge. Muitos são como Lutero, dizem enxergar o diabo materializado, sendo todos psicologicamente fragilizados e contaminados por crendices ocultistas e principalmente as espíritas.

Casado com uma freira, Lutero diz que dorme mais vezes com o diabo em sua cama do que com sua mulher. Disse também que conversava com o diabo constantemente.

Todos os que dizem com falsidade perceberem o manifestar físico do mal são atribuidores de poder ao demônio de modo que apenas levam o título de cristão sem serem cristãos na vida prática. Infelizmente, aparentemente não há cura interior sem esvaziamento de si, o que os soberbos não permitem.

Os protestantes iniciaram uma onda de propaganda contra a Igreja Católica tida por eles como o covil do demônio, templo da perdição e preservadora da sujeira e da ignorância, enquanto se auto promoviam como os libertos[34] do pecado, santos por eleição divina e donos da verdade, não obedientes a ela, quando a verdade não é algo que se inventa, é algo que se conhece.

As calúnias contra a Igreja foram e são ações humanas errôneas e comuns a todos que não conseguem superar a única fé e recorrem ao abandono das regras do jogo[35] passando a difamar aqueles que tiveram êxito na vida cristã.

Tentaram pisar na Igreja para se exaltarem e logo passaram a protestar contra eles mesmos e contra o mundo, pois os protestos contra a Igreja não foram suficientes para alimentar a vaidade dos que se auto elegeram porta-vozes do céu.

O protestantismo é como uma casa que nasceu dividida e estava fadado ao fracasso na prática do bem e ao sucesso em reunir fanáticos insatisfeitos desejosos por um alvo para direcionar suas insatisfações. Os protestantes estavam tão predispostos a protestar que protestavam entre eles por qualquer divergência.

Não possuíam um núcleo como o da Igreja de Cristo em Roma e nem poderiam simulá-lo, devido a incapacidade de manter a unidade que é particular da santidade da única Igreja criada por Cristo e devido a não poderem criar uma igreja de verdade.

O Espírito Santo somente foi dado a uma única igreja.

Se eram os escolhidos e portadores da luz como diziam, por que divergiam tanto entre eles? Não eram os donos da razão?

Todos os protestantes não poderiam estar corretos ao mesmo tempo e as heresias não somente contrariavam a fé da Igreja Católica como também trabalhavam na divergência entre as seitas, formando uma estrutura prestes a colapsar.

Os protestantes passaram a ser policiais dos costumes alheios e a investirem contra a vida e a liberdade de modo que não poderiam receber o título de cristãos, pois Cristo veio pelos pagãos que eram tratados como vermes por uma parte deles.

Para os protestantes, Cristo veio para salvá-los, como se fossem os novos eleitos, retomando a mesma idéia dos judeus errantes, onde Cristo viria para suprir suas necessidades e não para converter os pagãos de seus maus caminhos.

Já era confusa a fé protestante e cada um deles era mais soberbo que o outro, por isso, se dividiam conforme as insatisfações e divergências dogmáticas como um reino de hereges cujo sumo sacerdote era Lutero que falava com seu amigo diabo imaginário.

Era certo que eles se dividiriam aos milhares, pois satanás quer ver seus filhos nadando na lama da desordem de idéias seja de dez mil, de trinta mil ou de muitas dezenas de milhares de seitas heréticas.

Por causa de divergências com Martinho Lutero, Tomaz Munzer que era seu admirador mais fanático se aparta dos luteranos e toma parte, junto com outros hereges em mais um grupo religioso de protestantes radicais, os anabatistas.

Possivelmente Tomaz Munzer queria levar a santa igreja a desgraças que nem Martinho Lutero poderia propiciar.

Tomaz e outros líderes religiosos queriam estender o estado de miséria deles para o mundo inteiro, então começaram a protestar contra as posses alheias. Eles almejavam uma sociedade mais “epicurista” imposta de forma radical, de vida no campo, sobrevivendo com o mínimo possível e sem a noção natural de

propriedade. Tratava-se de outra proposta protestante fadada ao fracasso, baseada na má interpretação da comunidade cristã citada no livro *Atos dos Apóstolos*.

Os anabatistas queriam mostrar que eram os verdadeiros eleitos, assim como todos os soberbos protestantes, por isso, tentaram desassociar a fé da Igreja católica da Bíblia.

Mesmo sabendo que os apóstolos batizavam famílias inteiras, eles possuíam a crendice principal baseada em um protesto contra o batismo católico, o batizar novamente.

Mesmo os apóstolos se recusando a batizar apenas as poucas crianças pequenas sem orientação cristã, passaram a pregar que todos os que foram batizados quando eram crianças deveriam ser rebatizados, evidenciando que eles formavam uma horda de fanáticos cuja fé era baseada na aversão ao catolicismo e não na verdade. Formavam o tipo de oposição que tenta sobrepor.

Como foi dito, a verdade não é algo que é gerado por um humano, a verdade pode ser revelada e os anabatistas, assim como todos os protestantes, estavam a criar uma "nova verdade".

Os anabatistas eram, verdadeiramente, intolerantes com a opinião alheia, por terem suas raízes no protestantismo.

O padre apóstata Arcediago, que havia se juntado a causa deles, comandou diversas ações liderando a horda dos camponeses.

Arcediago, que provavelmente era um infiel depravado, comandou muitas invasões contra a Igreja onde quebraram as imagens, destruíram os altares, documentos e roubaram tudo o que era possível trocar por dinheiro. Se existisse nicho de mercado para imagens nesse período, os protestantes as teriam preservado. Os hereges já haviam formado a idéia de que a Igreja era usurpadora, por isso, roubavam concebendo o ato como justo.

Arcediago fez isso com mais de mil conventos e incendiou mais de trezentas igrejas. Dos que o seguiam, morreram cerca de quarenta mil nesses conflitos.

Era certo que, após saquearem as Igrejas, iriam dizimar e saquear a nobreza, pois os anabatistas eram iludidos por uma promessa de vida melhor advinda de uma revolução, então organizaram uma revolta de camponeses contra a nobreza, mas a reação de Lutero associado a realeza contra os seus antigos irmãos de fé foi dura e cruel.

Lutero já havia mostrado indícios de arrependimento por ter provocado o protestantismo e escreveu para a realeza fomentando o massacre dos anabatistas sem piedade alguma. Como podemos ler a seguir:

> "Contra as hordas de camponeses (...), quem puder que bata, mate ou fira, secreta ou abertamente, relembrando que não há nada mais peçonhento, prejudicial e demoníaco que um rebelde. " (Martinho Lutero, *Contra os Camponeses Assaltantes e Assassinos,* 1525)

Notem que houve uma associação entre os luteranos e o governo que passou a ser cumpridor dos intentos religiosos.

Obviamente foi de interesse comum o fim dos anabatistas. O governo somente necessitava tomar o ato como moralmente aceitável, o que foi propiciado por Lutero.

Com o apoio de Lutero ao extermínio dos anabatistas, foram mortos mais de trinta mil.

Anabatistas e luteranos, ambos protestantes e, por conseqüência, ambos errados.

Se os Anabatistas possuíssem poder suficiente para cumprir seus intentos, teriam matado milhões por seus idealismos. Certamente, condenariam muitos à morte com ódio mortal idêntico ao dos seus irmãos de fé por divergências de idéias políticas e religiosas que já se mesclavam.

Foi uma disputa pelo poder e pela influência, uma disputa sem Deus.

Já existia mais de dezesseis traduções da Bíblia para o idioma alemão antes de Lutero criar a própria, fato que ele próprio admite desfazendo a mentira de que ele seria o paladino que teria popularizado a Bíblia, quando, na verdade, a popularização dela se deu com o progresso propiciador da fabricação de itens em série e a sua bíblia era apenas um fragmento dos textos sagrados como um apoio à heresia judaizante que não admitia alguns livros da única igreja.

A popularização das Escrituras foi algo extremamente nocivo para os povos, porque muitos psicologicamente fragilizados e incapazes de ler textos sagrados tiveram acesso a elas, o que gerou muitos fenômenos heréticos. Surgiram mais e mais pessoas desprovidas de capacidade interpretativa interpretando os textos sagrados.

Os hereges dizem, em todas as gerações, que a Bíblia salva e que ela fala enquanto teorizam sobre o universo dizendo que a Terra é quadrada ou plana ou justificam os próprios erros dizendo que a Bíblia mandou cometer pecados como o adultério. Os presbiterianos do final da Idade Moderna, por exemplo, começaram a culpar Deus pelos próprios pecados e a agir contra a caridade. Era comum entre os presbiterianos crer que o papa é o anticristo e oferecer a morte para os discordantes. Muitas foram as desordens propiciadas pelas livres interpretações.

Dentre tudo o que é perceptível entre os protestantes, em todas as gerações, o que sobressai é a tendência para blasfemar contra os irmãos por inveja e praguejá-los por desconfortos mínimos insultando como se servissem ao demônio e ameaçando com a justiça de Deus como se ela estivesse à mercê dos caprichos próprios, assim como Martinho Lutero costumava se comportar.

A Igreja possuía cautela, pois já havia sido provado, na prática, que a livre interpretação das Escrituras era algo perigoso.

A Bíblia é um livro cuja base é a Igreja Católica e, por conter algumas passagens que devem ser entendidas com muitas restrições, somente deve ser interpretada por Roma.

Toda a promoção da imagem de Lutero tem como finalidade criar a rejeição contra a Igreja. Isso somente pode vir do anticristo.

Não foi altruísmo o que levou Lutero a criar sua tradução, ele quis adulterar as Escrituras para adequá-las as suas heresias. Lutero queria modificar o texto sagrado para que o texto comprovasse a sua tese da salvação por somente acreditar em Jesus Cristo. O Mesmo chegou a dizer que, se pecássemos assassinando todos os dias, seríamos perdoados pela misericórdia divina.

Além de adulterar os textos sagrados, Lutero quis retirar a carta de São Tiago que comprovava o que diz a tradição católica, que a fé se manifestava nas obras e também quis retirar o livro *Apocalipse* de São João.

Todo mortal tem seu fim e, no ano de 1546, Lutero é encontrado morto, estendido no chão de uma forma muito misteriosa. Vejamos como isso se deu:

> "Conhecendo o servo o estado de seu mestre e receando qualquer catástrofe, chamou Justo Jonas e o filho de Lutero, e abriram a porta, não fechada por dentro. E uma cena mais horrenda e tétrica se ofereceu então aos seus olhos.
> No meio do quarto, entre o móvel e o leito, o corpo de Lutero estava estendido no chão.... O rosto lívido, azulado, de olhar e boca desmedidamente abertos, os braços estendidos, o abdome intumescido, saindo-lhe as entranhas em redor do corpo." (Pe. Júlio Maria, *O Diabo, Lutero e o Protestantismo*, 1950, p. 74)

Uma morte misteriosa semelhante à morte de Judas. Os corvos acompanharam o enterro de Lutero interrompido várias vezes por causa do odor que o cadáver exalava.

Foi uma tentação demoníaca aceita por Lutero interpretar as Escrituras baseando sua interpretação em seus próprios vícios, ignorando a autoridade e a tradição da Igreja que, até o momento, possuía mais de 1500 anos.

Após isso, muitos outros grupos de protestantes se formaram.

Agora, cada protestante é um potencial influenciador e formador de uma nova seita, já que, apesar de não possuírem a competência necessária, se dão a interpretação livre de textos sagrados.

Enquanto a insensatez toma conta dos protestantes, a Igreja Católica continua única como a única casa do Senhor, por sua cabeça ser Cristo.

Nas más interpretações bíblicas, nasceu a Tradição Reformada de João Calvino que foi mais um exegeta da Bíblia que considerou um bem ler e decorar alguns trechos bíblicos para criar algumas adulterações na fé por intermédio de interpretações pessoais baseadas na razão humana.

A Tradição Reformada foi mais uma contaminação herética. Todo homem sabe quando usa a própria razão para definir a fé e talvez João Calvino pensasse ser sua razão a razão de Deus.

Se juntaram nessa causa muitos teólogos que não criam na autoridade da Igreja Católica, mesmo ela tendo sido dada pelo próprio Cristo, ou seja, eram ateus sem saberem.

João Calvino, nutrido de razões humanas, por ser um tipo de ateu que não sabe que é ateu, não aceitava as aflições do mundo e, com uma carga muito grande de enganos, caiu em desgraça. Ele não seguiu o exemplo de Jó que raspou as feridas com uma telha aceitando as aflições do mundo e, segundo Horenius descritor de sua vida, quando ele estava próximo de morrer, foi

acometido de muitos sofrimentos, invocou o demônio, blasfemou contra Deus e morreu da forma mais vergonhosa que se pode imaginar comprovando seu ateísmo.

Saber que Deus existe é diferente de crer nele. João Calvino somente sabia que Deus existia, mas não cria em Deus, pois crer em deus implica em confiar nele e confiar em Deus implica em o obedecer quando ele manda seguir sua única Igreja. João Calvino cria em si mesmo e não em Deus.

O problema de João Calvino foi conceber a salvação como algo que se adquire em vida, contrariando a fé católica que diz que ela é algo que se recebe na morte pelo único que pode julgar e dizer quem subirá e quem descerá ao abismo.

O verdadeiro Cristão serve a Deus e tem expectação de que Deus o salve e não certeza, pois, por crer e respeitar Deus acima de tudo, ele aceitaria uma condenação ao inferno acreditando merecer se Deus o julgar merecedor.

Ao morrer, segue-se o juízo, mas Calvino considerava a salvação como um estado em vida que, inclusive, propiciaria algum benefício na carne.

O engano de Calvino é também simples de entender. Ele percebeu, assim como todo homem percebe, que Deus sabe todas as coisas e por isso sabe os rumos que todo homem pode tomar, mas, em vez de conceber o futuro como fruto da liberdade, concebeu a salvação como um prêmio fixo que ele não abria mão, quando somente Deus possui seu domínio, um erro que o levou a formar a própria concepção herética da salvação por não crer em Deus e crer em si mesmo, assim como todo protestante.

Devido a propaganda luterana contra a santa igreja, o calvinismo se tornou base para a maioria das seitas heréticas e com ele veio a noção de que Deus somente age quando existe benesses, a noção de que os abastados são de Deus e a noção de que a caridade não leva para Deus herdada do luteranismo.

Obviamente essas são as grandes influências que gerariam todas as milhares de seitas que, por suas carências educacionais na

verdade da fé, usariam a arbitrariedade humana para reinterpretar os testos sagrados ou os rejeitar.

São Tomás More

Os anabatistas desejavam promover uma sociedade igualitária para todos, como se ela fosse racional e possível de praticar por intermédio da imposição violenta e, sendo esse desejo um idealismo materialista que contamina o que deveria ser religioso ou transcendente, é possível dizer que os seus atos são fruto de imanentização.

Eles idealizavam, o que é diferente de querer em verdade, um mundo sem propriedade onde se perde a noção de propriedade ao passo que roubavam do seu próximo, por se sentirem no direito de roubar, e rejeitavam a autoridade governamental da realeza.

É certo que qualquer aplainamento econômico se desfaz instantaneamente sem a imposição de um poder escravizador na prática, por isso o mundo sem propriedades somente seria possível com uma grande ameaça trazida por um governo poderoso que forçasse todos a se manterem em regime de escravidão.

As propostas insanas surgem de idéias que não buscam a razão. As pessoas podem idealizar um mundo sem propriedade por sentirem inveja dos que conseguem maior êxito material, mas, na prática, não querem viver em um, amenos que sejam sádicas na posição de governo ou associadas a ele.

Tomás More, que viveu entre 1478 e 1535, foi um brilhante doutor em direito que entendia com maior completude o trabalho criado por Deus. Ele evidenciou a importância da propriedade privada pois entendia que o idealismo que requer a ausência dela traria sofrimento e miséria. Também criticou a anarquia ou ausência de um poder que garanta a integridade física, moral e financeira das pessoas.

More estava certo, pois o socialismo científico, que seria criado posteriormente, nasceria contrariando seus cálculos e a razão que mantém o trabalho dado por Deus ao homem.

Por sua fé, retidão e fidelidade à Igreja Católica, houve algumas ações de sua parte que iam contra as atitudes pessoais do rei obeso e mesquinho Henrique VIII muito desejoso por criar uma seita apartada de Roma e More foi sentenciado a morte.

Ele seria jogado de uma altura suficiente para provocar grande sofrimento, atingiria o chão ainda vivo e, em seguida, seria esquartejado e decapitado, mas, por ser admirável, teve a sua pena reduzida.

More foi apenas decapitado e sua cabeça ficou exposta como exemplo para aqueles que desejassem não apoiar o rei questionando suas heresias.

More foi canonizado por decreto do Papa Leão XIII (Giocchino Vincenzo de Pecci), no ano de 1886, por ter sido um homem que verdadeiramente foi bem-aventurado e desde então nós católicos o chamamos de Santo Tomás More um grande doutor santo que nos alertou contra um grande mal ideológico.

Suas previsões matemáticas e lógicas viriam a ser evidenciadas posteriormente com o emprego do socialismo ou comunismo[36] que o mundo ainda não conhecia em grande emprego e que traria dor, miséria e genocídio para os povos vertidos em escravos.

Notável é que uma das primeiras ações de Henrique VIII como protestante foi assassinar um santo.

Nenhum ideal criticado por Moore havia sido superior ao emprego dos anabatistas até a sua morte, mas ele sabia que existia a possibilidade, suas causas e conseqüências.

O julgo protestante

Contra o amor cristão, os protestantes erroneamente percebiam que o maligno se materializava nas pessoas e não no pecado. Assim, em vez de tentarem retirar as pessoas do pecado, retiravam as pessoas do mundo.

Os julgamentos inquisitórios católicos, que almejavam conseguir algumas conclusões a respeito de um problema interno e formar algum impedimento sobre ele, eram muito diferentes dos julgamentos protestantes ou seculares que executavam por divergências de idéias religiosas e políticas.

Cansados de protestar entre si, os protestantes começaram a protestar contra qualquer um que fosse diferente deles e se tornaram os policiais da moral alheia, promotores de um policiamento que não levava à reflexão ou à verdade e sim à morte.

A Igreja Católica sempre questionou e tentou levar os praticantes dos males a reflexão antes de tomar qualquer atitude sobre as práticas deles. Os protestantes tendiam a abreviar o processo. Muitos associados a governos se definiram como a mão da suposta justiça.

Na Holanda, tomada pelo protestantismo, sentenciavam à morte quem pregasse que a caridade salvava e negasse alguma ofensa contra o catolicismo.

Os calvinistas mentiam até onde podiam e caluniavam não somente a santa igreja e o sucessor do papa como também pessoas notáveis como Voltaire que teve de negar coisa que nunca disse em escritos e em falas. Se estivesse vivo, Voltaire estaria desfazendo as mentiras velhas e novas sobre si.

Obviamente, mentir e caluniar não se restringe ao protestantismo, contudo, para ser protestante, deve existir um nível considerável de desonestidade. Vejamos Voltaire se defendendo das calúnias de um ingrato traidor da Igreja Católica que havia

recebido auxílio seu; de um herege teológico que deturpava seus escritos e falas e disseminava afirmações sobre ele não baseadas em fatos e de um que encontrou nicho de mercado produzindo e vendendo calúnias contra ele:

> Se eu ousasse incluir-me dentre aqueles cujas obras só obtiveram perseguição como recompensa, faria com que visse um bando de miseráveis obcecados em arruinar-me desde o dia em que apresentei a tragédia de Édipo; uma biblioteca de calúnias ridículas contra mim publicadas: um ex-jesuíta, que eu tinha salvado do derradeiro suplício, recompensando-me pelo serviço prestado com libelos difamatórios; um homem, ainda mais culpado, imprimindo minha obra sobre *O século de Luís XIV* com notas em que a mais crassa ignorância vomita as mais infames imposturas; outro que vende a um livreiro capítulos de uma pretensa História universal a mim atribuída, e que, ávido de imprimir tal disforme tecido de besteiras, datas falsas, fatos e nomes estropiados; enfim, homens covardes e perversos o bastante para imputar-me a publicação de toda essa rapsódia. Faria com que o senhor visse a sociedade infectada por esse gênero de homens, desconhecido de toda a Antiguidade e que, não podendo abraçar profissão honesta, quer de comando quer de lacaio, mas infelizmente sabendo ler e escrever, arvoram-se a porta-vozes da literatura, vivem de nossas obras, roubam manuscritos, os desfiguram e vendem. (Voltaire, ao Sr. J. J. Rousseau, em Paris, Les Délices, 30 de agosto de 1755)

O jesuíta traidor citado por Voltaire é Pierre-François Guyot Desfontaines (1685-1745), jornalista e crítico acusado de sodomia em 1724. Pagou com traição a ajuda que Voltaire lhe deu para que saísse da prisão. ‘O homem, ainda mais culpado’ é uma referência a Maupertuis, mais um herege criador de teologias que vivia a dizer

que Voltaire falava mal das pessoas para autoridades como o rei da França.

Quando não criavam textos e atribuíam a ele, os traidores deturpavam, seus escritos com notas de rodapé e interpretações para serem usados contra a Igreja.

Até hoje repetem mentiras contra Voltaire sem saberem que repetem mentiras de sodomitas e mentirosos e que simpatizam com eles

Hoje, os protestantes possuem uma verdadeira biblioteca de mentiras contra a santa Igreja Católica e as mentiras sempre propiciam perseguição e morte.

Muitos eram enforcados e mandados para a fogueia por diferenças dogmática ou práticas criminosas. Foram mais dez mil mulheres escocesas queimadas na fogueira entre 1555 e 1561.

Em outubro de 1692, na cidade de Salem em Massachusetts, protestantes também torturaram e mataram mais de trezentas mulheres acusadas de bruxaria.

Todas as atrocidades cometidas por pessoas que se diziam cristãs são atos de pessoas apartadas da Sé Apostólica.

Não podemos culpar a santa Igreja pelas atrocidades cometidas por aqueles que se apartaram dela.

Um verdadeiro católico jamais odiaria seu próximo por ele ser pecador, pois tem ciência de que todos são pecadores. A Igreja Católica jamais comandaria uma matança por divergências fúteis.

Na literatura fantástica, existem contos sobre atrocidades cometidas pela igreja torturadora de jovens donzelas amantes da natureza, quando, na verdade, a Igreja Católica sempre combateu crimes contra a humanidade.

Todos os mistérios envolvendo as bruxas propiciou que elas se tornassem reais no imaginário popular e, com a ameaça das supostas amantes do diabo que gozavam de liberdade, os protestantes, que se autonomearam policiais da moral alheia,

iniciaram o que conhecemos como caça às bruxas, uma investida não cristã.

Obviamente, não é possível definir qual foi a diversidade das ações dos policiais da moral com completude, mas é possível entender o grande mal promovido por aqueles que liam as Escrituras apartados da ortodoxia católica.

Conseqüências da fé sem a Igreja

Ao começar a duvidar da santidade da Igreja Católica, seja por não a compreender ou pela observância do caráter de seus traidores, intimamente se está entendendo que se pode fazer melhor que ela, o que leva, a princípio, a escolher o que crer e o que rejeitar da única fé, assim como também leva a acrescer a ela. Uma vez que não se confia na Igreja, não se confia no próprio Cristo, o que leva à prática de místicas estranhas a princípio como simpatias que são fruto de fé em poderes apartados de Deus, o que é um pouco próximo de paganismo e está inserido dentro do ocultismo. Outros, mais céticos, fazem um caminho diferente e passam a se considerarem ateus, contudo, a maioria não consegue abandonar a fé em místicas estranhas.

Isso evidencia que a conseqüência lógica de questionar a autoridade da Igreja Católica é se tornar protestante e, em seguida, passar a crer em ocultismo ou se tornar ateu. Primeiramente o indivíduo começa a blasfemar contra a santa igreja por saber que Deus existe e não acreditar nele[37] e, em um momento posterior, desenvolve o ocultismo quando possui tendência a crer em místicas estranhas ou o ateísmo assumindo o que já era, um cristão sem fé na santa igreja.

Fatos levam a crer que é necessária uma percepção pagã para que o protestantismo aflore. Uma nova percepção que vise o prazer material como a benção de Deus somada com a soberba, a ignorância à tradição católica e a falta de prática da vida cristã.

Obviamente que essas características são mais inflamadas entre os aliciadores que podem possuir motivos particulares e simularem inclusive crer no que não crêem.

O engajamento no ocultismo é proveniente da falta de educação que proporciona a assimilação de crendices em sistemas místicos que prometem alguns benefícios que não obedecem a uma

razão cristã. Um indicio de estar nesse caminho de perdição é a busca por vantagens no serviço a Deus e a fé em místicas particulares aos ocultistas que podem ser influencias maléficas à distância, palavras mágicas, poder do pensamento positivo, atribuição de poder a entidades, mal olhado, lei do retorno e muitos outros enganos.

Quem possui fé em místicas que não sejam católicas ou quem simplesmente teme os supostos poderes malignos não é católico e não crê em Deus, pois todos os católicos, pela verdade dada por intermédio da Igreja, crê somente em Deus, o único com o poder de danar almas no inferno, contudo, o homem materialista percebe somente o benéfico para a sua vida como bem e os males como proveniências do inferno, o que o leva a teorizar sobre influencias malignas incabíveis que modificam a razão da fé.

No protestantismo e no espiritismo, por exemplo, é muito comum a abertura de bíblias em páginas para escolha de versos sorteados, como se Deus fosse falar na aleatoriedade, o que evidencia um ponto de convergência entre o ateimo, o paganismo e o protestantismo.

Os protestantes crêem também em influência maligna, como se o deus deles, que possui características não cristãs, fosse injusto e permitisse algum ser perverso influenciar até mesmo com o olhar.

Outra influência ocultista é a clara substituição da fé pelo pensamento positivo que é muito usado em seitas do caminho da mão esquerda como as satânicas.

No único caminho para Deus, ou seja, no catolicismo, Deus é a única fonte de poder existente e tudo o que existe age dentro de sua permissão. Nos outros caminhos, existe a confusão da noção de opositor da salvação do homem, por isso consideram o diabo como opositor de Deus, como se Deus e o diabo possuíssem equivalência de poder.

Dizer que Deus é poderoso ou que ele é mais poderoso que o diabo me soa como uma blasfêmia, pois Deus é todo

poderoso. Se não houvesse uma forma de tirar um bem superior do mal, o diabo, que é criatura e não deus, não existiria.

Tudo começa quando se inventa um novo Deus para si, um deus que é como os deuses pagãos e que, na verdade, é a própria pessoa que o inventou, pois, o protestante é um tipo de ateu que se auto engana e é do auto-engano que surgem as heresias.

Quando se está diante de um problema grave, o indivíduo propenso a heresia somente mede a graça pela própria satisfação e tende a se dirigir para o aprisco protestante. Nele, ele pode se decepcionar mais ainda ou se auto enganar como acontece, na maioria dos casos onde abraça um evangelho adaptado a algumas idéias.

Os que se decepcionam no protestantismo tendem a buscar o ocultismo ou um tipo de ateísmo que tolera tudo menos o cristianismo, chegam a negar até mesmo o caráter útil da Igreja para o mantimento da sociedade.

O misticismo ocultista e a fé em um poder beneficiador não são descartados por um protestante quando ele se torna ateu, o que pode gerar muitos fenômenos religiosos que incluem o satanismo moderno.

O caso de Anton Lavey, o fundador da Church of Satan, foi exatamente esse. Lavey observava os homens a cobiçar as mulheres depois que saiam das igrejas e criou sua religião baseada em indução por não ignorar sua postura de protesto e de oposição.

Lavey passou a não crer mais em Deus e em satanás como os cristãos supostamente criam e usou da arbitrariedade própria para os reinventar sem desprezar o crer em um poder místico, o poder da *magika* e o do pensamento positivo.

Na verdade, Lavey já não cria em Deus antes, somente não sabia.

Todos os apartados da Igreja se consideram especialistas da Bíblia e de místicas estranhas. Cada um com suas particularidades considera que suas razões são as razões de Deus,

de modo que até mesmo as razões de satanás tiveram espaço no meio protestante por intermédio da *Sola Scriptura*.

Satanás foi o primeiro a usar a *Sola Scriptura* quando tentou Jesus citando o seguinte verso no livro Salmos:

> “Nenhum mal te atingirá, nenhum flagelo chegará a tua tenda, porque aos seus anjos ele mandou que te guardem em todos os teus caminhos.” (Sl 4, 10, 11)

É perceptível que as Escrituras sem Cristo ou sua representante, a Igreja Católica, a coluna e sustentáculo da verdade, podem ser usadas pelo diabo, o que evidencia o engano que é a *Sola Scriptura*.

Foi plantado no coração dos protestantes uma semente que diz que somente as Escrituras são necessárias, uma semente que nega a autoridade da Igreja instituída por nosso Senhor e sua tradição, o que evidencia um tipo de ateísmo. Negam a autoridade na Igreja mesmo quando Jesus diz que ela é o que sustenta a verdade da fé em primeira Timóteo capítulo três, verso quinze.

A *Sola Fide* foi inspirada na infidelidade e na falta de compromisso com Cristo. Não é possível dizer que possui a Cristo como senhor aquele que o desobedece e o desrespeita. Negar a autoridade da Igreja que é a representante de Cristo é negar o senhorio de Cristo que a criou para evidenciar a única fé. A *Sola Fide* é crer somente em si, pois a concepção de Deus, muda de protestante para protestante.

Os protestantes se dão a muitas objeções vazias para se distanciar da Igreja.

Na doutrina protestante, é notável que o serviço a Deus foi ignorado e já se concebia, desde Lutero, uma fé no pensamento positivo e um deus mutável, subordinado e semelhante aos deuses pagãos.

Fogem da penitência como o diabo foge da cruz. Todas as doutrinas são baseadas no bem-estar, no prazer e na felicidade de uma vida viciosa. A *Sola Gratia* é um grande exemplo disso, pois se considera salvo qualquer um que acredita no que a seita protestante diz, ignorando a necessidade da devoção ou do serviço a Deus para se salvar.

Nessa nova concepção de seita cristã, há uma clara mudança no motivo da fé que é amar, assim a fé passa a ser propiciadora de benesses para si e não o serviço a Deus que gera o bem para o próximo, o que gera, obviamente, o tipo de busca equivocada pela salvação descrita nas Escrituras. Vejamos como essa postura de desserviço a Deus e de busca pela certeza da salvação se apresenta nas Escrituras:

> "Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, recobrá-la-á." (Mt 16, 25)

São Mateus nos diz que se obtém a santidade e a salvação no serviço ao Senhor, contrariando a tal busca pela certeza da salvação dos protestantes que não existe em lugar algum na tradição da Igreja e conseqüentemente não existe nas Escrituras que foram escritas por ela.

Muitos fazem mau uso de um trecho que diz que não há quem seja merecedor da salvação e concluem que os salvos são salvos pela graça, que eles determinam que seja o acreditar sem obras, o que é um embuste ateu e satânico dos mais perniciosos que os levam a pecar de maneira desmedida.

Quem determina a salvação não é o engajamento na seita protestante e nem os atos que se somam como se Deus fosse um deus matemático que soma e subtrai elementos da vida e gera a salvação.

Temos apenas a noção de que a salvação é dada após o juízo, por se tornar filho de Deus no mundo real.

É Deus quem determina, por isso não se deve ficar determinando quem sobe aos céus ou quem desce ao abismo, pois quem o faz está se colocando no lugar de Deus, uma postura tipicamente herética(arbitrária) e atéia, por conseqüência, muito comum entre os protestantes.

A salvação é algo que não deve gerar preocupações para si no cristianismo, deve se preocupar sempre com a salvação do próximo.

O cristão verdadeiro se preocupa com a santidade, pois o pecado ofende ao Senhor.

Obviamente, a postura correta que todos nós deveríamos ter é a de não nos considerarmos merecedores, mesmo sendo santos e realizadores das obras do Reino dos Céus, contudo, a livre interpretação apartada da tradição tratou de deturpar o que era claro plantando o engano nos corações dos apartados da tradição.

Que grotesco seria se São Paulo se isolasse do mundo considerando por santidade viver longe dele, por estar preocupado com a própria salvação, enquanto muitos necessitavam da palavra de Deus.

Ele fez o contrário ao se entregar voluntariamente para ser julgado pelo Império Romano para falar de Jesus Cristo para os poderosos do Império.

Não há base que justifique o que o signo Sola Gratia acarreta, porque não nos cabe o julgamento alheio nem o de nossa pessoa. O julgamento pertence a Deus e, se é assim, é Ele quem determina se somos salvos e não nossos atos de merecimento. Somente Ele julga e salva a quantos quiser pela sua graça, mas os hereges que se colocam no lugar de Deus possuem certeza, enquanto julgam todos que não lhes seguem como condenados ao inferno.

É importante dizer que admoestações em vida não devem ser consideradas como julgamentos descabidos, pois admoestações são essenciais para a melhoria do caráter dos indivíduos.

Se fossemos tomar as falsas interpretações protestantes, poderíamos cometer todas as atrocidades do mundo sem desenvolver preocupações, pois Deus nos salvaria pela graça, postura essa muito típica e comum entre os heréticos, assim como foi para Martinho Lutero que disse que se poderia pecar inclusive assassinando e adulterando todos os dias pelo fato de a graça de Deus ser infinita, o que é mais uma interpretação livre que reduz a graça pelos vícios do homem.

As seitas apartadas da Igreja, que não possuem o depósito da fé, surgem aos milhares. Elas são dogmaticamente apartadas da Igreja fundada por Cristo, por isso, não possuem as bases fixas do verdadeiro conhecimento do Senhor, o que as fazem cair em grandes enganos.

É certo que o protestantismo é fruto de líderes enlouquecidos por influências demoníacas e que seus membros são iludíveis por mentiras, pessoas propicias a dar fé a idéias humanas sem razão, pessoas sem capacidade de reconhecer a verdade e que se sentem aptas a definir a verdade.

É fato que as pessoas desprovidas de educação, lêem textos sagrados para vislumbrar neles as próprias idéias e não a verdade.

Tudo foi propicio para que as heresias se tornassem a matéria de fé dessas ovelhas desgarradas e logo se tornaram comuns os protestantes travestidos com o nome de evangélicos blasfemarem contra a autoridade de Cristo ao dizer que buscaram na Igreja Católica e nos santos[38] a solução para os seus problemas e não conseguiram, mas, em alguma seita protestante obtiveram curas, bens materiais e espirituais tendo o mesmo pensamento equivocado dos amigos de Jó[39] e dos pagãos sobre o agir de Deus. Tudo isso é fruto da livre interpretação da fé.

Já era certo que os templos protestantes se promoveriam como se pudessem ofertar bens materiais e espirituais, atraindo fiéis na busca por vantagens diferentes. Os protestantes abandonariam a prática da caridade por considerarem a eles como o foco da obra de Deus. Eles logo adotariam o conceito de que Deus somente age quando traz o bem físico e confundiriam o bem-estar como se fosse benefício espiritual. Louvam benefícios matérias e se dizem adoradores de Deus.

Não foi amor por Cristo o que moveu os discordantes da Igreja, mas o amor à própria discórdia.

Em uma das vezes que São Paulo esteve preso, recebeu açoites de judeus e sofreu diversos males. Diante disso, alguns de seus irmãos em Cristo atribuíam sua prisão a uma suposta falta de fervor em sua pregação, quando São Paulo havia sido preso justamente por ter sido fervoroso na pregação por amor a Cristo. Esse fato evidencia que a inclinação maligna dos protestantes existe desde a origem da Igreja, antes de Lutero existir.

É óbvio que eles queriam lhe caluniar para poderem crescer reduzindo São Paulo, então, diante desse espírito protestante, São Paulo diz:

> "É verdade que alguns pregam Cristo por inveja a mim e por discórdia." (Fl 1, 15)

Pregar Cristo por discórdia define bem o objetivo das seitas protestantes e muitas outras que inventaram símbolos sagrados e novas histórias de alianças com Deus para enganar e cativar pessoas iludíveis pelo fato de o catolicismo possuir a cruz e o Reino dos Céus, a Nova Aliança.

O amor à discórdia contra a Igreja de Cristo se baseia na insatisfação e na predisposição a acusar. São essas características típicas dos protestantes que não são mansos, nem humildes e nem

lutaram por causas nobres, mas por um mundo onde todos os diferentes deveriam se igualar a eles que divergiam de todos e não mantinham uma unidade. Um sinal de extrema vaidade e desordem.

É notável que todo herege busca fragmentos da tradição católica para justificar as próprias heresias e é esse o caso da deturpação das palavras de São Paulo quando ele disse que não havia recebido o evangelho de homem algum, mas de Deus.

São Paulo disse que a igreja criada por Cristo é a coluna e sustentáculo da verdade e a única representante de Cristo, contudo criaram um novo São Paulo, um São Paulo individualizado falsamente quando ele estava cuidando da unidade da fé católica, dando sua vida pela Igreja.

Apesar de todas as investidas protestantes, o paganismo e o ocultismo nunca foram extintos completamente e ocorreu o inverso. O protestantismo começou a se paganizar dando ênfase a influências e características que adotaram dos ocultistas e paganizados, passando a usar o paganismo como estratégia para o mantimento de suas seitas, pois o povo sem a devida educação na verdade da fé deseja paganismo e o protestantismo lhe deu ao mesclar conceitos pagãos com as muitas doutrinas.

Tudo é amor à discórdia fora do catolicismo. Para os hereges adventistas, por exemplo, São Paulo é um exemplo próximo a eles, um exemplo de cristão isolado da Igreja Católica quando ele somente tratou dos assuntos da Igreja. Para esse tipo de herege, os cristãos foram exterminados pelas perseguições e somente restou as Escrituras. Curiosamente esses mesmos heréticos que exaltam a cultura judia, são desprezados pelos judeus que os percebem como um tipo de sarna.

Os blasfemadores agem acrescendo um efeito diferente. Nietzsche, por exemplo, desassociou o cristianismo de Cristo do cristianismo de São Paulo ao dizer que são Paulo se influenciou com a chandala hindu e que preferia a chandala.

Entre os enganadores, a imagem de um homem santo como São Paulo é usada contra o que ele mesmo acreditava e a

variedade de desordens depende da seita herética ou da ideologia de quem usa o seu nome.

O caso de Galileu

Verdadeiras bibliotecas de mentiras possuem os protestantes e ativistas ateus sobre a santa igreja. Aparentemente eles capturam dos seus sonhos molhados o mundo como gostariam que fosse e disseminam as mentiras que advogam em suas causas. Ouve-se verdadeiros absurdos como: *"Galileu morreu na fogueira da inquisição; A igreja tentou impedir que Galileu provasse que a terra é redonda e que ela gira em torno do Sol; Voltaire era anticatólico, agnóstico, maçom, rosa-cruz, liberalista, deísta e que se arrependeu no último momento gritando pedindo perdão; A Igreja católica atrasou a evolução científica em milhares de anos por se opor à ciência; A igreja queimava quem não aceitava suas mentiras; A inquisição queimou Joana Darc na fogueira; a igreja católica é a prostituta do apocalipse, a grande Babilônia.*" Dizem também que o padre Copérnico foi discípulo de Galileu sendo que Galileu nasceu 21 anos após Copérnico falecer.

A Igreja Católica possui a responsabilidade de ser assertiva em seus atos que envolvem a fé e tem sido infalível, pois o Espírito Santo é com ela, contudo, nesta realidade, a ausência de erros não existe nos atos humanos.

Se alguma teoria geocêntrica ou heliocêntrica fosse comprovada, para a Igreja Católica não haveria problema algum em dissemina-la, pois, ela estaria sempre apoiando quem auxilia o desenvolvimento do conhecimento da criação de Deus, como sempre fez.

Até mesmo difundir enganos é aceitável graças a misericórdia presente nos valores cristãos. O que a Igreja combateu e que tange o caso de Galileu foi o surgimento de novas teologias que se mostravam propiciadoras de novas ondas de revolta e matança, coisa que o mundo inteiro fazia.

Usar textos das Escrituras para dissertar sobre assuntos científicos era algo inaceitável, pois esse ato, poderia gerar muitos

heresiarcas como Martinho Lutero e João Calvino e, por conseqüência, ondas de matança como no caso dos anabatistas.

A teoria geocêntrica e a heliocêntrica não são parte da matéria de fé da Igreja, contudo, por Deus ser o criador do universo, por a Igreja ter recebido a missão divina de ser a luz do mundo e por ela ter criado as universidades e ter desenvolvido a ciência, há interesse dela sobre esse assunto.

Existia uma divisão quanto a opinião sobre as teorias nos membros da sociedade que era percebida também entre os membros da Igreja, pois, enquanto não se comprovava alguma delas, devido às limitações dos recursos científicos, as pessoas usavam a arbitrariedade.

A questão não era de suma importância na vida da maioria das pessoas, assim como na atualidade.

Uma vez que Deus trouxe a vida apenas para o mundo, o mundo possuiria a carga semântica de ser o ‘centro do universo’. Essa lógica interpretativa não tange em nada o cálculo que retira a Terra do centro do universo por não ser possível definir o tamanho real do universo, pela rotação da Terra em torno do Sol, a rotação do Sol em torno do núcleo da Via-Láctea e o movimento que a Via-Láctea faz no espaço.

Se considerássemos uma exatidão nos dados que não é possível obter, seria fisicamente impossível a Terra se manter no centro do universo, por ela estar orbitando o Sol que orbita o núcleo massivo da Via-Láctea que está em movimento.

Não é possível dizer que a Terra é o centro físico do universo de forma alguma.

O que a humanidade possui de informação sobre o universo é um pequeno número de dados de uma parte visível pequena e limitada.

Algo como definir o centro do universo seria impossível, fisicamente falando e tomar a Terra como o foco principal do

universo é válido na perspectiva de quem acredita que a vida somente existe nela.

Se levássemos em conta a idéia ficcional de que todos os membros da Igreja Católica possuíam uma mesma idéia sobre questões que não são matéria de fé, deveríamos levar em conta que a Igreja Católica nunca foi intolerante quanto a quem pensava diferente dela nas ciências. Isso é tanto verdade que as universidades católicas estavam em busca da verdade e não de comprovar idéias pré-estabelecidas.

Quanto a fé, a Igreja possui uma só fé que é inquestionável, pois, na Igreja Católica, não existe o concordar ou o discordar, escolhas, heresias.

A universidade nasce da busca pela verdade, por isso, evidenciar enganos e concluir verdades fazem seu êxito e sua razão de existir.

Copérnico, que alguns historiadores afirmam ter sido ordenado padre, era de família católica e freqüentador das universidades católicas de Roma, Pádua e Ferrara. Ele estudou astronomia e matemática na universidade de Cracóvia e direito Canônico em Bolonha na Itália. Ele também já havia considerado válido o sistema heliocêntrico em seus dois trabalhos: *Comentários sobre as Hipóteses da Constituição do Movimento Celeste* 1530 e *Sobre a Revolução dos Corpos Celestes* 1543.

A Igreja Católica, por ser promotora do conhecimento, nunca trabalhou contra as teorias de Copérnico, já os que possuíam tendências a estupidez e a heresia sim, preferiam, sem estudar, acreditar que as Escrituras explicavam todos os mistérios do mundo.

Sobre a posição da Terra e seu formato, os estúpidos heréticos criam que a Terra era, além de ser o centro físico do universo, plana elíptica ou, nas muitas seitas heréticas, plana retangular e que o Sol gira em torno ou fazia movimentos elípticos sobre ela, com base em interpretações erradas da Bíblia, contrariando, quanto ao formato, Pitágoras por volta do séc. VI a.C., Aristarco de Samos no séc. III a.C. e Fernão de Magalhães em 1521

d.C. em sua expedição de circunavegação da Terra que, por seus estudos muito difundidos nas universidades católicas, já haviam provado que a Terra era arredondada.

Desde o início, a Igreja aceitava a concepção de uma Terra esférica como se pode notar nas palavras de Santo Agostinho a seguir:

> Mas se aquela primeira luz, espalhada por todas as partes, envolvia a massa da terra, seja parada, seja girando em redor de si mesma, não havia por onde admitir que a noite a sucedesse, pois ela jamais se apartaria para lhe dar lugar. Ou foi feita numa parte, de modo que, dando voltas, também permitia à noite dar voltas na outra parte do mesmo modo? Pois, como a água cobria ainda toda a terra, nada impedia que a massa aquosa e **esférica**, contasse com o dia numa parte pela presença da luz, e na outra, com a noite pela ausência da luz, a qual viria em seguida a partir da tarde para aquela parte da qual a luz se afastaria para a outra. (Patrística, Santo Agostinho, *Comentário ao Genesis*, 25)

Antes do período da Idade Média, a Igreja, por seus estudos, concebia que a Terra era esférica.

Entre a maioria dos protestantes atrasados, existia a estupidez que levaria a livre interpretação. Esse mesmo espírito protestante imerso na ignorância seria o mesmo que acusaria a Igreja de ser inimiga do conhecimento quando ela, desde o princípio, abraçou as verdades constatáveis.

Nos meios protestantes, pela diversidade e mesclagens de doutrinas heréticas, ainda se discutia o formato da Terra por considerarem as Escrituras como fonte de tudo e usarem a livre interpretação, sendo que as Escrituras não possuem base sem a observação da tradição católica e estudos, enquanto, nas universidades católicas, discutiam o movimento da Terra no espaço.

Notemos que Santo Agostinho em *Comentário ao Gênesis* fez uso das Escrituras para atestar a verdade já constatada, para dissertar sobre o formato já evidenciado da Terra, entre outras coisas, e não usou as Escrituras como base, como se ela provesse informações, como se fosse um texto científico.

O doutor Santo Agostinho analisou corretamente e provavelmente usou do método aristotélico percussor da ciência, usou bases teóricas científicas e categorias analíticas para analisar o *corpus,* fornecendo um estudo completo e convincente. Ele não fez uso das Escrituras como base científica, não fez como os adeptos da heresia chamada *Sola Scriptura* que idolatram as Escrituras.

Cristo se fez carne, deixou uma representante eterna e nos mandou segui-la. Isso não significa nada, no mundo prático, para um protestante que aparenta conceber, em seu íntimo, que Cristo se tornou um livro, papel e tinta.

Palavras escritas são passíveis de más interpretações quando não possuem base. Os protestantes não possuem ou não respeitam a tradição da Igreja e usavam as Escrituras sem base, logo, elas lhes serviam como definidoras de tudo, como se tudo estivesse nelas e fosse de fácil entendimento, por isso uma parte deles concebia que a Terra possuía um formato diferente.

Com o passar dos anos e com a popularização das Escrituras, surgiram muitas seitas heréticas protestantes que consideravam a Terra como plana por observação humana e por assimilação de enganos heréticos de outras seitas religiosas que não eram sequer cristãs, seitas que consideravam como sagrada alguma percepção errada da realidade.

O padre Copérnico faleceu em 1543 deixando boas dissertações científicas para a humanidade e Galileu Galilei nasceu 21 anos depois, em 1564.

Sobre as teorias geocêntrica e heliocêntrica, nesse período, a Igreja e o mundo não possuíam uma escolha oficial, mas a maioria dos cardeais, segundo historiadores, acreditava na teoria

geocêntrica, mesmo após os estudos do padre Copérnico, o que seria algo ilógico e que mostraria, se fosse verdade, ser necessário um outro estudo que desse mais respaldo para as teorias de Copérnico as completando, retirando todas as dúvidas.

A Igreja não possuía uma definição oficial sobre esse assunto e, por isso, não se mantém a falácia de que ela condenava quem acreditava em uma outra teoria diferente da sua aceita, já que não existia teoria oficial aceita e, pelo fato de a definição não ser matéria de fé.

Pouco importava a conclusão do assunto na vida pratica dos católicos, apesar de que qualquer coisa pode ser usada por um blasfemador contra a santa igreja.

A Igreja Católica dava auxilio ao crescimento intelectual como uma manifestação da caridade de Deus para que se pudesse chegar a conclusões.

É importante salientar que essa questão não possuía a importância que uma parte percebe na atualidade após as grandes calúnias contra a Igreja. As universidades tratavam de muitas outras questões mais importantes. Obviamente, o assunto foi retomado muitas vezes por aqueles que desejavam depreciar a imagem da Igreja.

Existiam três teorias em vigência, a teoria onde a Terra está fixa no centro do universo, outra onde o Sol está fixo no centro do universo e outra onde o Sol é o centro do sistema solar. As duas primeiras são equivocadas se levarmos em conta um grau de exatidão maior, mas foram fruto de observação humana com os recursos disponíveis no seu tempo.

A palavra ‘mundo’, na concepção desse tempo, possuía a carga semântica muito próxima da carga semântica da palavra ‘universo’ usada na atualidade que recebeu uma amplitude devido aos avanços tecnológicos que propiciaram aquisição de maior conhecimento, por isso dizer que a Terra é o centro do universo é válido e correto antes, durante e um pouco após o período em que viveu Galileu. Era dessa forma porque o mundo era tudo o que

conheciam, a completude do universo se resumia ao mundo. O matemático Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), por exemplo, usava a palavra ‘mundo’ com a carga semântica da palavra ‘universo’.

Ocorreu que, Galileu Galilei começou a publicar idéias copiadas e completadas do padre Copérnico e a defendê-las, afirmando que a Terra não está parada no centro do universo como a maioria acreditava, mas girando sobre si mesma e ao redor do Sol, da mesma forma que os outros planetas do Sistema Solar.

Considero válido e necessário o trabalho de Galileu, pois, como já havia dito, existia a necessidade de que fossem reatestados os estudos de Copérnico.

Alguns membros da sociedade acreditavam que os estudos de Galileu estavam em oposição ao que as Escrituras informam, contudo, tratava-se de erro de interpretação.

As Escrituras nunca serviram para provar toda a complexidade do mundo, pois Deus nos deu o trabalho dignificador para isso.

A *Sola Scriptura*, que é um conceito equivocado, faz uso da livre interpretação criando novas teologias quando trata de questões que as Escrituras não se propõem a se aprofundar. A Igreja entendia isso e rejeitava as livres interpretações como promotoras de heresias e de extrema ignorância ao passo que reconhecia os trabalhos fruto dos esforços individuais como os de Galileu.

Por seus feitos científicos, em 1611, enquanto estava em Roma, Galileu Galilei foi homenageado por muitas pessoas de prestigio como cientistas e nobres. Posteriormente ele foi aceito como membro da Accademia dei Lincei.

Os Jesuítas lhe fizeram uma festa com muitos convidados da nobreza para prestigiar sua suposta contribuição com o crescimento intelectual da humanidade.

A Igreja Católica amava tanto Galileu por seus feitos que lhe concedeu uma audiência com o Papa Paulo V que se tornou seu

amigo.

Enquanto Galileu Galilei estava trazendo verdades científicas não houve conflito algum de sua pessoa com a Igreja, enquanto Galileu servia à verdade a Igreja lhe honrava.

Após toda aclamação que aparentemente lhe encheu de vaidade, Galileu começou a disseminar diversas heresias, pois não era sacerdote e fomentava a interpretação bíblica a seu modo, fazendo uso de qualquer recurso disponível para interpretar textos sagrados que, naquele momento, eram suas teorias copiadas do padre Copérnico.

Uma postura assim não era bem vista pela Igreja, pois ela estava preocupada com a proliferação de hereges do tipo de Martinho Lutero que interpretava as Escrituras livremente e levava muitos a finais desgraçados.

Galileu começou a defender suas teorias usando trechos das Escrituras, demonstrando que não havia contradição entre suas teorias e as Escrituras, mas, apesar de Galileu mostrar que não existia oposições de idéias, passou a ser percebido como um herege em potencial, pois estava criando uma teologia e tirando, de certa forma, a autoridade da Igreja em determinar a verdade da fé.

A Igreja Católica é a única que pode interpretar as Escrituras e ela não poderia apoiar esse ato que trabalha contra a determinação de Cristo, um ato essencialmente protestante.

Depois das desgraças trazidas pelo início do protestantismo, havia a certeza de que aquele tipo de postura traria uma horda de fanáticos dispostos a matar por fanatismo religioso, então, para evitar isso, a Igreja convocou o católico Galileu para depor.

Em 24 de fevereiro de 1616, Galileu foi convocado para o tribunal da Santa Inquisição de Roma para ser advertido sobre o uso das Escrituras para comprovar suas teorias e tomou ciência de como era perigoso fanatizar as pessoas naquele momento com uma nova teologia.

Diante dos inquisidores, Galileu foi arrogante e, tomado de vaidade, fez duras críticas contra a Igreja, tal como Lutero.

A Igreja temia por uma nova onda de protestos. Ela temia que surgisse um novo Lutero, por isso, em 12 de abril de 1616 Galileu foi chamado para depor sobre suas intenções ao usar trechos das Escrituras em suas publicações.

Na análise das obras de Galileu por doutores católicos para que ele fosse questionado de modo adequado sobre suas intenções, ficou claro o fato de que ele havia copiado idéias de Copérnico e as completado, mas, ao ser questionado sobre isso, negou.

Mentiu para o tribunal cometendo erro grave e, sem pensar na gravidade da situação, foi também arrogante e escarnecedor.

Tal postura trouxe desconfiança, pois era fato que Galileu estava disposto a mentir em sua defesa.

O problema que a Igreja teve com Galileu foi de desrespeito e falta de cautela.

A princípio, Galileu ficou instalado nas habitações fiscais da Igreja, era bem alimentado e foi observado por dezessete dias. Nesse período de cárcere, foi orientado a assumir seu erro por ter copiado das teorias de Copérnico e mentido diante do tribunal.

Quando sua mentira já não podia ser mantida, Galileu reconheceu seu erro e, após ler novamente sua obra, disse que involuntariamente havia copiado as idéias do padre Copérnico.

No dia 16 de abril de 1616, o papa Paulo V, disposto a saber quais eram as reais intenções por trás dos atos de Galileu, ordenou que lhe informassem que seria examinado e torturado por suspeita de praticar heresias.

Galileu nunca foi torturado, pois a ameaça do Papa foi apenas um artificio para arrancar-lhe a verdade sobre o que ele estava tentando fazer com aquela postura crítica em relação a Igreja.

No dia 22, Galileu foi condenado a negar sua opinião e ao exílio temporário. Após o termino do período, viveu em sua casa até o ano de 1642 quando morreu de causas naturais.

A Igreja ainda presentearia a humanidade com muitos grandes estudiosos como o jesuíta Ruggiero Giuseppe Bettera (1711-1787), um dos pioneiros no desenvolvimento dos estudos da física, o monge agostiniano Gregor Mendel (1822-1884), o pioneiro no desenvolvimento nos estudos da genética, George Lemaître (1894 -1966), autor da teoria da origem do universo (Big Bang) na sua *Hipótese do Átomo Primordial* ou ovo cósmico e muitos outros.

Possivelmente, nenhum deles imaginava que os estudos que desenvolviam para evidenciar a criação de Deus seriam usados por apedeutas e embusteiros para a defesa de posturas ateístas ou em protestos contra a Igreja.

O Iluminismo

Após a Igreja Católica ter sua autoridade questionada por muitos protestantes de prestigio entre os degenerados, os povos se tornaram cada vez mais tolerantes ao ativismo anticristão e promotores de difamações contra a Igreja e todos os valores que ela cultivou.

Obviamente não existia um conjunto de credos iluministas que determinava o que cada iluminista deveria professar, contudo, por advogar em causa própria, no século dezoito nomeado como o Século dá Filosofia, os iluministas concebiam a Idade Média como um período desgraçado, marcado por irracionalidade e superstição. Ignoravam que foi a Igreja Católica, na Idade Média, a fornecedora das bases que estruturavam a sociedade naquela atualidade e chamavam, erroneamente, assim como os muitos outros grupos formados por ignorantes, o período que trouxe mais luz ao mundo de Idade das Trevas, não em referência aos poucos registros históricos disponíveis e sim em referência às trevas dos supostos males, e a eles de Iluministas, de heróis dedicados que se opõem as severas trevas passadas com a filosofia iluminante e libertina.

A luz que eles idolatravam não era a luz da ciência ou a luz da virtude ou da excelência, mas a luz da libertinagem que já prometiam um paraíso de vícios e delícias terrenas, um materialismo abominável pela Igreja que era caluniada por muitos deles que a chamavam de inimiga do progresso, mesmo sendo ela a promotora do progresso por intermédio do desenvolvimento da ciência e da virtude.

Foram os Iluministas que desvirtuaram o jovem François Arouet (Voltaire). Aliciaram o rapaz e o fizeram membro dos Libertinos do Templo contrariando a vontade de seu pai que teve de mudar a localidade do filho para fugir das garras perversas dos idealismos que promoviam o caminho para o surgimento de perversões inimagináveis.

Eram os iluministas um grupo de egos inflados e inflamados que se referia a religião Cristã como a superstição mais desprezível, enquanto colhiam os frutos da educação propiciados pela construtora das universidades e da sociedade.

Os iluministas com a luz da ignorância, começaram a simplificar os conceitos, empobrecendo os estudos com seus idealismos.

Não é possível oferecer bens ou suprir necessidades com palavras, contudo pensavam que suas palavras poderiam melhorar a vida alheia.

As conseqüências isoladas passaram a ser percebidas como fenômenos complexos e assim promoveram parte das trevas para os libertinos que rejeitavam a educação clássica por perceberem um caminho mais fácil na porta larga da ignorância.

Mordiam a mão que lhes alimentou no berço quando chamaram a Igreja Católica de mãe da ignorância, opressora e perigosa. Eles abraçaram o engano quando se declararam opositores.

Além de negarem a necessidade dos valores essenciais adquiridos com a Igreja, desejaram bani-la das influências sociais com o intuito de criar todo um ambiente liberalista contra a validade da moral cristã, pois estavam certos de que a moral cristã presente em todo mundo era um impedimento para a reflexão e a mudança do pensamento do homem sobre seus valores[40].

Esse pensamento era errado, pois foi a Igreja Católica a instituição que havia garantido suas liberdades.

Os iluministas eram tão incapazes que não conseguiam jogar luz contra à própria realidade. O redirecionamento de um problema para outro alvo, por não aceitar o verdadeiro, é uma vileza tola das mais vergonhosas que há e essa é a razão do ataque ao cristianismo.

Obviamente, eram “filósofos” que não eram dados à ciência e nem eram dedicados ao trabalho. Suas razões eram razões

humanas falhas e equivocadas. Eles formaram uma oposição contra a Igreja por ela basear sua razão nos propósitos de Deus que desfaziam os idealismos absurdos que eles possuíam.

Para tanta sandice contra a Igreja, foi necessário mentir a respeito da Idade Média dominada pelo catolicismo.

O corpo de iluministas era formado por exotéricos, satanistas, hereges, ateus e ativistas em geral que tomaram a Igreja por inimiga da razão.

Em delírio, eles imaginaram uma falsa oposição entre fé e ciência, quando fé se mede no serviço a Deus e somente quem pratica o serviço a Deus é quem possui a certeza da existência de seu reino invisível.

A fé jamais se oporia à ciência e nem poderia, contudo, esse grupo de ignorantes às cargas semânticas dos fenômenos que abordavam necessitava difamar a Igreja para que o conhecimento popular se voltasse contra ela, já que, no popular, havia menos critérios ou capacidade para analisar as verdades. Para tanto, fizeram uso de uma inversão semântica que caracterizava a fé como mais uma superstição. Fenômeno esse que é mais fruto de falta de educação que de ativismo contrário à Igreja.

Nesse seio de imundícies começaram a serem alimentadas idéias contrárias ao *bom trabalho* dignificador e muitos outros idealismos para o mundo se tornar um tipo de paraíso terreno, sem medirem as conseqüências reais de suas idéias.

Havia certa concórdia, restrita ao campo das idéias, entre os protestantes e os iluministas que tanto debocharam da fé, o que levou muitos protestantes a assimilarem alguns conceitos novos. Eles modificariam entre eles ainda mais o conceito de fé pelo conceito do pensamento positivo dos ocultistas e satanistas e o deus deles passou a ser maior propiciador de benesses materiais, de um paraíso terreno palpável.

A noção errada de que idéias humanas iluminam fomentariam, posteriormente, o surgimento de tentativas de imanentizar a verdade com idealismos sociais como o comunismo e

o socialismo. Isso é tanto verdade que o socialismo nasceu dos valores iluministas.

Se observarmos o estado da sociedade que Carl Marx concebia como do período de conclusão do processo social, perceberemos que é um estado quase idêntico ao modelo de sociedade almejado pelos iluministas.

Uma parte dos iluministas respeitava tudo o que fosse e o que concebia como oposição ao cristianismo, adorava a própria razão (coisa criada por Deus) e acreditava que o estudo das coisas iria saciar qualquer necessidade ou desejo humano.

Penso que os iluministas possuíam esses ideais por existir uma oposição indissolúvel entre os ideais iluministas, que obedeciam a razão de satanás, e a prática da vida cristã dos bem-aventurados dedicados ao bom trabalho.

Entendo o iluminismo como um choque traumático de alguns viciosos com algum poder dado pelo pouco estudo, pois muitos são os que se tornam insensatos ou enlouquecem diante de algumas verdades.

Eles desejaram tirar o peso da cruz de suas costas com o intuito de propiciar um mundo materialista de delícias terrenas, um mundo onde a consciência se volta apenas para si, para os próprios prazeres, o que os levou a perceber Deus como uma barreira impedindo os seus caminhos pessoais e o torpe progresso da humanidade, mesmo sendo a Igreja Católica aquela que lhes propiciou e lhes garantiu a liberdade e, por conseqüência, o progresso em todas as áreas.

O espírito iluminista é o mesmo espírito que toma o coração dos pecadores em todos os tempos contra Deus, um espírito que leva o ser, diante de uma tentação, a deturpar Deus em seu coração com o intuito de tornar sua perversão aceitável, de modo que, alguns criaram deuses para si (Deusa da Razão) e outros, mais fanáticos portadores de uma intuição equivocada, ignoraram o fato de que o estudo não cria as coisas e nem suas leis, que ele apenas observa e permite uso mais elaborado, o que os

levou ao engano de que a verdade é algo que se idealiza e não que se descobre.

Como foi dito, não existe um credo iluminista e o que é dito sobre eles serve para todos os sofistas enganadores que pensam que podem trazer luz para a vida alheia por intermédio de suas palavras fruto de sua sabedoria.

Havia, com certeza, uma aversão à igreja de Cristo no coração desses filósofos. Como opositor, o conhecimento filosófico teológico sobre a Igreja desassociado da Igreja ignora a importância de sua base moral para a humanidade fazendo uso de deturpações da história e da razão, quando a moralidade é um suporte essencial para a sabedoria e o progresso.

O que levou tantas pessoas “dadas aos estudos” a desenvolverem oposição à Igreja não é muito difícil de entender. Todos os opositores da Igreja queriam pecar à vontade sem sentir o que eles poderiam chamar de “opressão”.

Um Deus vivo lhes incomodava, então foi primordial, em seus planos, retirar Deus de seus corações e destruir o prestígio da Igreja perante a sociedade.

Eles possuíam liberdade para estudar, mas não eram muito dedicados aos estudos e queriam excluir Deus por intermédio de falsos pretextos.

A maior parte deles considerava, assim como muitos outros, que, sem a Igreja, a ciência evoluiria de tal modo que superaria Deus, algo tão insano que nem eles acreditavam.

A Igreja nunca os impediu de estudar ou de ser a “luz” do mundo, porém, esses senhores, em vez de contribuírem para o avanço científico, caluniavam a Igreja que impediu que o período da Idade Média se tornasse uma verdadeira Idade das Trevas.

Questionar a santidade e a autoridade da Igreja, não ter a Deus como toda a fonte de poder e sabedoria e pensar que existem poderes místicos apartados de Deus, gera, automaticamente,

imersão no ocultismo, pois, nessa perspectiva, o homem, no escuro da ignorância, percebe o mundo e atribui a ele toda a sua provisão.

Quando não se crê em Deus, é certo de o indivíduo atribuir poder a uma mística qualquer.

Os iluministas diziam combater a ignorância e a opressão trazidas pela Igreja ao passo que elevavam uma deusa chamada Razão, cultuavam Isis, seres simbólicos, segredos maçônicos, satanismo, todos os tipos de símbolos absurdos e todo tipo de misticismo que não fosse católico.

Eram dados ao esoterismo e ao ocultismo de modo tão intenso que davam crédito a qualquer superstição propagada como se fosse ciência. Acreditavam inclusive nas próprias narrativas de ficção criadas para entreter.

Não se passava uma década para que elementos de narrativas de ficção fossem convertidos em verdades imutáveis e objetos de “estudos” filosóficos dos iluministas que se diziam dados a razão. Digo isso sabendo que esse vício não é exclusivo deles.

Eu entendo que a filosofia, os conceitos, os fenômenos ainda não analisados devidamente e a teologia pressupõem a ciência. Sir. Issac Newton, por exemplo, era físico, matemático, alquimista e pressupunha, a princípio, que Deus era as coisas.

Ser alquimista é uma tolice enorme na atualidade, mas isso fazia parte da base experimental de seu tempo que não possuía o conhecimento de que não é possível modificar os átomos por intermédio de reações químicas.

Newton, contaminado pelos esoterismos de sua época, deixava entender que considerava Deus como uma força da natureza, uma força mundana presente nas coisas, o que é, de certa forma, um pensamento pagão atualizado e mais aceitável que converge em alguns pontos nas idéias dos opositores da Igreja que não atribuem consciência a Deus.

Nessa forma de pensar, Deus estaria em tudo como sendo tudo. Naturalmente, o homem, sem a Igreja, teria conclusões

errôneas por perceber o agir do criador nas coisas e se paganizaria, o que aconteceu com os que aceitavam os pressupostos errados.

Nota-se que o conceito de que Deus é as coisas sempre é retomado entre os que possuem a tendência de rejeitar Deus.

Os “cientistas” (ativistas) que se voltaram contra a Igreja sempre partiram de suposições erradas.

A maior parte dos iluministas eram filósofos covardes que percebiam as aflições da vida como sendo coisas não naturais. Em sua maioria eram palpiteiros do pior tipo, não contribuíam com os avanços que estariam por vir e ainda queriam tirar o crédito daquela que estruturou a sociedade e é nessa verdade que as críticas de escritores como o iluminista Voltaire deixam de ser meras piadas jocosas para se tornarem uma representação real da ignorância e da alienação à vida corrente e real.

Uma parte dos ricos filhos dos nobres queriam se deliciar no mundo e, cedo, assimilavam as idéias viciosas dos iluministas, abandonavam o *bom trabalho* dignificador e dedicavam grande parte do tempo ao questionamento dos valores que haviam sido difundidos na sociedade pela Igreja e que impediam uma grande exaltação e idolatria para a libertinagem como se a libertinagem fosse um deus.

Sem a razão de Deus, a luz dos iluministas é a libertinagem que propicia vícios e delícias em vida enquanto se pode ter.

O amor aos vícios deveria ser justificado por eles e, para tanto, tiveram de mentir de forma refinada, por intermédio de recursos retóricos avançados que escondem a evidenciação dos enganos da maioria incauta.

O caso de Voltaire, o ingênuo que foi aliciado quando jovem é interessante e elucida as influencias iluministas.

François-Marie Arouet nasceu em 21 de novembro de 1694, em Paris na França, de pais membros da aristocracia francesa.

François, que viveu na modernidade, gozou do crescimento intelectual cultivado no período anterior, a Idade Média, que requeria, na base dos estudos, um forte aprendizado de gramática, de retórica e de lógica, o que explica seu grande domínio da retórica.

Ele estudou no Colégio jesuíta Louis le Grand onde teve formação clássica. Aprendeu dialética e teologia, provando de uma grande didática nos moldes das universidades católicas, mas teve os costumes estragados ainda jovem por más influências.

Devido às suas novas inclinações, Voltaire foi aliciado com 12 anos e se tornou membro da Sociedade dos Libertinos do Templo onde se viciou nos prazeres desregrados da vida, no ano de 1706, desenvolvendo uma aversão temporária à moralidade.

Pelo fato de o jovem François ter estragado os costumes, seu pai providenciou sua mudança para a cidade de Caen, na França com o intuito de afastá-lo das más influências locais. Em Caen, trabalhou em um escritório.

A jovialidade passou e com ela também a sua ingenuidade que permitiu que fosse aliciado pelos filósofos iluministas.

No seu amadurecimento, teve prazer em expressar a idéia de que tudo possuía um lado oposto em si, ou seja, ele possuía uma tendência a contradizer e a satirizar.

Em suas produções, ele apreciava contradizer conceitos formados e criava ironias reais, possíveis e fictícias, por isso, em 1716, foi exilado em Sukky-sur-Loire, após escrever dois epigramas sobre o regente duque de Orleans cujo conteúdo contradizia sua moral e razão pessoal, característica essa da sátira. No ano seguinte, foi preso por onze meses e começou a escrever o poema Heuríada e terminou Édipo. Em 1718, François se autonomeou Voltaire, nesse mesmo ano sua peça Édipo rendeu-lhe grande sucesso e ele herdou uma grande fortuna.

Desse ponto em diante, as mentiras contra a sua pessoa se intensificaram e, segundo as palavras do mesmo, existia uma verdadeira biblioteca de mentiras contra ele.

Sete anos mais tarde, ele ainda estava provocando a cólera em diversos representantes da vida pública. Em 1729, retornou à França e escreveu diversas tragédias inspiradas na obra de Shakespeare. E são elas: *Brutos* (1730), *Zaira* (1732), *Adelaide du Gueslin* (1734), *A História de Carlos XII e O Templo do Bom Gosto* (1733). Em Londres, a versão francesa de seu trabalho *Cartas Filosóficas* é apreendida e queimada e ele se refugia no castelo de Cirey de Mme du Châteler, sua grande paixão que durou dezesseis anos. Em 1754, Voltaire escreve muitas peças para serem encenadas no teatro do castelo Cirey.

Para Maurois (1935), Voltaire nunca deixou de exibir seu pensamento e fez isso como pôde.

Conclui-se que, se não havia elementos contraditórios na vida pública que lhe servissem de exemplo, Voltaire tratava de os criar. Em suas obras, inventou muitos personagens fictícios para contradizer conceitos formados sobre fenômenos, de modo que alguns se maravilham até hoje com sua criatividade que conseguiu trazer da ficção para o conhecimento popular, como sendo realidade, alguns elementos de sua criação.

Em 1746, Voltaire se torna poeta da corte e, devido ao prestigio adquirido com o cargo, torna-se historiógrafo do rei Luís XV. No cargo, compôs diversas óperas e poemas. Em 1747, Voltaire comete diversas imprudências graves, se refugia por algum tempo e entra em melancolia.

Por causa de novas publicações neste período, Voltaire é preso em Frankfurt e em seguida escreve *Ensaios sobre os Costumes*. Após completar 60 anos, montou um teatro onde exibiu diversas peças por volta de 1755.

Em 1759, Voltaire rompe com Rousseau, que era filosofo iluminista, portanto, um irmão na concórdia, e escreve sua grande obra *Cândido ou o Otimismo* ironizando tudo o quanto pôde. Um romance que serve como exemplo da sua forma irônica de escrever.

Lamentou a perda da amizade, contudo, há muito tempo, já possuía outro caminho.

Aos 84 anos, Voltaire volta para Paris, é festejado e assiste a uma apresentação de sua tragédia Irene na Academia.

Voltaire teve o prazer de ter sua obra reconhecida enquanto vivo e, antes de morrer, redigiu o seguinte: “Morro adorando a Deus, amando meus amigos, não odiando meus inimigos, detestando a superstição.”

Ele não havia abandonado a fé em Deus. Ele manteve o respeito a Deus e riu dos sacerdotes que desonravam a fé, das posturas e dos cargos dos homens.

Como todo iluminista, enquanto associado aos degenerados, amou à suposta razão que provavelmente era o conjunto de suas convicções enquanto ingênuo, inexperiente, aliciado e induzido ao engano por filósofos libertinos.

Para muitos, Voltaire foi um grande promotor de mudança social e o fazia apresentando em suas produções perspectivas incomuns. Isso eu reconheço como verdade, pois as pessoas incautas e suscetíveis ao engano costumam mudar ao abandonar valores vertidos no imprestável.

Certamente Voltaire contribuiu para o desacreditar e o desvalorizar dos alvos de suas críticas entre os sem educação. Sobre os educados, os capazes de detectar suas ironias, nenhum efeito maligno infundiu. Esse fato evidencia que o mal acompanha somente os ignorantes.

O desejo temporário de Voltaire de romper com o conhecimento herdado pela Igreja Católica no período medieval lhe categorizou como iluminista, contudo, o mesmo, cedo abandonou as vadiagens e voltou para o doce regaço do pai.

Em seus escritos, os protestantes foram todos colocados em um meio bestializado que somente prega Cristo pelo amor a discórdia e pelos interesses próprios, um meio onde se execra e se mata por diferenças.

Os eu-líricos criados por Voltaire evidenciam uma raiz comum entre o protestantismo, o iluminismo e a noção de um Deus

particular cujo conceito é definido seguindo a arbitrariedade humana.

Voltaire riu, criou espantalhos de tudo o que pôde e ofendeu demais. Teve empenho maior em ironizar a filosofia e o cristianismo tomando os maus exemplos como se fossem os representantes da filosofia e da fé, de modo que ele produziu muitos filósofos alienados à vida real e sacerdotes que não eram verdadeiramente santos.

Todos são patifes, corruptos, oportunistas, vigaristas, insensatos, egocêntricos e principalmente promíscuos.

Fez isso talvez por não haver interesse naquilo que se pode chamar de mesmice ou por pura jocosidade que afetou até mesmos os que honram os trajes eclesiais.

Voltaire criou personagens membros da Igreja adversos às suas convicções, contudo, não se pode julgar o caráter de um homem pelos eu-líricos que ele produz, pela sua arte literária.

Ele já estava nos braços da Santa Igreja Católica quando adoeceu e, após vomitar sangue, procurou se confessar com um padre que foi até ele.

Posteriormente, obteve uma melhoria e continuou a produzir sua arte literária até o fim de seus dias. Ele morreu convertido ao catolicismo e santificado por Deus.

Voltaire manteve a integralidade de suas obras que inclui *Cândido ou o Otimismo* e não as reconhecia como ofensas contra a santa igreja, o que evidencia que o propósito do romance citado, assim como outras produções suas, não era macular a Santa Igreja.

Devemos ter em mente que os fatos históricos vivos no conhecimento popular do tempo de Voltaire envolviam, principalmente, a filosofia, o cristianismo e suas influências educacionais, por isso, ele teria de satirizar essas coisas a seu modo.

Ele satirizaria principalmente a filosofia e o cristianismo por seu engajamento passado no novo despertar filosófico iluminista

que, possivelmente lhe forneceu o modelo de filósofo covarde alienado a vida corrente e real.

A filosofia entre os iluministas era algo ineficaz na busca pela verdade, por isso, em seu grande romance, Voltaire definiu o caráter do filósofo como o do covarde incapaz de gerir a própria vida que se percebe apto a aconselhar os outros.

Havia dois caminhos distintos na filosofia, assim como nos dias atuais. Um deles buscava a verdade e a virtude e o outro a fama. A oposição entre esses caminhos era muito clara, apesar de que a busca da virtude pode levar a fama, mas, se o objetivo é a fama, existia um atalho fora do caminho do esmero.

No atalho para a fama, a trapaça argumentativa se tornou um modo válido de avaliar, de modo que, não cumprir com diversas regras de felicidade interpretativa se tornou aceitável.

Entre os ignorantes, na terra fértil para a ignorância, muitos outros males puderam ser cultivados, as más interpretações foram potencializadas e Voltaire ironizou esses males ao evidenciar as falhas argumentativas dos filósofos que desejavam jogar luz sobre as grandes questões do mundo com suas divagações e análises.

É fato que o iluminismo, como toda vã filosofia, se desfaz com a verdade e o amor manifestos em uma vida sincera que não comporta os idealismos, pois, no bom trabalho, no cultivo de belos jardins, somente o que é verdade prevalece e as vãs divagações e análises são naturalmente abominadas junto aos idealismos assim como na mensagem de *Cândido ou o Otimismo*.

VII - OS FRUTOS DO PROTESTANTISMO

A diversidade de doutrinas sempre atraiu grandes males. É fato que a leitura bíblica desordenada é perigosa e foi ela a provedora de muitas desgraças, porque a vaidade do homem que deseja ser Deus buscou nelas, no texto sagrado, a auto justificação. Devido a isso nos alertou o Senhor:

> “Não vos deixeis desviar pela diversidade de doutrinas estranhas. É muito melhor fortificar a alma pela graça do que por alimentos que nenhum proveito traz aos que a eles se entregam.” (Hb 13, 9)

Certo seria que muitos perceberiam algum valor nas Escrituras da Igreja de Cristo, aceitariam parte da palavra de Deus escrita, inventariam crendices baseadas em preceitos humanos, rejeitariam a Igreja Católica como a missionária de Cristo e se autonomeariam sacerdotes, tal como fizeram os pagãos diante da influência católica, após a queda do Império Romano.

Criar uma seita (grupo religioso) sem a permissão de Roma é um pecado contra o senhorio de Cristo. A maioria que se dispõe a liderar alguma seita “cristã” sem a autorização de Roma, apartada da Igreja, é formada por pedantes que decoraram alguns versículos da Bíblia e que perceberam a possibilidade de tirar alguma vantagem, desde que se mantenham apartados da Igreja de Cristo e fundem uma seita fazendo uso de parte dos dogmas católicos.

Mesmo se lessem as suas bíblias adulteradas muitas vezes, ainda consideraria os protestantes como leitores de alguns versículos, por terem lido sem o desenvolvimento de compreensão válida ou considerável por causa de suas leituras viciadas.

Se alguém está disposto a ter conclusões sem estar preparado, não deveria ler, pois pode deturpar e, com a deturpação, encontrar o que deseja no texto sagrado. Porque quem desejar encontrar suas inclinações pessoais nos textos sagrados irá desenvolver heresias(escolhas).

Considerar que a Bíblia é auto interpretável é insensatez. A Bíblia é dos livros que necessitam de mais bases para ser possível desenvolver uma leitura assertiva.

Por respeito para o que é sagrado, quando leio as Escrituras, tenho como base a fé dos apóstolos que existe até hoje, a tradição de desde Jesus Cristo, a tradição da eterna Igreja Católica.

Além de a respeitar, eu percebo a verdade da única igreja de uma forma que eu não a posso negar.

Judas percorreu o caminho da porta larga da diversidade, pois estava entre os discípulos para ter vantagens e traiu a confiança de Cristo, ou seja, observava o que poderia adquirir da fé para a própria vida, o que é uma postura contrária ao serviço do Senhor.

Uma parte deles possui as mesmas atitudes da parte dos judeus que condenaram Cristo, dos que acusaram São Pedro e São Paulo e dos que mataram Estevão, o que me leva a crer que foi o oportunismo e o amor à discórdia que os fez tomar a iniciativa de se auto nomearem pastores de ovelhas.

Se Cristo lhes dissesse algo contrário aos seus preceitos, certamente, a maioria preferiria se voltar para a própria razão e rejeitar a autoridade do salvador.

Os protestantes, no mundo inteiro, começaram a crescer em número e em influência, graças a propaganda contra a Igreja Católica iniciada pelos luteranos. O povo sem educação aceitava facilmente o discurso de ódio dos pedantes que defendiam uma fé que para eles era pura, imaculada e muito diferente da fé do espantalho que criavam da Igreja Católica que incansavelmente foi e é caluniada.

Uma parte deles calunia Maria, a Igreja e os habitantes do Céu, assim como São João disse, por revelação, que a boca de satanás faria.

Com o idealismo da *Sola Scriptura* que é uma inspiração satânica, pois foi satanás quem inventou o uso das Escrituras para contrariar Cristo quando o tentou, qualquer um, sem a tradição da Igreja, poderia fazer uso das Escrituras e repetir as heresias de Lutero ou inventar as próprias, criando uma nova oposição à Igreja.

Uma seita baseada em mentiras não pode se manter sem dar suporte ao engano, por isso, difamar a Igreja Católica se tornou como um alimento para os egos dos fiéis protestantes que se autonomeavam como os novos eleitos, os donos da verdade quando, na verdade, são fomentadores da rejeição à autoridade dada por Cristo à Igreja Católica, hereges por realizar escolhas.

As calúnias contra o catolicismo são como parte da base de qualquer seita protestante e foi nesse alicerce de mentiras comuns onde movimentos religiosos, chamados equivocadamente de evangélicos como o Holliness, obtiveram seus êxitos.

A proposta inicial do protestantismo não é muito popular, pois foi baseada em protestar contra a Igreja de Cristo e isso trabalha contra a possibilidade de aquisição de um grande nicho de mercado, por isso, não subsistiria por muito tempo, caso não se reinventasse.

Quando os líderes protestantes perceberam que uma religião baseada em apenas protestar não possuía sentido algum de existir ou nicho de mercado considerável, trataram de modificar os discursos com o intuito de tornarem, a princípio, suas seitas mais aceitáveis e essenciais e, em um segundo momento, mais populares.

As principais seitas heréticas

É notável a desordem no protestantismo causada pelas escolhas (heresias) pessoais.

Com a propaganda protestante contra o catolicismo, a prática herética começa a se tornar comum e justificável, o que levou muitos infiéis a se sentirem livres para acrescer e retirar do depósito da fé católica.

Os luteranos se firmaram apartadamente da Igreja de Cristo em 1517. A atuação mais efetiva deles foi na propaganda anticatólica por possuírem uma fé baseada na rejeição à autoridade da Igreja de Cristo.

A seita Igreja Presbiteriana teve início em 1859 baseada em deturpações bíblicas de João Calvino que nasceu em 1509 e morreu em 1564.

Na doutrina herética de Calvino, que morreu invocando o diabo e blasfemando contra Deus, segundo Horenius sobre a sua vida, somente uma parte da humanidade estava predestinada a ser salva, contrariando todo o depósito da fé que incluem as Escrituras e Cristo. Na heresia calvinista, na prática, a pregação serve para envaidecer e atestar a salvação dos membros e, pela lógica própria deles, é Deus quem faz os escolhidos pecarem, uma forma que encontraram de justificar os pecados de algum autonomeado escolhido flagrado em pecado grave, sendo os pecados graves equiparados por eles a erros ínfimos quando lhes convém.

Em 1534, o Rei inglês Henrique nega as determinações da Igreja Católica expostas por São Tomás More e cria a seita Igreja Anglicana.

Por sua soberba, não reconhecia a fé da Igreja Católica quando ia contra seus intentos. Henrique queria que a Igreja Católica reconhecesse sua avareza por ato lícito quando deixava uma mulher para se casar com outra.

A Igreja não abriu exceção à sua realeza que não aceitava a cruz do matrimônio e que por isso criou uma seita adaptada para si. Fez isso sabendo que somente Cristo pode criar uma Igreja. Talvez, por ser rei, considerou ter mais autoridade que Cristo.

Após 1608, um grupo de protestantes liderados por um homem chamado John Smith criou a seita Igreja Batista tendo como base os ideais anabatistas ainda vivos desde a primeira revolta que culminou no massacre narrado. Essa nova seita pôde adquirir forças devido a moda do questionamento contra a autoridade da Igreja Católica e deu continuidade ao costume herético de batizar novamente, mesmo o batismo sendo um rito único de passagem para a vida cristã que não pode ser desfeito ou refeito.

Nessa doutrina herética, todos os autonomeados possuem autoridade para batizar, menos a Igreja Católica, a única que possui sacerdotes que vem de uma sucessão cujo sumo sacerdote é Jesus Cristo, o que é claramente desonestidade e falsidade mascarada de santidade da parte deles.

Posteriormente, muitas outras seitas protestantes adotariam a prática herética de batizar novamente sem autoridade eclesial, contrariando São Paulo quando disse que somente existe *um só Senhor, uma só fé, um só batismo (*Ef 4, 5).

Após a morte de John Wesley, clérigo anglicano, membros da seita anglicana de um grupo chamado metodista se apartaram e fundaram a seita Igreja Metodista entre os anos de 1700 e 1800, crendo que somente é necessário acreditar em Deus sem a necessidade de ser dele no seu serviço para ser salvo, um credo muito próximo do credo luterano. Essa nova interpretação é contrária ao amor ao próximo, pois o pecado por omissão é aceitável. Essa seita continuava apreciando a postura da seita anglicana por ela ter se revoltado contra a Igreja Católica e desejava revolucioná-la com suas deturpações bíblicas que contribuíram para a origem do pentecostalismo.

Ao dissertar sobre as principais seitas, é possível perceber a mesclagem de heresias por intermédio do exemplo metodista que

mesclava muitas heresias de outras seitas.

Posteriormente, parte dos enganos particulares de cada seita foram sendo partilhados entre outras seitas que escolhiam o que crer do confuso depósito herético protestante, do paganismo, do ocultismo e do esoterismo.

O conceito de fé já havia sofrido mudança semântica por não respeitarem seu referente real definido pela coluna e sustentáculo da verdade e as seitas heréticas usaram a carga semântica do pensamento positivo do ocultismo para criar a nova fé, muito mais cômoda com sua carga semântica substituída, uma nova fé que serve para crer em qualquer coisa, uma nova fé idólatra que permite chamar qualquer elemento cobiçado de deus.

Apartados da tradição da única igreja, os protestantes foram confundidos pelas doutrinas ocultistas e esotéricas de modo que o agir do Espírito Santo foi substituído por práticas delirantes dos ocultistas e dos pagãos.

Características semelhantes do movimentar das loucas no rito de Baco e das danças ocultistas da Idade Moderna foram atribuídas ao mover do Espírito Santo nesse meio herético.

Agora, os protestantes, se quisessem, poderiam rodar em cultos como as bruxas na floresta, cair se debatendo no chão e gritar como se estivessem cheios de demônios, pois tudo teria uma livre interpretação protestante permitida pela *Sola Scriptura* que serve de base para justificar os excessos sob uma blindagem contra críticas pela atribuição da loucura ao Espírito Santo.

O pentecostalismo

Uma nova excitação começou a partir da aceitação de místicas estranhas nas seitas protestantes e, com ela, a origem do movimento pentecostal.

O movimentar das loucas no cultuar a Baco havia sido suprimido assim como muitos agires desordenados e, em muitos, existia o desejo como uma necessidade de retomar, de modo aceitável, não os ritos em si e sim as desordens religiosas. Não porque quisessem retomar algo tradicional e sim pela excitação para suprir o desejo de fingir para fugir da realidade pouco aceitável de uma vida reta perante Deus.

Então, aqueles que haviam se contaminado com práticas ocultistas, passaram a introduzi-las dentro das seitas heréticas praticando um tipo de formalização ou justificação de comportamentos estranhos e desordenados.

São muitas as origens dos movimentos protestantes com a proposta de serem “pentecostais”.

Em meados de 1910 e 1920, nos EUA e no Japão, já era evidente a excitação do pentecostalismo entre os protestantes. No Brasil, em 1910 foi fundada a seita Congregação Cristã do Brasil, em 1911 a seita Assembléia de Deus e em 1962 a seita Deus é Amor.

Em algumas seitas havia a proposta de estudar o evangelho e de pregar como São Paulo. Um modo de pregar que, segundo eles, se iniciaria pelos judeus como um reinicio do cristianismo. Uma proposta ousada e herética.

Trataram a Igreja de Cristo como nula e se consideraram como os donos da verdade, como se todos os pecadores quisessem se converter e como se o único impedimento para uma grande conversão mundial fosse a falta da nova pregação promovida por eles que formavam mais um grupo de seitas entre muitos outros.

O protestantismo conquistou os que não estavam dispostos a servir a Deus e os que buscavam ser servidos por qualquer entidade ou mística.

Se observarmos o tipo de homem que é catequisado e que, por desobediência, não aceita os desígnios de Cristo é o mesmo que se aglomera em protesto contra a Igreja e que se converte ao protestantismo por alguma promessa de benefício. Trata-se de veneração por oportunismo. Observam Jesus e os discípulos para lhes tirar vantagens materiais.

Pelas muitas opções disponíveis, o herege escolhe a seita que mais se adequa a ele, quando o indivíduo deveria se adequar a única Igreja.

Um indivíduo que freqüentou o espiritismo, a umbanda ou o candomblé, poderia se sentir à vontade nos cultos pentecostais fingindo o estranho estado de transe, pois parte das práticas são muito idênticas.

A modificação da fé pelas razões pessoais, leva, de alguma forma, a exaltação do material, por existir confusão entre o transcendente e o material, entre as razões de Deus e as razões pessoais entre os protestantes.

Grandes foram as promessas de poder, prazer e benefício material das seitas, pois eram elas a chave do êxito para os grupos religiosos apartados de Roma. Nelas, a penitência foi demonizada e a libertinagem já era romantizada como coisa divina, assim, na livre interpretação, a graça foi ligada erroneamente a benefícios materiais recebidos no serviço a Deus.

O protestantismo pentecostal possui muitas raízes diferentes, mas todas elas se assemelham em muitos pontos. Tinham grande fé na influência da própria pregação, como se ela fosse convertedora e dada pelo Espírito Santo, quando o problema dos incrédulos nunca foi falta de bons argumentos ou algum sinal da parte de Deus.

Isso é tanto verdade que Cristo veio exatamente como nas profecias e a parte corrompida dos judeus tentou lhe matar, o que

evidencia a grande alienação desses movimentos protestantes para com a história, as Escrituras e a igreja de São Paulo.

A verdade é que uma parte das pessoas não possui a capacidade de perceber a verdade ou não a deseja para si.

A maioria deles tinha pressa e pregava uma vinda iminente de Cristo. Para eles, Cristo viria logo e, por isso, precisavam se santificar, mas trataram de conceber uma nova santidade baseada na tentativa de parar de pecar usando o esforço humano e mandando, se possível, para o inferno os pecadores, como se eles, os supostos convertidos, deixassem de pecar, quando a santidade verdadeira consiste em servir a Deus.

Uma associação perversa onde se usa os pecados evidentes alheios para alimentar o próprio ego e uma santidade aparente já era cultivada desde o início do protestantismo.

O cinismo passou a ser um fenômeno comum, não somente ao fingirem estarem em transe pelo Espírito Santo. O cinismo é um fenômeno generalizado no protestantismo. Algumas correntes protestantes influenciadas pelo calvinismo consideram que a salvação é algo que se recebe no nascimento e que é possível pecar livremente, pois, se um escolhido comete pecado é porque Deus o fez pecar e, mesmo pecando, o escolhido será salvo por alguma mística estranha ou título de salvo, mas isso não passa de má interpretação das Escrituras.

Mesmo podendo consultar os documentos dos primeiros séculos da Igreja onde se pode ler que nada deve ser feito sem a autoridade do Bispo que vem de uma ordem cujo sumo sacerdote é Cristo, os pentecostais recebiam um batismo no que eles chamam de espirito santo, um batismo diferente do que os ordenados pelo bispo ofereciam, pois o batismo verdadeiro somente é possível com a autoridade de um verdadeiro sacerdote de uma sucessão católica, contudo, apesar disso, a Igreja Católica reconhece o batismo para a entrada na vida cristã de algumas seitas apartadas pelo fato de que Deus é amor e, por isso, não desampararia os que acreditam estar fazendo sua vontade nesse caso.

Ocorre que, nessa verdade, os fiéis enganados são livres de qualquer culpa, mas os enganadores não. Até o termino desta, são as seitas autorizadas: A seita oriental Ortodoxa, a Vétero-Católica, a Anglicana, Evangélica de Confissão Luterana e a Metodista. Um número insignificante em um mar de mais de nove mil seitas heréticas, cujo real número pode superar trinta mil.

Uma vez batizados nessas seitas, não se pode se batizar na Igreja Católica, pois o batismo foi tomado como válido pela representante de Cristo.

Os pentecostais dizem ter um dom de línguas estranhas, mas, ocorre que, na observância dele, não se percebe grau de equivalência algum com o sinal do dia de pentecostes onde se falava no idioma nativo e o estrangeiro entendia. As línguas estranhas não possuem qualquer estrutura válida ou próxima a alguma estrutura analíticas ou sintéticas, o que evidencia farsa e delírio. Eles também diziam ter o dom de cura, mas jamais foi comprovada uma única cura em ambiente protestante, pois deus não atestaria o delírio como provisão sua.

Tudo era equivocado e advindo de delírios, influências pagãs e ocultistas, contudo, pelo fato de as heresias receberem signos lingüísticos cristãos, eram aceitas como práticas justificadas.

Devido a essa tendência, podia-se assimilar algum rito a satanás sob algum nome cristão.

Em meados de 1920, missionários protestantes de diversas vertentes estavam espalhados por quase todo o mundo e o evangelismo se intensificou no Brasil em meados de ~1925.

Pregavam que Cristo viria logo e que era necessário se santificar, mas, pouco tempo depois, perceberam que estavam errados quanto a iminência da segunda vinda de Cristo.

A interpretação dada, segundo eles, pelo Espírito Santo a respeito da vinda iminente de Jesus Cristo era apenas um delírio fruto das livres interpretações, então, como era previsível, a própria raiz do pentecostalismo começou a se dividir ainda mais por causa da natureza divergente e desorganizada do protestantismo. Satanás

sempre esteve a inspirar as livres interpretações e, por conseqüência, todas as desordens religiosas.

A seita Igreja Batista, assim como muitas outras, também havia assimilado a crendice de que Cristo viria logo como quem vem no final do ano para este mundo.

A verdade é que não sabiam no que crer por serem capazes de dar fé a qualquer loucura difundida na oralidade. Todos eram dados a interpretação pessoal, por isso, as seitas que se chamavam evangélicas[41] começaram a se diversificar ainda mais.

Nessa onda de desordem, surgiram também alguns grupos heréticos no meio católico compostos por membros seduzidos pelo materialismo e apartados da tradição Católica.

Após o ano de 1962, os pentecostais passaram a dar ênfase aos poderes de Deus (carismas de Deus) e a pregação perdeu a ênfase na santidade para dar mais importância para as manifestações de um suposto poder semelhante ao dos ocultistas.

O suposto poder se manifestava como alguns movimentos desordenados que faziam as pessoas se sentirem honradas e beneficiadas. Esse foi o estabelecer maior da contaminação do protestantismo por influencias ocultistas.

A gritaria dentro dos templos começou. O povo mais bestializado gosta de entrar na casa de seu deus aos gritos e os líderes deram isso para eles.

O entendimento sobre a sacralidade impediria que esse tipo de manifestação religiosa fosse atribuído ao Reino de Deus.

As seitas da linhagem da Assembléia de Deus ainda preservavam, em parte, os conceitos iniciais do movimento Holliness, pois uma parte preservou a fé de que Cristo voltaria logo para este mundo.

Essas seitas possuem, até a conclusão desta, uma preservação do culto chamado pentecostal que é uma menção ao dia de pentecostes imaginado por eles, já que, aparentemente, não leram ou não entenderam o texto bíblico onde o Espírito desceu

sobre as pessoas e as fez falar em seus idiomas nativos e serem entendidas por aqueles que não dominavam o entendimento do idioma ouvido.

Era notável a diferença nos costumes presentes entre as seitas da linhagem da Assembléia de Deus e as outras seitas protestantes, pois seus membros, até o presente, preservam o costume de se vestir com mais respeito para ir aos cultos, os homens se acomodam separados das mulheres para viverem momentos de exaltação onde falam palavras bíblicas com emoção seguidas de gritos e falas incompreensíveis.

Com as divisões certas, surgiram diversas outras vertentes dogmáticas e a teologia da prosperidade passou a se tornar muito popular.

Mesmo Deus tendo dito aos israelitas, após saírem da escravidão do Egito, que o homem não precisava mais sacrificar, o sacrifício ressurge por intermédio da ganancia do homem nessa nova teologia que faz oposição a razão de Deus.

O Brasil começou a receber influências de diversas denominações, inclusive das manifestações religiosas dos EUA, contudo a maior parte das seitas instaladas no Brasil eram de protestantes luteranos, seguidos da Assembléia de Deus advinda do Movimento Holliness.

Posteriormente, outras doutrinas foram sendo inseridas e os protestantes passaram a assimilar mais doutrinas da seita presbiteriana.

Elas se misturaram tanto que não se pode atribuir muitas das crendices a determinada seita com exclusividade, pois assimilavam e rejeitavam a aquilo que desejavam, dependendo do caráter do autonomeado pastor.

Com o surgimento de muitas denominações, houve uma redução no nicho de mercado e alguns líderes protestantes se adaptaram à nova realidade planejando como cativar um maior número de fiéis paganizados.

Pregar santidade não enche os templos, pois os satanizados querem ser agraciados com algum privilégio. Assim, a ida aos templos passou a se justificar pela procura do poder de um suposto deus, mudando a proposta inicial comum às seitas do movimento pentecostal que consistia em ser santo para servir a Deus.

Obviamente a proposta inicial não era assertiva, pois, como foi dito, houve mudança no conceito de fé que passou a não favorecer a busca de uma vida santa.

Pregar a suposta santidade não enchia as seitas de membros e nem os bolsos dos autonomeados pastores, por isso, resolveram trabalhar na esperança material das pessoas.

Em meados de 1977, surgiram as seitas com o protestantismo maturado na teologia da prosperidade, de modo que perderam a preocupação com a suposta santidade das pessoas.

Começaram a prometer e, como são muitos os necessitados que não compreendem a origem de seus problemas e não aceitam os sofrimentos sendo capazes de fazer qualquer loucura para amenizá-los, conseguiram encher os templos de pessoas psicologicamente fragilizadas para serem enganadas.

Teologia e prosperidade

Deus possui pouco lugar ou nenhum nos altares protestantes das teologias que visam prosperidade financeira, pois o homem tomou o lugar principal pelos novos carismas da teologia que possui por meta as benesses materiais. A adoração a Mamom começa com a adoração a si, pois é na busca de um deus Mamom que o indivíduo adora a si como deus até perceber que está adorando o dinheiro e o diabo.

Bestializados desejam promessas que podem vir do inferno mascaradas com linguagem “cristã” e, para suprir necessidades desse tipo, prometiam benesses para cativar as pessoas psicologicamente fragilizadas por problemas de origem sentimental e financeira.

A teologia da prosperidade desfez de vez o compromisso com a santidade, de modo que não importa se o indivíduo está em pecado, desde que contribua com a seita, ele continua lavado e remido.

A santidade sofreu modificação e agora é um prêmio por concordar e auxiliar na manutenção da seita e o pecado se tornou uma referência restrita à degradação moral e física.

Em um mundo cheio de aflições, as soluções encontradas pelos falsos profetas para encher os templos de pessoas e os bolsos de dinheiro vieram do ocultismo e do paganismo.

Eles não requerem do fiel uma vida de retidão e de fuga do pecado, mas, por acreditarem no poder do dinheiro e do pensamento positivo, requerem apenas as barganhas dos fiéis, assim como manifesto no paganismo.

O protestantismo da teologia da prosperidade começou a ofertar bênçãos, pois os “pastores” sabiam que, para encher os templos de pessoas, era necessário prometer alentos para aqueles que almejavam se livrar de algum sofrimento. Isso encheu os

templos protestantes de pessoas paganizadas e dispostas a fazer algum rito ou trabalho que, por alguma mística estranha embasada em alguma deturpação bíblica, viesse a sanar seus problemas financeiros e espirituais. Essas pessoas tomavam seu deus como um escravo que atende mediante pagamento, um insulto que compararia Deus, caso fosse Deus o deus deles, aos deuses do paganismo e parte dos deuses das seitas satânicas.

Não é coincidência que uma grande parte desse tipo de protestante seja complacente com práticas pagãs ou ocultistas nomeadas com signos lingüísticos cristãos.

Há muito tempo, já haviam modificado o discurso protestante. No meio pentecostal, as palavras dadas aos fiéis e canções somente falavam de um deus que daria muitas coisas, sanaria os problemas em vida e humilharia os que eles chamam de inimigos que podem ser entendidos como aqueles que te fizeram algum mal ou até mesmo aqueles com quem não se possui empatia. Não fica muito claro o uso da expressão, pois já percebi protestantes usá-la contra o seu próximo que é mais rico e contra algum possível caluniador.

A desgraça dos que eles chamam de inimigos e a aquisição de benesses gera um estado que eles chamam de vitória, uma vitória mundana.

Isso precedeu a teologia da prosperidade, pois como a riqueza física se mede pela riqueza de outro, nada poderia ser mais coerente que ter inveja das finanças alheias e almejar a desgraça do próximo, ao passo que se idolatra as benesses materiais que a vida pode proporcionar como se elas fossem a marca dos filhos de Deus.

Apesar de não assumirem, nessa perspectiva pagã, Deus somente é deus quando dá e se satanás fosse capaz de prover-lhes algum benefício, satanás se tornaria um deus adorado por eles. Desse engano surgiu parte da teologia da prosperidade para os que estavam no engano. A outra grande influência percussora foi a percepção de alguns que consideraram, por bem, usar a fé dos incautos como meio de lucrar.

Na percepção neopentecostal popular, os templos protestantes foram percebidos como provedores de benesses e não de serviço a Deus, conseqüência essa da pregação dedicada a falar das benesses possíveis.

As seitas protestantes se tornaram materialistas ao ponto de muitos de seus teólogos da prosperidade defenderem publicamente a prática abortiva como solução para um lar pobre, ou seja, assassinar o próprio filho seria uma solução para sanar as privações que, por ventura, o inocente teria e traria para a família, deixando claro que o reino deles é desse mundo.

A mensagem implícita corrobora com o doar para sacrificar bens de forma interesseira. Por essa razão, para receber benesses, doam dez, vinte ou trinta por cento dos salários e desprezam o amor.

Isso evidencia que os teólogos da prosperidade não acreditam nas barganhas oferecidas ao deus deles e que o motivo não é a salvação e sim o material.

Eles usam exemplos de sacrifícios registrados no Velho Testamento e promessas de prosperidade financeira para justificar o sacrifício financeiro solicitado. Obviamente, o sacrifício financeiro que visa adquirir mais dinheiro ou bens é falso, pois se dá como se fosse um empréstimo, sem o motivo caridoso em acordo com a razão de Deus.

Quando os teólogos materialistas dizem que os membros receberão muito mais após doarem, está buscando as ofertas justamente dos mais avarentos ladrões e vigaristas. A teologia da prosperidade é um grande passo na perversão do significado de Deus no coração do homem e também na razão da fé.

Sempre se percebe os protestantes usarem as Escrituras para reafirmar tudo o que dizem fazendo uso da livre interpretação. O engano é tamanho que as promessas para os cristãos após a morte presentes nas Escrituras são lidas como garantias de bênçãos materiais em vida e o pior de tudo é que pensam que tudo é para eles. Os protestantes não podem ler uma promessa escrita

que pensam que podem recebê-la, como se a Bíblia provesse uma mística estranha, como se ela fosse um livro mágico. Influência essa do paganismo cigano ou nova criação deles.

Esse fenômeno é indício claro da influência dos misticismos ocultistas que atribuem poder a palavras mágicas e simpatias. O mesmo fenômeno onde existe a consulta das Escrituras de forma aleatória é percebido entre os espíritas.

O ocultismo é tão comum que não há espanto quando os protestantes fazem uso do ritual ocultista onde se faz uso de uma vassoura como as bruxas faziam no purificar de algum ambiente, como uma reinterpretação do rito. Protestantes crêem em uma vitória material que reflete uma vitória no mundo espiritual.

Pelo fato de a vida possuir instabilidades que alcançam a todos, foi necessário o uso de desonestidade intelectual pelos líderes protestantes para justificar a falta de prosperidade dos fiéis como falta de sacrifício ou de fé. Mudaram o conceito de fé e criaram um mito, um deus semelhante aos diabos que os primeiros satanistas criaram.

Interpretavam a Bíblia em prol das razões pessoais e da aquisição financeira, o que evidencia que o dinheiro tomou o lugar do anuncio da salvação e se instaurou um novo rito baseado em dinheiro cujo foco não é a caridade. Criaram um deus que distribui carros, casas e tudo mais, um deus que, em outros tempos, seria chamado de Mamom.

Os “pastores” possuem uma última trapaça, caso a vítima se sinta enganada. Ela consiste em retirar a própria responsabilidade culpando a vítima de suas promessas. Diziam à vítima que ela não prosperou por não ter sacrificado com fé (pensamento positivo).

Algumas pessoas perdem tudo nas campanhas de prosperidade, como se jogassem um jogo de azar, pois acreditam que um deus irá lhes suprir as necessidades e quando param para refletir sobre o que fizeram, muitas pessoas se encontram na rua, sem ter o que comer e desamparadas.

Por não acreditarem na santidade, desde os protestos de Lutero, os protestantes têm dito que somente a fé pode salvar o homem, sendo ‘fé’, como já foi dito, para um protestante, somente acreditar assim como é no ocultismo onde existe o credo no pensamento positivo. Se empenham em dizer que as obras não levam para o céu, como se quem praticasse a caridade fizesse por interesses, ao passo que tomam como únicas doações válidas as que podem beneficiar a eles. Essa é uma contradição que poucos percebem.

Pregar a caridade praticada pelos homens abençoados que agradavam a Deus presente na tradição católica seria incompatível com a ganância pessoal dos líderes protestantes, por isso, mentem dizendo que o dinheiro para Deus deve ficar nas mãos deles que pertencem a uma instituição criada por homens que se auto nomeiam sacerdotes e exegetas da Bíblia.

O propósito é mundano. O homem removeu a vontade de Deus e colocou suas necessidades terrenas no lugar, o que é material, o passageiro e o fútil. Isso refletiu no modo como as pessoas propensas ao engano buscavam ao seu suposto deus, de modo que passaram a escolher a seita pelo que ela prometia, enquanto blasfemavam contra Nossa Senhora, sua Igreja e os habitantes do céu por eles oferecerem mais nada além de serviço como escravo de Deus e, posteriormente, caso tomassem prazer na vontade do Senhor, a amizade do criador do universo.

Diz uma parte deles que não se deve venerar Maria por ela, na concepção deles, não poder fazer coisa alguma em benefício material, por somente reconhecerem a aquilo que lhes serve, da mesma forma que os pagãos. Chamam os católicos de idólatras quando idolatria é colocar qualquer coisa no lugar de Deus e um católico, em concordância com a Igreja, jamais fez isso com Maria ou santo algum, mas foram eles, os protestantes da teologia da prosperidade que colocaram o dinheiro no lugar de Deus e conseqüentemente as vossas pessoas, por isso, são verdadeiros idólatras.

Colocaram a si como senhores e o deus deles como subordinado. Uma parte deles esmurra e grita exigindo que seu deus cumpra sua parte na barganha. Ocorre que, quando fazem isso, não é com o único deus que eles falam. Os protestantes aparentam ter um deus mutável que se modifica dependendo da vontade do líder religioso, do título da denominação ou do dia da semana. Essa postura religiosa, apesar de ir contra o caráter imutável de Deus, tem sido muito popular, pois uma parte da humanidade deseja viver as tentações demoníacas oferecidas por falsos profetas mascaradas de cristianismo.

É comum líderes protestantes, na luta intima entre a tentação demoníaca da heresia e o cumprimento da razão de Deus, escolherem a tentação herética por considerarem a possibilidade de enganar o próximo, mesmo tomando uma postura maligna com uma máscara moralmente elevada perante seu grupo religioso. Os teólogos da prosperidade são mestres na arte de seduzir e de enganar. Nada se pode fazer para os transformar em sacerdotes verdadeiros. Interpretam as Escrituras com o propósito de cativar os vigaristas, ignorantes e incautos.

Cristo não pregou um paraíso terreno para os pobres de Nazaré que lhe ouviam e nem fomentou em seus corações a afronta contra Deus por intermédio de exigências como fazem os heréticos.

Os heréticos seguem em sentido oposto ao caminho que leva a Cristo, tomando como exemplo as idéias de seus líderes que riem por Cristo ter transformado água em vinho e não em ouro e pregam um paraíso terreno, evidenciando com isso que é o próprio satanás quem os lidera.

Uma vez que se perverteu o desejo por viver e a noção do mantimento da vida, viver mais e de forma melhor se tornou a graça do suposto deus para muitos e a manifestação desse fenômeno, obviamente, não se restringe ao protestantismo.

Ocultismo e seitas espirituais

Todas as manifestações religiosas passaram por adaptações para se adequarem e se inserirem em um contexto católico. Além disso, existem pontos de origens comuns e convergências entre o paganismo, o ocultismo, o espiritismo e o pentecostalismo.

Os protestantes mais paganizados preferem se manter fiéis aos preceitos da teologia da prosperidade que é fruto do pentecostalismo ou no espiritismo.

Ambas as tendências são particulares aos que se inclinam a crer em doutrinas pagãs reformuladas sem se abster dos signos lingüísticos cristãos.

Fora do catolicismo, é possível observar manifestações religiosas de razão pagã mais simples que apregoam que se deve barganhar benesses com uma cobiça mais empobrecida que objetiva o benefício material e o bem-estar como sendo ambos a graça de Deus. Também é possível observar manifestações religiosas de razão pagã com características mais espiritualistas que apregoam com mais fervor doutrinas necromânticas e maniqueístas quanto a atribuição de poder a forças antagônicas.

Com um número maior de pessoas se apropriando dos textos sagrados da Igreja de Cristo, também os ocultistas se transformam em exegetas bíblicos, passando a usar os textos das Escrituras para embasar doutrinas anticristãs.

Eles simplesmente tomam para si a popularidade de parte da sagrada palavra de Deus escrita e a transferem para as suas doutrinas criando novas teologias, criando associações anátemas com certo prestigio social alternativo que chamaram de espiritismo.

Obviamente o espiritismo não é o único fenômeno com as características expostas e sua raiz é muito complexa, o que não

permite a sua definição de forma simples, contudo é possível oferecer algumas noções mais gerais que permitam a definir.

A abominação à bruxaria foi um dos motivos que levaram os que possuíam tendências ocultistas a não se intitularem bruxos e a se reinventarem como espíritas.

Uma parte dos imersos em ritos pagãos e em crendices maniqueístas[42], agnósticas[43] e necromânticas[44] não assumiu a bruxaria como a sua representante religiosa por ela não ser moralmente elevada. Antes buscou um equilíbrio e encontrou terra fértil na elaboração do espiritismo, assimilando e deturpando os dogmas cristãos com toda a carga de enganos adquirida previamente.

Eles perceberam o respaldo social na imaculada mensagem de caridade e foram deturpando seguindo seus vícios e velhas tradições. Como não poderiam se desfazer dela, a aproximaram ocultismo deturpando-a.

Parte dos espíritas possuem uma raiz religiosa fundamentada no princípio do bem e do mal e as atribui equivalência de poder definindo o bem como ideal, assim como todos os grupos religiosos dessa ordem.

Esse maniqueísmo é uma armadilha para os incautos que são levados a raciocinar como se existisse algum poder maligno atuante e independente, quando todo poder pertence a Deus e toda a criação foi feita por Ele.

Por eles não possuírem uma base na razão da única Igreja, relativizam o bem, de modo que, muitas vezes não se sabe o que é bem ou mal.

Eles possuem sempre uma explicação para qualquer fenômeno baseada em seus preceitos ocultistas, ignorando o depósito da fé como se eles fossem os verdadeiros detentores da palavra de Deus.

Isso não é cristão. Trata-se de gnosticismo inspirado em velhos enganos.

A doutrina espírita, por possuir influências necromânticas, percebe um reino espiritual semelhante ao material, ao passo que toma o espiritual por melhor, contrariando nosso Deus que diz que sua criação é boa.

Não há distinção entre os conceitos básicos do espiritismo e os percebidos na filosofia de Thelema usada pelo bruxo Alester Crowley, pois são todos frutos de raízes comuns, contudo, o espiritismo, por tentar assimilar o prestigio do cristianismo, definiu o que supõem como bem como o objetivo, diferindo do satanismo e da bruxaria, no mais, se prostituem da mesma forma na prática de ritos semelhantes.

Os espíritas ou ocultistas modernos não procuraram rotular suas muitas diversidades de doutrinas nas velhas tradições pagãs, assumindo que praticam um tipo de bruxaria moderna, porque a verdade no catolicismo é clara, contudo, não tomam o catolicismo por verdadeiro por não possuírem humildade e preferem colocar, no lugar de Deus, suas próprias razões ou apreciam a prostituição com o demônio.

Para adquirir adeptos e atestar a própria fé, começaram a dar falsas manifestações de poder e falsa esperança para os ingênuos, seguindo a tendência universal do engano.

Se auto enganar é parte de um estágio mais avançado de loucura e ocorre quando o indivíduo já não percebe razão na própria fé que, para ser mantida, necessita da criação de ilusões que provem para si a idéia de que não se está errado no erro e que tudo o que se cria não é ilusão, mesmo tendo ciência de que é. Algo semelhante ocorre quando indivíduos tentam justificar investimentos em algo falido para ocultar o próprio engano.

O credo originado no paganismo oriental egípcio onde o corpo se separa do espírito na morte se torna o credo da reencarnação espírita na modernidade.

Para justificar a crença ocultista da reencarnação que é algo herdado da necromancia com nova roupagem, pois a necromancia havia perdido crédito e não possuía prática

considerável, os espíritas dizem que não pode haver somente uma chance de vida, pois Deus não é injusto. Isso contraria a tradição da Igreja nas Escrituras que diz que ao homem está determinado morrer uma única vez.

Nesse caso, é notável o uso do nome de Deus para mentir. Vejamos como a deturpação deles não se mantém nas Escrituras sagradas pela Igreja Católica:

> “Eis por que Cristo entrou, não em santuário feito por mãos de homens, que fosse apenas figura do santuário verdadeiro, mas no próprio céu, para agora se apresentar intercessor nosso ante a face de Deus.
> E não entrou para se oferecer muitas vezes a si mesmo, como o pontífice que entrava todos os anos no santuário para oferecer sangue alheio.
> Como está determinado que os homens morram uma só vez, e logo em seguida vem o juízo, assim Cristo se ofereceu uma só vez para tomar sobre si os pecados da multidão, e aparecerá uma segunda vez, não, porém em razão do pecado, mas para trazer a salvação àqueles que o esperam.” (Hb 9, 24-28)

Nesse caso, as Escrituras explicitam algo da tradição católica que é incompatível com o espiritismo, explicitam que se o homem morresse e reencarnasse várias vezes, também Cristo teria de vir na quantidade de vezes que ele reencarnou e morrer novamente por cada reencarnação.

Isso prova que o espiritismo não é cristão. Cristo teria de vir mais de quatorze milhões vezes neste século para padecer pelos pecados de cada indivíduo que supostamente renasceu e morreu. Somente assim para o catolicismo entrar em concordância com essa doutrina que tenta desfazer o sacrifício de Cristo a seu modo.

Eles não aceitam e mentem contra a brevidade da vida terrena escolhida por nosso Senhor.

Claramente não há conformidade entre o cristianismo e o espiritismo, pois são coisas completamente diferentes.

Os espiritas também praticam um tipo de filantropia que chamam de caridade e que consideram ser o mesmo amor de Jesus, mas não é.

Na realidade de alguns séculos atrás, entre os leigos, era comum o uso de técnicas ocultistas e esotéricas, pois possuíam o mesmo crédito da ciência. Sir Isaac Newton e Sigmund Freud usaram muito esoterismo e ocultismo em seus experimentos, por isso, temos de entender que, para eles, o misticismo enganoso era como um mundo desconhecido cheio de fenômenos para descobrir.

A bruxaria perdeu seu prestigio com a evidenciação da verdade sobre ela, mas o vício sempre se mantém e as correntes ocultistas se adaptaram escolhendo o cristianismo como ideal.

Se Lutero fosse posterior ao surgimento do espiritismo, certamente, teria o seu porto seguro em alguma de suas vertentes como disse o padre Júlio Maria. O espiritismo veio para isso, para iludir os iludíveis.

Com as pessoas medindo a relação com Deus pelo prazer e bem-estar como fizeram os oportunistas que zombaram de São Paulo na prisão, o espiritismo criou uma falsa relação entre bem-estar e merecimento, como se uma força mística beneficiasse os merecedores, ao passo que rejeitavam o mundo como Deus fez, o mundo onde as aflições alcançam a todos. Nisso eles se parecem muito com seus irmãos protestantes da teologia da prosperidade.

Na interpretação dos males da vida à luz do espiritismo, se o indivíduo for uma má pessoa nesta vida, irá reencarnar de forma mais desgraçada em outra sem lembranças da anterior e se o indivíduo for uma boa pessoa, evolui gradativamente, inclusive ganha um corpo melhor sem defeitos, algo que é um insulto contra pessoas menos desprovidas de beleza ou portadoras de alguma deficiência congênita.

Os espiritas insultam tanto as pessoas menos desprovidas de beleza física e as com deficiência física que associaram a feiúra

delas com malignidade. Eles, os espíritas, são os únicos capazes de considerar a desgraça de uma pessoa inocente como justiça divina.

Os delírios são muitos, assim como são as livres interpretações. Tudo é explicado à luz do espiritismo, ou seja, se você briga com um parente é porque eram inimigos em outra encarnação; se você é dedicado a alguma coisa ou possui maior aptidão é porque você foi um mestre naquilo em outra vida. É um engano sem fim.

O credo espírita onde se possui vários corpos pelas reencarnações também não é coerente com o cristianismo.

O corpo e a alma são como uma coisa única que, por causa do pecado, se separa com a morte, mas Deus irá reintegrar corpo e alma na forma que antecede o pecado.

Seremos como os anjos, contudo a doutrina espírita inventou uma seqüência de mortes e reencarnações que supostamente viabiliza o aperfeiçoamento do bem no homem, inclusive manifesto na carne.

Aos aperfeiçoados, atribuem tantos poderes quanto a imaginação permite ou até não ficar muito ridículo.

Na prática, um espírita vicioso e iniquo tem esperança em uma nova encarnação, pois quer viver aqui sem ir para o céu dos católicos.

Para eles, são sempre os que estão no mundo espiritual os que possuem mais poder ou possuem um conhecimento superior do mundo que os fazem desenvolver excelências inatas quando reencarnam.

Tudo o que se faz metodicamente e com perfeição atribuem a alguma entidade, independentemente de ser um bem ou um mal, sempre as atribuições de poder são fantasiadas como oriundas de um suposto mundo espiritual divinizado.

Para uma parte dos Espíritas, Cristo, diante do fenômeno sem causa do espiritismo, é apenas um elemento menos. Reduzem Cristo do modo deles para que a crendice cresça.

Como os protestantes, os ocultistas que se chamam de espiritas fazem uso da leitura bíblica descontextualizada para criar heresias que possam embair os mais ingênuos, assim, inventaram um Cristo que viaja pelo espaço visitando outras galáxias e também o Cristo médium desordenado quando lhes convém.

Quando desejam atestar as insanidades que chamam de religião, falam de Cristo como um viajante espacial que visita outros mundos ou, uma vez tendo cativado os incautos que levantam algum questionamento sobre o que Cristo disse, falam que Cristo estava desordenado ou que as Escrituras foram adulteradas, cometendo graves blasfêmias.

Uma parte desses ocultistas blasfemam gravemente contra Jesus e contra Maria ao dizerem que Cristo é filho de um centurião romano e que era apenas um desordenado.

Tudo dizem para tirarem a fé dos iludíveis. Atitude muito semelhante à que tiveram os judeus que diziam que Jesus é filho de um ferreiro.

Respeito nesse produto do engano somente existe para as “entidades” que eles veneram e louvam com fervor.

Dizem eles que Cristo é santo, na concepção particular deles, ou pecador, dependendo da intenção que o espírita embusteiro possui ao falar.

Esse fato evidencia algumas particularidades dos que partilham dessa fé oriunda do inferno (da ausência de Deus).

Escrevem por cima dos escritos sagrados bíblias acrescendo-lhe sentidos anticristãos, assim como os Testemunhas de Jeová fazem, entre outras práticas anátemas.

Os intrujões espíritas não possuem capacidade de avaliar suficiente para poderem dissertar sobre o Senhor.

Diante das discrepâncias com o cristianismo, como último recurso fraudulento, inventaram que a Igreja Católica escondeu documentos e alterou as Escrituras para esconder o espiritismo que

estava nelas como um último recurso desesperado para ligar a insensatez deles ao cristianismo.

É interessante o modo como eles consideram as Escrituras como textos sagrados que caíram do céu quando lhes convém, por causa de seu prestígio e como as consideram, ao mesmo tempo, como escritos inválidos e adulterados pela Igreja Católica quando elas invalidam suas heresias.

O líder religioso Alan Kardec teve de ser um verdadeiro falsário e estelionatário enganador ao reescrever parte da Bíblia para favorecer suas tendências ocultistas, questionando a autenticidade do original para sua religião poder continuar existindo.

Dessa fraude, originou o *Evangelho Segundo o Espiritismo* que é apenas mais um caso de interpretação livre de escritos sagrados com influências ocultistas, mais uma produção herética entre muitas outras inspiradas por satanás o patrono da *Sola Scriptura* que deveria significar "*Eu Somente"*, para ser mais coerente com a verdade do fenômeno.

VIII – CONTRA AS HERESIAS

No cristianismo, a vaidade tende a conduzir os vaidosos para o protagonismo sem autoridade eclesial, sem instrução e sem ordem, pois os indivíduos que consideram ignorar a anunciadora da salvação e, por conseqüência, sua tradição estão tão cheios de seus egos que consideram eles como maiores que Deus ou maiores que a santa Igreja Católica.

Na concepção dos vaidosos, a Igreja Católica, aquela que recebeu o Espírito Santo, fez errado e, por conseqüência, Deus também fez errado, mas não assumem essa vaidade ao desprezarem a anunciadora da salvação. Para tanto, mentem ou buscam mentir e, dentro da própria mentira, deliram nas próprias idéias, pois desejam ser Deus ao criarem uma nova religião para Deus cujo caminho é definido usando a arbitrariedade viciosa humana.

Os vaidosos não possuem humildade para ouvir a Palavra de Deus[45], talvez por não compreenderem a própria vaidade. Eles desejam protagonizar quando não podem e, para tanto, combatem a autoridade eclesial da Igreja para que os egos inflados e desejosos por protestar possuam caminhos para seguir, o que gera somente desordem, milhares e milhares de seitas tendo como base esse tipo de protagonismo que somente necessita de algumas referências descontextualizadas das Escrituras para estabelecer o que contraria as Escrituras.

Santo Irineu de Lião, sobre esse tipo de atitude dos hereges, disse o que segue:

> Quando são vencidos pelos argumentos tirados das Escrituras retorcem a acusação contra as próprias Escrituras, dizendo que é texto corrompido, que não tem autoridade, que se serve de expressões equívocas e que

não podem encontrar a verdade nele os que desconhecem a Tradição. Com efeito — dizem eles — a verdade não foi transmitida por escrito, mas por viva voz, o que levou Paulo a dizer: "É a sabedoria que pregamos entre os perfeitos, não, porém, uma sabedoria deste século". E cada um deles diz que esta sabedoria é a que ele descobriu, ou melhor, inventou, e assim se torna normal que a verdade se encontre ora em Valentim, ora em Marcião, ora em Cerinto e depois em Basílides ou nalgum outro contendente, sem nunca ter podido afirmar nada acerca da salvação. **Cada um deles está tão pervertido que, falsificando a regra da verdade, não cora de vergonha ao pregar a si mesmo**. E quando, por nossa vez, os levamos à Tradição que vem dos apóstolos e que é conservada nas várias igrejas, pela sucessão dos presbíteros, então se opõem à tradição, dizendo que, sendo eles mais sábios do que os presbíteros, não somente, mas até dos apóstolos, foram os únicos capazes de encontrar a pura verdade. Com efeito, os apóstolos teriam introduzido, junto com as palavras do Salvador, as prescrições da Lei; e não somente os apóstolos, mas até o próprio Senhor, teriam pronunciado palavras provindas ora do Demiurgo, ora do Intermediário, ora da Potência suprema. Quanto a eles, conheceriam o mistério escondido, sem a mínima dúvida, sem contaminação e confusão. Ora, esta é a maneira mais desavergonhada de blasfemar contra o seu Criador! Acontece com isso que já não concordam nem com as Escrituras nem com a tradição. Nossa batalha, caríssimo, é contra estes, que escorregadios como serpentes, tentam se esgueirar de todos os lados. Por isso, de todos os lados lhes devemos resistir, na esperança de poder trazer de volta à verdade alguns deles, refutados e confundidos. De fato, se é difícil que uma alma, tomada pelo erro, mude de opinião, contudo não é completamente impossível que possa evitar o erro quando se lhe apresenta a verdade. (Patrística, Santo Irineu de Lião, *Contra as Heresias*, A Atitude dos Hereges, p. 155)

Fato é que desde os apóstolos, quando os hereges não conseguem mais manter suas escolhas pessoais pelos fatos constatáveis escritos, distorcem a tradição única criando muitas modificações adaptadas a quem as define.

Os hereges com suas escolhas sempre agem contra a verdade da fé, pervertendo as virtudes em vícios, o que gera meios de manifestar paixões partidaristas difundindo o amor à discórdia das novas manifestações religiosas que são mais aceitáveis que blasfêmias diretas contra Deus.

Na verdade, eles se revoltam contra Deus ao criarem novas seitas apartadas de Roma, contudo, pra não assumir a malignidades dos atos, se consideram os mais puros, os puros que se dividem aos milhares por discordarem por pregarem as pessoas deles e não a de Cristo.

Muitos se arrependem falsamente de suas vidas passadas, enquanto transferem o alvo de suas sanhas para o corpo de Cristo por intermédio de um protagonismo despreparado que somente contribui para o aumento de desordem nas milhares de fés apartadas da unidade católica.

Crer no Espírito Santo implica em crer na santa igreja católica como a anunciadora infalível da fé e rejeitar os enganos, as heresias do mundo.

Pensam os que estão no meio da desordem que são semelhantes ou até mesmo superiores aos santos católicos, mas não conseguem sequer ouvir o que diz a Igreja Católica, pois deturpam praticamente tudo o que ela diz.

Eu não consigo imaginar a grandeza intelectual de um discípulo de Platão e pior ainda a de um discípulo de Jesus Cristo. São Pedro, após receber as Chaves dos Céus, convocou diversos representantes de seitas apartadas da Santa Igreja para concílios e vencia as disputas mostrando grande conhecimento.

Pedro sempre teve a última palavra, contudo, muitos concebem os discípulos como ignorantes que somente ouviam

belas palavras de Jesus com verdade relativizada para nivelarem os discípulos com eles por pura vaidade.

Se sentem aptos a lerem textos sagrados pela Igreja usando a arbitrariedade própria sem observar a tradição da igreja de Cristo e protestam contra os sacramentos com mentiras infundadas, o que me leva a fazer o sinal da cruz quando me deparo com esse tipo de intrujão.

A rejeição contra a autoridade da Igreja não iniciou com Lutero, ela existe desde o início da realização da santa igreja no mundo.

Após a Igreja se estabelecer e se espalhar pelo mundo, alguns da sinagoga chamada dos libertos, dos cirenenses, dos alexandrinos e dos que eram da Cilícia e da Ásia formaram oposição, pois não aceitavam que o anuncio da salvação fosse dado pela representante de Cristo que era chamada de católica desde o início.

Fanáticos semelhantes a eles existem até hoje entre aqueles que dizem possuir fé cristã. Eles são os que mais ofendem a Igreja de Cristo.

Os fenômenos que compõem o protestantismo não são da contemporaneidade de Lutero e nem do início da Igreja, eles estão presentes em todos os enganos e malefícios humanos contra Deus. Quando Jó estava em desgraça aparente, dois amigos seus se autonomearam porta-vozes de Deus e analisaram erroneamente sua condição ao considerarem a sua desgraça aparente como inimizade contra Deus; Estevão foi morto pelos que falsamente defendiam o sagrado; Quando São Paulo estava prezo, usaram sua condição para a autopromoção como se fossem os verdadeiros pregadores da fé e, na atualidade, existem milhares de denominações vociferando contra a Igreja Católica, a única igreja fundada por Cristo.

Todas as manifestações protestantes possuem a livre interpretação da fé advogando pelo engano e não acordam completamente em nada entre elas que não seja ataque ao

catolicismo. Isso é tanto verdade que, em um mesmo grupo religioso, pode existir inúmeras divergências na definição de um dogma católico ou na execução de um rito.

Diante da verdade, da razão de Deus e seu propósito amoroso inegável, os protestantes tem tentado se auto enganar negando os dogmas católicos por idealismos heréticos contra a instituição que Cristo fundou. Contudo, prova-se, com o uso da razão, que a oposição protestante é enganosa.

O protestantismo é muito mais que uma busca insana por antagonismo. Muitos protestantes escolhem a diversidade de doutrinas por não obterem algumas promessas de benesses no catolicismo. Isso leva a crer que o que eles buscavam não era o serviço a Deus, era serem servidos, como se o cristianismo fosse uma formula pagã moralmente elevada. Para tanto, se exaltam e não reconhecem a própria miséria, ao passo que convertem as virtudes católicas em vícios e problemas.

Havendo diversas outras possibilidades como o satanismo ou outra religião do caminho da mão esquerda para seguir, os protestantes percebem que a força antagônica ao catolicismo é o protestantismo. Isso ocorre porque não perderam a noção de que Deus é bom. Se perdessem, se filiariam ao satanismo, assim como fazem os que não possuem compromisso algum com a obra de Cristo, pois, no ocultismo satânico, se promete muito por ele se propor a prover benesses no mundo.

Uma parte dos protestantes não é má. Ela somente possui uma limitação mental que a impede de entender as Escrituras.

Não há quem não seja liberto diante da verdade, mas, para se estar diante da verdade, é necessário ter a capacidade de reconhecer a verdade que pode ser percebida como mentira em mentes doentias como as dos judeus que foram admoestados por Cristo.

Rezemos para que Deus cure os intelectos de nosso próximo. A intercessão é necessária para haver a conversão caso seja a vontade de Deus.

Diante dos dogmas católicos, os protestantes, sem o devido estudo, não possuem argumento válido algum e se limitam a questionar onde estariam esses dogmas na Bíblia, como se a Bíblia possuísse tudo a respeito da Igreja de Cristo.

Sem terem como argumentar contra dogmas tão puros que somente poderiam ter sido dados por Deus, os protestantes não podem recorrer a nada mais que se apegarem a má interpretação bíblica sendo a Igreja Católica a escritora e a organizadora do Novo Testamento, ou seja, tentam corromper as Escrituras por amor à discórdia. Vejamos o que diz São João a respeito da pouca história e tradição da Igreja Católica na Bíblia:

> “Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que se deveriam escrever.” (Jo 21, 25)

São João claramente nos diz que não são todas as coisas que estão na Bíblia, mesmo assim, os protestantes repetem a exigência de que tudo deve estar nela ao defenderem uma postura inútil, ridícula e contrária às Escrituras sagradas pela santa igreja católica.

São diversas as acusações contra o catolicismo que são proferidas por líderes protestantes certos de que não falam para pessoas capazes de lhes admoestarem. Eles estão certos de que os membros de suas seitas irão assimilar as mentiras, pois a maioria não conhece a verdadeira Igreja Católica.

Sabem eles que a maioria do povo consome as falácias da oralidade, por isso caluniam incessantemente a Igreja Católica.

O líder protestante pode ler a sua bíblia e proferir diversas blasfêmias e heresias, pois uma parte considerável dos protestantes irá apreciar as blasfêmias e heresias como sabedoria de Deus que

flui do exegeta da bíblia. Trata-se de uma posição muito cômoda de quem ri dos ignorantes.

Somente Cristo possui autoridade para Criar uma Igreja, contudo isso não impede os protestantes em suas tentativas de destronar Deus ao se colocarem no lugar de Cristo desrespeitando seu senhorio não tomando a Igreja Católica como única fonte de interpretação.

Eles tomam as suas bíblias como sendo literalmente a palavra de Deus, quando as Escrituras contradizem isso. A palavra de Deus é Cristo que deixou uma única representante, sua igreja que é a coluna e sustentáculo da verdade. A Bíblia nasce da tradição da única igreja e nela não existe auto referência que a indique como sendo a palavra de Deus integralmente em si.

Seguindo a regra aristotélica sobre a substância, é correto dizer que as Escrituras ou algum livro sagrado pela Igreja é palavra de Deus, pois o predicativo ‘palavra de deus’ indica que a palavra de Deus flui das Escrituras ou que as Escrituras representam um fenômeno que flui de Cristo, contudo, obviamente, para que flua a palavra de Deus de um texto sagrado, ele deve ser interpretado pela Igreja Católica.

Seguindo essa lógica aristotélica, pode um, que fale em nome de Cristo, fazer fluir a palavra de Deus de textos inclusive não cristãos, por evidenciar o engano deles.

As Escrituras não possuem base sem a tradição da Igreja. Por isso elas podem ser usadas para justificar a pratica de blasfêmias e heresias, assim como têm sido usadas pelos heréticos.

A interpretação bíblica sem a representante do verbo de Deus é, por si, somente uma rejeição ao senhorio de Cristo, por isso, convém trazer luz contra as heresias.

Os irmãos de Jesus

São Paulo, celibatário, com voto de pobreza e vivendo somente para o Reino dos Céus, assim como o sumo sacerdote Jesus Cristo, disse: *“Acaso não temos nós direito de deixar que nos acompanhe uma **mulher irmã**, a exemplo dos outros apóstolos e **dos irmãos do Senhor** e de Cefas?”*

Obviamente que, após o chamado, os homens não poderiam abandonar suas mulheres, por isso deveriam viver o celibato e não somente a castidade dentro do casamento. O que é possível verificar em grandes santos mártires como São Paulo e São Pedro que, após o chamado, não conheceram mais mulher.

Os sacerdotes deveriam ser iguais a Cristo em tudo. Se o ideal é de homem solteiro e celibatário, é normal que se exija que ele não se case mais de uma vez, já que possivelmente era casado antes. Posteriormente, a santa igreja passou a ordenar somente homens solteiros.

A tradição na forma oral e escrita da Igreja é muito rica e não contraria a verdade porque o Espírito Santo provê sempre o necessário para a sua santa igreja.

São Pedro nos informa que se fossem escritas as palavras ditas por Cristo, nem todos os livros do mundo as comportariam, por isso, como já foi dito, as Escrituras são apenas uma pequena parte da tradição da Igreja.

Estes que deixaram tudo para seguir Jesus são seus irmãos e amigos. Vejamos a responsabilidade dos santos irmãos do Senhor:

> "Quando algum de vós tem litígio contra outro, como é que se atreve a pedir justiça perante os injustos, em vez de recorrer aos (irmãos) santos? Não sabeis que os santos julgarão o mundo? E, se o mundo há de ser

julgado por vós, seríeis indignos de julgar os processos de mínima importância? Não sabeis que julgaremos os anjos? Quanto mais as pequenas questões desta vida!
No entanto, quando tendes contendas desse gênero, escolheis para juízes pessoas cuja opinião é tida em nada pela Igreja. Digo-o para confusão vossa. Será possível que não há entre vós um homem sábio, nem um sequer que possa julgar entre seus irmãos? Mas um irmão litiga com outro irmão, e isso diante de infiéis!" (I Co, 6, 1-6)

Percebemos a definição da responsabilidade daqueles que são chamados de ‘irmãos’ (irmãos de Jesus). Os irmãos, segundo São Paulo, serão os santos que julgarão o mundo e anjos.

Sabendo dessas coisas, não reduz em nada Maria, dizer que os irmãos e a mãe de Jesus são aqueles que fazem a vontade de Deus. Jesus estava a defender-se e a defender os seus de blasfemadores quando disse que os seus irmãos e a sua mãe fazem a vontade de Deus e não os possíveis infiéis que por ventura estavam entre eles.

Antes de ser visitada pelo anjo do Senhor, Maria estava convicta de que viveria celibatária por toda a sua vida, ou seja, sua virgindade é uma conseqüência de quem ela é e não a causadora de sua santidade, assim como a virgindade não causa a santidade pelo fato de a santidade estar no voto e não na conseqüência dele que é um fruto da santidade.

Maria é mais quem uma mãe semelhante às outras no mundo. Quem é a mãe e os irmãos de Cristo? Obviamente que são aqueles que fazem a vontade de Deus. Maria é mais que uma mãe semelhante às outras, ela foi chamada de mãe do Senhor por Isabel, ou seja, chamada de mãe do Deus vivo.

São João se refere a ela como o grande sinal, a mulher revestida do poder de Deus e pela apresentação de Maria comparada com a apresentação de satanás por São João, Maria

teria autoridade sobre os anjos. Ela é o grande sinal. Sabendo disso, faz sentido ela mostrar coação com Cristo nas Escrituras.

Quanto aos irmãos carnais de Jesus, os filhos da irmã de Maria que se chamava Maria, é possível determinar que não eram filhos de Maria a mãe do Senhor por intermédio das Escrituras que fornece a informação de quem é a mãe e o pai ou os possíveis pais do discípulo Tiago que é apresentado como irmão de Jesus.

Segundo as Escrituras, há um Tiago (menor) apóstolo e irmão do Senhor Jesus Cristo, como podemos verificar a seguir:

> “Três anos depois subi a Jerusalém para conhecer Cefas, e fiquei com ele quinze dias.
> Dos outros apóstolos não vi mais nenhum, a não ser Tiago, irmão do Senhor.” (Gl 1, 18, 19)

‘Irmão’, nesse caso, não possui a mesma carga semântica dos irmãos expostos por São Paulo que julgarão até mesmo os anjos, apesar de Tiago ser um deles também pela conseqüência de servir a Cristo. ‘Irmão’, nesse caso, é uma referência a irmão filho da mesma mãe ou a irmão filho de irmão ou irmã de algum dos pais.

Além do irmão do Senhor, havia um outro apóstolo chamado Tiago (maior) que era filho de Zebedeu e irmão de São João, como consta nas Escrituras:

> “Eis os nomes dos doze apóstolos: o primeiro, Simão, chamado Pedro; depois André, seu irmão. Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão.” (Mt 10, 2)

O Tiago (menor), que era irmão de Cristo, era filho de Alfeu, como podemos ler a seguir:

> “Filipe e Bartolomeu. Tomé e Mateus, o publicano. Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu.” (Mt 10, 3)

Se somente existissem esses registros do irmão de Cristo os protestantes inventariam que Maria, a mãe de Jesus, teria se casado novamente, contudo, nas próprias Escrituras é possível identificar a mãe de Tiago (menor).

As Escrituras citam uma Maria que é mãe de Tiago e de José e outra Maria que é mulher de Zebedeu:

> “Havia ali também algumas mulheres que de longe olhavam; tinham seguido Jesus desde a Galiléia para o servir.
> Entre elas se achavam Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.” (Mt 27, 55, 56)

Temos a mostra de três Marias seguidoras de Cristo. A primeira é Maria Madalena, a segunda é Maria mãe de Tiago (menor) e de José e a terceira é Maria mãe dos filhos de Zebedeu.

A Maria que é mãe de Tiago (menor) e de José não é Maria mãe de Jesus, ela é sua irmã, como podemos constatar a seguir:

> “Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena.” (Jo 19, 25)

Assim, Tiago (menor), irmão de Jesus é, na verdade, primo de Jesus para o nosso idioma, filho de sua tia que era irmã de Maria mãe de Jesus e que também se chamava Maria.

O Evangelho de São Mateus diz que Tiago (menor) é filho de Alfeu, porém São João diz que Maria irmã da mãe de Jesus era mulher de Cléofas. Sendo assim, 'Cléofas' é o nome do padrasto de Tiago (menor) ou 'Cléofas' é outro nome de Alfeu.

Isso independe do fato de Tiago (menor) ser filho de Maria irmã da mãe de Jesus que teve muitos filhos evidenciados no Evangelho de São Mateus.

Satanás ansiava para que Maria quebrasse seu voto como celibatária e, da mesma forma, os protestantes chamam Maria de infiel por Deus desejar ter um pai no mundo, São José. Digo que Jesus teve a melhor mãe e o melhor pai.

A confusão protestante vem da ignorância ao fato de que foi usado um homônimo para designar irmãos e primos e da falta de capacidade para ler as Escrituras.

É fato evidenciado que a leitura viciada dos protestantes lhes impede de fazer uma leitura simples das Escrituras.

Notem que todos os protestantes que dizem que Maria teve outros filhos não sabem do que estão falando, ao passo que julgam a santa Mãe de Deus pelas mulheres que conhecem.

O fingimento, o decorar de alguns versículos da Bíblia e o interpretar livremente tomado falsamente por inspiração do Espírito Santo não são suficientes para ler um livro tão complexo e sagrado.

São Pedro disse que deveria haver erudição e respeito para com a Igreja Católica ao ler e interpretar as Escrituras e dou fé para as palavras de nosso líder.

Os protestantes não possuem o depósito da fé, por isso, caem em enganos interpretativos ao desenvolverem intepretações apartadas do núcleo da Igreja criada por Cristo, contrariando a palavra que diz que nenhuma interpretação é de origem pessoal.

O protestantismo é como um esgoto que assimila tudo o que é imprestável, até mesmo as palavras e as inclinações dos filhos de satanás. Isso é tanto verdade que caluniam a Mãe do Senhor por amor a discórdia repetindo todas as palavras ditas pelo demônio nas Escrituras.

Somente os católicos possuem o Espírito Santo que os fazem repetir as palavras dos santos.

Os batismo s

Na velha aliança entre Deus e os homens, no que precedia a única religião verdadeira, Abraão circuncidava bebês no oitavo mês de vida como uma marca dos que pertenciam ao povo eleito. Semelhantemente a isso, na Nova Aliança, após Deus dar o anuncio do seu reino para a Igreja Católica, o seu novo povo escolhido, ofereciam batismo para crianças.

Desde o tempo dos apóstolos crianças recebiam a marca de entrada na vida cristã que jamais pode ser desfeita.

O batismo oferecido por São João chamado de ***batismo de penitência*** é semelhante aos banhos rituais de purificação praticados pelos israelitas e foi esse batismo o recebido pelo Senhor Jesus:

> Foi necessário, pois, para nosso Senhor e Salvador, que "estava vestido com vestes sujas" e tinha assumido um corpo terrestre, que fossem oferecidas as coisas que, segundo a lei e o costume, purificava as impurezas. (Orígenes – Homilias sobre o Evangelho de Lucas, p. 54)

É notável que Jesus cumpriu o batismo por penitência e não porque necessitava. Orígenes deixou inclusive entender que o Senhor Jesus apenas se batizou por ter vindo ao mundo e não porque necessitava se purificar. As únicas coisas que se tornaram mais limpas foram suas vestes após o batismo.

Também é notável que, aqueles que eram batizados por imersão e que não haviam recebido o batismo com o Espírito Santo, recebia a complementação.

O ***batismo em nome do Senhor Jesus*** é o que propicia o Espírito Santo. Vejamos o primeiro complemento do batismo ofertado pela Igreja Católica:

> "Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou as províncias superiores e chegou a Éfeso, onde achou alguns discípulos e indagou deles: “Recebestes o Espírito Santo, quando abraçastes a fé?”. Responderam-lhe: “Não, nem sequer ouvimos dizer que há um Espírito Santo!” –. “Então, em que batismo fostes batizados?” – perguntou Paulo. Disseram: “No batismo de João.” Paulo então replicou: “João só dava um **batismo de penitência**, dizendo ao povo que cresse naquele que havia de vir depois dele, isto é, em Jesus”. Ouvindo isso, **foram batizados em nome do Senhor Jesus**. E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e falavam em línguas estranhas e profetizavam." (At 19, 1-6)

Jesus Cristo, Deus e o Espírito Santo são apenas um, por isso, ao batizar em nome do Senhor Jesus, se está batizando no nome da trindade. Vejamos o ***batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo***:

> "Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações; **batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”." (Mt 28, 18-20)

Vejamos o rito de entrada na vida Cristã na doutrina dos doze apóstolos:

"No que diz respeito ao batismo, **batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo** em água corrente [Cf Mt 28,19] Se não tens água corrente, batiza em outra água; se não puderes em água fria, faze-o em água quente. Na falta de uma e outra, **derrama três vezes água sobre a cabeça em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo**. Mas, antes do batismo, o que batiza e o que é batizado, e se outros puderem, observem um jejum; ao que é batizado, deverás impor um jejum de um ou dois dias. (*Didaqué – A Doutrina dos Doze Apóstolos*, Cap. VII - Instrução sobre o batismo, 1-4)

Segundo Hipólito de Roma, as crianças eram batizadas primeiro seguidas pelos homens e as mulheres. As crianças que não podem responder devem possuir responsáveis que respondam por elas. Hoje, os padrinhos são os responsáveis por orientar nas verdades da fé.

Segundo Orígenes, as crianças não ficavam sem batismo como podemos verificar:

"[...] "ninguém é isento de impureza, nem se de um único dia absolutamente for a sua vida sobre a terra?" E porque, pelo mistério do batismo, as impurezas do nascimento são tiradas, por esse motivo **são batizados também os pequeninos**, porque "se alguém não tiver renascido da água e do espírito, não poderá entrar no reino dos céus". (Orígenes – Homilias sobre o Evangelho de Lucas, p. 54)

Ocorre que a definição de impurezas não é a mesma de pecado. Para os israelitas, impurezas vem de uma noção de higiene que sofreu o que poderia chamar de transferência.

Assim, Jesus Cristo, por suas vestes e tudo aquilo que tocou e não por ter nascido de Maria, e as Crianças que nasceram obviamente de mulher comum e tiveram contato com fluidos corpóreos, deveriam pagar o ***batismo de penitência***.

Obviamente, pela razão apresentada, se uma criança que não possui pecados se torna impura por viver no mundo, é possível entender que ‘impureza’ é uma referência a relação do ser com o mundo e não uma referência a pecado. Nessa razão, até mesmo o ar puro seria causador da impureza.

Seguindo essa razão, todos teriam de receber o batismo de penitência todos os dias, o que deixa mais evidente que o banho ritual é uma transferência de uma regra de higiene.

Fora da única fé verdadeira, somente existe desordem. Se fosse fomentada a moda da circuncisão entre os protestantes judaizantes que não são de raça judia, eles certamente a praticariam, removeriam o prepúcio de bebês no oitavo mês de vida, mas o batismo de bebês tendem a não praticar por ser prática da Igreja de Cristo que remonta o tempo dos apóstolos, no ponto máximo do ódio dos judaizantes pela Igreja.

Não existe remoção de batismo ou batizar novamente. Foram os anabatistas distanciados da tradição da Igreja que se autonomearam sacerdotes e consideraram inválido o batismo de crianças praticado pelos apóstolos. Os mesmos anabatistas que entregavam os irmãos à morte, na linha de frente do combate, em prol de idealismos.

Na heresia dos anabatistas, o batismo do indivíduo somente é válido após a sua conversão consciente, não sendo sequer de propriedade deles o saber sobre a conversão.

Desde que os protestos foram tomados como verdade pelos hereges, qualquer um que queira justificar o desamor e o descaso pelos filhos encontra em diversas seitas protestantes uma fuga das responsabilidades. Os muitos que negligenciam a atenção e o cuidado para os filhos certamente encontraram uma idéia

moralmente elevada entre os hereges que corrobora com o descaso.

Ao dizerem que as crianças podem escolher outros caminhos atestam que não crêem no próprio. Diferentemente dos protestantes, a Igreja Católica crê somente em um caminho.

A Igreja, no tempo dos apóstolos, batizava famílias inteiras sem criar objeções tolas como as dos protestantes.

Os protestantes, cheios de dúvidas, questionam o motivo de batizar crianças, pois, na concepção deles, elas não possuem pecados e o Batismo para eles é somente para remi pecadores, demostrando desconhecimento da tradição da Igreja.

O batismo é também para o perdão dos pecados, mas ninguém deixa de pecar.

Logo que são batizados novamente, os protestantes começam a pecar e isso esclarece o engano.

Assim como a circuncisão feita no oitavo mês de vida, o batismo era e é uma marca dos escolhidos na Nova Aliança.

Obviamente os circuncidados ainda bebês tinham garantida a absorção da cultura do povo escolhido e da mesma forma, na Nova Aliança, os padrinhos, são os encarregados maiores no educar na verdade da fé fora do ambiente da Igreja.

O batismo é uma marca de entrada na vida cristã que todos os cristãos devem receber. Somente os pais que não amam seus filhos não lhes promovem o batismo.

É notável que a deturpação do conceito de fé de uma parte dos protestantes lhes iludiu completamente. Os iludidos se consideram eleitos, lavados e remidos simplesmente por acreditarem e, mesmo assim, aguardam que as crianças cresçam e se encham de pecados para batizá-las e remi-las de todos os pecados que curiosamente a fé protestante purificadora não fez. Simplesmente eu não consigo entender essa lógica.

Como batizam para a remissão dos pecados se, na fé protestante, somente basta acreditar para ser lavado e remido?

Existe uma incoerência muito grande nessa postura que somente foi idealizada para se opor a tradição da Igreja de Cristo e nada mais. Geram essas confusões que são preceitos de homens inspirados no amor à discórdia.

Para um bebê receber o batismo na Igreja Católica é feita a exigência de que ele possua um padrinho e uma madrinha com a responsabilidade de o orientar na vida Cristã, o que garante que o indivíduo permanecerá pelo menos ciente dos valores corretos.

Além do batismo na água dentro das possibilidades expostas por Orígenes e pela obra *A Doutrina dos Doze*, a criança recebe diversas outras unções e bênçãos do sacerdote que, segundo a tradição que vem desde os apóstolos, é o próprio Cristo abençoando e batizando com o Espírito Santo.

Seguindo a lógica da regra dos atos de fala, é possível entender que um sacerdote verdadeiro, que vem de uma sucessão cujo sumo sacerdote é Jesus Cristo e que, por isso, é representante de Jesus Cristo e possui autoridade eclesial, quando autorizado pelo bispo, batiza em nome de Jesus Cristo, pois ele pode falar em nome de Jesus Cristo que disse para batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ainda dentro da mesma regra, os autonomeados sacerdotes, que são de uma sucessão de pessoas sem a autorização de Roma, que se nomearam guardiãs do sagrado e que, por isso, são representantes de afrontas contra Deus e não possuem autoridade eclesial, batizam em nome deles ou no nome das milhares de seitas, pois eles não podem falar em nome de Jesus, mesmo fazendo uso do santo nome.

Quem deu autoridade para Pedro foi Jesus e para se determinar algo em nome de alguém é necessária uma autorização. Não sei quem autoriza os autonomeados que afrontam Cristo ao batizarem e fazerem coisas referentes a Igreja sem a autorização do bispo de Roma, contudo sei que Deus não é.

Deixar uma criança crescer sem a marca do cristianismo é puro desamor.

Até mesmo Martinho Lutero entendia a maldade de não batizar como influência demoníaca como se pode notar:

> E eu apostaria montes de dinheiro que o objetivo do diabo com esses espíritos facciosos e anabatistas é de eliminar o Batismo de crianças, para batizar apenas velhos adultos; pois seu pensamento com certeza é o seguinte: "Se conseguisse eliminar o Batismo de crianças, eu haveria de lidar com os velhos de forma tal, que se demorassem e adiassem o Batismo até o último pecado, ou até chegar a última [596] hora. Além desse adiamento, eu os manteria longe da pregação para que nada aprendessem sobre Cristo ou o Batismo, nem lhes dessem qualquer importância. E eu já teria a grande multidão do mundo como grandioso exemplo, como sejam turcos, persas, tártaros, judeus e pagãos, de sorte que por fim haveriam de ficar indiferentes, dizendo: "Batismo? Cristãos? Onde estiver a multidão, ali também fico eu. (Martinho Lutero, *Exortação ao Sacramento do Corpo e Sangue de Nosso Senhor*, 1530)

Cristo nos disse para seguirmos a Igreja e ela, desde o seu surgimento, batizava famílias inteiras sem observar restrições de idade.

As crianças pequenas sem seus devidos orientadores, não recebiam o batismo dos apóstolos e, os protestantes, seguindo uma leitura errada das Escrituras, passaram a protestar contra o batismo de crianças.

Tudo começa com a noção errada de auto-suficiência das Escrituras quando claramente ela carece de uma contextualização que somente pode ser dada pela santa Igreja Católica, a única representante de Jesus Cristo. Protestar contra uma benção tão pura somente é possível por intermédio de influência maligna ou de uma ignorância extrema.

Quem ama seus filhos os batiza em ambiente católico, pois é somente na Igreja Católica que estão os verdadeiros sacerdotes provenientes de uma ordem cujo sumo sacerdote é Cristo.

A moralidade

Contra o celibato dizem, em auto-observação, os heréticos que o desejo suprimido leva os padres a serem pedófilos, não existindo relação alguma entre a causa e a conseqüência exposta e sendo o celibato não um sacrifício e sim um meio de unir o coração com o coração de Deus.

Obviamente, quando falam sobre os desejos suprimidos que levam à prática de perversões sexuais estão se referindo aos traidores da Igreja ou ao que fariam, caso tivessem de viver sem satisfação sexual. São eles os que, em estado de privação, desenvolvem perversões.

Não se atribui determinado comportamento a determinados membros da sociedade quando não existe o determinado comportamento ou o que leve a ele nos costumes desses membros e obviamente, a causa primária da pedofilia é o desregramento sexual e suas conseqüências como a libertinagem que pode promover uma série de costumes degradantes.

Estatisticamente, os padres são os que menos cometem o crime de pedofilia, menos ainda que os pastores protestantes quando comparados ao resto da população.

Os que vivem pelo sexo e que não percebem restrições morais na vida de modo que se auto induzem a práticas sexuais pervertidas para ter mais sexo de modos diferentes, lideram as estatísticas, inclusive por abuso dos que estão sob tutela, independentemente da fé que proferem.

Essa razão lógica constata o fato de que quem vive a se definir sexualmente, ou seja quem demonstra viver para o sexo, como se o sexo fosse êxito em sua vida, tende a ser mais perverso sexualmente.

Isso leva a crer que a devassidão ou a busca intensa pelo prazer sem a moralidade cristã pode levar a existir um número maior

de crimes de pedofilia e abusos sexuais em geral.

Todo padre que abusa de meninos é perverso, ou seja, antes de o definir como padre ele é perverso e pedófilo. Isso é um fato que deve ser exposto.

Homens viris não sentem atração por outros homens e nem por crianças, sendo assim, porque a Igreja que exige o celibato de seus sacerdotes é tida por muitos como um antro de pedófilos?

São os pedófilos que atribuem os próprios vícios aos sacerdotes que representam a santidade, de forma generalizada, com o intuito de se sentirem mais socializados ao difamarem a santidade da representante da verdade.

Se a Igreja possui o dever de ser a luz do mundo, os pecados de seus traidores possuem maior respaldo social, apesar de ocorrerem em menor número e de forma isolada.

Existe o agravante que contribui para a má fama da Igreja que é a inimizade entre os filhos da serpente e os filhos de Maria que faz com que se observe a instituição que promove a santidade como promotora de pecado. Os filhos da serpente observam os traidores e os expõe como os exemplos da fé católica.

Existem padres pedófilos porque a Igreja está no mundo, mas eles são menos do que se imagina e não são apoiados pela Igreja.

A insistência em dizer que a Igreja é um antro de pedofilia parte, em parte, de pedófilos que desejam tornar a prática comum e fazem isso difamando a Igreja.

Existe uma definição grega para esse fenômeno acusatório. A palavra ‘idios’ do grego significa ‘o mesmo’ e é dela que formamos nosso adjetivo ‘idiota’.

Segundo o artigo *Professores de Corrupção* escrito por Olavo de Carvalho para o Diário do Comércio no ano de 2012 e também presente em seu livro: *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota,* ‘idiota’ é a característica do sujeito que nada enxerga além de si e que julga tudo pela própria pequenez. Assim,

quando não existe prova da acusação, geralmente são os pedófilos os que provém as acusações de pedofilia, pois estão falando, quando acusam, sobre o que fariam, caso a Igreja fosse formada exclusivamente por pessoas semelhantes a eles.

Esse tipo de transferência de comportamento é bem comum em críticas vazias e eficaz na propagação de falácias.

Não é coincidência o fato de que todo padre pedófilo não cumpre o voto de pobreza, pois o traidor Judas também não cumpriu.

Para servir a Deus, é necessário morrer para que cristo viva, esquecer os próprios anseios e pensar somente em Deus.

O abismo de não cumprir o voto de pobreza ou qualquer outro voto cumprido pelo sumo sacerdote Jesus Cristo atrai outros abismos.

Aquele que serve a Deus e que lamenta por ter perdido a sua vida por ínfimas perturbações, não como quem evidencia males para trazer luz a alguma questão ou um bem superior dele e sim como quem lamenta para que se apiedem de si e que, nas aflições, busca consolo em prazeres e possui pressa e ansiedade em concretizar pecados, não é digno de vestir trajes eclesiais, pois eles são para homens viris.

A idolatria

Os pagãos possuíam o costume de criar representações de seus valores, por isso, a criação de imagens parte de uma inclinação natural do homem na busca de preservar algum valor, o que não acarreta em si mal algum. Ocorre que o mesmo acontece com a preservação das más inclinações.

No oriente, antes da vinda de Cristo, existia semelhante costume manifesto na criação de obeliscos para homenagem e adoração na cultura egípcia.

O obelisco possui uma pirâmide em sua extremidade voltada para cima e não existe malignidade na forma do obelisco. Ele é como um signo arbitrário sem carga semântica alguma nativamente e é também como algo que aponta para cima, sendo assim, era lícito que o povo escolhido[46] construísse um para homenagem e adoração a Deus, como podemos ler nas Escrituras:

> “Naquele tempo, haverá no Egito cinco cidades que falarão a língua de Canaã e jurarão pelo Senhor dos exércitos. Uma delas será chamada a Cidade do Sol.
> Naquele tempo, haverá um altar erguido ao Senhor, em pleno Egito, e, em suas fronteiras, um obelisco dedicado ao Senhor.
> E eles servirão de monumento ao Senhor na terra do Egito. Quando maltratados pelos opressores, invocarão o Senhor, e ele lhes enviará um salvador, um defensor que os libertará.” (Is 19, 18-20)

Não podemos tomar a imagem do obelisco e sua função como malignas, pois usar algo para se referir a Deus é um costume tradicional e inerente ao homem que se manifestou na confecção do obelisco entre os pagãos.

O mesmo deus que é deus de todos e que inspirou o homem desde o início dos tempos havia determinado que fossem transferidas as honrarias isentas de malignidade que antes eram para os falsos deuses para Ele que é o único e **verdadeiro deus** e o único merecedor de toda honra e toda glória.

A cidade citada por Isaias era chamada de Cidade do Sol cujo culto principal era em homenagem ao deus egípcio Rá que tomou para si parte das referências do único Deus, assim como os antigos pagãos do ocidente homenagearam Júpiter (Zeus) com as características de senhor, altíssimo e luminoso.

Me questiono se os hereges iriam deixar de se referirem a Deus como altíssimo pelo fato de os pagãos chamarem Zeus de altíssimo.

Os egípcios foram grandemente impactados pelos israelitas e, posteriormente, pelo cristianismo. Há registro arqueológico da contemporaneidade da Igreja dos apóstolos que mostra que alguns egípcios usaram fragmentos de cópias de textos das Escrituras para compor máscaras de papiro que cobriam rostos de cadáveres, o que evidencia uma assimilação do cristianismo pelos pagãos.

Deus nunca proibiu qualquer ser humano de se referir a ele e os Israelitas se referiam a Ele por intermédio de um obelisco construído nos limites da cidade que os aprisionava.

Os Israelitas tinham ciência de que o obelisco não era seu deus e também que não deveriam se referir a Ele de qualquer forma.

O principal texto das Escrituras usado para depreciar a tradição católica acusando-a de idólatra é o seguinte:

> "**Não terás outros deuses** diante de minha face.
> Não farás para ti escultura, nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra." (Ex 20, 3, 4)

Na lógica protestante, não se consolida com as Escrituras a ordem de Deus quando manda os Israelitas confeccionarem um obelisco e também qualquer outra coisa, porque tudo o que é confeccionado é imagem de algo e feito por mãos humanas.

Lendo os fragmentos bíblicos à luz da ignorância da interpretação protestante, se entende que não se pode ter sequer imagem de alguma pessoa querida e valorosa que sirva de exemplo ou de algum ente querido que remete à lembrança do amor familiar, pois as imagens são figuras de coisas que estão sobre a Terra. Há de ser errado também o ato dos que fizeram uso da ludicidade que Deus lhes deu e criaram objetos com formatos de animais para os filhos, pois são esculturas de algo sobre a Terra.

Apesar de o primeiro verso citado (‘**Não terás outros deuses[...]**’) evidenciar que a proibição de criar imagens e figuras se restringe aos falsos deuses pagãos representados por eles de diversas formas e em diversos lugares, os protestantes fazem uma interpretação simulando analfabetismo e ignorância para criar oposição entre a Igreja Católica e as Escrituras.

Nem os judeus mais mentirosos e blasfemadores ousaram mentir da forma que os protestantes mentem apregoando a falsa restrição contra as imagens, pois sabem que Deus os mandou confeccionar imagens e eles possuem imagens como ícones representativos na própria tradição.

O texto bíblico claramente se refere aos falsos deuses pagãos, pois somente existe um único **deus verdadeiro**.

No paganismo egípcio, os animais ou humanos com partes animais eram percebidos como deuses e esses deuses recebiam as honras no lugar do único deus.

Os pagãos faziam imagens de animais de muitos tipos para adorar como deus e é essa a referência do texto bíblico.

Naquele tempo, uma parte dos hebreus era paganizada e confeccionava imagens de animais como se fossem deuses como determinava a cultura egípcia.

Se neste século um católico fizer a imagem de um animal para ornamentar seu jardim, não haveria pecado algum, pois se tem ciência de que o animal não é deus e ele não é colocado no lugar de Deus, mas se essa mesma imagem fosse transportada para o tempo em que os hebreus estavam tentando se livrar do paganismo, seria ela adorada pelos paganizados e ignorada pelos fiéis.

É notável que o problema não está no ícone (imagem), mas no modo como o homem o percebe. Se destruíssemos, hoje, todos os ícones representativos, não estaríamos destruindo a idolatria, pois o idólatra não necessita deles para ser o que é.

A idolatria existe pela falta de bom caráter que torna o indivíduo capaz de ser ingrato e redirecionar as honrarias do único deus para outros deuses.

O idólatra possui o mundo que comporta o dinheiro e os vícios que tomam o lugar de Deus no coração de muitos.

O cuidado exacerbado com o material ao ponto de trazer tristeza quando há perda; o enganar ao próximo que desrespeita um ser humano pelo lucro pessoal; a dedicação aos vícios quando eles são percebidos como alentos e a exaltação de poderes governamentais acima de Deus são manifestações da idolatria como os hebreus e a Igreja Católica do tempo dos apóstolos concebia e concebe até hoje.

O que se conhece por feito que não é inspirado em outra coisa? Tudo ao nosso redor é efeito de uma causa anterior, ou seja, reprodução de forma. O próprio Deus manda fazer imagens de querubins, como podemos entender a seguir:

> “Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro, fixando-os de modo a formar uma só peça com as extremidades da tampa.” (Ex 25, 18, 19)

Quando Deus mandou fazer imagens de querubins, não eram elas um tipo de *escultura ou figura do que está em cima, nos céus*?

A diferença está em criar imagens da própria tradição e não de deuses pagãos.

As Escrituras não se contradizem, quem acusa a Igreja Católica de ser idólatra age com desonestidade, possui trapaça na fala ou carece de educação.

Os querubins não foram feitos para serem adorados, mas ouso dizer que a maioria dos protestantes cairia de joelhos a chorar com os braços estendidos em direção a eles, pois já percebi muitas manifestações semelhantes deles diante de réplicas de arcas, dos pés de alguns homens auto ordenados e até mesmo de livros impressos.

Se satanás viesse como anjo de luz, não necessitaria disfarçar seu caráter, pois a maioria dos hereges cairia de joelhos diante dele.

A inspiração do rosto de Cristo é da Igreja do tempo dos apóstolos que confeccionava ícones representativos da fé como pinturas de Cristo a olhar para quem olhasse para ela, Cristo na prática de milagres, Maria com o menino Jesus e imagens dos discípulos.

Algumas das primeiras imagens criadas pela Igreja de Cristo estão preservadas até hoje nas catacumbas de Santa Priscilla, Commidilla, em Roma. Existe a pintura de Maria segurando o menino Jesus intitulada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro cuja autoria é atribuída a São Lucas.

Seria seguir ao Deus dos Israelitas e a tradição da Igreja de Cristo idolatria? Sim, na interpretação descontextualizada e incauta dos hereges que são irresponsáveis ao repetir as falácias difundidas nos meios protestantes. Isso indicia que os protestantes possuem uma outra fé.

No engano e na soberba, a calúnia da idolatria se mantém, mas, quando se respeita a verdade, se constata que a Igreja Católica está certa, pois Deus é com ela.

Muitos são os que compram idéias erradas sem estudá-las, o que evidencia a predisposição a injuriar a santa Igreja Católica que possui imagens de escultura e figuras dos santos.

Nenhum católico reduziu Deus a uma imagem criada pelas mãos humanas, por isso, não existe imagem de Deus da mesma forma que os pagãos confeccionavam.

Na Igreja Católica, existe a noção da imagem de nosso Senhor porque ele se fez carne e por seus filhos terem retratado seu rosto que é percebido por todo católico que estuda como uma imagem que representa Cristo sem o conter no material.

O católico percebe a presença real de Cristo na santa Eucaristia e usa a imagem para se referir a Ele.

Quanto a imagem dos santos, foi o próprio Deus quem nos deixou imagens, na forma de cadáveres incorruptos para nos servir de exemplo, para que praticássemos a mesma devoção deles.

Somente existem cadáveres incorruptos na Igreja Católica que são imagens representantes dos valores que os santos donos deles conservaram. São inegáveis sinais da parte de Deus.

Ele não nos deu apenas imagens, nos deu também relíquias e milagres de forma exclusiva, mostrando com isso que toda manifestação de poder do céu apartada da santa igreja é falsa.

Ter uma imagem no lar equivale a andar com boa companhia, pois ela serve como alegoria de valores que são retomados quando a olhamos.

Todos os valores associados aos ícones da fé são relembrados e permanecem vivos em nós quando olhamos para eles, assim como era no momento inicial da Igreja, quando uma parte considerável não sabia ler.

A rejeição contra as imagens dos santos é óbvia vergonha por não poder ser como os representantes delas. Entre os que

criticam os católicos dizendo que não são idólatras como eles, há os que fazem isso por ignorância e os que semeiam contenda por saberem a verdade.

Não existe no catecismo da Igreja Católica um mandamento de adoração aos seus santos.

Quando um católico olha para as imagens dos santos está observando as virtudes de Deus nelas, portanto, edificando sua fé.

As calúnias partem sempre do sentimento de vaidade, ou seja, se algo não se parece com o eu ou não trabalha a favor dos próprios intentos, se torna desprezível, mesmo sendo algo essencial.

É nos meios mais carentes de razão e de boa educação que proliferam os enganos e as calúnias contra a Igreja Católica.

Me impressiona o fato de que a maior parte dos protestantes não sabe que idolatria é colocar algo no lugar de Deus e que os católicos não fazem isso ou são induzidos a isso pela santa igreja.

Muitas pessoas são enganadas. São tantas acusações infundadas e cheias de ódio que elas devem ser fruto de uma inspiração divisora maligna.

Obviamente, haverá entre nós católicos quem cometa o pecado da idolatria, mesmo assim, em nosso meio sempre haverá menos idólatras que nas seitas protestantes, devido a sã doutrina muito esclarecedora quanto a negação do eu que concebe Deus acima de tudo, se opondo de modo verdadeiro à idolatria.

A idolatria ao dinheiro e às satisfações do mundo são práticas fomentadas nas muitas teologias que levam muitos a colocarem o bem material no lugar de Deus de forma supostamente lícita.

Os que criam um novo evangelho baseado em barganhas para um suposto deus e os que se colocam no lugar dele por não lhe prestar obediência são os verdadeiros idólatras.

Na igreja de nosso Senhor, é motivada a prática da negação do eu, da penitência e do amor na forma de benevolência que leva à caridade e todas essas práticas são adversas à idolatria, assim como tudo na única igreja, a Igreja Católica, é completamente adverso à idolatria.

O Espirito Santo dado para a única igreja faz com que se reconheça os santos e benditos por Deus, por isso, por serem cheios do espírito santo, os católicos homenageiam os ícones representativos da fé, principalmente nossa Senhora.

Ícones representativos da fé

A Igreja, que era chamada de católica desde o início, percebeu a necessidade de confeccionar ícones representativos da fé cristã quando não possuía mais as presenças humanas do Senhor e da mãe da Igreja.

A confecção de ícones representativos da fé cristã nasce da tradição da Igreja Católica e foram muito necessários quando poucos sabiam ler.

Foi importante a criação de imagens, pois eram retomadas as histórias dos santos ao olharem suas imagens que forneciam os exemplos de membros bem-aventurados do corpo de Cristo.

Há imagens que existem até hoje datadas dos primeiros séculos que retratam alguns atos de Cristo como o da multiplicação dos peixes.

Nos conta a tradição que o evangelista letrado e médico, São Lucas, pintou diversos quadros de Cristo, de Maria[47] e de alguns apóstolos, contudo é perceptível, ao longo da história da Igreja, muitos alienados a tradição blasfemarem contra os ícones da fé sob pretextos mentirosos e tão vis que somente poderiam ser movidos por inspirações malignas.

A blasfêmia contra a Igreja ou contra os santos que estão no céu fornece um forte indicio de serviço para o mal. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> "Abriu, pois, a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar o seu nome, o seu tabernáculo e os habitantes do céu." (Ap 13,6)

Se é a boca de satanás a boca que blasfema, é indicio de serviço ao mal o blasfemar contra Deus, contra a sua Igreja Católica (tabernáculo) e contra os habitantes do céu (os santos).

O escárnio proferido pelos servos de satanás é um modo de tentar ocultar a importância do cristianismo para a humanidade e também um modo de permitir o agir de um poder maligno justificável perante a lei dos homens sobre ela, como o poder propiciado pela parte dos judeus que condenou Cristo à morte.

Blasfemar contra os santos possui o intuito de tornar o cristianismo uma ameaça repugnante no imaginário popular, pois o indivíduo enganado tende a abominar toda ou parte da carga de significados exemplares presentes no ícone observado pelas blasfêmias.

Os ataques vazios a tudo o que é fonte inspiradora de bem possui um pai. A razão do discurso contra o cristianismo é evidenciada nas palavras de São João e o ativismo dos que tomaram o príncipe das trevas como pai elucida a razão das calúnias e tentativas de ocultar a santidade da Igreja.

Os seguidores de Cristo estavam fadados sofrer por intermédio de todo governo injusto e pelos homens que se inclinam para o mal, ou seja, assassinos, ladrões, corruptos, imorais, incautos e todos os que, por seus atos, se tornaram filhos de satanás e não se arrependeram de seus maus caminhos.

São João nos revela que a razão por trás da guerra contra Maria e sua descendência não tem origem nas razões do homem, mas na razão de satanás, o que explica o ódio irracional que se desenvolve contra as determinações de Cristo.

Satanás planta o ódio no coração do homem de tal forma que os filhos de satanás percebem razão nas blasfêmias que proferem como se fossem a pura manifestação da verdade de Deus quando é satanás quem fala por eles.

Por isso, tenhamos misericórdia e oremos pelos que blasfemam contra Maria e o santos sob pretextos vis, pois devem,

em suas porcas vidas particulares, consumir as imundícies que vomitam contra ela.

É satanás que traz o engano com o intuito de que se tome Maria por mulher qualquer e a Igreja Católica como anátema, pois ele tem inimizade contra a mulher e sua descendência, ou seja, contra Maria e a Igreja Católica.

O único mediador

Os que alcançam o agir na justiça estão em comunhão com os anjos e com os santos como se pode ler nas Escrituras:

> “Vós, ao contrário, vos aproximastes da montanha de Sião, da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, das miríades de anjos, da assembléia festiva dos primeiros inscritos no livro dos céus, e de Deus, juiz universal(católico), e das almas dos justos que chegaram à perfeição, enfim, de Jesus, o mediador da Nova Aliança, e do sangue da aspersão, que fala com mais eloqüência que o sangue de Abel." (Hb 12, 22-24)

Os justos se aproximam dos anjos, dos santos e de Deus pela mediação propiciada por Jesus Cristo, o único mediador. Também eles se aproximam das almas dos justos que chegaram à perfeição(completude), por intermédio de Deus.

São Paulo nos apresenta Jesus Cristo como o mediador da Nova Aliança, ou seja, como aquele que media seu reino de amor, a comunhão entre nós e os anjos, os santos e justos nos céus, o que evidencia a tradição da Igreja Católica, a única que pratica a intercessão verdadeira.

A igreja santa e verdadeira, A Igreja Católica (universal), não é um reino que dorme. Ela intercede por nós e se não cremos assim, não cremos na igreja de Cristo como Ele a criou.

Os heréticos possuem má impressão contra a intercessão católica devido às influências que receberam e por não saberem no que crer. Abominam a idéia de que um homem santo católico e separado por Deus possa rogar a Deus pelos pecadores por não entenderem como Jesus Cristo é o único mediador da salvação

entre Deus e os homens, e por inventarem uma nova mediação que não permite o amor.

Deus não deu um sinal à humanidade para que ela se convertesse de seus maus caminhos de modo que não possa mais se desviar. Ele deu uma Igreja (seu corpo) para que houvesse participação(intercessão) daqueles que se santificaram.

Cristo quer que intercedamos uns pelos outros. É desse auxilio que trata o seguinte trecho bíblico que orienta a fazer preces, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens.

> "Acima de tudo, recomendo que se façam preces, orações, súplicas, ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade, para que possamos viver uma vida calma e tranqüila, com toda a piedade e honestidade.
> Isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.
> Porque há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que se entregou como resgate por todos." (1 Tm 2, 1-6)

Há auxilio do tabernáculo (Igreja, cristãos, pecadores ou santos vivos e os habitantes do céu) para o pecador. Os membros da Igreja, por estarem ligados a Cristo, o único mediador da Salvação, se tornam veículos para Ele.

A intercessão é algo mais simples do que se imagina. Para um protestante, nas suas teorias, a intercessão se manifesta apenas como um poder vindo diretamente de Deus, mas, na prática, acreditam na imposição de mãos dos supostos pastores e pessoas de prestigio nas seitas, demonstrando uma grande incoerência entre fé e prática. Mostram claramente que crêem verdadeiramente mais no prestigio social que na santidade.

Para um católico, a intercessão é como nas Escrituras. Ela parte do mandamento de amor manifesto em cada ato de cada um que contribuiu para a salvação com preces, orações, suplicas e ações.

A oração do justo vale muito para Deus, não obstante é necessária a ação que é a manifestação da fé presente na oração.

Para dar testemunho aos incrédulos, Deus sempre atestou os seus por intermédio de milagres segundo sua vontade.

Deus age segundo a própria vontade e não mediante pagamento como crêem os pagãos e protestantes que inventam novas teologias.

Deus intercede por intermédio dos ossos de Eliseu (2Rs 13, 21), por intermédio da sombra de São Paulo (At 5, 15), pelas palavras dos santos que disseram para o deficiente levantar e andar e por qualquer objeto ou agir dos seus no mundo para realizar algum milagre.

Deus quis que houvesse uma participação humana na salvação da alma, por isso, ele disse para nós orarmos uns pelos outros e faz os milagres se manifestarem entre os católicos. Milagres esses que servem para a edificação dos incrédulos e não para saciar caprichos humanos.

Existe uma contradição incrível entre a postura protestante e a do povo de Deus. Enquanto as pessoas reconheciam Deus em São Paulo e guardavam para si até mesmo aquilo que lhe serviu para limpar a boca (guardanapo), os protestantes rejeitam esse ato como se fosse adoração e idolatria e são eles os mesmos que compram lenços ungidos pelos supostos pastores, o que mostra que o protesto deles é fruto de hipocrisia.

Sequer sabem que idolatria significa colocar algo no lugar de Deus, pois confundem o perceber Deus por meio de um santo com adoração a ele, ou seja, tomam a veneração por idolatria.

Como católico, eu creio que Deus pode interceder pelo pano sujo que São Paulo usou para limpar a boca, mas é Ele quem

determina. Eu não posso comprar o guardanapo e nem exigir que ele me traga algo bom. Sei que a relíquia é parte de um homem de Deus e, como Deus atesta os seus, se pode obter milagres de uma relíquia de origem católica quando Ele quiser.

A Igreja guarda pedaços dos corpos dos santos e tal comportamento é tido pelos que protestam como um ato mórbido e desnecessário quando, na verdade, são relíquias sagradas que podem ser veículos do agir de Deus no tempo que Ele determinar além de serem veneráveis por serem edificantes.

O propósito é a edificação e não o recebimento de benesses, pois o Reino de Deus não é desse mundo.

Cristo, que é o único mediador da salvação, possui um corpo que é a Igreja Católica, devido a isso, somente existem milagres verdadeiros em contato com relíquias católicas, membros católicos ou ambiente católico.

Deus não precisa de uma relíquia para agir, pois seu corpo é sua igreja, contudo, para colocar sua assinatura em alguém venerável, Ele faz um milagre por intermédio de seus restos como fez com Eliseu.

O livro de São Tiago diz que a oração do justo tem grande eficácia pela obviedade do fato de que quem é mais santo pode interceder mais quando Deus sabe, inclusive, o que vamos pedir. Isso evidencia que Deus quer que haja a intercessão entre nós, mesmo que a julguemos desnecessária com nossa razão humana. A intercessão é prática amorosa e o amor é mandamento de Deus.

São reconhecíveis as pessoas que são de Deus pelo amor manifesto em obras.

A idéia que leva os protestantes a abominarem a intercessão católica parte da razão humana e o interceder vem de Deus.

Se nem a morte nos separa do amor de Cristo e se o amor de Cristo é pelo próximo, chegamos à conclusão lógica de que os santos intercedem por nós após a morte.

Havia pedidos de orações em inscrições do séc. I e II nos túmulos de cristãos nas catacumbas de São Sebastião em Roma, onde a comunidade cristã pedia claramente para que os cristãos visitantes orassem pelos que já se foram. Algo assim é contraditório ao que acreditam os protestantes enraivecidos a dizerem que não se pode interceder por quem morreu, contradizendo a tradição da Igreja de Cristo onde nem a morte separa o Cristão do amor de Deus.

Por serem materialistas demais e terem ligado a comunhão com Deus com o recebimento de bens materiais, pensam que a oração a Deus é inútil, mas não assumem esse pensamento.

A intercessão por orações é um propósito amoroso do nosso Deus, contudo pensa uma parte dos protestantes que as bênçãos espirituais não são importantes, por saber que os santos não podem lhes dar bens materiais, por isso é desejável apenas a intercessão dos vivos entre os que protestam.

Podemos observar São Paulo orando por Onesíforo já morto para termos noção de como era a relação dos católicos com os seus mortos: “Que o Senhor lhe conceda a graça de obter misericórdia do Senhor naquele dia.” (2 Tm 1, 18). Nas Escrituras, é possível também ler:

> "Quando tu oravas com lágrimas e enterravas os mortos, quando deixavas a tua refeição e ias ocultar os mortos em tua casa durante o dia, para sepultá-los quando viesse a noite, eu apresentava as tuas orações ao Senhor” (Tobias 12, 12)
> "Pois, se ele não julgasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles." (2 Macabeus 12, 44)

Obviamente a Igreja cuja origem é o céu oferece a intercessão sobre os motos em sua tradição que está em acordo

com a única fé.

A hipocrisia parece não possuir limites entre os resmungões protestantes, pois eles impõem as mãos uns nos outros intercedendo materialmente, contudo, pela vaidade tomam a intercessão em ambiente católico por inválida. Tendo eles tomado do depósito da fé para criar suas deturpações, ousam questionar o que está na tradição.

A palavra ‘sacerdote’ significa guardião do sagrado, ou seja, portador do Reino de Deus. Assim a Igreja, a única que guarda o sagrado, a coluna e sustentáculo da verdade, é o veículo do agir de Deus no mundo e não existem limites para o poder de Deus que age nela com sua razão e não a mercê dos desejos humanos mediante barganha como no paganismo.

Nem a morte pode nos separar do amor de Deus manifesto entre os servos de seu reino e isso não é um tipo de afirmação ficcional na fé, é uma verdade.

Foi a interpretação pessoal baseada na razão humana, nos vícios, nos interesses pessoais e na predisposição a ser opositor da Igreja que fez com que os protestantes desprezassem a intercessão daqueles que Deus separou para si no cristianismo, contudo, curiosamente a maioria deles acredita na intercessão dos demônios no mundo material.

No livro *Apocalipse*, há um exemplo de intercessão onde mártires como São Pedro e São Paulo rogam a Deus por justiça. Vejamos como isso se apresenta:

> “Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos homens imolados por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho de que eram depositários.
> E clamavam em alta voz, dizendo: Até quando tu, que és o Senhor, o Santo, o Verdadeiro, ficarás sem fazer justiça e sem vingar o nosso sangue contra os habitantes da terra?

> Foi então dada a cada um deles uma veste branca, e foi-lhes dito que aguardassem ainda um pouco, até que se completasse o número dos companheiros de serviço e irmãos que estavam com eles para ser mortos." (Ap 6, 9-11)

A justiça que pedem os santos compreende toda a determinação de Deus na vida do homem culminando na salvação dos benditos e na condenação dos filhos de satanás.

Não é porque reconhecemos que os habitantes do céu rezam a Deus por nós que os idolatramos os colocando no lugar do criador, somente reconhecemos o fato. Quando lhes pedimos que roguem a Deus estamos fazendo jus a palavra que diz que nem a morte pode nos separar do amor de Deus que quis que nós participássemos de seu propósito amoroso, por isso nos deu o mandamento de amar. Vejamos como nada pode impedir o amor mediado por Jesus Cristo, nosso Senhor:

> "Mas, em todas essas coisas, somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou. Pois estou persuadido de que **nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus**, nosso Senhor." (Rm 8, 37-39)

Mesmo que os anjos quisessem nos separar do amor de Deus que se fez carne e deu sua vida por nós, não conseguiriam, contudo Deus nos diz para fazermos preces uns pelos outros para que seu amor se manifeste entre nós.

Nada pode separar os justos do amor de Deus, contudo, os que amam a discórdia, por estarem mais preocupados em cuidar da discórdia, não compreendem que é para Deus que se pede por intermédio da intercessão quando um católico diz, por exemplo: “Santo padre Pio, rogai a Deus por nós.”.

Uma grande parte dos protestantes concebe o rogar como pedir o material para si e são incapazes de pedir que seja feita a vontade de Deus com sinceridade. Para eles, a graça somente é graça quando lhes serve materialmente, pois não possuem o amor na forma de benevolência como mandamento.

Mesmo se forem conscientizados dessa verdade, os protestantes possuem algumas falhas educacionais que os impedem de processá-la. Eles não acreditam na santidade da Igreja, logo não acreditam na santidade do corpo místico de Cristo (Igreja), o que poderia ser categorizado como uma grande falha de raciocínio.

Quando Deus atesta alguém, esse alguém possui em si a completude dada por Deus, ou seja, não lhe resta mais nada para fazer. A palavra ‘santo’ possui em sua carga semântica parte da carga semântica de ‘separado’ e de ‘completo’ (perfeito). Nossa Senhora, por exemplo, como a arca da aliança, como a fonte da vida, recebeu a integralidade do corpo com a alma como foi profetizado.

Não acreditar na santidade implica em não acreditar no resgate de Deus, ou seja, na salvação e não acreditar na intercessão promovida pelo único mediador é não acreditar no amor entre nós e, por conseqüência, não amar.

Obviamente que a falta de confiança em Deus, a falta de fé, é o que leva a não crer na mediação proporcionada por Jesus Cristo.

O ativismo contra Maria

Parte dos maiores embustes proferidos por blasfemadores contra a Igreja de Cristo dizem que os católicos veneram Maria em vão, por ela não poder fazer coisa alguma por nós e que Cristo a tratava mal.

Os intrujões que proferem essas coisas somente percebem valor naquilo que lhes trazem benefício material, ou seja, não basta para eles o fato de Maria ter sido chamada de bendita pelo anjo de Deus se isso não lhes traz benefícios materiais.

Nessa lógica, ela deveria lhes beneficiar para ser bendita o que evidencia uma relação protestante entre veneração e benesse material e uma aceitação de uma Maria que fosse pagã.

É fato que, se satanás manifestasse seu poder em seitas ocultistas beneficiando seus membros, a maior parte dos protestantes estaria de joelhos perante ele, lhe adorando.

Enquanto um anjo de Deus chama Maria de bendita, os filhos de satanás lhe caluniam.

Não somente os anjos bendiziam Maria. Vejamos como os cristãos da Igreja de Cristo, que é chamada de católica desde o início, tratavam com respeito e veneração a mãe do Senhor:

> "...nós juntamente com ele e muitos de nossos santos irmãos se reuniram para contemplar aquele corpo mortal, Fonte da Vida, que recebeu o Deus encarnado..." (Dionísio o Areopagita, *Sobre os Nomes Divinos* 3, 1)

Esse texto é um fragmento histórico que evidencia a admiração dos discípulos por Maria que foi chamada de Fonte da Vida. Maria recebeu o reconhecimento porque ela é uma mulher

santa enviada por Deus que não faria seu filho vir por intermédio de uma mulher qualquer.

Pode-se analisar muitas coisas no caráter de quem profere frases infelizes contra Maria. Há indivíduos que somente lhe dariam o devido reconhecimento se ela lhes prestasse serviço. A esses, se pode imputar egoísmo, egocentrismo, vaidade e vigarice.

Sinto pena das mães dos blasfemadores infelizes, pois quando não lhes servirem mais, as descartarão como lixo e, depois que elas falecerem, provavelmente terão as virtudes esquecidas.

O que há de se admirar é que os próprios líderes protestantes se autonomeiam intercessores de Deus e não crêem na intercessão dos santos ao passo que cantam louvores que dizem que nada lhes separarão do amor de Deus, evidenciando uma grande incoerência.

A santidade de Maria era algo evidente no tempo de Cristo. Quando uma mulher disse para Cristo que eram benditos os peitos que o amamentaram, Ele diz, em seguida, que para aquela geração adúltera não seria dado nenhum outro sinal senão o do profeta Jonas.

Cristo claramente falava que não teriam um grande sinal propiciador de uma grande conversão em massa dos leigos e que aquela geração teria de o seguir com fé e por amor, por perceber que aquele caminho é o correto e não por receber um sinal, mesmo assim, hoje, ainda blasfemam contra Maria ou pedem sinais da sua santidade nos meios protestantes, quando ela não é esquecida.

A mulher que chamou de benditos os seios de Maria percebeu que Maria não poderia ser uma mulher comum, também os protestantes Lutero e Calvino sabiam que Maria não teve outros filhos além de Jesus e criam no dogma de sua perpétua virgindade. Esses protestantes que precederam os da atualidade, concebiam Maria, em parte, como os cristãos da Igreja de Cristo, porém o tempo e a predisposição a caluniar Maria revelada por São João faria com que o dragão falasse despejando um rio de vômito contra

ela pela boca dos que se voltaram contra a santa igreja como foi profetizado.

O principal texto que os deturpadores e desconhecedores das Escrituras e da vida dos santos usam para dizer que Maria foi uma mulher qualquer e que Cristo a tratava com desprezo é este:

> “Não é este o filho do carpinteiro? Não é Maria sua mãe? Não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?
> E suas irmãs, não vivem todas entre nós? Donde lhe vem, pois, tudo isso?
> E não sabiam o que dizer dele. Disselhes, porém, Jesus: É só em sua pátria e em sua família que um profeta é menosprezado.
> E, por causa da falta de confiança deles, operou ali poucos milagres.” (Mt 13, 55-58)

É notável que todo protestante toma como verdade a fala dos que se opõem a Cristo descrita nas Escrituras. Não é coincidência que vivem a repetir todas as descrições demoníacas presentes nela como se fossem lemas da fé protestante.

Isso é muito grave e revelador. Notemos que tudo o que satanás diz por intermédio dos filhos dele nas Escrituras ressoa nos corações dos servos do demônio como verdade. Se o demônio diz que está escrito, os protestantes vão dizer que está escrito até o fim dos tempos.

Falaram os desconfiados como se o filho de Deus não pudesse sair da carpintaria. Se soubessem como se instalou humildemente após seu nascimento, o desprezariam ainda mais.

São Mateus evidencia o menosprezo sofrido por Cristo na observância de sua família como inspirado pelo dragão que inspiraria, usando as mesmas palavras, o menosprezo por Maria.

O desprezo e a dúvida que desenvolveram contra Cristo por ele ser de Nazaré é o mesmo que usam contra a sua santa Mãe.

As Escrituras dizem que, por causa desse olhar com desprezo e dúvida para a origem de Cristo, operou-se ali poucos milagres, evidenciando que Deus não compactua com esse costume onde se considera desprezível a verdade pela miséria física aparente de quem a profere.

Quando levantaram o fato de Maria ser sua mãe, eles queriam menosprezar Cristo. Diferentemente dessa postura blasfemadora, para a fé da única Igreja, Maria é a fonte que gerou a vida.

A bominando às Escrituras

Os líderes protestantes se exaltam como se fossem os únicos leitores do que eles chamam de Bíblia, mas, se prestarmos atenção na forma aleatória e desordenada que fazem suas leituras restritas a aquilo que lhes convém, o cinismo deles se desfaz.

Os verdadeiros leitores são os católicos que acompanham a leitura à luz da interpretação dos santos da única Igreja criada por Cristo, sendo o ler e o entender partes diferentes de um processo.

O entender acontece quando é possível perceber a razão daquilo que se diz, o que é diferente de assimilar uma idéia errada e tentar percebê-la no texto escrito.

É preciso ter o que leva a dedução para poder existir o entendimento, contudo, os católicos podem, sem alcançar o entendimento, confiar na Igreja, confiar em Jesus Cristo, ao levar suas dúvidas para seus padres.

Ter a Igreja que escreveu o Novo Testamento e organizou a Bíblia interpretando a Bíblia é a única forma de ser assertivo nos estudos bíblicos, pois, logicamente, sem dados que possibilitem contextualizar é impossível entender os fenômenos apresentados nas Escrituras integralmente.

Muitos que supostamente tentam entender ignoram a tradição e cometem erros interpretativos.

Que conclusões podemos tirar a respeito de uma seita que rejeita o que é palavra de Deus ou de um líder protestante que não leu as Escrituras?

Os protestantes rejeitam o livro de Baruc e mais seis por seguirem algumas falácias sem se certificarem da veracidade da informação que diz que a Bíblia católica possui livros não inspirados por Deus, quando o profeta Jeremias diz o contrário.

A Igreja Católica, usava o velho testamento desde Cristo e foi ela a escritora do Novo Testamento, mas em vez de tomarem a Bíblia católica composta pelos livros usados pelos apóstolos e os seus escritos sagrados como base, os protestantes fazem uso de uma bíblia aprovada mais tardiamente por um concilio judaico que tomou alguns livros do velho testamento como não aceitáveis, inclusive o livro de Baruc que o profeta Jeremias atesta ser a palavra de Deus mais todo o novo testamento por motivos óbvios, por não crerem em Jesus. Vejamos como isso se apresenta:

> “Mandou então Jeremias que viesse Baruc, filho de Néria, o qual, sob ditado do profeta, escreveu em um rolo todos os oráculos que recebera do Senhor.” (Jr 36, 4)

Onde está o livro de Baruc nas bíblias adulteradas?

Para serem coerentes, os protestantes deveriam se desfazer do Novo Testamento também, pois eles não cumprem com os pressupostos definidos pelo concílio de Jamnia.

Notemos a confusão nas seitas protestantes. Os protestantes foram todos enganados. Eles repetem as falácias heréticas do concílio farisaico de Jamnia contra as escrituras católicas mesmo podendo constatar o próprio erro de conduta ao lerem o livro de Jeremias nas próprias bíblias adulteradas deles.

Preferiram os fariseus e não a santa Igreja Católica criada pelo Senhor Jesus Cristo.

Preferem eles confiar em uma idéia herética disseminada no meio protestante que no profeta Jeremias.

O livro de Baruc não está presente nas bíblias adulteradas protestantes que sofreram algumas modificações para se adaptarem a muitas heresias comuns contra a única fé.

Os protestantes perceberam que, nas seitas judaizantes, havia a crítica ao catolicismo por usarem livros que, segundo eles,

não possuíam inspiração de Deus e, como o protestantismo assimila todas as ofensas possíveis contra a Igreja, assimilaram mais essa afronta contra a verdade.

Na bíblia usada pela comunidade judaica não havia sete livros presentes que eram usados pelos apóstolos, então, insanamente, com o anseio de protestar provocando a discórdia, passaram a repetir a mentira de que não existe inspiração divina nos sete livros rejeitados, inclusive no livro que Jeremias diz ser palavra de Deus.

Apesar de ter sido a Igreja Católica a responsável por escrever e organizar o Novo Testamento, os protestantes não a tomam como a sua interprete e se referem a Bíblia como se ela tivesse sido escrita sozinha, quando, na verdade, ela é uma pequena parte da tradição da Igreja Católica.

O motivo que levou os judeus a oficializarem para o povo uma bíblia adulterada sem os livros de *Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, I Macabeus, II Macabeus* e também fragmentos dos livros de *Ester* e do livro de *Daniel* foi por perceberem que esses livros haviam se tornado um grande veículo de conversão dos judeus ao cristianismo.

Como os protestantes poderiam, caso fossem honestos, atestar os valores presentes nos livros rejeitados se não os lêem.

Quando excluíram parte da palavra de Deus, os judeus estavam agindo para defender a tradição judaica que se findou em Cristo.

Os rabinos definiram alguns critérios para aceitarem que os livros fizessem parte da bíblia adulterada deles. Neles, os livros deveriam ter sido escritos na terra santa; escritos somente em hebraico, nem aramaico e nem grego; escritos antes de Esdras (455-428 a.C.) e não deveria contradizer a Torá ou a lei de Moisés.

Se os protestantes aceitassem todos os pressupostos, não teriam o Novo Testamento, mas eles querem ser cristãos judaizantes como se ser judaizante lhes imputasse tradicionalismo, mesmo sendo eles menosprezados pelos judeus.

Os livros excluídos falam sobre Cristo de forma muito precisa e em concordância com as profecias sobre Ele. Fato esse que estava levando muitos judeus a se converterem ao cristianismo. Vejamos uma referência a Cristo no livro de *II Macabeus*:

> “O Rei do mundo nos fará ressurgir para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis.
> É desejável passar para a outra vida pelas mãos dos homens, tendo da parte de Deus as esperanças de ser um dia ressuscitado por Ele.” (2Mc 7, 9-14)

Datado do ano 100 a.C. o livro *II Macabeus* diz claramente que não se deve temer a morte, pois Cristo irá ressuscitar todos e faz também clara corroboração com ações de mártires como São Paulo, São Pedro e as dos bravos cavaleiros que lutaram contra a tirania e que morreram por amor.

Uma referência à vinda de Cristo inaceitável para uma parte dos judeus que mataria licitamente todos os membros do corpo de Cristo se pudesse.

Na citação, Cristo tem o poder de julgar e de salvar o homem, ou seja, podemos ter a expectação da salvação e não a certeza, porque o julgamento pertence a Deus o que evidencia um respeito enorme por Cristo que não percebo entre muitos protestantes que se consideram salvos e chamam a Deus de Senhor, enquanto lhe atribuem características servis de deuses pagãos.

Nesse caso, os protestantes apenas assimilaram as heresias(escolhas) judaicas por afinidade com os judeus que faziam e fazem oposição à Igreja de Cristo e desprezam a eles, os protestantes que lhes apóiam.

O fanatismo, o dominante e o dominado

O fanatismo religioso se caracteriza pela ausência de critérios baseados na razão que justifiquem a escolha e a prática religiosa, por isso, o indivíduo deve saber porque possui a única fé para não ser um fanático que pratica sem saber porque pratica, como alguém que inclina a cabeça para uma doutrina em sinal de submissão e corre em direção dela sem saber para onde vai.

Todas as religiões criadas por homens produzem fanáticos, por não fazerem uso da razão.

Não há nada mais precioso do que Cristo. Por isso, quando o cristão faz uso da razão, no seu caminho de fé, não pode ser categorizado como fanático.

O fanático não sabe a razão da própria fé e não faz uso de critério algum ao assimilar aspectos religiosos, o que sempre culmina em desamor.

Para esse tipo, é lícito tudo o que supostamente promove sua seita, por isso são presas fáceis para líderes religiosos oportunistas.

Se todos os católicos estudassem e fossem capazes de dar a razão de sua fé, jamais cairiam na armadilha das promessas ocultistas e protestantes.

Os falsos profetas não são pessoas enganadas. Eles querem uma situação favorável que mantenha os fiéis sob o domínio dos seus muitos enganos. Gostam de seus gados no aprisco de modo que entreguem suas ofertas girando com o dinheiro no chifre.

A identificação de uma situação onde o dominante é uma pessoa de má índole se dá por evidenciar a falsidade no discurso. Quando um autonomeado, mesmo sabendo da verdade, calunia a Igreja Católica, o faz para que as pessoas continuem dominadas em seu aprisco.

Quando uma liderança mente pela manutenção do domínio do engano, evidencia que o dominado sequer é considerado como outro ser humano. O dominado é percebido como um meio ou ferramenta viabilizadora.

O crédito dado à *Sola Scriptura* contribuiu para o sucesso de diversos falsos profetas que puderam dizer que eram de Deus sem receberem críticas ou serem questionados sobre suas práticas, agindo como satanás quando argumentou contra Cristo dizendo: *está escrito*. (Mt 4, 6).

Os falsos profetas definem até mesmo a vida pessoal dos dominados e muitos são os que se dispõem a lhes servir gratuitamente, como se ofertassem para Deus, por isso, eles ficam mal-acostumados, buscando vantagens em tudo. Tentam converter inclusive as secretárias para que elas lhes façam serviços extras e gratuitos.

Fato é que todas as vítimas dessas seitas são pessoas fanáticas que, por falta de estudo, não conseguem identificar quando estão sendo usadas para os fins dos homens, quando deveriam trabalhar na obra de Deus.

As aflições do mundo, a fé e a caridade

É errado associar a posse de uma boa vida cheia de deleites e regalias com a comunhão com Deus. Vejamos os sofrimentos que São Paulo passou enquanto pregava o evangelho com fervor sendo o intermediador de muitos milagres para a edificação:

> "Cinco vezes recebi dos judeus os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado com varas. Uma vez apedrejado. Três vezes naufraguei, uma noite e um dia passei no abismo.
> Viagens sem conta, exposto a perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte de meus concidadãos, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos!
> Trabalhos e fadigas, repetidas vigílias, com fome e sede, freqüentes jejuns, frio e nudez!
> Além de outras coisas, a minha preocupação cotidiana, a solicitude por todas as igrejas!
> Quem é fraco, que eu não seja fraco? Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor?
> Se for preciso que a gente se glorie, eu me gloriarei na minha fraqueza." (2Cr 11, 24-30)

Se São Paulo contasse seus sofrimentos para os teólogos protestantes de algumas teologias que visam a prosperidade, seria acusado de ser um homem sem fé, estar possesso por mil demônios, em pecado mortal e afastado de Deus.

Seus sofrimentos (*internos porque no acúmulo de sabedoria, acumula-se tristeza, e que aumenta a ciência, aumenta a dor.* (Ec 1,18)) foram muitos, mas ele jamais hesitou. Como homem, São Paulo fez tudo o que pôde e foi viril até o fim.

Creio que São Paulo se santificou no serviço a Deus e que seus problemas possuíam uma origem comum a todo homem, além das perseguições que são como um espinho da coroa de Cristo. Um espinho que se toma para si junto com o serviço para Deus. Vejamos o que São Paulo diz a respeito das necessidades e aflições do mundo:

> “Sei bem o que é passar necessidade e sei o que é andar com fartura. Aprendi o mistério de viver feliz em todo lugar e em qualquer situação, esteja bem alimentado, ou mesmo com fome, possuindo fartura, ou passando privações. Tudo posso naquele que me fortalece.” (Fl 4, 12, 13)

São Paulo não vivia a se lamentar e conta, como homem, que passou por diversos problemas que ele considera como nada perto de seu galardão no céu. Isso fazia parte de seu testemunho.

São Paulo, como homem santo, estava apartado do mundo e aguardava estar com Cristo na glória, no amor que ele estava disposto a servir até a morte. Apesar das privações, ele não deixou de amar.

Dizer que tudo pode naquele que lhe fortalece, instrui no que é mais importante e não se refere ao êxito material e pessoal. São Paulo disse que com Cristo ele poderia fazer qualquer obra do Reino de Deus, inclusive dar a própria vida como ele fez.

Os heréticos da teologia da prosperidade não entendem o fato de São Paulo poder tudo e ao mesmo tempo sofrer privações.

São Paulo disse que a riqueza ou a pobreza não o impediriam de pregar o que é incompreensível para os que concebem a expressão ‘tudo posso’ de uma forma promotora de benesses materiais como se ela evidenciasse provisões para a vida do fiel.

Os teólogos da prosperidade pregam um céu na Terra e vivem de prometer o que não possuem. Na razão oferecida por eles, aquilo que se oferta volta em benefício material nesta vida e pode não possuir motivo caridoso. Simplesmente obedecem ao rito semelhante a um rito pagão onde se paga e se recebe.

Se observarmos como iniciou o protestantismo até chegar as suas vertentes mais paganizadas, havemos de nos espantar.

São Pedro chamava as muitas seitas heréticas de desordem no seu tempo.

O oportunismo é tão grande que zombam do analfabetismo e da falta de leitura dos fies ao interpretarem a Bíblia de modo tendencioso. Um grande exemplo disso é a deturpação que fazem do livro de Malaquias que, apesar de chamar de ladrões os sacerdotes que tomam para si do dinheiro para a caridade, o usam para chamar de ladrões os que não contribuem financeiramente.

O dizimo no protestantismo tomou uma mística paganizada, onde se dá com o intuito de receber, contradizendo as Escrituras que dizem que nossa mão esquerda não saiba o que fez a direita quando dermos esmolas.

Na tradição da igreja de Cristo, o que se trazia de oferta para os apóstolos era dividido entre os necessitados e os sacerdotes, que faziam voto de pobreza, não tomavam os bens para si, como podemos ler a seguir:

> "E traziam o preço do que tinham vendido e depositavam-no aos pés dos apóstolos. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade." (At, 4, 37)

Para não haver confusão, tenho de explicitar que a caridade funciona quando parte da iniciativa pessoal ou privada, como ocorria na comunidade Cristã. Quando essa responsabilidade parte do nível governamental ocorre o contrário. Sabemos disso

pela observação das amostras históricas que mostram que o melhor que um governo pode fazer pelas pessoas é oferecer o mínimo de suporte e não lhes causar prejuízo como fazem os governos que cobram muitos impostos.

Toda oferta para os necessitados é uma oferta para Deus. A Igreja, como gerenciadora desses bens, pôde fazer bem mais que uma iniciativa individual.

Deus criou sua Igreja como sua mão caridosa no mundo. E tem sido, até hoje, a Igreja Católica a instituição que mais faz caridade no mundo.

Na atualidade deste escrito, *ela possui ~1,2 bilhão de fiéis, mantém mais de 115.000 Institutos sanitários que assistem em todo o mundo e são eles: hospitais, dispensários, leprosários, casas para idosos, casa para doentes crônicos, casa para deficientes, orfanatórios, jardins da infância, consultores matrimoniais, centros de educação, centros de reeducação e muitos outros. A Igreja mantém também mais de 68 mil escolas, maternais, primárias, médias e superiores. Ela também realiza muitas outras ações caridosas pelo mundo.*

A razão de Deus não é a razão dos homens. Deus jamais seria pelo homem de boa vida que pastoreia em detrimento do necessitado.

Ele sempre foi pelo necessitado, mas podes não pensar assim por preferir considerar que dar uma oferta é como um rito pagão alienado a razão de Deus, onde se dá e se recebe muito mais neste mundo. Isso é um problema individual de quem pensa assim.

Se o indivíduo pensa assim, está errado e é paganizado.

Quando se come, não se compadece dos que passam fome? Quando se cobre, não se pensa no miserável com frio?

Ter o conhecimento não é suficiente sem a conversão do caráter e muitos nunca mudarão. Eles se apegam a aquilo que tomam por verdade porque o engano lhes satisfaz.

Os judaizantes e a referência a Jesus

Em oposição a Cristo, o judaísmo se tornou tradicional. Mesmo assim, seitas protestantes em geral são menosprezadas pelos judaizantes e as seitas judaizantes são menosprezadas pelos judeus.

Não se pode pagar para mudar a própria raça, mesmo assim, muitas seitas judaizantes têm oferecido o título de judeu para aqueles que desejam se tornar membros delas, contribuidores financeiros regulares, ou seja, se o membro da seita judaizante deixar de contribuir financeiramente ou de apoiar de alguma forma, sua raça decai para gentio.

Percebo que, os que professam a fé protestante chamada de judaico-cristã, possuem grande orgulho como se fossem tradicionais e mais puros por desconsiderarem a igreja de Cristo quando, na verdade, eles fizeram o caminho de volta, não para a lei e sim para um conjunto de escolhas seguindo muitas doutrinas fruto de arbitrariedade humana.

Os descendentes dos hebreus não possuíam Maria, Jesus ou a Igreja, por isso, os que desejam serem percebidos como judeus ou tradicionais judaizantes retomam a veneração à arca da aliança, à palavra escrita e aceitam algumas deturpações messiânicas.

A maioria das seitas judaizantes possuem algumas características comuns com a maioria protestante, mas, nelas, são bem mais acentuadas. São elas: a diminuição de Jesus Cristo ou a completa rejeição; a rejeição a Maria; a rejeição à autoridade da Igreja Católica e o uso dos exemplos de Moisés, Abraão ou qualquer homem que tenha realizado algo pelo poder de Deus registrado no Velho Testamento.

Basicamente, buscam a tradição judaica para criar uma aversão à autoridade da Igreja e, conseqüentemente, à autoridade

de Cristo que muitos desses consideram como mais um profeta, inclusive inferior a Moisés, mesmo Jesus tendo deixado claro que sua missão era a maior de todas antes dos judeus tentarem lhe jogar de uma encosta, mesmo Jesus sendo Deus.

Se há uma junção de seitas, há também uma junção de doutrinas, ou seja, toda a essência da má interpretação e dos protestos acrescidos à tradição influenciaram os protestantes judaizantes, o que os levou a desenvolver o mesmo discurso dos assassinos de Estevão que eram judaizantes também contra Cristo, contudo, o contrário não ocorre, os judeus não são influenciados pelos judaizantes, pois os judaizantes são percebidos por eles como uma anomalia, como um grande poço de desordem.

Eles, assim como os protestantes, possuem uma aversão a tudo o que Cristo ordenou e deixou. Desprezam inclusive seu nome.

Para se justificarem como os escolhidos e se sentirem como em um reinicio religioso, como se fossem os portadores da verdadeira fé e do Reino de Deus, algumas seitas insanamente apregoam que os verdadeiros cristãos foram mortos pelo Império Romano quando isso não é fato histórico.

Obviamente, entre os judaizantes, existem muitas doutrinas que são frutos de muitos enganos, contudo, são tantos os enganos que, se fosse explicar cada um deles, teria de dedicar muitas publicações sobre eles.

Os judaico cristãos se consideram muito mais corretos e verdadeiros que os outros protestantes e arranjaram um meio de dizer que somente há poder de Deus nas suas seitas como uma trapaça, uma enganação.

Dizem, em algumas das seitas judaizantes que dizem aceitar Cristo que, se caso um indivíduo não pronuncie o nome ‘YAOHUSHUA’ (Existem variações entre eles), quando se refere a Jesus Cristo, está fadado ao inferno, como se uma pronuncia tivesse algum poder místico. Esse credo é claramente uma evolução de doutrinas ocultistas em meio a muitos outros enganos.

Para embasar esse discurso, usam o seguinte versículo:

> “Pois não há distinção entre judeu e grego, porque todos têm um mesmo Senhor, rico para com todos os que o invocam, **porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo** (Jl 3,5).
> Porém, como invocarão aquele em quem não têm fé? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue?” (Rm 10, 13)

Para eles, o poder da salvação está na pronúncia correta do nome do Senhor.

Eis um nível mais elevado de protesto que exclui da salvação os católicos, por eles se referirem ao verbo de Deus usando o nome da tradição que veio diretamente do grego que é ‘Ιησούς’, ‘Iesus’. Também são excluídos todos os protestantes e qualquer leigo que pratique o bem.

Nessa teoria fraudulenta, somente quem pode se salvar são os supostos conhecedores da tradição judaica que invocam nosso senhor pelo nome ‘YAOHUSHUA’, mas sabemos que são leigos repetidores de falácias.

As fontes históricas do primeiro século depois de Cristo fazem referência ao verbo de Deus usando o nome ‘Iesus’.

O caractere ‘I’ (IOTA) é usado como uma semivogal ou uma semiconsoante produzindo, em contato com uma vogal, o som da consoante que conhecemos por ‘J’, ou seja, a sonoridade do ‘J’ já existia antes da criação do signo lingüístico que o representasse de forma isolada em nossa língua.

Posteriormente, com a criação da letra ‘J’ no ano de ~1515 d.C., pode-se representar de modo mais completo o nome original.

Usamos o nome ‘Jesus’ e ‘Cristo’ para nos referirmos ao verbo de Deus, pois ele também era assim chamado nas Escrituras e nos registros antigos que são rejeitados pelos que somente aceitam a Torá.

A letra ‘J’ que se assemelha ao ‘I’ passa a ser mais usada a partir do século XV para suprir a necessidade de adequar a escrita a pronuncia do fonema fricativo pós-alveolar/ ʒ /. Sendo assim, ‘Jesus’ é o signo lingüístico em mais acordo com o uso da Igreja do tempo dos apóstolos.

Na atualidade eu não sei como se configura a crendice judaizante citada, contudo, até onde a analisei, para ela, por supostamente eu não saber pronunciar o nome do verbo de Deus da maneira que eles idealizaram, por observarem o judaísmo, não serei salvo e Deus não terá misericórdia de mim.

Ocorre que isso é um equívoco da parte deles, pois já foi narrado, neste escrito, o caso dos hebreus que levaram o nome de Deus quando faziam a vontade Dele, e se é por fazer sua vontade que se porta o nome, logo levam o nome de Cristo os cristãos quando dão os frutos do Reino dos Céus.

Felizmente os embusteiros judaizantes nunca me enganaram, pois, como bacharel em letras e conhecedor da teoria da arbitrariedade dos signos lingüísticos criada por Platão e usada por Aristóteles, tenho ciência do uso de signos lingüísticos.

Há um consenso na Igreja Católica quanto ao uso do nome ‘Jesus Cristo’ para definir o filho de Deus, o que é suficiente para um católico.

O signo lingüístico ‘Jesus’ teve seu momento de ser formado arbitrariamente por Ele mesmo. Devido a isso, todas as referências quando falamos ou escrevemos o nome ‘Jesus’ devem ser verdades do nosso Senhor, do contrário, estaríamos nos referindo a outro, um falso deus, isso porque, os signos lingüísticos usados para nomear as coisas, ou seja, os nomes ou os substantivos possuem arbitrariedade quanto a carga semântica, de modo que ele não permite uma ligação direta do significado ao seu signo lingüístico.

Seguindo a lógica platônica ou aristotélica, a referência de Cristo no mundo é sua Igreja, logo, ela deve determinar a referência do signo lingüístico ‘Jesus’ no mundo.

Sem a Igreja Católica, o signo lingüístico 'Jesus' pode assimilar um referente diferente do verdadeiro, criando uma inadequação entre signo lingüístico, carga semântica e o referente que é o corpo místico de Jesus Cristo.

Além das seitas usarem um signo lingüístico (significante) equivocado, usam também o significado (conteúdo) equivocado por atribuírem a Cristo características que não são suas, de modo que eles estariam errados mesmo se usassem o nome 'Jesus' para definir o deus deles.

Por existir essa inadequação entre os perversos, Cristo chamou os judeus que queriam lhe matar de filhos de satanás, mesmo eles honrando a Deus e aos seus com os lábios fazendo uso dos signos lingüísticos da tradição.

O nome do filho de Deus possui a característica de ser fixo e anterior a qualquer arbitrariedade humana.

Esse signo consiste em significado mais significante, onde o significado é o conceito que temos de nosso Senhor e o significante é a forma gráfica ou o conjunto de caracteres 'Jesus' mais sua sonoridade.

Por não termos mais a referência de Jesus como homem no mundo e por termos sua representante, a Igreja Católica que é a coluna e sustentáculo da verdade, seu corpo místico que define Cristo, se entende que a Igreja Católica é a referência de Jesus Cristo no mundo.

A sonoridade do signo lingüístico 'Jesus' pode variar dependendo do falante nativo de qualquer idioma, assim, se não há uma forma fixa possível de pronunciar, pela natureza das coisas, devemos considerar que é possível haver alguma variação, desde que haja respeito e atestação da igreja romana.

Certamente, ninguém vai para o inferno por não conseguir pronunciar o nome do nosso Senhor como dizem os protestantes de algumas seitas judaizantes.

Quando pensamos em nosso Senhor, nós homens, caso não conhecêssemos o nome do Senhor, não formaríamos naturalmente o conjunto de caracteres 'Jesus', sendo assim, temos de respeitar esse nome com toda a sua carga semântica e seu referente, o que é possível por intermédio de uma catequização em pleno acordo com a tradição da Igreja que nos apresenta o único **deus verdadeiro**.

A intercessão da igreja romana é essencial para definir a verdade da fé, pois somente ela pode definir a verdade.

Se invocássemos o nome 'Jesus' lhe pedindo coisas que representam a vontade de satanás, estaríamos desrespeitando Deus por considera-lo capaz de compactuar com o maligno, além de invocar o demônio. Assim seria se pedíssemos a Cristo ajuda em alguma atividade ilícita ou crime contra a vida como um aborto, considerando, com isso, ser criminosa a vontade de Deus.

Se um cristão, que não conhece a vontade de Deus, faz uma oração lhe atribuído características que não são as Dele, é um forte indicio de que está negando a vontade do Criador. Esse tipo geralmente é levado a praticas demoníacas ou a dar fé a promessas materialistas enquanto congrega nos milhares de grupos religiosos protestantes ou espíritas.

Presenciei muito desrespeito a Deus. Presenciei protestantes esmurrarem o ar, pisarem com força e gritarem exigindo a parte de seu deus em alguma barganha, como se Ele atendesse a razão humana e fosse obrigado a retribuir o favor que talvez tenha sido feito ao diabo em um pacto. Esse tipo de engano que fere a concepção de Deus é o principal efeito gerado por estar longe da tradição católica.

Apesar de o diabo não poder atender os pedidos de seus servos, eles continuam lhe pedindo, lhe atribuindo elogios divinos e lhe assoberbando com cargas e mais cargas de trabalho que são, na verdade, jogadas ao nada.

A Deus somente devemos servir e, quando lhe pedirmos algo, tenhamos consciência de que não merecemos coisa alguma e

que Ele somente atenderá o nosso pedido se for de sua vontade.

Diferentemente disso, o homem perverso, que não aceita a soberania do Criador, o deturpa e o transforma em um deus sem consciência, como uma força controlável.

O signo lingüístico ‘deus’ aceita tudo, de modo que, ele é usado por diversas seitas que clamam por deuses de diversas procedências baseados na razão humana.

Quem não compreende Deus por meio do propósito de suas obras geralmente coloca a si no seu lugar. Sendo assim, o paganizado, ao clamar por seu deus, clama pelo cumprimento dos próprios anseios o que caracteriza uma manifestação da própria cobiça como uma idolatria a si e não como um culto a Deus. Eis o novo ateísmo.

Muitos atribuem ao signo ‘deus’ características mundanas, humanas e todo tipo de perversões possíveis. É devido a isso que algumas seitas pregam um cristianismo materialista onde o foco principal é a aquisição de bens materiais e bem-estar.

Paira sobre o protestantismo toda uma atmosfera permissiva à blasfêmia contra Deus. Blasfemam contra o seu senhorio, a sua razão e até mesmo contra o seu nome quando trocam o significado pelo significante, trocam o que é Deus pelo signo lingüístico ao preferir usar ‘YAOHUSHUA’ em vez de Jesus Cristo.

Para se desfazer do nome de Jesus, os blasfemadores dizem, com falso respeito, que ‘Jesus’ é um nome maldito, mas não conseguem desenvolver um embuste considerável.

As seitas que fazem uso do nome ‘YAOHUSHUA’, como uma palavra mística que traz benesses, excluem a necessidade de ser cristão em verdade.

Quando São Tiago disse que Deus procurava um povo entre os pagãos que trouxesse seu nome, se referia a um povo que tivesse a Deus como Senhor e não a um povo que escrevesse o

nome do Criador em um estandarte como se interpretaria entre os ignorantes.

Agora, não temos a referência de Cristo no mundo como temos das coisas criadas. Isso traz a nós criaturas adoradoras uma responsabilidade maior ao ligarmos o signo ‘Jesus’ ao verdadeiro referente, ao **verdadeiro deus**, o que somente é possível estando na tradição da igreja de Cristo, a Igreja Católica.

Ainda sobre a arbitrariedade do signo, quando dizemos que satanás é ruim, não há nada no ser satanás que inspire a formação de seu nome ‘satanás’. Obviamente, estudos morfológicos encontram junções de conceitos em sua formação, contudo, esses conceitos foram também arbitrariamente formados. O nome satanás vem do hebraico ‘ שָׂטָן ’ e significa opositor. Apesar de a palavra ‘opositor’ convergir em significado com a essência do ser satanás, não existe nada em satanás que inspire a formação do nome, da junção de caracteres, logo qualquer palavra em qualquer idioma que qualifique como opositor de Deus, mentiroso, destruidor, acusador, hostil e assassino é um nome para o diabo.

Se engana o homem que diz servir a Deus sem rejeitar, em seu coração, as coisas que caracterizam satanás que são a mentira, o semear de contenda, o destruir, o matar ou qualquer oposição às determinações de Deus que mandou seguirmos sua representante.

A busca pela exclusividade de Cristo e o limitar dele ao uso de um nome místico contradizem a universalidade da igreja que é a representante do nosso Senhor, o que evidencia o agir do opositor nas inspirações que movem o homem pelos caminhos proporcionados por doutrinas de homens.

A maioria dos heréticos não assumem oposição a Cristo da forma como os judaizantes fazem, apesar de desenvolvê-la na prática, ao não reconhecerem a autoridade de sua Igreja. Os ocultistas não se estabeleceram com suas influências místicas, mas tentaram tomar para si diversos signos lingüísticos e a autoridade da Igreja e os ateus militantes, por se frustrarem com o cristianismo, criam uma falsa oposição contra as religiões com ênfase no

cristianismo. Esses fatos evidenciam que existe uma inegável autoridade da Igreja Católica sendo combatida.

Os opositores jamais se referem a Igreja com verdade. Quando desenvolvem alguma crítica contra ela, criam um espantalho possível de destruir, do contrário, não poderiam caluniá-la sem revelar a própria inspiração demoníaca. Eles não conseguem sequer ouvir sobre ela, quanto mais conceberem como ela é de verdade. Ao ouvirem as verdades, tapam os ouvidos como fizeram os acusadores de Estevão e tentam calá-la em níveis que podem chegar aos das seitas judaizantes que mataram Estevão.

Nenhum católico deve usar as variações lingüísticas de outras culturas ou seitas para definir a verdade da fé, pois elas podem não respeitar a tradição da santa Igreja Católica, o que poderia gerar, com o tempo, infiéis.

A inclinação pagã

A pior parte do paganismo está presente nas seitas apartadas da Igreja Católica e em todos os que protestam contra ela, nos que não reconhecem a representante de Cristo e que, por conseqüência, não a ouvem.

Quando um pagão, no período Heládico, realizava alguma proeza, era atribuído ao seu ato extraordinário a comunhão com os deuses e assim também se dava na antiguidade, a exemplo disso, temos o personagem Édipo que, após mostrar grande sabedoria ao derrotar a Esfinge passou a ser percebido como um assistido pelos deuses.

Dizia-se que certamente os deuses eram com ele. O mesmo se conceituava sobre todos os abastamentos.

Notemos que essa inclinação pagã resiste ao tempo. Ela esteve presente nos amigos de Jó que diziam falar por Deus e ligaram seu estado de miséria física à falta de comunhão com Deus; nos cristãos que foram visitar São Paulo na prisão e ligaram seu estado à falta de fervor na pregação; naqueles que questionaram se poderia sair coisa boa de Nazaré fazendo referência ao voto de pobreza de Cristo; naqueles que menosprezaram Cristo por sua família; em João Calvino que ligou a suposta comunhão com Deus a uma boa vida e morreu invocando o diabo e blasfemando contra Deus, quando se percebeu em desgraça, e está presente em todo aquele que liga o bem material à comunhão com Deus, quando o valor do cristão está no amor e no conhecimento da verdade e não no que o iniquo almeja da vida como se pode perceber:

> Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros. (Jo 13, 35)

O êxito pessoal é almejado por todos, menos no sacerdócio real, pois no sacerdócio se morre para que Cristo viva e Deus não evidencia os seus com benesses que não sejam espirituais, ou seja, Deus não dá riqueza para os seus, por isso, entendamos que a caridade é uma responsabilidade que nos foi dada por nosso Senhor.

Obviamente a idéia de ligar a comunhão com Deus ao recebimento de benefícios materiais contamina alguns católicos sem o devido estudo, ou seja, essa razão pagã está presente em muitos, mas aqueles que observam a sã doutrina jamais são confundidos.

É notável que há mais de cinco mil anos essa razão pagã existe e está presente entre os confundidos e que ela sempre existirá nos meios heréticos até o fim dos tempos por intermédio da incapacidade de julgar com exatidão que possui todo insensato.

O coração sensato possui respeito para com Deus, por isso, jamais assimilaria idéias que fazem referência a Ele por paixões partidaristas, amor a si advogando em causa própria ou amor à discórdia.

Ateísmo e fé satânica

O satanismo moderno de meados de 1950 sequer concebe satanás como um ser semelhante aos anjos, o concebe como uma força da natureza humana, porque eles chegaram à conclusão, na observância de suas ações, que o que o cristianismo chama de satanás está presente nos próprios vícios. Eles também concebem Deus como algo em si, o que os leva a relativizar a moral em prol da satisfação, já que para eles não existe um deus vivo e somente lhes resta a busca constante do prazer enquanto vivos. Vejamos um trecho da bíblia satânica que mostra isso:

> “Nenhum credo deve ser aceito sobre a autoridade de uma "divina" natureza. Diga dentro do seu próprio coração, "Eu sou o meu próprio redentor."” (Lavey - Bíblia Satânica, 2, 6 e 4, 3)

Nessa perspectiva, não se aceita a autoridade de Deus ao determinar as coisas do seu reino e não se crê na Igreja, sendo ela uma determinação de Deus, sua representante e definidora da verdade.

No satanismo, é o indivíduo que sabe o que é a verdade e usa sua interpretação pessoal sobre a vida, pois existe a auto-idolatria.

Ter a Deus e a satanás como sendo interpretações da vontade humana vem das livres e errôneas interpretações da fé. Ocorre que, por tanto criarem deuses adequados ao eu no paganismo, no ocultismo e no protestantismo, o homem desenvolve o ateísmo ou o satanismo moderno. Isso explica a razão de os protestantes terem assimilado uma fé diferente quando rejeitaram Roma.

O satanismo possui alguns valores comuns com os protestantes judaizantes, pois satanás foi o primeiro a não concordar com a vinda de Cristo ao mundo por Maria e também os protestantes não concordam com o senhorio de Cristo quando ele cria sua representante.

Satanás também foi o primeiro a usar a *Sola Scriptura* na tentação de Jesus que se tornou base para o protestantismo junto com o menosprezo contra a sua mãe proferido por degenerados.

Quando as religiões pagãs começaram a serem percebidas como um conjunto de superstições tolas, iniciou-se também uma transferência do conceito de deus para os intentos humanos o que originou as idéias que fundariam o satanismo moderno posteriormente.

Nessa nova religião, a vaidade trabalha interpretando deus usando a si, lhe atribuindo características dos vícios pessoais, por isso, os satanistas modernos concebem a satanás como a força que os move.

O satanismo moderno acredita no poder do pensamento positivo tal como é apresentado na obra *The Secret* e em algumas vertentes do espiritismo e do protestantismo.

É notável o ponto de convergência entre os protestantes, os satanistas e os espiritas no uso do pensamento positivo de modo que não se pode distinguir um do outro, caso sejam expostos sem definir a origem.

Isso ocorre porque há uma transferência do conceito de ‘deus’ que migra para o homem ou qualquer coisa que se conceba como fonte do poder que gera a mística satânica cuja fonte de poder obedece a um pensamento positivo e não à razão de Deus. Por isso, no protestantismo e no espiritismo, também se concebe fé como pensamento positivo ou crer para materializar.

Quase todos os protestantes acreditam na força do pensamento positivo que tomam por fé. Nunca percebi um protestante teólogo da prosperidade que não tivesse a mesma

concepção de pensamento positivo dos satanistas, obviamente, com outro nome, fé.

Criou-se uma ameaça a quem desacredita no poder da *magika* no satanismo moderno e para quem não acredita na força do acreditar ou no poder da mente.

Diz a seita satânica moderna de Lavey que o indivíduo perderá tudo o que conseguiu se duvidar do poder místico do acreditar. Não é coincidência o fato de o conceito de fé ter sido reinterpretado no protestantismo e no espiritismo, se tornando o que se conhece como pensamento positivo, pois o foco do pensamento positivo é sempre pelo eu.

Os satanistas modernos foram os únicos que assumiram que são eles os próprios deuses deles, o que os tornam menos hipócritas que os protestantes.

Em algumas vertentes do espiritismo se acredita que é possível influenciar com o poder do acreditar, porque, tanto nelas quanto no satanismo, há raízes originárias comuns.

Obviamente, o assunto trata de torpeza e de nulidades que adoecem as mentes dos praticantes, o que conduz indivíduos a padrões comportamentais mais degradantes como o blasfemar contra Deus.

Nas concepções de ativistas da causa atéia, a tecnologia evolui para o infinito e a Igreja se opõe a ciência impedindo pessoas iluminadas atéias de pregar um liberalismo moral semelhante ao do satanismo moderno “laveyano” ou babilônico.

Ao dizer que a Igreja oprime, os ativistas anticristãos parecem não perceberem a realidade, pois eles nunca foram impedidos por ela de blasfemar contra Deus em seus livros.

Pelas suas declarações, percebe-se que há uma grande convergência entre as ideologias ateístas e a do Satanismo moderno de Anton Lavey. Vejamos o que Richard Dawkins pensa a respeito de Deus:

> “O Deus do Antigo Testamento é talvez o personagem mais desagradável da ficção: ciumento, e com orgulho; controlador mesquinho, injusto e intransigente; genocida étnico e vingativo, sedento de sangue; perseguidor misógino, homofóbico, racista, infanticida, filicida, pestilento, megalomaníaco, sadomasoquista, malévolo.” (Richard Dawkins, *Deus, Um Delírio*, A Hipótese de que Deus Existe p. 42)

O autor tenta justificar sua postura crítica em relação a Deus oferecendo um Deus melhor, ou mais racional na concepção pessoal dele, assim como todo herege blasfemador cria um novo Deus para si.

Considerar Deus desagradável é particular de quem não compactua com os mesmos valores dele. Essa é a típica crítica de quem quer um deus adaptado para si e de quem não aceita que Ele seja o Senhor, por isso, lhe cairia bem alguma religião espirita brasileira das que dão um guia que possui características parecidas com as do indivíduo.

Suas críticas tratam-se de um conjunto de enganos com a intenção de desvirtuar todas as boas qualidades de Deus perceptíveis pelo homem.

Sobre ele dizer que Deus é da ficção, digo que é no mínimo interessante o fato de alguém que acredita em visitas espaciais impossíveis e coisas surgindo do nada conseguir discernir o que é e o que não é da ficção.

Diante dos muitos estudiosos que falam da possibilidade de uma nave espacial nos visitar e da possibilidade de nós humanos sobrevivermos saindo do sistema solar por intermédio da evolução científica, me senti na responsabilidade de elucidar a situação atual para desfazer as ilusões dos crentes nos alienígenas.

A estrela mais próxima da Terra depois do Sol é Proxima Centauri ou Alpha Centauri C – V645 Cen – HIP70890, uma de um

conjunto de três. Ela está à distância de ~4,2 anos luz (ly) ou 9.460.737.937.559,13 km x 4,2 = 39.735.099.337.748,35 km.

Calculemos o tempo necessário supondo um avanço tecnológico que propicie uma viagem a Proxima Centauri em linha reta à velocidade de 252.792 km/h, velocidade essa que permitiria alcançar a Lua em menos de duas horas, ~91,2 minutos:

1 ly / 1 km = 1 x 9,461e+12 = 9.460.737.937.559,13 km

4.2 ly = 9.460.737.937.559,13 km x 4.2 = 39.735.099.337.748,35 km / 252.792 km / h =

157.184.955,7650098 km / h / 24 h =

6.549.373,156875406 d / 375 d =

17.464,99508500108 a =
17.464 a

Esse cálculo simples mostra uma das principais dificuldades das viagens espaciais, contudo, cientistas como Richard Dawkins que se ocupam de promover ativismo anticristão crêem em alienígenas criadores do homem.

Ser ciumento é uma das qualidades de Deus que infelizes tentam desvirtuar. Deus não quer que coloquemos outro em seu lugar, o que seria pecado de idolatria. Deus não nos quer bestializados adorando as coisas da natureza ou os animais como faziam os pagãos no mundo inteiro. O Senhor tem cuidado de nós a seu modo.

Deus pode se orgulhar, pois, sem a sua ordem ou o seu controle, não se manteria a integridade das coisas no mundo, nos desfaríamos se ele nos deixasse.

Além de manter a vida, Deus nos deu uma razão moral.

No propósito amoroso de Deus, na Velha Aliança, assim como na Nova Aliança, eram os escolhidos quem seriam os seus no mundo, homens capazes de morrer por Ele. Quem sou eu para questionar sua vontade. Quem não se sentiria privilegiado de ser controlado por Deus e fazer parte de seu reino.

Algo que não se pode imputar em Deus é mesquinharia. Quem entende seus propósitos sabe que tudo o que ele dá é suficiente para o seu propósito que muitos confundem com o próprio propósito.

A injustiça não se aplica a Deus porque ele é bom e porque foi ele quem criou a justiça por ele ser a justiça. Justo ele é.

As Escrituras não explicam o motivo completo pelo qual muitos povos caíram pelo fio da espada hebréia, mas devemos lembrar que muitas dessas ordens vinham de profetas, logo vinham do próprio Deus e quem somos nós para questionar? Sabemos de tudo?

Como cristãos, confiamos no julgamento do Senhor. Eram tempos difíceis como já foi narrado e o mundo contava sua glória pelo êxito na batalha.

O homem colocou seu agir sobre o mundo, Deus não pode ser culpado pelos frutos de certas liberdades praticadas e todos serão cobrados por aquilo que fizeram ou negligenciaram.

Felizmente, o nosso Deus é irredutível, intolerante e fará justiça contra o mal. O deus ideal para os ativistas ateus deve ser um fraco que, uma vez assoberbado, obedece a homens, um deus que tolera o mal contra os inocentes.

Não há fundamento em chamar Deus de genocida étnico, pois não há relatos onde o Senhor dos Exércitos justificou um ataque a um povo por ser de uma raça diferente.

Felizmente, Deus é vingativo e ele há de vingar o sangue dos santos mártires que receberam vestes brancas e clamam por justiça. Deus não freará sua mão contra o mal.

Chamar Deus de perseguidor misógino demonstra uma total ignorância a história e uma grande deficiência ao analisar criticamente fatos, pois Deus nas Escrituras faz entender que as mulheres são importantes auxiliares do homem que, como toda auxiliar, deve se dedicar ao seu senhor ajudando no que ele faz.

Quando chamou Deus de homofóbico, por constar no livro de Levítico uma crítica as práticas homossexuais, o crítico não entendeu que ele trata de questões de preservação da pureza do corpo e de evitar posturas degradantes contra a natureza.

Convidaria, se fosse possível, todos os que pensam igual ao infame para um passeio pacífico pelo oriente do século I a.C., ou a um passeio pela Europa do início da Idade Média, onde eles andariam vestidos como as mulheres se vestem, mas tenho certeza de que não aceitariam o convite e, se aceitassem, iriam correr para perto dos israelitas, com o intuito de gozar da proteção empregada às mulheres ou para próximo dos Pobres Cavaleiros de Cristo, os templários, com ares femininos clamando por proteção.

Por algum motivo, Deus escolheu aquele povo do deserto para mudar o curso da história da humanidade e quem é seu crítico para questionar isso? Teria ele uma escolha melhor por se considerar melhor que Deus?

Quando Deus levou o filho de Davi o separou para si. Foi uma perda para Davi, mas a criança foi separada para Deus. E novamente eu pergunto: Quem é crítico de Deus para questionar-lhe a razão?

Há uma curiosa afabilidade entre ateísmo e satanismo. Ao chamar Deus de filicida, Richard Dawkins desconsidera o motivo do sacrifício de Cristo e faz isso sem se compadecer do próprio Cristo que é chamado de efeminado por ele. Não esperaria nada mais de alguém que chama Deus de pestilento.

Chamou a aquele que foi maior que todos os heróis de efeminado, aquele que, pela conseqüência de ser o maior de todos os heróis, é o mais viril e corajoso.

O todo poderoso Deus é grande e soberano, por isso, ele não pode ter mania de grandeza por ser maior que tudo. Megalomania se aplica a homens como Richard Dawkins que não contribuem com o bem alheio e posam de salvadores do mundo. Quis ele, na obra exposta, inclusive, definir ou criar um Deus melhor.

Quando Dawkins chamou Deus de sadomasoquista, o fez projetando a própria imagem, pois, uma vez que os participantes da crítica são ele e Deus, e tais vícios não se aplicam a Deus, somente posso crer que o sadomasoquismo é dele. Ele falava de si na intimidade de seu quarto.

O que se pode concluir observando todo esse ódio contra Deus é que Richard Dawkins não o conhece.

O ativismo tem o poder de cegar, pois coloca os fins acima da razão e leva o indivíduo por caminhos de ignorância e delírios, o que me leva a crer que Dawkins, assim como muitos, esteja sendo levado por essa onda de enganos sem saber o que está fazendo.

Após ler duas obras suas, passei a considerar que ele possui algum problema pessoal com o cristianismo. Isso se evidencia em seus atos de rejeição contra a voz da razão que claramente lhe incomoda. Isso é fácil de deduzir, pois é comum, entre os que consideram o cristianismo como inimigo da liberdade, ter uma vida dentro da imoralidade que recebe manutenção dos vícios formando um ciclo difícil de quebrar.

Nesse caso, criticar o cristianismo seria um ato dos viciados ao advogarem em causa própria.

É comum a crítica a elementos fantasiosos quando se é dado à razão ou se deseja ter as suas definições, o que leva muitos a acrescerem elucidações quanto a muitos elementos presentes nas culturas. Foi o caso de Carl Sagan em sua obra *O Mundo Assombrado pelos Demônios* que visa nos evidenciar que podemos criar, muitas vezes, interpretações errôneas sobre fenômenos desconhecidos ou conjuntos deles que nos levam a temê-los, o que é uma postura normal.

É comum também ter a mesma concepção nos casos de vaidade extrema, algo bem particular daqueles que se auto exaltam, o que pode gerar perversão do fenômeno e levar a criticar tudo o que pode ser considerado superior a si que pode ser Deus.

Já ouvi muitos discursos como os de Dawkins onde se concebe um cristianismo opressor e sempre partiam de ativistas

liberais envolvidos em causas sociais.

Esses tipos sempre dizem que a Igreja oprime a sociedade, mas, na verdade, a Igreja, que possui um padrão moral elevado, não proíbe as pessoas a fazerem suas atividades diárias. Para os apartados, ela possui um discurso onde chama a todos para a santidade o que incomoda a muitos.

A Igreja garantiu as liberdades que possuímos na atualidade, pois foi ela quem combateu as ameaças no ocidente e no oriente. Ela combateu os genocidas em todos os tempos e, agora, é acusada de ser aquilo que ela combateu.

Quem impõe proibições, naturalmente, em uma sociedade, é a própria sociedade que, após acomodar seus valores, não tolera a degradação e a depravação que a conduz por padrões que a corromperiam e a degradariam, mas os degenerados maculam o anuncio da salvação culpando a Igreja pelos males, pelas aflições comuns a todo homem.

Sempre são os mesmos protestos usados por ateus, protestantes, satanistas e espíritas contra a santa igreja. Sempre duvidam da autoridade inegável da instituição criada por Jesus Cristo.

As respostas contra os que duvidam de sua autoridade por suas escolhas pessoais foram dadas em diversas obras contra as heresias, contra as escolhas.

No Século II, santo Irineu de Lião, escreveu contra aqueles que escolheram não perceber a Santa Igreja Católica como a missionária de Deus, não que os esclarecimentos contra as heresias não tenham sido feitos anteriormente, contudo ele o fez de forma mais clara em sua obra *Adversus Haereses* (Contra as Heresias ou Contra as Escolhas). Também, no século IV santo Epifânio escreveu contra os hereges que escolhiam não crer nas verdades da única fé que incluem a assunção de Maria, contudo seitas heréticas criadas recentemente formadas por apedeutas interpretam a tradição católica contra a Igreja Católica de forma tão desordenada que fica clara a desordem a que essas seitas pertencem.

Todos os ativistas ateus, protestantes, satanistas e espiritas bebem da mesma fonte, da confusão das doutrinas satânicas, o que os levam, obviamente, a desenvolverem protestos comuns contra a Igreja Católica e a se definirem de um lado, do lado do opositor.

IX - SOBRE A VERDADE

Foi a busca sincera pela razão e pela verdade que enobreceu o caráter de muitos filósofos. Podemos encontrar neles o princípio de um modelo que possibilita detectar argumentos falaciosos, algo essencial para se ter algum conhecimento real e poder detectar falsos silogismos de sofistas que buscavam ter razão por intermédio de enganos.

Pode-se errar raciocinando corretamente com dados falsos, errar raciocinando errado com dados verdadeiros e errar raciocinando errado com dados falsos. O errar é inadequação do conceito à coisa como muitos filósofos e doutores santos católicos definiram como Santo Agostinho e Santo Tomas de Aquino.

Os signos lingüísticos aceitam muitos significados que se agrupam ou se aglutinam, além disso, eles podem estar associados a cadeias possíveis de eventos, o que permite falar falsamente como se fosse verdade. Vejamos Platão narrando uma situação onde se levanta a possibilidade de falar falsamente com verdade:

> "Como então, Ctesipo? Disse Eutidemo. Parece-te ser possível falar falso? – Sim, por Zeus!, disse ele, se não estou louco, pelo menos. – Dizendo a coisa sobre a qual é a fala, ou não a dizendo? – Dizendo, disse ele. – Então, não é?, se realmente quem fala isso, não diz outra coisa, entre as coisas que são, senão essa precisamente que ele diz. - <dizer outra coisa>, disse Ctesipo? – Mas aquilo que ele diz é uma das coisas que são, separadas das outras – Perfeitamente. – Então, quem diz aquela coisa que é, di-la, não é?, disse ele. – Sim. – Entretanto, quem diz uma coisa que é e coisas que são diz a verdade." (Platão, *Eutidemo*, 284)

Dizer a verdade (alethè lègein), dizer aquilo que é (no contexto atual) e dizer quilo que é de alguma forma (em outro contexto) implica na constatação da necessidade de que os signos lingüísticos tenham seus referentes corretos para que expressem a verdade. Para Santo Agostinho todo signo é uma coisa ao mesmo tempo que é também um depósito de significados, pois, caso contrário, não haveria razão de o signo existir.

Um dos problemas do entendimento compartilhado é que a coisa pode não ser a mesma para outro indivíduo que não observa o referente e que obtém a definição do referente pela linguagem que, muitas vezes, pode não suprir com o que é necessário.

Platão foi um homem dado à lógica e reconhecia a dificuldade para encontrar a verdade, por isso, havia observado e se dedicado ao estudo da arbitrariedade dos signos que geraram muitos outros estudos essenciais.

Considerando o signo ou ícone como arbitrário, deve-se atribuir-lhe o seu valor real ou pelo menos deixar clara a sua definição proposta com o intuito de que se consiga as conclusões certas. Se essa exigência não fosse importante, todos os enganadores estariam corretos ao mesmo tempo.

Quando se fala muito em Deus sem embasar o que se diz sobre o seu referente no mundo que é sua santa igreja, se produz conclusões erradas sobre a fé, pois os indivíduos estão habituados a refazer inconscientemente a relação entre signo e referente.

Não podemos encontrar a referência do signo lingüístico ‘Deus’ no mundo material, mas o conhecemos por intermédio de sua presença inegável e de sua representante que produz os frutos do seu reino, a Igreja Católica.

Certo é compreender todos os sentidos para se ter todas as possibilidades à mostra e poder constatar a verdade que nos leva a Deus, porque, *quem procura a verdade, (…) procura a Deus. (Santa Teresa Benedita da Cruz)*

Na antiguidade grega, os filósofos disputavam entre si para descobrir a verdade e ensinar a virtude fazendo uso de avançados

recursos retóricos. Eles eram exemplares por terem auxiliado no definir de o modo correto de questionar e o modo correto de responder, apesar de existirem os excessos nos homens que buscavam se exaltar perante os outros ganhando as disputas sem compromisso com a verdade.

Existe uma razão para evidenciar a verdade moral que não pode ser obtida por intermédio da ciência.

A filosofia fazendo uso de dados científicos é mais eficiente que a ciência sem a observação da filosofia para definir a moral. Conclusões no campo da moral envolvem a verdade de nosso Deus, por isso, não se relativiza a moral. Não se pode teorizar dentro do campo da moral e dos bons costumes usando números para definirem valores humanos como fazem os cientificistas que pensam que, por algo se repetir muito, deve ser considerado como elevado a nível de regra quando lhes convém atestar algum vicio. Essa verdade se constata na observância da cultura grega dos últimos séculos antes da vinda de cristo que desenvolveu um grande senso de moral e de justiça.

O cientificismo engana ao observar uma experiência alheia como se a ciência possuísse a resposta para tudo ou uma solução melhor quando, nessa realidade, as respostas requerem um nível elevado de complexidade. Números não definem a moralidade humana. A consciência permitir calcular não significa que ela deve julgar sua moral por intermédio de cálculos.

Toda conseqüência deve ser ligada a causas primárias. Assim, é possível refazer o caminho até chegar à fonte, Deus.

A verdade sobre a moral está muito além de uma simples constatação. Para concluir idéias dentro do campo da moral, deve existir consideração para a existência de consciência capaz de perceber influências e disso vem a razão imutável onde se deve amar o outro como a si, pois somente uma consciência pode perceber o mal.

Como seres racionais, elevamos bons costumes a nível de regra fazendo uso da razão baseada na verdade que é Deus.

Se muitos estão a praticar uma moda degradante, para um cientificista, ela reflete uma natureza pura sem a observância da moral e isso é um modo de pensar que trabalha contra a verdade e contra a ciência.

Se há um Deus, somente existe uma realidade moral. Dessa forma, se estivermos diante de um questionamento, onde há dúvidas se algo é bom ou ruim, a resposta deve estar na razão de Deus.

O homem passa a negar a Deus quando concebe a si mesmo como o seu próprio redentor e seus vícios passam a ser sua verdade.

Se todas as coisas subsistem em Deus, ele é a verdade pela relação da verdade com o existente, sendo assim, o motivo da vida é a busca de seu reino e de sua justiça. A verdade de Cristo encontra-se em tudo, pois, se Ele é a verdade, nele são criadas todas as coisas, mas as coisas não podem fornecer a verdade sobre a moralidade humana que é particular do homem. Vejamos uma referência que constata essa razão:

> "Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele." (Cl 1, 16-17)

Sendo a verdade criadora de tudo, todas as constatações humanas são observações do mantimento de Deus.

Sem a razão de Deus, as disputas sobre questões morais são sempre inconclusivas, pois cada um possui em si uma definição diferente que leva a tomar como verdade as concepções pessoais. Ou seja, sem Deus, há imanentização, contaminação da verdade religiosa.

Notemos que o signo lingüístico ‘Deus’ transcende a realidade, pois pode ser predicado por ‘verdade’ e ‘amor’ entre muitos outros fenômenos. Assim, dentro da regra aristotélica que diz que uma substância não pode ser predicada por outra e que o que predica a substância é a própria substância ou o que emana dela, dizer que Deus é amor e dizer que Deus é a verdade é completamente possível por Deus emanar de si a realidade, porque *todas as coisas subsistem nele.*

No material, não é possível dizer que o amor é a verdade ou que a verdade é o amor, pois seria o mesmo que dizer que a pedra é a água ou que a água é a pedra, contudo, quando ‘o amor’, ‘a verdade’, ‘a pedra’ e ‘a água’ são referências a Deus, é possível porque são referências daquilo que transcende, daquilo que emana de Deus.

Deus emana de si toda a realidade que é única, por isso, podemos predicá-lo com muitas coisas do material usando a lógica aristotélica sobre a substância que somente corrobora com o entendimento sobre Ele.

X - A INTERPRETAÇÃO DOS SANTOS

Nenhum ideólogo libertino pode admitir a verdade de Deus na observância da própria razão, pois ele coloca a si no lugar do todo poderoso e seus vícios como a sua graça. Isso leva a uma confusão onde não se pode distinguir verdade e vicio. Uma vez que a verdade de Deus é a realidade em que vivemos, os vícios de um ateu formariam a verdade que emana dele.

Se oferecermos a verdade da fé para um ser entregue aos vícios, ele a depreciaria com ênfase no celibato e na penitência, o que nos leva a questionar se é sensato oferecer a razão da fé nos dada pelos santos para quem não a deseja. Muitos fingem desejar saber para questionar com desdém, para escarnecer as razões expostas, o que nos leva para os que desejam de verdade, para os que buscam se edificar na fé.

A razão da fé nos dada pelos santos é inestimável pois pode edificar a fé. Obviamente, somos obrigados a transmiti-la para todo aquele que a solicitar por desejar saber e não por desejar a escarnecer.

São Pedro, ao nos dizer que nenhuma profecia da Escritura[48] é de interpretação pessoal, cria uma distinção entre a razão de Deus e a razão do homem apartado da Igreja Católica que é, por ser o corpo de Cristo, a base das Escrituras sagradas que não permite nenhuma outra base para a interpretação da verdade da fé.

Se alguém usar seu esforço humano limitado e apartado da tradição da Igreja para entender e dissertar sobre as Escrituras ou a fé, certamente cairá no erro, mesmo sem perceber. Poderá inclusive pensar que o próprio engano foi uma interpretação lhe dada por intermédio do Espírito Santo.

Caso fosse diferente disso, os pagãos, que percebiam Deus e não possuíam a coluna e sustentáculo da verdade, teriam

desenvolvido os valores do Reino de Deus que foram evidenciados, a princípio, pelos hebreus.

Temos, na atualidade, o privilégio de possuirmos a interpretação dos santos atestados por Deus dada para a sua única igreja desde o tempo dos apóstolos. Santos que intercederam pela humanidade com o conhecimento vindo da parte de Deus, santos que orientam desde Cristo no caminho das bem-aventuranças.

Vejamos o que São Pedro diz a respeito da exclusividade dos santos em determinar a interpretação bíblica:

> "Antes de tudo, sabei que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal.
> Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana. Homens inspirados pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus." (2Pd 1, 20, 21)

'Homens inspirados pelo Espírito Santo' não é uma referência a qualquer um que leia as Escrituras como dizem os heréticos exegetas da bíblia. Essa é uma referência direta para os santos membros da Igreja Católica, pois o Espírito Santo somente foi dado para a santa igreja.

Contra qualquer tipo de imanentização, São Pedro falou, mas, mesmo assim, os hereges usaram suas idéias e razões pessoais para definir seus muitos credos sem o transcendente, contaminando a verdade da fé com suas razões pessoais e enganos para muitos. Sem o transcendente verdadeiro, a interpretação é mundana e, por conseqüência, pessoal, assim, todos, dentro dessa perspectiva materialista, estariam aptos a ler um texto sagrado, interpretá-lo e fazer o que desejar com ele.

Qualquer interpretação das Escrituras que seja baseada na interpretação pessoal não vem de Deus, é produto das razões humanas, pois uma parte de nós, como seres viciosos, tende a conceber e a medir as coisas do mundo tomando como base os

próprios intentos. Na maioria, a característica marcante é a leitura viciada onde somente se percebe a aquilo que atesta idéias compradas anteriormente e se ignora a adequação da fala com a verdade, o que leva a descontextualização, a modificação semântica e, por conseqüência, ao trapacear na fala e na escrita.

O entendimento sobre a necessidade de existir o mal, por exemplo, não é possível de um humano conceber estando fora da razão dada por Deus. A exemplo disso, muitos são os autonomeados pastores que usam as doações dadas às seitas para melhorar a própria vida e entendem o estado de abastamento como uma benção de Deus, ao mesmo tempo que concebem a pobreza como castigo de Deus. Muitos criam intepretações das Escrituras baseando-as em observações da própria vida nos pontos onde obtiveram êxito, por isso, é notável que, nas interpretações pessoais, há sempre enganos e promessas de privilégios capazes de cativar a mente dos que possuem necessidades comuns e estão desesperados.

Poderia um livre intérprete da fé, após perceber inveja ou o que ele concebe como inveja, dizer que alguma enfermidade no corpo é conseqüência de inveja, por observar somente a si e medir tudo por sua pessoa. Com isso, ele contamina a fé com suas considerações mais tolas caracterizando imanentização da verdade da fé.

Devido a beleza e a riqueza das Escrituras, era certo que muitos se aventurariam a interpretá-la e formulariam heresias como foi o caso de Lutero que nutriu grande ódio pelo Papa e por seus irmãos de fé, enquanto monge, por conseqüência de uma inadequação de sua pessoa à sã doutrina. Também há o mal exemplo dos protestantes calvinistas que, sem zelo ou respeito algum pelas Escrituras, chamaram o papa de anticristo e a Igreja Católica de besta do apocalipse, de idólatra e de Babilônia, demonstrando grande engano e apartamento da comunhão dos santos.

Nas Escrituras existe um alerta contra os hereges ignorantes que deturpariam os textos sagrados. Vejamos a referência disso:

> “É o que ele faz em todas as suas cartas, nas quais fala nestes assuntos. Nelas há algumas passagens difíceis de entender, cujo sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras.” (2Pd 3, 16)

Deve existir erudição ao interpretar e fidelidade à Igreja Católica que é a coluna e sustentáculo da verdade, a única que possui todo o depósito da única fé dado por nosso Senhor.

É um desrespeito com Deus, um pecado gravíssimo, considerar que se pode ler e entender as Escrituras sem erudição. Também é desrespeito para com Deus os eruditos considerarem que podem evidenciar a verdade da fé estando apartados da Igreja Católica. Toda a interpretação válida das Escrituras foi dada por Deus por intermédio de santos homens católicos atestados por Ele, o que faz da Igreja Católica a única fonte confiável da fé, por isso, ela foi chamada de a coluna e sustentáculo da verdade.

A Igreja Católica escreveu os livros que compõem o *Novo Testamento* durante os papados de São Pedro, Lino, Anacleto e Clemente I. Temos a Igreja Católica que escreveu o Novo Testamento interpretando-o. Nenhuma outra interpretação poderia ser mais coerente que a dela e todas as interpretações verdadeiras dadas pelos santos atestados pode Deus conduzem para atestar a sua fé.

Somente pelo espírito Santo é possível reconhecer a verdade da única fé.

XI - CRER EM DEUS

Quando não há o amor de Deus, quem não possui o que possa ser cobiçado é menosprezado da pior forma possível e quem possui é enganado, pois a pessoa interior não possui valor material, o que a leva a ser vítima de dissimulação pelo material, por seu corpo ou por seus bens de todas as origens. Dessa forma são criadas as bases das relações sociais mais desprovidas do amor de Deus.

O valor interior ainda satisfaz em um mundo materialista, assim o seu cultivar e o seu reconhecimento ainda mantém as relações mais sólidas, pois, se perdermos tudo o que for material de modo que nos restasse somente a vida, nos restaria somente o eu interior. Em verdade, em culturas degeneradas, os valores do Reino de Deus são menosprezados, pois se deseja mais que eles.

É reconhecível o real por sua benevolência verdadeira em determinados casos.

Enquanto a velhice não vem e se pode ter muitos prazeres, um mundo perverso pode te cobiçar dando uma satisfação que, um dia, será tirada.

Mesmo as muitas posses não suprem a falta de perceber benevolência verdadeira no próximo, pois não se pode comprar a benevolência verdadeira, o amor.

Muitos confundem a satisfação do mundo com a graça de Deus, mas ela não é, pois, a graça não é fruto da cobiça que é fruto dos vícios. Não se crê em Deus quando se expecta paz espiritual por intermédio de benesses materiais ou satisfações e na satisfação dos vícios sem o amor, a angustia não tarda a chegar.

Devemos entender a razão da cobiça que leva muitos a não acreditarem em Deus que não é o senhor dos estados de desamor.

Sempre o ateísmo é proveniente da dor incompreendida. Na ausência de Deus, tudo trabalha em função da cobiça e o indivíduo se percebe na mais miserável situação que o faz dizer o que percebe com os olhos da carne, dizer que não há Deus e, se não há Deus, o indivíduo tende a se colocar no lugar de Deus, o que gera o pensamento positivo, o protestantismo, o satanismo moderno, o espiritismo e muitas outras místicas estranhas e formas falsa de se religar com o suposto transcendente.

Assim, o indivíduo toma as satisfações passageiras pela verdade e pela paz, por não perceber ou aceitar o amor do Pai.

Entendamos a posição do indivíduo que não percebe Deus nas pessoas a sua volta.

Uma parte considerável das pessoas vive como os pagãos, sem os deuses para serem servidos, nunca são catequizadas de modo adequado e, por isso, não recebem a verdade de Deus.

Por reconhecer esse estado de ignorância, eu entendo bem a concepção pagã de ‘deus’, mesmo sem ter a capacidade de assimilar superstições tolas.

Muitos são os que crêem que Deus nos deixou à sorte por terem comprado a idéia de que Deus somente promove o bem que pode ser a própria cobiça, quando percebem somente malignidade no mundo.

Eu acredito que, caso provassem do serviço a Deus, todos desejariam fazer a vontade do Criador, mas devido aos vícios, o homem aprendeu a andar por caminhos de engano.

A existência de Deus é inegável, mas, quando não se crê no caminho que leva para Ele, o caminho da verdade não é percorrido.

Os enganos do mundo não se apresentam como uma força antagônica à verdade, eles podem se apresentar falsamente como a verdade.

Não é usada a razão quando é dito que não há Deus, mas um delírio de dentro da ação de compra e venda de enganos como

quem diz, no seu íntimo, que não percebe a existência de Deus que é amor e justiça, mesmo percebendo a importância do amor e da justiça.

Sendo assim, para o indivíduo ateu, Deus não existe porque ele é miserável, porque não há justos no mundo que trabalhem lhe auxiliando.

São Paulo, sofrendo privações e também açoites e injurias dos judeus, disse que todas as coisas ele podia fazer em Deus, desassociando a perspectiva protestante, mundana, materialista ou pagã da verdadeira fé que leva a buscar o Reino de Deus.

Diferente do insensato, São Paulo fez uso da razão e nunca deixou de crer em Deus. Não fez como os que regozijam nos vícios enquanto podem, mas creu como um sábio que não pode negar a existência de Deus.

Enquanto sofria privações, São Paulo entendia que aquilo pertencia a aquela realidade e, enquanto era acusado, estava em paz e com a maior felicidade interna que se pode ter, a felicidade de saber que possui a aprovação de Deus, o único que é digno.

Deus está presente no amor que está presente na família que leva a tolerar, a suportar tudo e a amar. Deus está no amor ao próximo que nos leva a perdoar e a sermos benevolentes com os necessitados.

Fora da perspectiva materialista, no final, na verdade, somente possui valor o que é feito para Deus, pois o homem somente vale o que ele é para Deus.

XII - O CORPO, A ALMA, O ESPÍRITO, A SANTIDADE E O SACERDÓCIO

Segundo o catecismo, o corpo, a alma e o espírito formam o ser íntegro de modo que não pode ter distintas suas partes com clareza nesta realidade.

Na perspectiva humana que supostamente somente percebe o material, o corpo é a parte material, a alma é a parte espiritual e o espírito é o caráter pessoal, o intelecto e também o lugar na alma onde Deus pode habitar.

A definição de alma vem do hebraico ‘nephesh’ que é uma referência as categorias inatas presentes nos seres cujas funções promovem as aptidões comuns da carne com a finalidade de manter e preservar a vida. É essa disposição inata que nos leva a ter como prazerosas as experiências naturais. Isso explica o fato de os homens serem levados muitas vezes por uma promessa de prazer quando o propósito converge em alguma ação em prol da manutenção da vida como o trabalho, ações criativas e os desejos em geral. Como base para isso, usei a definição *faber* e *ludens*, sendo *faber* indicando um homem mais voltado para o trabalho e atividades criativas e *ludens* para as satisfações.

A noção que possuímos de espírito é semelhante a que teríamos da palavra ‘particularidade’, ou seja, é o que nos determina o caráter, consciência ou personalidade. A palavra ‘espírito’ vem do latim ‘espiritus’ um nominativo masculino que converge parte de sua carga semântica com ‘respiração’, ‘sopro’ ou ‘vigor’, como “aquilo que dá ou move a vida”. Deve ser entendido como aquilo que controla, as particularidades de cada ser humano ou aquilo que nos faz sermos o que somos. Essas particularidades, assim como tudo no mundo, são mantidas por Deus.

Obviamente, nunca teremos uma definição clara, pois assuntos que tangem a alma e o espírito acarretam definições que

estão fora da percepção material. Humanamente falando, é impossível definir uma distinção clara entre o corpo, a alma e o espírito.

Quando se diz que a alma foi para Deus entende-se que na alma (estrutura “comum”, parte espiritual) está o espírito, ou seja, a particularidade de cada um.

Temos, na alma, nosso espírito que é nossa personalidade, mas também podemos ter a influência do Espírito Santo quando produzimos, com nossas ações, seus frutos ou a influência de satanás quando somos dados a uma postura contrária ao Espirito Santo, criando, na alma, um domínio maligno que não toma Deus como Senhor, rejeitando seu sacrifício e tomando os vícios como a salvação ou como tudo o que se pode obter na vida. Esse pecado contra o Espírito Santo, que não se trata de apenas proferir blasfêmias, é imperdoável, segundo as Escrituras. A blasfêmia proferida somente evidencia o pecado mortal presente nos atos.

Os pecados contra o Espírito Santo são as manifestações físicas de insultos contra Deus.

Sabendo dessas coisas, passa a fazer mais sentido a razão que fez São Paulo dizer isto: *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim." (Gl 2, 20)*

Quando se permite Cristo na particularidade, ou seja, naquilo que nos difere, no espírito, forma-se um domínio do Espírito Santo na alma que faz o indivíduo não viver para que Deus viva por ele.

Corpo, alma e espírito formam um sistema íntegro, contudo, após o pecado, todo homem volta ao pó e toda alma para Deus.

A morte é necessária, pois foi determinação de Deus e isso é um mistério. O homem tem ciência todo o tempo de que irá morrer e a morte que vem como uma conseqüência da desobediência passada é como um aviso, uma forma de fazer o homem se voltar rápido para Deus em seu curto período de tempo.

Deus não permitiria a morte se dela não pudesse tirar algo maior como a vida eterna, diria Santo Agostinho de Hipona e Santo Tomás de Aquino.

Naturalmente, pelo fato de a morte trazer um fim ao corpo, ela trabalha contra o que nossas almas almejam que é sobreviver, contudo a morte traz para o cristão o maior dos bens, a união com Deus.

A santidade e a negação do eu

Entendamos como caridade o amor de benevolência presente nos que se doam pelo Reino de Deus. Essa caridade nos aproxima e nos liga ao propósito de Deus, de modo que, pela concórdia, nos tornamos amigos Dele, saindo da condição de apenas servos.

Aquele que vive somente pela própria vida não é cristão. O cristão não vive para si, ao passo que nega a si por amor quando cumpre a vontade de Deus, inclusive agindo contra as suas inclinações passadas.

Quando um escravo deseja fazer a obra de seu senhor, não mais por obrigação, se torna amigo dele e o senhor lhe chama para cear[49] com ele.

Santa Tereza De Ávila, no *Livro das Moradas* ou *Castelo Interior,* nos informa que o que faz subir à morada superior é o amor de benevolência. Essa verdade está presente na tradição oral e escrita da Igreja.

Quando nos aproximamos de Deus, ficamos mais próximos do lugar onde Ele habita na alma que é chamado no catecismo de espírito. Uma forma de dizer que nosso caráter, quando em santidade, imita o de Cristo.

No espírito, quando possuímos os dons do Espírito Santo, somos movidos a ter fé com obras.

Esse grau elevado de amor, devido a sua imensa importância, desvia os sentidos dos impedimentos e conduz ao serviço, gerando ações de santidade semelhantes às dos mártires pelo desejo de servir ao Senhor oferecendo-lhe o melhor da melhor forma possível.

Essa condução santa não deve ser confundida com as paixões partidaristas, com as militâncias ideológicas humanas.

Ressaltemos o fato de que São Paulo quis interceder pelos governantes, devido a importância de manter um nível elevado de candura neles.

Ele sabia que as acusações dos judeus contra ele eram falsas e produtos do mal na alma deles, por isso quis ser julgado pelo imperador para aproveitar a oportunidade de oferecer testemunho de Cristo e se mostrar como exemplo de homem reto e cristão vítima de perseguições.

São Paulo é um exemplo de viver para Cristo, pois, ao desembarcar em Itália, queria ter com seus acusadores com o intuito de lhes influenciar com a luz da palavra de Deus[50] sem temer o martírio e a morte.

Notemos que São Paulo tentou interceder por seus governantes mostrando-lhes o caminho correto. Ele orou a Deus para que, quando estivesse diante deles, a luz da verdade fosse sobre eles, pelo bem de todos.

Mesmo com a intercessão de São Paulo, Deus permitiu que a fera intensificasse suas perseguições e ele foi levado ao martírio. São Paulo foi preso, torturado e morto nesta realidade fadada a ter um fim, mas sua mensagem gerou muitos frutos necessários.

Notemos que São Paulo intercedeu por seu próximo até o fim, mesmo passando por todas as aflições deste mundo e Deus certamente o ouviu, pois proveu o auxílio para a Igreja posteriormente.

A convivência constante com Deus, tira, de certa forma, os impedimentos que são distrações e tentações, assim como diz São Tiago:

> "Sede submissos a Deus. Resisti ao demônio, e ele fugirá para longe de vós." (Tg 4, 7)

A respeito dessa entrega pessoal a uma vida de santidade, observemos a experiência da Santa Gemma Galgani:

> “Jesus se fez presente à minha alma mais vezes. Sentia um recolhimento interno, que, por graça de Deus, nada podia me distrair.” (Afonso de Santa Cruz, *A Gema do Paraíso*, 2013)

É esplendido o encontro com o Senhor. Santa Gemma Galgani chegou a ter como desprezíveis as coisas do mundo e não temia a morte, pois somente temia desagradar a Deus, como disse a mesma:

> “...já estou desapegada de tudo.” “Só tenho medo... de magoar Jesus!” (Afonso de Santa Cruz, *A Gema do Paraíso*, 2013)

Ela, certamente, alcançou a sabedoria e a santidade de São Paulo.

Deus chama a todos para a santidade, para viver uma vida reta dentro de seu propósito.

Alguns são chamados para níveis mais elevados de santidade, de modo que renunciem à vida comum, servindo como exemplos de servos de Deus que auxiliarão na salvação de muitos. Esses devem vestir mortalhas e morrer para que Cristo viva.

Viver para Cristo é agir de quem não vive mais, ou seja, de quem está morto para esse mundo, por isso também são características do sacerdote.

Antes de desembarcar na Itália para ser julgado por César, São Paulo falava sobre a prática do celibato pelos sacerdotes e

como se deu sua conversão, por isso, foi percebido como louco pelos soldados e os que não compreendiam a razão do sacerdócio.

O celibato, segundo o catecismo, é um dom de Deus que possibilita o sacerdote unir seu coração ao coração de Cristo, contudo os leigos apartados da Igreja tomam o celibato por um sacrifício nulo, por não poderem o compreender.

Cristo foi celibatário, fez voto de pobreza e deu sua vida pela Igreja, sendo assim, o sacerdócio deve seguir os mesmos passos seus.

Seria impossível São Paulo fazer aqueles homens, na costa da Itália, entenderem o motivo que o levou a ser celibatário e acreditarem no seu testemunho milagroso de conversão, mas Deus, seguindo sua vontade, fez muitos milagres por intermédio dele.

Os sinais ainda não haviam terminado por ser ainda momento inicial da Igreja e, além disso, Deus deu muitos milagres para a conversão dos nativos da Itália.

São Paulo, como imitador de Cristo, em contato com os nativos na costa da Itália, teve a mão mordida por uma víbora, não morreu e fez muitos milagres curando enfermos.

Os milagres eram realizados por intermédio de São Paulo como Deus determinava, atestando a santidade do futuro mártir que não fazia milagres por si.

Naquele momento, Deus quis dar um sinal e atestar o seu servo para aqueles nativos selvagens incrédulos da Itália, para que cressem em suas palavras.

O celibato, que era praticado pelos apóstolos, tem origem nesse grau elevado de santidade, onde o serviço para Deus passa a ser tudo na vida de um verdadeiro sacerdote que tem suas vontades advindas da alma, retificadas pelo agir do Espírito Santo.

Com a responsabilidade, os sacerdotes receberam um êxito de viver incompreensível para alguém sem salvação.

Há “sacerdotes”, atualmente, que dizem que Cristo sequer foi um sacerdote, valorizando a nomeação humana e ignorando a

verdade. Obviamente, quem pensa em Cristo dessa forma, certamente, toma a batina por fantasia e as honrarias humanas maiores que os desígnios de Deus.

O sumo sacerdote Jesus Cristo definiu o modelo de sacerdote. Ele fez voto de pobreza, ordenou os primeiros guardiões do sagrado para manter sua Igreja Católica, preservou o que é sagrado, disse que a benevolência é mais importante que as tradições e as filosofias humanas, não conheceu mulher e se dedicou para a vontade de Deus ao ponto de aceitar sua missão entregando sua vida pela Igreja.

Deve haver exclusividade. Pedro deixou tudo por ter sido chamado para ser discípulo e, posteriormente, líder da Igreja, pois não poderia ser discípulo ou sacerdote exercendo atividades paralelas.

São Paulo, seguindo o exemplo do sumo sacerdote, após sua conversão, não conheceu mulher (foi celibatário) e deu sua vida pela pregação.

As mulheres, como auxiliadoras, assim como as esposas, na Igreja, são auxiliadoras da salvação como freiras. Cristo não lhes deu o sacerdócio, mas elas servem ao mesmo propósito.

Na tradição, os bispos casados deveriam não conhecer mais suas mulheres, contudo, foi revelada a vontade de Deus e a Igreja do tempo dos apóstolos determinou que não ordenaria mais homens casados, passando a exigir uma vida sacerdotal mais coerente com a do sumo sacerdote Jesus Cristo.

Vejamos o que consta na Bíblia a respeito dos chamados para o sacerdócio:

> “Quisera ver-vos livres de toda preocupação. O solteiro cuida das coisas que são do Senhor, de como agradar ao Senhor.
> O casado preocupa-se com as coisas do mundo, procurando agradar à sua esposa.

> A mesma diferença existe com a mulher solteira ou a virgem. Aquela que não é casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito; mas a casada cuida das coisas do mundo, procurando agradar ao marido.” (1Cr 7, 32-34)

É compreensível que leigos e líderes de seitas critiquem a responsabilidade da vida eclesial católica, pois, estando fora da determinação divina, são incapazes de compreender a razão de Deus.

O Senhor entende essa ignorância, como podemos constatar a seguir:

> “Respondeu ele: Nem todos são capazes de compreender o sentido dessa palavra, mas somente aqueles a quem foi dado.
> Porque há eunucos que o são desde o ventre de suas mães, há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda.” (Mt 19, 11-12)

Assim como os judeus rejeitaram Cristo, os lideres protestantes, tomados por vaidade, se irritam diante do perdão dos pecados, dos milagres, das graças alcançadas e consideram infelizes os praticantes do celibato, pois tomam a aquisição das coisas deste mundo por êxito.

O perfil dos santos dedicados a obra indicava sempre uma vida serena aos pés do Senhor. Gemma Maria Humberta Pia Galgani ou apenas Gemma Galgani, após dar mais valor às coisas do céu que as do mundo, nunca mais foi vista chorando e nem discutindo.

Ela possuía um aspecto sereno e estável, embora fosse dotada de uma enorme vivacidade.

A santa era serena por perceber esse mundo como passageiro e sem importância. Ela se dedicava apenas às coisas do Reino de Deus. Obviamente, percebia a completude da criação de Deus, mas isso não lhe iludia.

Renunciar às paixões mundanas e prestar serviço ao Senhor são ações que caminham juntas. Isso influi para que sejamos completamente para Ele, de corpo, alma e espírito, como almeja São Paulo em sua carta aos Tessalonicenses:

> "O Deus da paz vos conceda santidade perfeita. Que todo o vosso ser, espírito, alma e corpo, seja conservado irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo!" (Ts 5, 23)

É o Espírito Santo quem preenche a alma humana fazendo os servos de Deus serem conhecidos pelo seu amor, quando toda a vontade está em acordo com a vontade de Deus.

Percebendo essa relação entre o encontro com o Senhor e a santidade, pode-se dizer que é em vão a tentativa de ser santo fazendo uso unicamente das próprias forças, sem estar em comunhão com o corpo místico de Cristo, sem rezar e sem fazer penitência.

Deve-se entregar todos os anseios do coração a Jesus Cristo em oração com o propósito de servir.

A manutenção da santidade é recebida por intermédio da oração que eleva a alma a Deus.

O sacerdócio

Cristo, o filho de Deus que veio pelos perdidos, que tirou dos judeus o Reino dos Céus e o deu aos apóstolos com a responsabilidade de conduzir todos os que cressem para a salvação, diz que os seus ordenados não estariam desamparados.

Os sacerdotes possuem a missão dada por Cristo de ser como Ele, dando os frutos do Reino de Deus e a Igreja Católica, a única criada por Cristo, tem sido fiel a esse propósito. Ela é a única instituição que evangeliza com a verdade e que mais dá auxílio no mundo inteiro.

Deus a auxilia até agora e não lhe desamparou nos últimos dois mil anos, pois, no seu agir, se atesta a santidade de Deus, sinal esse de que o Pai é com ela.

É o sacerdote que rege a igreja da fé com obras, santa pelo seu agir semelhante ao agir de Cristo em acordo com o conceito de ‘religião imaculada’ visto no livro de São Tiago. Ele é cumpridor e contribui para que haja os frutos do Reino de Deus.

O sacerdote deve exalar a essência do amor do Senhor que excede os limites físicos da Igreja por estar presente na vida do cristão em todos os momentos de forma universal.

Há uma clara ordem de Cristo para o sacerdote e nela o sacerdote deve viver uma fé com obras que requerem a entrega de si por benevolência, por amor a Deus. Uma caridade que não pode ser entendida por alguém sem Deus ou alguém que ainda vive para si.

Cristo não viveu para si, viveu por nós. Obrou muitos milagres e isso foi necessário no início da Igreja. Cristo fez tantas coisas que seriam impossíveis registrá-las em livros. O amor de benevolência em sua vida particular que não foi registrado nas Escrituras aparece na tradição católica por intermédio de um cristo que chama Maria de mãe além de a chamar de senhora.

O maior dos dons do Espírito Santo Ele tem dado à sua igreja que é o amor presente na doação de si pela conversão do próximo.

No Monte das Oliveiras, o Senhor Jesus Cristo disserta a respeito do Reino de Deus por parábolas. Em uma delas, fala sobre a forma como Deus distribui seus talentos para o homem, evidenciando a responsabilidade de fazer crescer o que Deus provê. Vejamos uma referência disso:

> "Será também como um homem que, tendo de viajar, reuniu seus servos e lhes confiou seus bens. A um deu cinco talentos; a outro, dois; e a outro, um, segundo a capacidade de cada um. Depois partiu." (Mt 25, 14-15)

Cristo, ciente de que partiria e que deixaria o Reino dos Céus com a sua Igreja, fala um pouco sobre a responsabilidade daqueles que receberam a missão de evangelizar.

O Senhor deixou que os seus usassem seus talentos como homens livres, ou seja, como responsáveis por multiplicar o que Ele deu, por isso, agrada a Deus aquele que, na sua liberdade, faz multiplicar suas virtudes em benefício de seu próximo.

Cristo não daria a qualquer um a responsabilidade de representa-lo. O maior medo de um pai é partir e não poder amparar os filhos, por isso, Cristo foi para o pai e deixou o Consolador para a sua representante, possibilitando uma continuidade indestrutível.

Os sacerdotes possuem uma responsabilidade maior, pois o Senhor lhes incumbiu todo o seu trabalho, inclusive lhes foi dado o poder para perdoar ou reter pecados, como podemos ler a seguir:

> "Disselhes outra vez: "A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós".

> Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.” (Jo 20, 22-23)

Os discípulos fecharam as portas do lugar onde estavam por estarem com medo dos judeus e, na reunião fechada, Jesus Cristo lhes diz: *"A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós”*

Jesus nomeou a eles como representantes da Igreja e lhes autorizou a perdoar e a reter pecados.

Cristo não disse que um qualquer que decorou alguns versículos poderia representa-lo. Considerar que qualquer um pode representar Cristo é uma predisposição à blasfêmia.

Para os leigos, existe o perdão ao tentar retirar o próximo do pecado como é possível constatar:

> “Confessai os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados. A oração do justo tem grande eficácia.”
> "[...]saiba: aquele que fizer um pecador retroceder do seu erro, salvará sua alma da morte e fará desaparecer uma multidão de pecados." (Tg, 5, 14, 20)

Entre os leigos, somente existe a confissão para a conscientização do pecado e para o arrependimento sem a autorização para perdoar, pois somente Deus e os que ele autorizou podem perdoar pecados.

Notemos que o indivíduo pode ser salvo e levar consigo muitos pecados. É notável que '*Uma multidão de pecados.*' Não se refere a todos os pecados, o que permite entender que existem penitências após o indivíduo ser salvo e tais penitências podem ser

atos de purificação ou penalidades que receberam o nome de purgatório.

Se um sacerdote reter pecados de um indivíduo e, apensar disso, o indivíduo ser salvo com eles, o indivíduo deverá pagar ou responder pelos seus pecados após ser separado para Deus. Vejamos a razão divina que transcende para a realidade:

> "Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo: dali não sairás antes de teres pago o último centavo." (Mt, 5, 25-26)

Obviamente temos de pagar por todos os nossos pecados não perdoados e, segundo São Paulo, será pelo fogo que chamamos de purgatório como podemos ler:

> "[...] a obra de cada um aparecerá. O dia (do julgamento) irá demonstrá-lo. Será descoberto pelo fogo; o fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se a construção resistir, o construtor receberá a recompensa. Se pegar fogo, arcará com os danos. Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo." (I Cr 3, 13-15)

Podemos ainda em vida orar pelos que passam pelo purgatório assim como os primeiros cristãos fazia. Nas catacumbas dos primeiros cristãos é possível ler pedidos de oração pelos mortos, o que evidencia que essa razão pertence a Igreja Católica desde o início.

Ressarça por seu mal, reconcilie com teu próximo e busque o aconselhamento e o perdão dos padres do sacerdócio régio.

Jesus Cristo, o único mediador da salvação, aquele que possibilitou uma nova aliança entre Deus e os homens, quando já havia ressuscitado, deu aos apóstolos uma responsabilidade maior. Cristo deu aos sacerdotes o poder de perdoar ou reter pecados.

Essa representação inegável de Cristo é praticada na única igreja com as confissões, onde existe a confissão dos pecados para um homem ordenado por Deus que pode perdoar porque Deus determinou que fosse assim.

A razão humana imersa nas trevas da ignorância concebe uma oposição a essa determinação de Deus, porque para um homem sem salvação é errado se confessar a outro homem por ele ser pecador, mesmo sendo esse ato vontade de Deus, o que mostra o desrespeito dos incrédulos com o senhorio de Deus.

Obviamente, é o próprio Cristo quem ouve as confissões e quem perdoa pela intercessão de seus sacerdotes.

Atestada na tradição e conseqüentemente nas Escrituras, a confissão somente é praticada na igreja de Cristo, ou seja, na Igreja Católica. O ato de se confessar foi rejeitado nas falsas religiões porque, na prática, não consideram verdadeira a autoridade de um não ordenado.

Um não ordenado não poderia dizer que os pecados de uma pessoa estão perdoados, contudo, os protestantes têm suas vadiações e gritam que Deus lhes deu autoridade para determinar qualquer coisa, o que é uma grande mentira, já que Deus somente age por intermédio de sua Igreja.

Sem obediência ao bispo de Roma, nada se pode fazer que for referente a Igreja.

Os que se auto nomeiam sacerdotes, não acreditam na igreja do Senhor e no seu propósito. Isso ocorre porque não foram ordenados sacerdotes por verdadeiros sacerdotes da verdadeira

Igreja. Nenhuma autoridade eclesial eles possuem, contudo, Deus alcança a todo bom homem com sua misericórdia e graça.

Uma vez ordenado pela Igreja, ou seja, pelo próprio Cristo, o sacerdote recebe a missão de apascentar como um pastor que cuida das ovelhas como narra São João a seguir:

> “Era esta já a terceira vez que Jesus se manifestava aos seus discípulos, depois de ter ressuscitado.
> Tendo eles comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu ele: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disselhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.
> Perguntou-lhe outra vez: Simão, filho de João, amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disselhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.
> Perguntou-lhe pela terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: Amas-me?, e respondeu-lhe: Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo. Disselhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.” (Jo 21, 14-17)

O motivo do caminho reservado de santidade é para permitir o agir de Deus, para que Cristo viva nos atos de seus servos. O Senhor atesta esse intuito de seu coração em uma oração como podemos constatar:

> “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um.” (Jo 17, 21, 22)

Todo sacerdote católico recebeu poder de Cristo, se veste de modo diferente dos leigos e tem seus costumes diferentes das demais pessoas. Eles são um com Cristo. Sendo assim, quando estão a praticar as obras sacerdotais, praticam o agir do próprio Cristo, pois nada pode nos separar de seu amor infinito.

O sacerdote não pode casar. Seria hipocrisia um homem casado ajudar a terceiros por ser a caridade um valor elevado, quando ele possui, na sua família, algum necessitado. Vejamos o que diz São Pedro sobre a negação de si:

> "Eis que deixamos tudo para te seguir." (Mt 19, 27)

O homem casado deve viver para a sua família, deve tomar a cruz do casamento dando a ela toda a atenção necessária. Um homem casado vive para o benefício de sua mulher e filhos e pais. Quando ele considera que pode fazer mais, estende sua benevolência para o resto da família e quando o resto da família está bem, pode estender seu agir para outros. Ele se dedica a família, pois ela é para ele aquilo que deve receber as primícias do amor de Deus, contudo, obviamente, pode cometer exceções como auxiliar sozinho ou em conjunto, unindo forças, a qualquer um que necessite. O sacerdote, por não ter família, é benevolente com todos, vive para Cristo doando sua vida pelo próximo, por isso deve ser como Cristo, ou seja, celibatário, cumpridor de voto de pobreza e amoroso com todos os que o buscam.

A comunhão dos santos

Observemos o exemplo de Cornélio que foi um homem temente a Deus. Ele orava constantemente e dava muitas esmolas, por isso, Deus o chamou para fazer parte da Igreja, ou seja, estar em união com os santos. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> "Havia em Cesaréia um homem, por nome Cornélio, centurião da coorte que se chamava Itálica.
> Era religioso; ele e todos os de sua casa eram tementes a Deus. Dava muitas esmolas ao povo e orava constantemente.
> Este homem viu claramente numa visão, pela hora nona do dia, aproximar-se dele um anjo de Deus e o chamar: Cornélio!
> Cornélio fixou nele os olhos e, possuído de temor, perguntou: Que há, Senhor? O anjo replicou: As tuas orações e as tuas esmolas subiram à presença de Deus como uma oferta de lembrança." (At 12, 1-4)

A esmola é uma manifestação física, uma ação que é conseqüência do amor e não é ela o próprio amor.

Cornélio foi chamado para a Igreja por ser caridoso, temente a Deus e orar muito. Esse fato certifica ainda mais o caráter da igreja de Cristo, do sacerdócio e do leigo católico.

Cornélio ser chamado para a Igreja Católica por seus atos, corrobora com a tradição católica, certifica o caráter do sacerdote e do leigo católico.

Muitos necessitam de serem consolados em suas aflições com a presença de Deus na comunhão dos santos, cumprindo e recebendo as bênçãos da promessa que diz: "Porque, onde

estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles."

A presença de Deus faz o homem perceber que o mundo não é nada se comparado a ela.

Seguindo uma lógica de felicidade (êxito e verdade) de atos, para que haja uma reunião em nome de Cristo, deve existir um sacerdote, pois somente ele pode iniciar uma reunião em nome de Jesus ou seja, não se pode falar por Jesus sem ser seu representante. Isso está em concordância com a palavra que diz que onde está o bispo está a Igreja Católica.

Quanto aos leigos, somente é possível se reunir em nome de Jesus Cristo os servos obedientes ao bispo. Se fosse diferente, satanás também poderia se reunir em nome de Jesus, o que não é possível por seus atos.

Quando se está na busca de consolos mundanos, a felicidade é condicionada a aquisição de alentos, a serenidade é pouca e tudo favorece a inquietude e a expectação da prática da iniqüidade que é o oposto da presença de Deus, como um fogo, uma angustia que queima dolorosamente sem cessar, uma sensação de solidão, um vazio causado pela falta da presença de Deus.

Na comunhão dos santos obtida por intermédio da reunião daqueles que amam é diferente. A comunhão nos traz uma amostra do paraíso que é a presença de Deus que nos desprende do mundo material e nos faz desejar viver no céu.

É a Eucaristia, o Corpo de Cristo, o Sacramento de Amor que é dado aos cristãos o que propicia o verdadeiro caminho de fé, de comunhão e de testemunho.

Quando estamos em santidade e recebemos o corpo de Jesus Cristo, tomamos parte com Ele sendo um com Ele e nada nessa vida é mais importante que isso no sentido de que, para fazer o bem, é necessário antes ter comunhão com Deus.

XIII - OS DONS DO ESPÍRITO

A mensagem do dia de pentecostes

Na busca do transcendente, sempre houve confusões causadas pela diversidade de razões humanas. Nelas, cada um dava ao signo lingüístico 'Deus' a carga semântica que desejasse. Assim, entre os blasfemadores, Deus é sempre aquilo que apraz e a Deus não é permitido ter consciência própria ou agir seguindo vontade própria.

As idéias humanas estão imersas no materialismo que contaminam a noção do que é transcendente de muitos, por isso, na busca dos homens por Deus sem a sua representante, existe a busca do próprio eu, o que gera um tipo de cristianismo materialista ou ateísmo.

Por existir a categoria inata no homem que o faz buscar a Deus, todos buscam edificar para chegar até ele com suas razões de homem.

Nessa busca desviada, Deus colocou confusão entre eles, uma confusão certa que os faz ruir sem encontrar o êxito verdadeiro.

É impossível para o homem inventar um caminho verdadeiro para Deus.

Os homens tentam se unir na busca por alcançar Deus, mas, devido a cada um conceber Deus e seu reino de modo diferente, essa união começa a ruir pela confusão que gera milhares de formas falsas e diferentes de religar o homem a Deus, milhares de seitas heréticas.

Sem a coluna e sustentáculo da verdade, o homem tenta chegar até Deus, ou seja, se religar a ele, e não consegue pelas divergências de doutrinas erradas.

Na sã doutrina católica, a busca correta foi atestada por Deus. Nela, o povo possui a razão na observância da vontade dele e produz seus frutos.

Ele deixou apenas um modo de nos religarmos a Ele que é por intermédio da sua eterna Igreja Católica.

Em oposição às muitas buscas por êxito na vida sem Deus, Ele dá um sinal para o homem no dia de pentecostes.

Estavam reunidos muitos homens que falavam línguas estrangeiras diferentes e que se uniam com o propósito de buscar a Deus na sua única Igreja, no único caminho para o céu, e Ele atestou para os incrédulos que aquela união era o seu desejo com o sinal das línguas estrangeiras, onde era falado no idioma nativo e o estrangeiro, que possuía outro idioma, entendia.

Para que não existisse confusão entre os justos, Deus criou uma única igreja, um único caminho para o homem se religar a Ele e para essa igreja que estava cheia de incrédulos, foi dado um sinal para a edificação.

Sacerdotes, leigos e incrédulos que congregavam nela receberam o sinal contra a confusão. Todos falavam e entendiam, contudo, uma idéia herética do tipo que acresce já se manifestava no início da Igreja. Nela se induzia ao falar em uma língua que é estranha, sem estrutura válida e ininteligível, de modo que serve apenas para fins não edificantes ou dar ênfase ao que se diz entre suas pausas. Essa foi uma forma da velha confusão materialista perpetrar no meio da Igreja.

A língua estranha foi elaborada para não ser entendida e para atestar o que se deseja falar como se fosse a palavra de Deus e não o que é palavra de Deus.

Tais línguas estranhas são parte de grandes enganos que edificam a velha torre onde o homem pensa estar buscando Deus, mas não o consegue alcançar.

Todas as seitas tomam parte na edificação de uma torre para chegar a Deus, uma torre que está fadada ao fracasso nas

muitas doutrinas baseadas em nulidades que exemplificam para que vieram, como é o caso das línguas estranhas que atestam a propensão a edificar o nada.

Obviamente, até mesmo a noção do transcendente sofreu modificação no meio herético, fato esse revelado nos muitos incautos que tomam as manifestações físicas como sendo o transcendente.

Somente restou o amor

As profecias, o dom de línguas estrangeiras e o dom da ciência findaram-se após o primeiro momento da Igreja, restando apenas o amor, contudo, Deus dá milagres conforme sua vontade para atestar a sua igreja e os seus.

No início da Nova Aliança, Deus dotou os seus com palavras certas e fez manifestar sinais no meio do seu povo.

Os sacerdotes da Igreja Católica não preparavam o que iam dizer aos leigos e o Espírito Santo lhes dava as palavras certas por intermédio do dom da ciência que provia capacidade incomum. Recebiam informações futuras e interpretavam os fatos segundo a vontade de Deus como nas revelações que teve São João.

Quando um discípulo chegava em terra estrangeira, adquiria, por milagre, a língua nativa. Sinal esse que possui certa semelhança com o sinal do dia de pentecostes que serviu para atestar a importância da comunhão com Deus na Igreja Católica, no único caminho para o Céu.

Após um certo tempo, os dons cessaram, pois Deus considerou, por bem, que fosse assim. Podemos especular e dizer que o motivo de existirem os dons no início era para o crescimento inicial necessário da Igreja que estava cheia de incrédulos, como concluíram muitos santos doutores.

Os dons acabaram e, posteriormente, o homem somente pode reconhecer Deus nos seus, por intermédio do dom do amor.

Por não haver mais os sinais, era certo que o homem edificaria uma grande torre divergente e ela se formou, posteriormente, apartada da única Igreja, formada por todas as falsas religiões que prometem religar o homem a Deus.

Na Nova Aliança, sempre que houve a necessidade de edificar, Deus fez algum homem santo dar testemunho e fazer

milagres. Os sinais vieram para os infiéis por intermédio dos santos que tinham grande fé.

Diante de um dom espiritual e da certeza da existência de Deus, o homem materialista recebia a garantia de que não era vão deixar seus enganos e vícios, o que levou muitos a servirem com fervor, pois tinham uma prova no mundo material do que era a vontade do Criador.

Muitos não entenderiam a razão complexa da verdade, por isso, se não fossem os sinais, a Igreja não teria crescido em número como cresceu em seu momento inicial.

Os sacerdotes não determinavam quando e nem como ocorreriam os milagres, pois eles são servos e não comandam a Deus. Se Deus agisse subordinado ao homem, haveria milagres da parte de Deus atestando heresias, coisa que jamais aconteceu.

Os dons do Espírito não acompanharam heresias, escolhas humanas. Eles acompanharam somente ações coerentes com o agir de Cristo sob algumas circunstâncias.

São Paulo, ao desembarcar em Itália, fez muitos milagres curando enfermos e isso ocorreu porque os indígenas possuíam tradições permissivas à iniqüidade. A situação selvagem dos nativos gerava a necessidade da manifestação de sinais para que percebessem verdade no que São Paulo, que uniu o coração ao coração de Cristo, pregava.

Penso que os milagres ocorreram por intermédio de São Paulo para atestar o estabelecimento da sede da Igreja Católica naquele lugar. A seguinte referência bíblica evidencia que a sede, ou seja, o núcleo da igreja de Cristo se situava em Roma:

> “A igreja escolhida de Babilônia saúda-vos, assim como também Marcos, meu filho.” (1Pd 5, 13)

Obviamente, é fato atestado na tradição católica que a sede da Igreja estava em Roma de modo que não seria necessário o registro bíblico.

O local para a sede da Igreja não era uma terra santa, mas se tornou, pois Deus a separou para si.

São Pedro chamou Roma de Babilônia pela semelhança em riqueza financeira e libertinagem com a Babilônia do oriente, da região da mesopotâmia, às margens do rio Eufrates. Na revelação de São João, o território de Jerusalém, cujos descendentes dos hebreus perderam o Reino de Deus, é chamado de a grande Babilônia por seus crimes abomináveis contra os santos.

São Paulo preparou o caminho com sinais vindos da parte de Deus, que foram necessários para o fundamento da fé, para que ele, como representante de Cristo, fosse reconhecido.

Os sinais vieram de Deus por intermédio de São Paulo por ele estar em meio a infiéis. Da mesma forma, as línguas estrangeiras eram para edificação daqueles que não estavam firmados na fé. Isso é atestado quando São Paulo diz que as línguas são um sinal para os infiéis. Vejamos como isso se apresenta:

> “Assim, as línguas são sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis.” (1Cr 14, 22)

O dom de falar e ser entendido do dia de pentecostes não faz com que o indivíduo fale como se soubesse de toda a razão da fé, pois não possui em si a complexidade da razão de Deus como se tenta forçar na atualidade de algumas seitas heréticas e ele se manifestava para os infiéis, o que leva a saber que é um engano se envaidecer como se envaidecem os que falam a língua estranha que não é o mesmo fenômeno do dia de pentecostes na atualidade, pois ela seria um sinal da infidelidade com Deus possivelmente de quem houve e de quem fala, contudo associaram as falas ao vento

com a comunhão com Deus, gerando um dos maiores enganos nas seitas chamadas de pentecostais, pois, além de falsas, as línguas possuem um propósito diferente do que foi determinado por Deus.

Após cumprir seu propósito que era edificar um determinado número de infiéis, no primeiro momento da Igreja Católica, o dom de línguas cessou. Como disse São Paulo a seguir:

> “A caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará.” (1Cr 13, 8)

O dom das línguas se assemelha ao fenômeno do dia de pentecostes, onde cada incrédulo falava no seu idioma e o outro entendia. Foi um milagre que se manifestava quando algum ordenado por Cristo estava em terra estrangeira lhe proporcionando falar o idioma nativo.

No dom de línguas e no dom do dia de pentecostes, quando se falava, havia ciência do que se dizia, pois havia a importância de ser útil para a edificação.

Insensato é conceber como verdade a situação onde São Paulo desembarca na costa da Itália falando coisas ininteligíveis em vez de se fazer entendido, pois certamente, se falasse coisas ininteligíveis, não edificaria um sequer.

As chamadas línguas estranhas nascem de uma tendência humana pecaminosa que leva a desenvolver barulho e confusão quando não se possui capacidade de desenvolver uma fala coerente ou quando não se possui conteúdo para falar.

Quanto mais miséria interior, maior é o desejo de estar no meio do barulho e da confusão. Se grande é a pobreza interior, alto é o barulho produzido.

No início das manifestações, já existiam os excessos. Inventavam falsas línguas estrangeiras semelhantes às de nossos

tempos. Vejamos como isso se apresenta:

> "Assim também vós: se vossa língua só profere palavras ininteligíveis, como se compreenderá o que dizeis? Sereis como quem fala ao vento.
> Porém, se desconhecer o sentido das palavras, serei um estrangeiro para quem me fala e ele será também um estrangeiro para mim." (Rm 14, 9, 11)

A língua estranha não observa a utilidade do dom de línguas estrangeira, assim como não observa a utilidade do idioma nativo, evidenciando que uma parte dos cristãos considera a manifestação de algum fenômeno mais importante que a verdade trazida por ele, que não deseja ouvir algo da parte de Deus e que somente a contemplação do fenômeno lhe satisfaz.

Os excessos que contribuíam para edificar uma nova falsa torre para alcançar Deus já existiam entre os incautos da Igreja do tempo dos apóstolos que desejavam protagonizar sem possuírem comunhão verdadeira com Deus.

A língua estranha permite a fraude, propriedade essa que o dom verdadeiro não possuía. Assim, a língua estranha é característica de pessoas com tendências heréticas e adversas à verdade que, por serem adversas à verdade, são adversas a Deus.

Certamente entre os mais ignorantes e bestializados a língua estranha possui mais aceitabilidade, pois, por intermédio dela, podem cancelar até mesmo insensatezes que diriam se tentassem falar com coerência.

A idéia de construir uma torre com os enganos humanos para chegar a Deus é falida.

Quando houve uma grande disseminação da pregação, no tempo que Deus determinou, os dons cessaram restando apenas o amor. Agora, sem o fator atestador do milagre, foi necessário o uso

da inteligência e o Espírito Santo acompanhou sua igreja para lhe orientar na verdade da fé. A inteligência é importante, pois qualquer fenômeno pode ser empregado em signos lingüísticos como ‘amor’ ou ‘caridade’ gerando muitos delírios orais.

Na atualidade, alguns caem em delírios e inventam uma língua estranha justificada pelas deturpações bíblicas. Nelas, os gemidos inefáveis são as línguas estranhas, uma mentira criada com o intuito de justificar a prática herética.

Gemidos inefáveis não são grunhidos, eles consistem em uma manifestação do amor e da misericórdia de Deus que corrige nossa oração e nos faz falar tudo o que é necessário corretamente, no silêncio. Vejamos como isso se apresenta:

> “Outrossim, o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis.” (Rm 8, 26)

Tais gemidos inefáveis não podem ser produzidos pelo sistema vocálico humano, pois inefável é uma qualidade daquilo que não pode ser expresso verbalmente, ou seja, o que é inefável não produz sonoridade humana pelo fato de o homem não ser Deus.

Ao ler a definição de ‘inefável’ dada por santo Agostinho de Hipona em *Confissões*, fica evidente que considerar verbalizar o inefável é fruto de vaidade daqueles que desejam ser Deus.

Alguns, com o desejo de justificar os erros trazidos para a Igreja pela interpretação individual, dizem que os gemidos inefáveis são berros sem sentido que são expelidos ao vento.

Falar ao vento não é pecado, mas evidencia muitos abismos e deficiências educacionais como a predisposição a falar sem respeitar a Deus e a praticar heresias.

Aquele que promove o engano do fenômeno da língua estranha é enganador, pois ela nunca existiu na igreja do tempo dos apóstolos a não ser como excesso (engano).

Se no tempo de São Paulo havia equívocos, maiores viriam da parte dos que possuem os enganos da *Sola Scriptura* que é uma criação de satanás.

Na atualidade, temos o agravante do contato entre o protestantismo e o misticismo pagão[51] que fez com que muitas seitas protestantes assimilassem os delírios de diversas origens místicas que acresceram mais delírios à concepção protestante de dom espiritual.

Somente restou o amor, sendo assim, o agir de Deus é percebido na benevolência. O amor é dom de Deus e ele foi preservado, de modo que está presente no pai de família que dá sua vida pela família e no sacerdote que é como o pai das multidões.

Estou falando de amor na forma de benevolência entendendo que amor não é somente ser benevolente. Cristo deixou claro que a tarefa do homem é cuidar de sua família. Sendo assim, como já foi dito, o homem não poderia ser benevolente com mais pessoas, contudo, supondo que ele possa estender seu amor para fora do seu núcleo familiar que é mulher, filhos e seus pais, caso eles estejam bem. Em níveis de prioridade, ele poderia ser caridoso com outros familiares, vizinhos e assim por diante.

Fora dos idealismos, o Espírito Santo ensina todos os dias e em todos os momentos os justos a tomarem decisões amorosas assertivas de uma forma que não poderia ser exposta por palavras como as escritas aqui que buscam exemplificar o que é impossível exemplificar.

A caridade que se pratica com o intuito de se receber algo em troca é falsa e, quando o núcleo familiar ou as pessoas mais próximas estão passando por alguma necessidade, ela é pecaminosa. Trata-se de uma reciclagem da razão pagã com nova

roupagem mais perversa, onde se oferta para receber sem a observância de uma razão.

Até mesmo a dedicação errada do tempo é um pecado. Se um pai dedica mais tempo com pessoas que não merecem, está a cometer um pecado contra o amor familiar. Um homem somente deve dedicar seu tempo a outros, quando sua família não necessitar de sua presença.

O amor do sacerdote é diferente. Ele se dedica integralmente a todos os fiéis.

Os excessos e os espíritos imundos

São Paulo deixa entender que as línguas sem intepretação são excessos, ou seja, trata-se de auto-engano falar ao vento, mas, quando o indivíduo começa a se agitar, rodar e a gritar é porque há delírio, fingimento ou um espírito imundo se apoderou dele.

Abro uma grande possibilidade de definições por entender que os fenômenos não possuem uma única causa.

Para tanto engano se manifestar fisicamente, deve existir uma grande propensão a dissimulação ou serviço ao mal que gere a insanidade.

No espírito pode habitar Deus ou o diabo e o que determina o domínio são nossas escolhas e atos, ou seja, nossas particularidades.

Quando são produzidos os frutos do Espírito Santo na alma, existe a permissão para que o Espírito Santo habite e, em oposição a isso, quando são produzidos agires em prol da vontade do príncipe das trevas, após comprar idéias errôneas das modas perversas, forma-se um domínio maligno no espírito.

Eles falam sobre Deus em suas seitas enquanto odeiam o próximo, são negligentes para com o amor, se inclinam para o mal, fecham os olhos para as pessoas horríveis que são, abrem os olhos quando dão alguma esmola por interesse e logo o demônio lhes domina.

Uma vez que o domínio maligno está formado, a inquietude se faz presente quase em todo o tempo. A calmaria foge do coração dos iníquos, por isso eles gritam, se sacodem e se atiram no chão de dores na alma por causa de uma dicotomia inexplicável trazida pelas chamas do inferno da ausência de Deus.

Quando se está nesse estado deplorável, o desenvolver de perversões e enganos são maiores.

Consultei praticantes ocultistas de uma segmentação do espiritismo, para lhes arrancar a loucura prática de seus ritos e das manifestações dos supostos espíritos que agem e falam por intermédio de alguém e tomei ciência das causas, conseqüências e variantes que compunham as falsas possessões, percebendo, com isso, a seguinte fórmula comum no caminho do engano: Comparam características comuns entre o indivíduo e alguma entidade falsa; Tomam a possessão como uma grande dádiva e, por vaidade e por tanto imitar, o indivíduo simula estar possuído.

Esse caminho os leva a falar e a fingir ser o que falsamente incorporam.

Assim como um protestante pentecostal percebe que seu transe é algo bom, os de seitas espíritas também.

Essa tendência humana ao engano e ao fingimento dos espíritas se equipara à tendência que está presente nos cultos protestantes pentecostais, onde a posição mais alta da espiritualidade leva a girar o corpo, a bater os braços e a soltar gritos aleatórios ao vento.

Somente o agir demoníaco ou a vaidade gerada pela insensatez podem ser dadas como a explicação do envolvimento em práticas tão degradantes e comuns entre os espíritas e os pentecostais.

Ambos sentem as altas chamas queimarem por dentro, assim como uma parte considerável do resto das pessoas no mundo, mas são os idealistas que desenvolvem os caricatos fingimentos de possessão. São apenas mentirosos.

Martinho Lutero sentia um desconforto na alma e isso o levou a mentir dizendo que via e conversava com o demônio. Essa loucura era apenas uma manifestação das chamas do inferno que lhe queimavam por dentro.

Os frutos do Espírito são puros e não possuem grau de equivalência com as alegorias espíritas. Vejamos como eles são:

> “Ao contrário, o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança. Contra estas coisas não há lei.” (Gl 5, 22, 23)

Notemos que os dons do Espírito somente possuem utilidade na vida prática, não possuindo utilidade em ritos enganosos.

Se reconhece Deus no homem na sua convivência e no seu trabalho realizado com amor.

Nos frutos do Espírito, há o reconhecimento da soberania de Deus, seu senhorio e o amor ao próximo que nada tem a ver com preceitos humanos.

Diferentemente disso, houve, no meio protestante, a aquisição de preceitos ocultistas modernos que já haviam entrado em contato com dogmas cristãos. Esses preceitos os levaram a idear que a manifestação do Espirito Santo se dava de modo diferente do revelado na tradição da Igreja Católica e nas Escrituras.

Chamam de unção ou de fogo do espírito uma série de manifestações alegóricas comuns entre os protestantes e os espíritas que são influências ocultistas que passaram a fazer parte das tradições protestantes, principalmente das pentecostais.

Quando não se possui Deus, coloca-se qualquer coisa em seu lugar e essa é a essência dos excessos dentro das seitas.

O que eles entenderam como agir de espíritos no espiritismo ou no ocultismo, trouxeram para o pentecostalismo, porque não sabem fazer diferente. O que acontecia nos terreiros espíritas, passou a integrar os frágeis cultos longe da única religião.

Não se pode definir com simplicidade se uma manifestação física é fruto dos espíritos imundos, pois pode ela ser o conjunto de muitos fatores.

Levaram o engano e o agir demoníaco para dentro das seitas protestantes. Eles caem no chão, pulam, giram e gritam

proferindo coisas ininteligíveis, enquanto desejosos por aparentarem estar apoderados por espíritos malignos, de modo que não é possível distinguir onde começa a tradição ocultista, o fingimento ou a possessão por espíritos malignos. Vejamos uma referência bíblica sobre esse tipo de desordem no agir:

> "Eis que um homem exclamou do meio da multidão: Mestre, rogo-te que olhes para meu filho, pois é o único que tenho.
> Um espírito se apodera dele e subitamente dá gritos, lança-o por terra, agita-o com violência, fá-lo espumar e só o larga depois de o deixar todo ofegante.
> Pedi a teus discípulos que o expelissem, mas não o puderam fazer.
> Respondeu Jesus: Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei convosco e vos aturarei? Traze cá teu filho.
> E quando ele ia chegando, o demônio lançou-o por terra e agitou-o violentamente. Mas Jesus intimou o espírito imundo, curou o menino e o restituiu a seu pai." (Lc 9, 38-42)

Quão triste é para um pai ter um filho que não quer viver na verdade. Deus deve se entristecer também conosco, quando vivemos em delírios, pois ser bom pai é dom de Deus.

O demônio havia afetado a saúde da criança e, quando o espirito imundo começou o exibicionismo, Cristo não considerou o agir demoníaco como obra do Espírito Santo, como fazem na atualidade. Ele expulsou o espírito do príncipe das trevas que nem os discípulos conseguiram expulsar, restaurando a saúde mental do menino.

Certamente, os falsos cristãos observam o fenômeno e pedem em seus corações para que o demônio lhes auxilie,

enquanto menosprezam os dons do Espírito Santo em troca da aprovação dos membros de suas seitas religiosas.

XIV - A FÉ, O SERVIÇO A DEUS E A SANTIDADE

‘Fé’ do latim ‘fides’ é acreditar, dar crédito, ou seja, confiar nele e se entregar a ele. Vejamos um texto das Escrituras que define a fé:

> “A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê. Foi ela que fez a glória dos nossos, antepassados. Pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus e que as coisas visíveis se originaram do invisível.” (Hb 11, 1-3)

Fé é a certeza das coisas, porque a certeza das coisas invisíveis de Deus é fruto da fé, ou seja, flui da fé. Seguindo a regra aristotélica sobre a substância, o raciocínio errôneo que predica uma substância(fé) por outra (crer para materializar) traria o engano que confundiria fé com pensamento positivo, no acreditar para tornar real, o que caracteriza deturpação do conceito.

Se temos fé, servimos a Deus e, se servimos a Deus, contribuímos para o seu reino. Se fazemos parte de seu reino, somos separados por ele (santos), logo a santidade é medida pelas obras, pois sem obras a fé é nula e não há santidade.

Se, pela fé, cremos que Deus criou todas as coisas, cremos também que ele as mantém. Uma vez que reconhecemos Deus como criador, também o reconhecemos como nosso Senhor, pois vivemos em seu mundo. Se Ele é nosso Senhor, somos seus servos, logo não pertencemos a nós mesmos e devemos viver lhe servindo para o seu propósito.

A fé possui uma ligação lógica entre o serviço a Deus e a santidade, sendo assim, o que se opõe a ela é a vida libertina que despreza a existência do criador e a observância de sua vontade e que caracteriza o ateísmo que está presente em todos os que não reconhecem o senhorio de Cristo, ou seja, nos que não lhe obedecem.

Uma vida sem critérios morais divinos tende a conceber os frutos da carne como aceitáveis, assim a fornicação, a impureza, a libertinagem, a idolatria, a superstição, a inimizade, a briga, o ciúme, o ódio, a ambição, a discórdia, a desunião, a inveja, a bebedeira, a orgia e outras coisas semelhantes, seriam aceitáveis por serem simples escolhas no padrão individual de viver em perspectiva errônea.

Os frutos da carne são conseqüências de uma vida sem o senhorio de Deus, logo, se afastar deles é ação básica para se ter fé em Deus, pois se Deus existe, não pertencemos a nós e vivemos para ele.

Se vivemos para Ele, temos responsabilidades na vida que requerem a sua definição de bem e de mal.

Uma vez que temos fé, devemos manifestar os verdadeiros frutos do Espírito Santo que são *caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura* e *temperança.*

O bem dos frutos do Espírito Santo é o que se deve ofertar a Deus por intermédio de nosso próximo, pois Deus nos ama primeiro e nós o amamos de volta quando amamos nosso próximo.

Se há fé, há boas obras em prol do próximo, pois é nas obras que a fé se torna viva.

O Senhor Jesus Cristo é o maior exemplo de fé conseguinte de amor, pois fez a vontade do pai se entregando pelos pecados do mundo.

O amor e a cobiça

O amor verdadeiro é o amor definido por Deus, mas a razão do mundo não é a razão de Deus, por isso as palavras 'amor' e 'caridade' recebem, em culturas degradadas, diversas cargas semânticas incabíveis.

Existem muitas implicações que podem desfazer o êxito interpretativo de um conceito e o anular completamente, o que gerou o novo conceito de amor que é forçado e impulsionado por desejos que idolatram o prazer ou o material, equiparando o prazer do vício com a santidade do amor verdadeiro, pervertendo o conceito.

Para amar com assertividade, devemos saber quem é o nosso próximo que é, na perspectiva de um casado, em tese, a família e, na perspectiva de um sacerdote, todos no mundo. Obviamente, para tanto, usa-se de critérios que determinam quem são os mais necessitados.

Quando sentimos piedade por nosso próximo e trabalhamos no seu auxílio de forma caridosa é amor verdadeiro, da mesma forma é verdadeiro o amor familiar que se baseia em cuidado. O amor do casal também possui suas bases na caridade que emana de Deus, pois ambos, homem e mulher, se auxiliam na constituição da família sendo um porto seguro de ajuda, gentileza e carinho para o outro, como a verdade prevista nas Escrituras de homem que dá a vida pela mulher que lhe auxilia.

Não deve ser confundido o carinho dos namorados com prova de amor verdadeiro. O carinho deles averigua parte da aptidão a formar uma família o que é parte da ritualística do amor (cultura romântica) e não o próprio. O amor está no fazer o bem. Ele é presente quando há a união entre homem e mulher para responsabilidades maiores, onde ambos partilham da boa companhia aceitando e tolerando as imperfeições do outro com o

intuito de formar uma família, pois nesse molde divino, o objetivo é o bem do outro e dos filhos, o que caracteriza amor verdadeiro.

O grande filósofo Olavo de Carvalho foi muito feliz quando disse que *o casamento não consiste em encontrar a pessoa certa, mas em amar para sempre a pessoa errada.* Quando disse isso, certamente, falava da tolerância como uma oposição contra a moda da busca plena pelo prazer que influencia os casais a se separarem por futilidades.

Quando existe apenas a busca pela satisfação por intermédio do afeto não pode ser chamada de amorosa a relação, pois para ser amor deve existir o compromisso que é indestrutível como é o nosso Senhor que é amor.

A característica mais marcante da cobiça que chamam de amor é a não aceitação do carregar da cruz da relação entre homem e mulher, ou seja, a não aceitação dos problemas certos da relação conjugal.

Alguns filósofos separaram o amor em diversos tipos que são, na verdade, características do instinto humano. O amor platônico, por exemplo, inventado no período Renascimento sem o consentimento de Platão, equivale o amor ao desejo sexual não saciado ou a fome, um amor que, aumenta quando mais se fomenta e se promete realizações, mas acaba quando saciado. O nome disso é cobiça e não amor. Equivocou-se o ensaísta renascentista.

Confundir cobiça com amor é particular de culturas em decadência educacional e moral ou de indivíduos entregues aos apetites ruins.

Platão considerava a existência de um estado onde se manifesta um sentimento puro e livre de cobiça e ele seria chamado de amor verdadeiro caso fosse nomeado.

Confundir cobiça com amor não é costume dos que possuem um coração nobre.

Os que não conhecem o verdadeiro amor o concebem como a cobiça, principalmente a sexual a qual se tenta enobrecer ao

nomearem de amor. Tal enobrecimento evidencia a presença de materialismo e idolatria ao sexo, uma confusão entre o transcendente e o material.

É comum nos meios mais bestializados o indivíduo dizer que sente amor por cobiçar outro ser, quando amor é doação de si e não é o desejo de satisfação que pode ser sexual.

O verdadeiro amor entre os casais possui ciência da cruz do matrimônio e está pronto para enfrentar uma vida de casal.

Mesmo entre os que tomam o amor como o caminho certo, existe a contaminação da razão pelas perversões do mundo.

Quando não se toma Deus por senhor, coloca-se qualquer coisa em seu lugar, e, sendo o sexo uma das coisas mais enaltecidas entre os viciosos do mundo, o sexo passa a ser adorado, o que é um fenômeno presente em todas as civilizações.

Deus é amor, contudo uma parte dos homens não ama Deus mais do que ama a seus vícios, por isso chama a cobiça de amor na doação de si aos vícios.

Os homens que se colocam de joelhos diante dos vícios são escravizados por não saberem mais o que lhes satisfazem e dão suas vidas para viverem as promessas materialistas por isso.

Obviamente, quem chama sexo de amor entende, em parte, o que é benevolência, mas faz a substituição por idolatria exaltando jogos de desejo e satisfação a nível de amor, evidenciando a própria miséria intelectual e moral abominável.

No calor do ato sexual ilícito, dizem amar, mas, tão logo a cobiça lhes é saciada, o suposto amor desaparece.

Há categorias inatas que conduzem para a preservação e para a manutenção da vida em tudo o que é vivo e o amor verdadeiro é algo essencial em nossa espécie. Fato esse evidenciado na fragilidade de um bebê, uma das criaturas mais frágeis que necessitam de cuidados (amor), por isso, sem o amor, na forma como recebemos de Deus, ou seja, o amor como benevolência, a raça humana não sobreexistiria.

Fomos feitos para amar e ser amados, contudo, obviamente, o animal mais vicioso de todos é capaz de confundir compulsões e vícios com a própria natureza elevando o vício a nível de sentimentos mais nobres.

Com a verdade determinada por Deus não há relativismo. Quando um cristão fala de amor, ele se refere a doação de si em prol do bem do outro, ou seja, de benevolência. Amor é a dedicação da mãe que cuida desde o ventre e do pai que dá sua vida por eles.

Existem afeições focadas na beleza, no caráter e na inteligência e nenhuma delas deve ser confundida com o amor, pois o amor não é satisfação ou cobiça. Muitos pecam na dialética quando criam essas confusões, pois Deus é amor e colocar qualquer coisa no seu lugar é idolatria. Vejamos o que diz São Paulo a respeito da cobiça e da idolatria às paixões:

> “Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria.” (Cl 3, 5)

O alimentar da cobiça ou do desejo sexual não possui relações com o amor, mas com a idolatria. O sexo é das coisas que mais assimilam perversões por ser parte essencial do instinto que nos faz permanecer originando filhos e, devido a isso, vende-se sexo conjugado a praticamente tudo.

A cobiça tem contaminado o mundo de forma violenta, pois, no convívio social, muitas pessoas que não possuem a capacidade de desenvolver critérios de vida têm assimilado os costumes alheios imitando o que é considerado moda.

O signo ‘amor’ tem aceitado uma enorme carga de significados, contudo, o verdadeiro é o que foi dado por Deus, pois Deus é amor na forma de benevolência que leva à prática da caridade, leva a sempre tentar fazer o bem no mundo.

O amor verdadeiro, no homem, é aquele que cede sem esperar receber em troca, aquele que faz o eu negar a si mesmo se esvaziando e permitindo o agir de Cristo em si.

XV - A RIQUEZA, A MISÉRIA E A FÉ

No período que passou nossos Senhor em Nazaré, uma parte dos mais ricos, se dedicava aos vícios propiciados pela riqueza e se esqueciam de amar, assim como ocorreria em qualquer parte do mundo e em qualquer período. Esse fenômeno é comum entre os ricos materialistas que associam a posse material com a qualidade de ser virtuoso, ou seja, confundem beleza, sabedoria e força com a riqueza, o que os leva a crer que, por serem ricos, ou terem mais posses que a maioria, nada lhes falta a acrescer e, devido a isso, não necessitam ouvir a Cristo que se torna desprezível para eles.

O filho do Criador do mundo não se sujeita ao material e, por isso, fez voto de pobreza indo passar sua infância no local onde nasceu sua mãe, na pobre Nazaré que carecia de muitos recursos básicos. Ele não possuía paixões mundanas e requereu posteriormente que todos os que o seguissem no sacerdócio real fizessem o mesmo voto de pobreza.

A pobreza é tida por Cristo como um mal do qual se pode obter um bem superior, mas se consolidou, no conhecimento popular, em todos os séculos, a idéia de que a pobreza atrai feiúra, malignidade e ignorância, por isso, pensava Natanael que alguém sábio como Cristo não poderia vir da miséria de Nazaré quando trouxe o seguinte questionamento: “Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?” (Jo 1, 46)

Cristo foi como a luz da capital de Israel, onde viveu sua infância como homem simples e digno. Ele poderia ter transformado areia nas maiores riquezas, o que o levaria a ser adorado e tomado por sábio pela maioria, mas, se o fizesse, não seria um com o Pai que fez este mundo da melhor forma possível.

O Reino de Deus não é deste mundo, por isso, quando Deus convidou o mancebo rico para o sacerdócio, ou seja, para uma vida de dedicação exclusiva ao Reino de Deus, requereu que ele doasse seus bens aos pobres, pois ele não poderia se dedicar ao Reino de Deus e aos negócios. O mesmo pedido, certamente, não seria feito para um leigo que Cristo não quisesse ordenar, porém, muitos confundem e pensam que as ordens, chamados e bênçãos presentes nas Escrituras são para todos.

Todos os discípulos fizeram voto de pobreza, de dedicação exclusiva ao Reino de Deus, por isso, com o tempo, o celibato do sacerdócio real não permitiu mais homens casados celibatários pela lógica de que o casado cuida da família, o que não possui relação com a prática sexual, a princípio, e sim somente com a dedicação, com o foco das primícias do amor. Negar a si e viver exclusivamente para Deus é a regra do sacerdócio.

Em Nazaré, no tempo de Cristo, ser rico era exceção e Cristo consolou os pobres ao falar das dificuldades dos ricos se salvarem. Ele fazia uma leitura contextualizada, pois qualquer um cai em pecado estando na riqueza ou na pobreza, porém eram os ricos que não aceitavam as suas palavras.

Qualquer pobre da nossa atualidade possui mais riqueza que um rico do período de Jesus em Nazaré, sendo assim, estaríamos nós todos perdidos? A salvação relativiza junto com a relatividade da pobreza? É evidente que não.

A qualidade da vida de um indivíduo não lhe propicia melhoria da fé, assim como uma grande miséria também não.

O homem mede sua riqueza pela riqueza de seu próximo e esse fato anula a ligação direta entre pobreza e salvação.

O que não muda nos ricos e nos pobres é a soberba, o que evidencia que o problema está na forma como valorizamos a palavra de Cristo.

É fato que foi o definhar trazido pela dor e pela miséria que fez com que muitos como a mulher do fluxo de sangue e o cego de Jericó buscassem a Cristo por um milagre.

As buscas por Cristo, em sua maioria, foram fruto do estado miserável em que os indivíduos se encontravam. Estado que os fizeram reconhecer a necessidade de buscar a Deus quando tudo lhes foi tirado, os fazendo sentir às portas de perderem suas vidas. Esse estado de miséria desfaz a soberba da maioria de nós.

Pelo fato de o rico poder sanar uma parte de suas necessidades, ele tende a buscar a solução terrena e rejeitar a do Reino de Deus.

Muitos ricos observam com desdém os portadores da cruz, pois a "riqueza" pode iludir e levar o homem a pensar que sabe tudo e que pode tudo. Nesse caso, se concebe a riqueza como dignidade e os que pensam assim são perdidos que não aceitam o senhorio de Cristo por somente perceberem autoridade no poder do dinheiro.

São os egos inflados e cheios de si que questionam a autoridade de Cristo.

Há mais de mil e quinhentos anos após a declaração de Cristo a respeito dos pobres e dos ricos, São Luiz de Maria Grignion de Montfort teria a mesma conclusão sobre eles. Vejamos como isso se apresenta:

> "... falo sobretudo aos pobres e aos simples, pois são de boa vontade, possuem, usualmente, mais fé que os doutos, e crêem com mais simplicidade e merecimento. Assim, contento-me em atestar a verdade de modo pleno..." (Montfort, 1842)

Assim como o Senhor Jesus Cristo, Montfort percebeu mais boa vontade e fé nos pobres, o que não implica dizer que todos os ricos tenham posturas contrárias e nem que todos os pobres são melhores que os ricos.

Qualquer pobre pode se sentir dotado de grande riqueza ao buscar e adquirir algum deleite e rejeitar as boas feições e o amor.

Esses são os ricos seguindo a semântica da fé.

Os que agem por amor verdadeiro são poucos e esses poucos são os pobres que ouviam o Senhor.

Um homem com algum poder aquisitivo, ignorante à verdade da fé e preocupado com o material pode ignorar a necessidade da salvação, mas isso é particular do indivíduo.

O justo continua fiel independentemente de suas condições, pois *aquele que é fiel nas coisas pequenas será também fiel nas coisas grandes e quem é injusto nas coisas pequenas, sê-lo-á também nas grandes."* (Lc 16, 10)

Não existe uma ligação lógica entre ser rico e ser pecador, mas, havia, certamente, uma elite de ricos desonestos, no tempo de Cristo, e era a essa elite a referência das críticas. Provavelmente eles pensavam saber de tudo, tratavam com desdém os de origem pobre e não ouviam Jesus Cristo.

Certamente, parte representante dos ricos de Nazaré não era humilde o suficiente para reconhecer Cristo e foi desse fato que se originou o discurso de Cristo em prol dos pobres, pois eram os pobres que buscavam a Ele com humildade, assim como os doentes.

Os pobres ouviam Cristo com esperança de obter êxito no seu reino e os ricos o ignoravam por considerarem possuidores de tudo o que era possível. Ambos sentiam em vida a maior parte das aflições comuns, mas uma parte dos ricos valorizava e se dedicava aos bens desprezando Deus até seus últimos momentos de vida.

Na pobreza e na riqueza existe a possibilidade de desenvolver padrões degradantes de comportamento.

Por ser vicioso, o homem pode procurar compensações quando está na miséria ou cair em pecado em meio as muitas oportunidades advindas da riqueza.

Ter mais, quando caridoso, ou menos bens não nos imputa pecado, o que salva o homem ou o faz se perder não é sua pobreza

ou riqueza e sim a negação diária do senhorio de Deus, um pecado praticado por ricos e pobres soberbos.

A vida abastada sempre atraiu vícios e isso pode ser percebido nos exemplos da Babilônia, da outra Babilônia do oriente (Jerusalém) e da Babilônia do ocidente, pois eram lugares ricos para os padrões de seus tempos e extremamente corrompidos moralmente.

Com o passar do tempo, tornou-se mais fácil o acumulo de bens e isso proporcionou a possibilidade de todos se viciarem mais nas perversões mundanas, como ocorreu com muitos que podiam se viciar mais no período Idade Média e no momento posterior ao progresso trazido pela alta cultura da Igreja Católica. Fato é que em todos os períodos existia quem exaltasse os prazeres a nível de um deus.

Tudo o que é colocado no lugar de Deus nos afasta dele, sejam nossos vícios na riqueza ou nossos pecados ao tentar compensar a pobreza. O verdadeiro cristão, na miséria ou na riqueza, sempre coloca Deus em primeiro lugar, cumprindo o primeiro mandamento na pobreza de espírito.

Nosso Senhor nos elucida isso ao dizer que o Reino dos Céus é dos pobres de espírito. Vejamos como isso se apresenta:

> “Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus!” (Mt. 5, 3)

Um coração pobre é aquele que é capaz de reconhecer a verdade em Cristo, é aquele que não se ensoberbece concebendo a própria razão maior que a de Deus ao observar sua riqueza terrena comparada com a pobreza vivida por Cristo, tomando os próprios vícios como o que forma a verdade da vida, ou seja, como seu deus, o que o levaria aos excessos.

Há pobres capazes de acumular e idolatrar não somente riquezas. Há pobres e ricos que fazem coleções de itens imprestáveis que são colocados no lugar de Deus.

O que Cristo disse sobre os ricos nos traz uma mensagem clara. Ele disse para não buscarmos o consolo da riqueza e sim a comunhão com Deus.

XVI - ENGANO E PERVERSÃO

Quando se analisa algo viciado por algum artifício para causar dúvidas, se está diante de uma grande raiz de possibilidades que tendem a conduzir a enganos, mas quando se analisa indo às fontes verdadeiras, as possibilidades se desfazem e ocorrem restrições de possibilidades que podem indicar um único caminho.

Todo vicio deve ser passível de crítica e o respeito à opinião, como se o respeito fosse essencial, é uma das barreiras para se chegar à verdade. Devemos respeitar as pessoas e não suas opiniões que podem ser fruto de distorções da realidade.

Evidenciar males não é ofender seus praticantes. Quando não criticar ou ofender ofende a Deus, não criticar ou não ofender é um pecado contra Deus.

Obviamente, muitas são as pessoas que projetam realidades desejadas e adequadas às suas inclinações, por isso, há muito mais ritos para o demônio do que para Deus, pois são muitos os caminhos para o demônio, por ele ser engano e o caminho para Deus é um só, por ele ser a verdade.

Todos nós somos pecadores, mas existem aqueles que adoram o mal ao o exaltarem como se ele lhes desse a personificação do ser, por isso, não se deve ter concórdia (amizade) com os que se definem pela perversão ou pela iniqüidade. Não se deve ter amizade ou negócios com os que idolatram males elevando-os a nível de comportamentos louváveis.

É possível comprar idéias enganosas, pois o tolo aceita o caminho alternativo por mais absurdo que seja, desde que ele não convirja na razão de Deus.

O insensato percebe que algo lhe desagrada na alma, mas deseja praticar o mal por possuir a idéia de que não consegue viver sem a perversão.

Mesmo quando não comprarmos as idéias perversas, elas podem interpor em costumes na nossa mente por suas numerosas ofertas.

Muitos compram a felicidade onde ela não poderia ser comportada e ocultam os reais motivos perversos da forma mais miserável possível para poderem seguir em engano como se o engano fosse verdade, uma verdade que muda a depender do indivíduo.

Quando jovens, pensamos muito sobre o que nos irá acontecer e é nesse período de passividade que antecede a maturidade onde os homens de verdade passam a tomar o trabalho como necessário. Nesse período, o homem pode desviar o pensamento da verdade, assimilando diversos destinos e ocupações que podem perverter seu caráter, pois ele não o formou completamente.

Como um depósito que pode receber todos os vícios e apetites ruins, os incautos podem receber muitas influências perversas, por isso é importante uma educação galgada na verdade.

A verdade é difícil de encontrar. Falar sem adequação entre signo lingüístico, carga semântica, referente e circunstância é comum entre os perversos que desejam viver no engano.

Esse tipo de inadequação pode ser desenvolvido para perverter conceitos e elevar os vícios a níveis superiores, sobrepondo qualquer valor básico importante, de modo que seja possível falar falsamente com alguma verdade.

Os grandes filósofos da antiguidade que tratavam da busca da verdade e da virtude entendiam que era possível usar argumentos para falar falso, de modo que, caso não houvesse a observância de todas as regras de felicidade interpretativa, chegariam a conclusões errôneas pensando terem encontrado a verdade.

Não existe mentira absoluta nesta realidade. Sempre, na mentira, existe a verdade como base, pois toda mentira cria uma inadequação que estima ser aceita e não ser detectada.

O discurso de um enganador que deseja se blindar e que usa as afirmações de seu interlocutor contra ele, por exemplo, deve estar repleto de inadequações, como se pode notar no exemplo do diálogo *Eutidemo* de Platão:

> - Concordas que os nobres e bons dizem as coisas tais como são? – Concordo. – Logo, Ctesipo, disse ele, os bons dizem mal das coisas más, se realmente as dizem como elas são. – Sim, por Zeus! Disse ele (Dionisodoro), e muito, pelo menos dos homens maus. Entre os quais tu, se me ouvirdes, te guardarás de estar, para que os bons não falem mal de ti. Pois fica sabendo que os bons falam mal dos maus. (Platão, *Eutidemo*, p. 69)

O que Dionisodoro plantou no intelecto de Ctesipo foi que eles, Eutidemo e Dionisodoro são os bons e que ele deveria medir as próprias palavras ao lidar com eles.

Os sofistas dissertavam sobre a importância de dizer as coisas como elas são em paralelo ao engano que tentavam imputar em Ctesipo para que ele não buscasse a desaprovação deles, Eutidemo e Dionisodoro, ou seja, influenciavam a Ctesipo para que ele não lhes questionasse de forma ofensiva e que somente lhes questionasse para saber sobre algo.

Nesse caso, o engano está em considerar ou aceitar, para gerar o efeito de tornar os irmãos inquestionáveis, a idéia: Eutidemo e Dionisodoro são bons e eles falam mal dos maus.

Isso poderia tornar os irmãos inquestionáveis em tudo ou bons em tudo como na idéia plantada.

Que razão manteria e garantiria que sempre falem mal dos maus?

Muitos concordam que os bons falam mal dos maus, contudo, os irmãos se utilizarem como personificações dos bons é

um artificio para gerar o efeito de lhes blindar contra questionamentos e críticas.

Nas ideologias, fenômenos abomináveis podem ser tomados por imaculados.

Vejamos um trecho onde existe uma reflexão sobre inadequação retórica nas circunstâncias:

> “Parece-te ser possível falar falso? – Sim, por Zeus!, disse ele, se não estou louco, pelo menos. – Dizendo a coisa sobre a qual é a fala, ou não a dizendo? – Dizendo, disse ele. – Então, não é?, se realmente quem fala diz isso, não diz outra coisa, entre as coisas que são, senão essa precisamente que ele diz. – Como poderia <dizer outra coisa>, disse Ctesipo? – Mas aquilo que ele diz é uma das coisas que são, separada das outras. –Perfeitamente. – Então, quem diz aquela coisa que é, di-la, não é?, disse ele. – Sim. – Entretanto, quem diz uma coisa que é e coisas que são diz a verdade.” (Platão, *Eutidemo*, p. 67-69)

Algo pode ser e ser de alguma forma, o que explicita que é importante a adequação da coisa à circunstância correta.

Nessa realidade, muitos fenômenos não podem ser explicados de modo simples cumprindo com todas as regras de felicidade necessárias para que haja entendimento sem dúvidas.

Reconhecer a verdade não é possível para todos, principalmente para os mais ignorantes, o que faz a maioria de nós passível de ser induzida a erro, seja ele recebido em sociedade ou em favorecimento próprio.

Felizmente, temos a santa igreja para levar os valores da vida cristã para todos, contudo, muitos são os que não ouvem a Cristo.

O homem pode tomar uma posição cômoda e usar critérios morais baseados em favorecimento próprio, o que geralmente acontece quando não se toma Deus como o definidor do bem e do mal. Ele pode formar conclusões baseadas nas próprias paixões e abraçar a ilusão como verdade e pode, inclusive, comprar idéias errôneas, pensando estar indo para o paraíso quando está descendo ao abismo, indo ao encontro da danação eterna.

O critério do prazer

Sob determinadas condições, dependendo da massa e das forças envolvidas, pode-se falsamente relativizar muitas coisas, então, para ser assertivo deve-se expor valores de condições sobre as análises para não haver falta com a verdade nas constatações dos fenômenos, já que os fenômenos podem ser outros em condições diferentes.

Nas constatações, usamos critérios que podem mudar. Quando constatamos que algo é alto estamos usando um critério que compara elementos semelhantes, pois algo é alto em relação a outra coisa e quando não encontramos outros elementos para comparar, no caso de coisas únicas, usamos a nossa pessoa como referente.

Uma inadequação nas circunstâncias pode ser usada para a desonestidade, para enganar fazendo com que se perca a noção da realidade.

Muitas coisas podem ser relativizadas, mas questões que foram definidas por Deus não.

Aquele que pratica o bem trabalha dentro da verdade de Deus.

O bem, o mal, a moral e a virtude dependem de um definidor, ou seja, daquele que criou tudo para que haja a definição correta. Não se pode encontrar em nenhum outro a verdade.

Quando Deus criou o mundo e o que há nele, considerou tudo bom, portanto, devo entender que Deus fez da melhor forma possível.

Em constatações, de análise à conclusão sobre o mundo, ao observar os fenômenos sem critérios morais, pode-se concluir que não há coisa alguma má nele. O maligno no homem somente pode ser constatável por intermédio de uma consciência. Se não há

consciência ou se há pouca empatia com o próximo, pode-se relativizar o mal ou dizer que ele não existe.

A falta de empatia e, conseqüentemente, de amor, faz com que o indivíduo ignore a importância da moralidade cristã em sua sociedade, mas isso é um engano que dura até o prejuízo chegar. Ocorre que, sem o critério moral, não existem valores morais que influenciem o indivíduo a ser cândido e justo e essa falta moral não faz vítima fenômenos que não podem desenvolver auto reconhecimento e sim consciências. Disso se pode concluir que, sem a moral, não há bem verdadeiro.

Mesmo os que matematicamente tomaram conclusões sobre as necessidades sociais estão errados se o critério moral cristão não for observado, pois nada obriga o indivíduo a ser cândido e justo.

Como seres atuantes e modificadores desta realidade, podemos ser bons ou maus. Essa verdade deve ser observada sempre para que haja o aperfeiçoamento da prática do bem, pois, se Deus criou um mundo com aflições, foi para que tivéssemos a chance de poder servi-lo fazendo uso de nossa liberdade, observando a verdade da Vida.

Não existe sociedade justa ou verdadeiramente próspera sem a educação cristã, pois não traria alentos verdadeiros sem paz interior.

A aceitação do senhorio de Cristo determina Deus como definidor da verdade, por reconhecimento de que Ele é a verdade.

Em Cristo se baseiam os critérios que tiram o homem da condição animal, por isso, quando Ele não é aceito como é, perde-se a noção de verdade, o que é certo e o que é errado sofrem relativismo e o prazer torna-se a base para os critérios, ou seja, se não há base moral definida por Deus, tudo o que apraz é correto, pois o indivíduo simula ser o próprio deus, por ter excluído o definidor da moral de sua vida e necessita preencher o lugar dele com algo.

Uma sociedade babilônica pode ser considerada rica financeiramente, mas certamente estaria cheia de viciosos infelizes.

Perceber os fenômenos e possibilidades como vantagens sem possuir um critério definido por Deus é um dos princípios do desamor.

Não é certo relativizar o bem, o mal ou qualquer fenômeno definido pelo Criador, pois, uma vez que se faz isso, se coloca o eu no lugar de Deus, além de ignorar o seu senhorio.

Somos a raça mais viciosa. É notável a bestialidade certa daqueles que vivem os valores mundanos que os mantém piores que os animais por sermos mais aptos aos vícios.

Ódios anônimos, paixões partidaristas, agires sem sentido contra os diferentes, vitimização de terceiros, irritabilidades sem sentido, redirecionamento de ódio e outros vícios são alguns exemplos de males que acometem os que não vivem na verdade.

Os “cristãos” viciados podem odiar seu próximo e praticar caridade para terceiros com o intuito de compensarem a falta, cumprindo apenas um rito caridoso por idealismo e não por amor.

Já se baseiam e se justificam práticas humanas bestiais pelo número de ocorrências delas entre os animais. Isso ocorre porque o caráter individual está na busca de um estado de irracionalidade.

O bestializado somente vive para gozar a vida e faz suas escolhas baseadas na proporção do prazer.

A heresia possui uma intima ligação com o uso do critério pessoal baseado no prazer, por não haver reconhecimento do senhorio de Cristo, por ter como base a escolha, ou seja, a interpretação pessoal da fé.

Se o indivíduo pensa que seu vício não é pecado, quando a Igreja Católica diz que é, está negando Deus, e se ele tenta influenciar outros a conceberem o vício da mesma forma, ele é herético por não considerar parte do depósito da fé quando lhe convém.

O satanista Anton Szandor Lavey relativizou o bem e o mal, tal como fizeram e fazem todos os que tomam o demônio por pai, quando reafirmou dizendo que *o que é bom para você pode não ser bom para mim e o que é bom para mim pode não ser bom para você,* estendendo essa noção para qualquer fenômeno no mundo.

Muitos percebem verdade nas palavras de Lavey por afinidade à sua ideologia de vida, por não aceitarem que Deus determine seus valores e por não possuir prazer na verdade do Senhor.

Logo dizem os insensatos, em seus íntimos, que não permitirão que outros definam seus pensamentos, pois somente eles são seus deuses, quando estão reproduzindo idéias de outros pensando serem suas.

Sem um Deus vivo, o indivíduo não possui gerência na sua vida e tudo o que ele deseja fazer se torna lícito, assim como na ideologia de Thelema. Se um homem quer servir a Deus, ele deve meditar na sua verdade ou assumir que é seu próprio Deus junto com satanás e aqueles que pensam comandar a própria existência. O homem é tão pecador que ele idealiza a própria queda.

Quando há um afastamento generalizado dos valores que formaram as coisas do modo que são, a bestialidade se torna cada vez mais aceitável nas diversas modas.

Se justifica diversas práticas abomináveis pelo número de ocorrências delas entre os animais irracionais que se deram a perversão nas privações e o ser humano se assemelha a eles nos critérios de agir, ao pecarem contra a natureza divina.

Tudo se justifica pelo prazer e tudo o que impede o prazer ou o vício é considerado ruim, o que fere elementos primordiais básicos da sociedade como o trabalho e a família.

Um novo esclarecimento sobreveio sobre as pessoas e nele a mulher não é mais percebida como a companheira respeitável, mas como uma fonte de prazer descartável.

Em culturas bestializadas, a relação entre homem e mulher se torna cada vez mais frágil, podendo ser desfeitas por futilidades na busca da felicidade individual, pois é o prazer o que importa na relação que não é tida mais como sagrada, assim como foram idealizadas as uniões entre dois seres na Church of Satan, para sobrepor o casamento, que consistem em apenas uniões seladas por um rito inválido onde dois seres trocam alianças de prata e esclarecem, no altar do demônio, que, quando um não desejar mais estar com o outro, está desfeita a relação.

Essa relação satânica é a mais praticada no mundo que observa cada vez mais o amor aos filhos como um fardo ruim, apesar de o satanismo não ter a mesma popularidade.

O homem se afunda cada vez mais na degeneração comprada como esclarecimento, nos desejos de satanás.

Se, para um homem sem Deus, o prazer é a verdade, ele é também êxito, pois há uma migração do conceito de êxito que naturalmente está ligado a realização na natureza humana. Assim, os êxitos e os prazeres idealizados se tornam um fenômeno único no caminho de engano dos bestializados, o que torna o prazer ou bem a si como êxito ou a graça dos deuses ou a graça do único Deus quando imanentizada a verdade religiosa.

O caminho do tolo

Os indivíduos que buscam o antagônico tendem a definir uma busca comum e diferente, logo, se a sociedade cultiva o bem e o belo, eles cultivam o mal que pode ser praticado de modo simulado, tratando-se apenas de um pedido de socorro expresso em vestes alternativas, fedor, piercings, tatuagens, estilos musicais, cultura diabólica, exposição da sexualidade, ideologias, *etc.*

Isso é tanto verdade que, quando consultado sobre o motivo de ter criado sua seita, o criador da Church of Satan contou uma história particular de frustração com o mundo e, em seguida, falou dos pecados de muitos para se auto justificar.

Um indivíduo perverso que tenta expressar para os outros um comportamento alternativo nada mais é que um ser clamando para que alguém haja como os pais que ele não teve, lhe auxiliando e corrigindo os erros, mas pode ser tarde para uma correção.

É produto de mentes cansadas, aborrecidas com as aflições do mundo e incapazes de raciocinar corretamente, pensar, diante de uma frustração, que o que se concebe como oposto é o melhor. Quem pensa por antagonismos não necessariamente ama a aquilo que defende, mas o faz como protesto ou oposição a aquilo que tomou como causa da frustração.

A busca do indivíduo pelo oposto é um tipo de idealismo que corre fora da natureza humana, por isso, não há busca sincera. Estamos tratando de um ser que grita em seu íntimo para que olhem para ele e o ajudem.

Como não há êxito suficiente para si, os símbolos e signos lingüísticos servem para representar o sucesso individual, então, pensa o indivíduo que toda sua miséria interior é substituída pela assimilação de alegorias presentes nas coisas que ele defende, ou seja, em suas tatuagens, na estampa de suas camisas ou em qualquer meio cosmético usado, até mesmo argumentos falaciosos

ou ideológicos para a auto justificação, mas, obviamente, isso não é uma regra.

Quem se propõe a se marcar pelo alternativo ou por aquilo que considera valoroso sem assimilar o bem no seu interior expõe sua miséria interior para aqueles que realmente entendem os transtornos comuns.

A defesa do bem ocorre de modo diferente, pois ela não serve a si, quando não é usada por vaidade ou simulação. Ela serve de bom exemplo para os outros. Dessa forma, as manifestações de defesa do bem e do mal se distinguem, embora a busca pelo mal por meio de alegorias seja falsa.

Ocorre, entretanto, que, devido a banalização do ridículo, a busca por valores opostos ou alternativos se popularizou, os transtornos mentais se tornaram comuns de modo que, na atualidade, é possível se envaidecer defendendo o abominável, resultando em uma cultura que faz questão de mostrar falta de pudor, uso de drogas, sexo livre e ausência de Deus nos atos como se fossem coisas naturais e provedoras de certo bem, contaminando a muitos com um tipo de imbecilidade. Usam o vício como aquilo que os define para sociabilizar e mantém uma certa estabilidade nas perspectivas do mundo, inclusive nas idéias que ferem a verdade. Isso pode se manifestar de muitas formas, em vários níveis e na maioria dos indivíduos.

Grande pobreza e falta de critério há nos que ostentam com orgulho qualquer coisa que não seja do Reino de Deus.

Místicas não cristãs

Ele nos deu liberdade, contudo sua permissão não pode ser percebida como um poder que não flui de Deus, por isso, devemos perceber o mal como permissão e não como um poder opositor ou equivalente.

Nada pode se opor a Deus. O diabo é sempre apresentado nas Escrituras como tendo permissão de agir. Isso ocorre porque ele não possui poder algum, mas possui o agir permitido por Deus de modo limitado dentro do mal necessário que existe no mundo para a nossa perspectiva.

Toda idéia que se opõe ao fato de que Deus é todo poderoso possui origens não cristãs.

No ocultismo, acredita-se em poderes e coisas que existem sem uma razão cristã, ou seja, poderes apartados de Deus. Crê-se em um mundo místico independente de Deus, como se ele propiciasse muitas possibilidades sobrenaturais para se descobrir.

É do ocultismo e do maniqueísmo o costume de atribuir poder ao diabo ou equivalência de poder entre Deus e o diabo, também onde nascem diversas heresias e enganos, por não ter como certa a interpretação da Igreja.

Esse mal provê o culto ao demônio, a magia e o espiritismo.

Nos enganos, se crê em ações místicas e poderes que obedecem a uma razão própria, se ignora Deus e se toma o rito como propiciador do bem, assim, um deus agiria pelo cumprimento de um determinado fenômeno como um servo ou um poder a mercê de alguma razão estranha. Um deus condicionado as ações e desejos humanos seria coerente com essa linha de pensamento.

A dialética cristã contaminada por esses valores considera uma defesa cristã dizer que Deus é mais forte que o diabo, quando, nessa expressão, se está atribuindo independência ao agir do diabo

e um certo grau de equivalência de poder entre o opositor e Deus, quando, na verdade, o que o opositor possui é permissão limitada, assim como todas as coisas criadas. Quem se expressa dessa forma, na defesa de Deus, está com o intelecto contaminado por raízes ocultistas e maniqueístas.

Nas Escrituras, quando Deus permite o agir de satanás sobre Jó de forma limitada, se trata de uma explicação para seres humanos entenderem, pois, a verbalização humana é limitada na expressão da verdade transcendente.

Deus não permite o mal por uma aposta com satanás, como se satanás merecesse algum respeito.

No pensamento cristão galgado na verdade, Deus é a única fonte de poder que cria tudo e dá alguma permissão para os elementos de sua criação, assim, o diabo é elemento da criação que não possui poder e sim permissão.

É compreensível que, nesta realidade material, sem a devida educação, se mantenha um certo nível de ignorância, por isso, não deve o homem considerar suas razões a mesma razão de Deus.

Nossas razões somente convergem na razão de Deus quando temos seu conhecimento e contribuímos com seu reino, ou seja, quando fazemos sua vontade.

Se Deus criou todas as coisas, inclusive o que, posteriormente gerou o mal aparente, nada poderia existir apartado dele ou fora de sua permissão como no ocultismo, onde se acredita em gestos, palavras místicas, simpatias e oferendas entre outras coisas que representem o crer em um poder apartado de Deus. Nesse caso, o rito se apresenta como propiciador de poder ou como uma barganha com alguma força mística ou com o demônio.

Por tanto sonhar com um Deus subordinado aos desejos humanos é que o homem diz que sua vontade é a vontade de Deus, inclusive o mal que se gera.

É fato que qualquer rito em prol do mal alheio nunca obteve eficácia. Tudo é ilusão e auto-engano. Os únicos prejudicados pelos ritos malignos são aqueles que se prostituem com eles, pois perdem tempo e envenenam com ódio os próprios corações.

O único mal que acomete o cristão é o mal prático presente em todo homem, mas esse é anulado pela salvação após a morte. Quando se está em Cristo, nenhum mal proveniente de possessões demoníacas alcança o agir.

Quando os demônios se submetem aos santos, estão se submetendo a única fonte de poder que é Deus, por eles, os santos, serem os representantes de Cristo.

Entre os ocultistas e, por conseqüência, entre os protestantes e espíritas, por eles terem a livre interpretação, existe a lei do carma ou lei do retorno que consiste em acreditar que a pessoa má irá sofrer algum castigo físico ou ter um fim terrível nesta vida.

Essa razão mística equivocada nasce do ódio, da inveja e da falta de paz interior do indivíduo que deseja o mal para seu próximo, por Deus não fazer o indivíduo mal sofrer terrivelmente em vida.

Existem alguns pecados que fazem Deus interferir na vida do indivíduo, mas isso não nos dá a certeza da condenação na carne. Certo é que todos irão pagar após a morte, quando julgados e condenados.

Geralmente os que dão fé ao engano da lei do retorno, dão algum exemplo isolado de alguém que não possuía um bom caráter e que teve um câncer ou outra doença, faltando com respeito e ofendendo as boas pessoas que possuem câncer ou outra doença grave.

No espiritismo, essa perspectiva é mais grotesca, pois associam quem possui alguma deficiência ou até mesmo feiúra com à vilania. Existem livros espiritas que expõem claramente uma relação entre o caráter e o recebimento de um corpo melhor na reencarnação. Assim, no espiritismo, se a pessoa nasceu deficiente

ou feia, provavelmente cometia crimes terríveis e possui a propensão a cometê-los novamente.

É uma depreciação horrível promovida pelos ocultistas contra as pessoas que possuem algum problema de saúde. As pessoas que dizem que aqui se faz e aqui se paga, as vezes tem satisfação na desgraça aparente de seu próximo, geralmente mantém uma expressão alegre enquanto fala coisas como: “- A princípio, o câncer havia retirado o movimento das pernas de sua vítima.”

Toda essa confusão e desordem na interpretação da fé é provida pela livre interpretação particular dos ignorantes, por pessoas que se consideraram aptas a opinar sobre a verdade sem observar o que diz a santa Igreja Católica. Esses sentem borbulhar os protestos no coração quando lêem nas Escrituras os momentos em que Jesus ou Estevão perdoam seus agressores, sendo Jesus o nosso Deus e Estevão cheio do Espírito Santo para tanto.

Existe a necessidade de haver respeito à sã doutrina como a única igreja a concebe, sem lhe acrescer razões humanas que levam sacerdotes e leigos a desrespeitar a fé.

Deus quer homens sábios e dedicados aos estudos, pois, em engano, algum sacerdote pode erroneamente difundir místicas que não são baseadas na razão de Deus, místicas estranhas herdadas do paganismo e do ocultismo que somente possuem raízes na terra fértil da ignorância e da desunião com Deus.

A lógica das falsas místicas comumente se baseia em algum rito onde se faz uso de signos lingüísticos da vida cristã e uma ação prática com intenções que nada tem a ver com o serviço a Deus, quando Deus sempre agiu quando quis e não mediante a rito humano como se crê no paganismo.

Obviamente, tais místicas decorrem de tentações demoníacas ou inclinações pagãs e ocultistas que influenciam o homem a olhar para si almejando satisfazer seus intentos e passa a perceber Deus, em parte, como os pagãos percebiam seus deuses ou os ocultistas percebiam suas entidades.

Alguns indivíduos possuem a fé completamente embasada em preceitos ocultistas. Esses desconhecem e não aceitam os males do mundo como conseqüências da vida e podem especular que eles são fruto de agires, posturas místicas ou investidas de outros homens, como se um Deus justo permitisse que um homem maligno e corrompido pudesse realizar um envio de poder místico com o olhar, gestos ou rituais.

Por ser justiça, Deus jamais permitiria algo assim. Mesmo com essa certeza no coração, algumas ovelhas perdidas fazem uso errado de símbolos místicos e realizam ritos que, no conhecimento popular, trazem algum tipo de benesse ou proteção e outros teorizam sobre supostos males trazidos pela inveja ou olhares maléficos. Tais medos e ações não são cristãs.

Para um católico ciente de sua fé, somente existe Deus que pode permitir o mal para que dele possa ser retirado um bem superior.

A perversão do que é místico sempre está conjugada a engano e o engano sempre está conjugado a perversão, formando uma associação indissolúvel pelo fato de um fenômeno depender do outro para existir.

Por todos os enganos expostos, devemos rezar sempre por nossos irmãos, para que não tenham a sanidade perdida e para que vivam sempre na verdade, no doce regaço do Pai.

XVII - TEOLOGIA E MATERIALISMO

Vivemos no mundo material e é justo dar uma amostra prática das manifestações do agir demoníaco no mudo real, na sociedade e na religião.

No espírito individual de cada um, pode existir um domínio do Espirito Santo ou um domínio de satanás que possui uma ligação com o mundo físico por intermédio do agir individual, o que leva a concluir que o serviço a satanás é prático, ou seja, satanás age no mundo por intermédio de seus filhos, o corpo místico de satanás é formado por aqueles que fazem a sua vontade.

Satanás age no mundo de forma prática, matando, roubando e destruindo, sendo assim, qualquer proposta humana que contenha esses fins injustificáveis, foi concebida pelo príncipe das trevas.

Obviamente que os pecados mais comuns como a mentira, o desrespeito e a falta de amor para o próximo são fruto de inspirações demoníacas.

Quando uma parte dos judeus lhe quis matar, nosso Senhor Jesus Cristo disse que seus acusadores tinham a satanás por pai, enquanto falsamente falavam defendendo o suposto privilégio da raça hebréia e a obediência à sabedoria de Abraão, fato esse que corrobora com o que foi dito.

Mesmo os judeus não adorando a satanás como fazem os satanistas, o serviam por seus atos na prática da verdadeira servidão a satanás que se dá por atos contrários a tudo o que Cristo representa.

As honrarias e louvores a satanás nada são sem o serviço prático a ele.

O ocultismo que gera algumas religiões satanistas é fruto de delírios, de insensatez.

A grande verdade por trás da criação das seitas satanistas é o desejo consciente de fazer oposição ao cristianismo, o que não é de propriedade exclusiva dos cultuadores do mal. Fora das seitas, o mal do agir de satanás está na iniqüidade do homem. Seja esse homem nomeado bispo na igreja de Cristo ou em uma seita satânica. Sendo assim, para servir a satanás realmente, é necessário se opor ao caminho da verdade na vida prática.

Entre as pessoas que dizem serem atéias e satanistas, o pouco amor desenvolvido nos seus convívios é semelhante ao amor de muitas pessoas que dizem serem cristãs. Algo incomum é percebido, um incomodo que gera uma aversão às concepções cristãs ou a aquilo que elas concebem como sendo as concepções cristãs.

Muitas são as pessoas que se dizem cristãs e vivem a semear o mal e não amam o seu próximo, quando o cristão verdadeiro ama seu próximo.

Quando um indivíduo se intitula satanista praticante de ocultismo, existe uma possibilidade considerável de se tratar apenas de um infeliz ignorante digno de pena, pois o satanismo não se caracteriza pela adoração ou honra a satanás com os lábios e nem pelo porte de símbolos perversos, mas pelos atos. Isso ocorre porque satanás não é um ser no mundo prático, logo deve haver agir demoníaco para existir satanismo.

O satanismo real é como um modelo de vida perverso onde a permissão de Deus, que deveria ser usada para a bem-aventurança, é usada para propósitos contrários à sua vontade, pois é a oposição real à vontade de Deus que define o maligno.

O satanista verdadeiro mente, engana, desvirtua, destrói e assassina por suas razões pessoais, para adquirir vantagens ou satisfações.

Quão infeliz e miserável é o homem que não medita na verdade de nosso Deus, pois busca incansavelmente a felicidade e a paz onde não pode encontrar.

Anton Lavey fundou a Church of Satan e nela, a vida prática vale mais que os ritos a satanás, contudo, não despreza o suposto poder da *magika,* que envolve crer no poder místico do pensamento positivo e no de determinados ritos.

Anton Lavey se considerava ateu e dizia não acreditar na concepção cristã de satanás ou no que ele pensa ser ela. Para ele, satanás é como uma força animal da natureza que move o homem em seus atos viciosos, sendo assim, os excessos, a luxúria, a busca intensa pelo prazer e o liberalismo que invade o campo da moral, como se não existisse o deus vivo, definem o mover de satanás no homem.

Essa concepção prática de satanás no mundo real evidencia o amadurecimento do satanismo naqueles que sabem que o serviço a satanás existe por obras no mundo real com ênfase na satisfação dos vícios.

Para ser satanismo verdadeiro deve haver prejuízo para o próximo na sua integridade física e moral, também uma oposição a benevolência; para ser satanismo deve existir oposição ao que Cristo representa, tal como a fera que é uma composição do agir maligno do homem associado ao agir de satanás, ou seja, a iniqüidade humana somada a inspiração demoníaca, como um poder dominante sobre os homens que é cultuado como deus, contudo, Lavey nunca fomentou o crime pelo crime e fomentava a vingança.

O que se sucede é o evidenciar da união dos vícios ao agir de satanás nas práticas do mundo. Algo necessário para oferecer uma amostra prática do que é o verdadeiro serviço a satanás na observância das escolhas individuais na vida prática do homem.

Muito além de uma simples escolha

Sendo o homem um animal político, satanás teria de pervertê-lo nesta categoria inata sua também.

Livros da Bíblia como *Baruc* e *Macabeus I* nos dão amostras do quão terrível é ser gerido por homens maus. Deus nos alertou a muito tempo para não termos relações de qualquer tipo com o maligno, principalmente relações de trabalho e negócios.

Permitir o domínio de um poder maligno é a maior causa de sofrimento que acomete a humanidade, mas aparentemente uma parte de nossa sociedade perdeu a noção disso e pensa que o demônio se apresentará antes de agir quando, na verdade, ele está presente em todos os praticantes de iniqüidade.

Se observássemos os conselhos de nosso Deus, jamais elegeríamos iníquos para nos governar ou os traríamos para participar de nossas vidas privadas.

Devido a banalização do mal, os povos deixam de exigir que as pessoas sejam cândidas, o que torna os iníquos comuns e aceitáveis.

Se não se cria distinção entre bons e maus, o mal se consolida sem que haja percepção de si para os outros, gerando uma sociedade incapaz de se auto educar, uma sociedade que promove a própria destruição que se apresenta como salvação.

Quando um homem mau adquire o poder de dominar um povo, ele tende a disseminar todos os seus vícios e a verter a sociedade em um meio para o cumprimento de seus intentos. O mal somente governa para si, por isso, tudo nesse tipo de governo caminha para a ruina.

Iníquos nunca foram bons administradores, pois não conseguem administrar a própria vida.

Se atentássemos a nunca eleger homens de moral duvidosa e a eleger sempre homens cândidos, a própria classe dos eleitos se policiaria.

A maioria é ignorante, alienada ao mal a sua volta e sofre por falta de sabedoria.

Muito nos alertou Deus para não termos negócios e nem alianças com homens maus. Vejamos como isso se apresenta nas Escrituras:

> “Desses reis originou-se uma raiz de pecado: Antíoco Epífanes, filho do rei Antíoco, que havia estado em Roma, como refém, e que reinou no ano cento e trinta e sete do reino dos gregos.
> Nessa época saíram também de Israel uns filhos perversos que seduziram a muitos outros, dizendo: Vamos e façamos alianças com os povos que nos cercam, porque, desde que nós nos separamos deles, caímos em infortúnios sem conta.
> Semelhante linguagem pareceu-lhes boa, e houve entre o povo quem se apressasse a ir ter com o rei, o qual concedeu a licença de adotarem os costumes pagãos.
> Edificaram em Jerusalém um ginásio como os gentios, dissimularam os sinais da circuncisão, afastaram-se da aliança com Deus, para se unirem aos estrangeiros e venderam-se ao pecado.” (1Mc 1, 11-15)

Em toda a história da humanidade, ter relações com algum poder maligno sempre trouxe a ruína.

No exemplo do livro *I Macabeus*, uma parte do povo escolhido percebeu que poderia ter alguma vantagem se prostituindo com as práticas pagãs, negócios e gerência do grande poder dominador que a cercava.

Essa parte dos filhos perversos de Israel não possuía compromisso com Deus e fizeram por se prostituir com o domínio

maligno sem hesitar, ao perceberem a promessa de vida melhor sob o domínio do rei poderoso sem valores comuns entre os escolhidos.

O homem é um ser político, por isso, ele não pode estar alienado a política[52] e nem ser negligente. No passado, esse requerimento era mais evidente, pois se caia em desgraça muito mais rapidamente que na atualidade.

Os tiranos, na atualidade, vão estabelecendo seu mal aos poucos, o que leva, muitas vezes, à perda da noção de importância de conservar determinados valores essenciais.

A Igreja nunca foi alienada a política e sempre tomou posturas que prezavam pelo bem das pessoas, o que a levou a ser combatida severamente.

O Senhor gravou em nós o conceito de bem e de mal, por isso, mesmo aqueles que se dizem enganados, sentem que, ao praticar a iniqüidade, estão, de alguma forma, ofendendo a si, ao próximo e a Deus. O mesmo sentimento vem sobre todo homem que se omite deixando de fazer o bem quando sabe fazer.

No evangelho de São Mateus existe narrada uma separação entre dois grupos distintos baseados em suas práticas terrenas. Vejamos como isso se apresenta:

> “Então o Rei dirá aos que estão à direita: - Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Voltar-se-á em seguida para os da sua esquerda e lhes dirá: - Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos.” (Mt 25, 34, 41)

Precisamente os que estão à esquerda são os não arrependidos, aqueles que continuaram a pecar contra o seu próximo negligenciando o auxílio na necessidade, que idolatraram governos e governantes em detrimento de Deus.

As palavras antagônicas ‘direita[53]’ e ‘esquerda’ são usadas nas Escrituras para definir o caminho do bem e o caminho do mal. A palavra ‘direita’ possui carga semântica de correto, reto e bom. A palavra esquerda é usada para definir o caminho alternativo onde se pratica e se defende o mal ostensivamente.

Os signos lingüísticos usados para definir lados opostos são arbitrários, mas suas cargas semânticas não. O conteúdo dos signos ‘direita’ e ‘esquerda’ são universais.

Quando São Estevão viu o céu se abrir, Cristo estava à direita de Deus, pois Cristo é o definidor da verdade.

A vida cristã não se limita a igreja física e os frutos do amor de Deus estão atrelados às nossas práticas diárias que determinam se estamos à direita ou à esquerda de Deus.

Estar à direita de Deus não é uma referência a alguma ideologia política. Escolher estar à direita de Deus não é uma simples escolha de lado onde se preza por uma postura vazia. Escolher a direita é agir corretamente, por amor ao próximo e a Deus sobre todas as coisas. Se entregar a Deus está muito além do ato de fazer apenas uma simples escolha.

Obviamente, se Deus deseja que o amor (benevolência) seja a base das relações humanas, deve ser o contrário o que deseja o opositor.

A teologia da libertação

Entendo que muitos desejem conflitar por amor à discórdia e, para tanto, consideram por verdade os conceitos trazidos pelos que estão à esquerda de Deus.

Para muitos sem fé, aquilo que desejam crer somente faz sentido se houver o antagônico para que, no conflito, se definam lados e possam *jogar*[54] dentro de um deles fora da realidade do mundo.

Obviamente esse fingimento no agir é uma fuga da realidade semelhante em muitos aspectos aos falsos combates mais observáveis nos filhotes de animais, pois, diante do novo tipo de conflito, como animais irracionais, os ideólogos procuram desenvolver uma precaução para uma ameaça futura e desenvolvem o falso combate que contamina o real para tanto, por motivos muito difíceis de definir.

No mundo real a luta contra o engano, que não deve ser confundida com agires no mundo real, está no seu anular pela verdade.

O que devemos fazer contra o mal no mundo real é anular os seus enganos por intermédio da verdade, assim como fez Joseph Ratzinger que definiu o que deveria ser a teologia da libertação. Disse Ratzinger que ela deveria separar a Igreja dos caminhos enganosos do mundo com suas ideologias materialistas. Vejamos como isso se apresenta nas palavras do mesmo:

> A libertação é antes de tudo e principalmente libertação da escravidão radical do pecado. Seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça. Ela exige, por uma conseqüência lógica, a libertação de muitas outras escravidões, de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do

> pecado e constituem outros tantos obstáculos que impedem os homens de viver segundo a própria dignidade. Discernir com clareza o que é fundamental e o que faz parte das conseqüências, é condição indispensável para uma reflexão teológica sobre a libertação. (Joseph Ratzinger, Instrução Sobre Alguns Aspecto da Teologia da Libertação, Fonte: Vaticano)

A Teologia da Libertação ser completamente adversa a malignidade do mundo fez com que os infiltrados dessem a ela uma interpretação contrária. Subverteram o conceito, sob uma perspectiva marxista que não deve ser aceita.

Uma das principais características de um domínio que avança sobre um povo é a imposição de sua língua que pode iniciar com a substituição de expressões e de sentidos. Se é assim, porque deveríamos falar como escravos dos ideólogos?

Eu jamais dissertaria usando os conceitos novos formados nos seios revolucionários porque eu não sou um revolucionário e nem me considero um dominado por eles.

A Igreja não necessitava de ser ensinada como agir caridosamente, pois ela é imitadora de Cristo, mesmo assim, em meados de 1960, muitos “ligados a ela” passaram a aceitar o uso de ciências(ideologias) humanas e sociais no combate à pobreza.

A teologia da libertação verdadeira possui o objetivo de evitar a contaminação ideológica, mantendo a noção verdadeira de caridade.

Após a deturpação do conceito, a mensagem da salvação pode gradualmente ser substituída entre os corruptos por um falso discurso caridoso e piedoso em relação ao pecado. Nas homilias, a falsa caridade governamental pode tomar conta do discurso de uma parte dos sacerdotes sem compromisso com a Igreja Católica que passam a difamá-la inclusive.

Dentro do agir revolucionário, se tornam mais comuns os padres ativistas de causa sociais que dizem odiar a Igreja e que repetem mentiras protestantes sobre ela.

A luta do sacerdócio da deturpada teologia da libertação não é mais em prol da salvação da alma, por isso, muitos padres passam a dar maus conselheiros e a serem permissivos.

É certo ocorrer de a salvação mundana passar a estar presente nos discursos dos ideólogos.

Muitos leigos também aprovariam tais atitudes por serem espectadores da permissão de errar, por aguardarem um mal exemplo vindo de um sacerdote para poderem pecar com menos culpa.

Não seria espantoso padres serem aplaudidos por hereges quando falam mal da própria igreja, quando não conservam a tradição e quando dizem que certos pecados não são pecados e que os considerar pecados é ter uma mentalidade atrasada.

A Igreja, como instituição que serve a um reino que não é deste mundo, fez diversos milagres no campo social sem agregar idéias baseadas em ideologias políticas, mas com a popularidade das técnicas de ludibriar dos ideólogos, muitos aderiram as causas sociais de modo inocente, por ignorância ou por desejarem em seus corações desprezar o senhorio do senhor Jesus Cristo ao aceitarem falsamente que as ideologias podem aconselhar melhor que o nosso Senhor, o que é um tipo de idolatria.

Dentro dessa perspectiva, é comum uma parte dos padres se contaminarem e contaminarem o conteúdo de suas homilias também, com isso, ficariam comuns os discursos em prol de um suposto verde ameaçado, de um falso aquecimento global, de um "amor" permissivo que não orienta, de exaltação há ícones que não representam o catolicismo e de qualquer tipo de discurso político ideológico de esquerda.

A ideologia pode contaminar com uma falsa piedade que leve padres incautos a defenderem criminosos em detrimento de

vítimas e a negligenciarem o anuncio da salvação dando lugar a discursos nulos.

As pessoas claramente não estarão preparadas em tempo algum de forma completa contra as ideologias por causa de maus exemplos no sacerdócio que, oportunamente, trazem, no lugar da palavra, as políticas humanas e sociais incapazes de tirar o povo da pobreza ou da ignorância como elas propõem.

As formulas que tiram as pessoas da pobreza e que sempre funcionaram envolviam pessoas livres, governo reduzido, pessoas pagando menos impostos e valores cristãos elevados difundidos na sociedade.

As ideologias não retiram uma possível condenação ao inferno e estranhamente, entre os leigos, é comum confundir fé com posição ideológica.

O que aconteceu e acontece em países onde há idolatria para as políticas e governos sociais é o sufocamento das iniciativas privadas e o aumento da pobreza.

Mesmo a humanidade estando ciente de um histórico catastrófico causado pelas políticas sociais com sua distribuição de miséria, onde apenas o governo enriquece, uma parte dos sacerdotes, completamente despreparada, aceita o falso discurso caridoso e o leva para contaminar os membros que estão sob sua tutela.

Nas políticas sociais, quem sofre são os pobres, pois para tanta falsa caridade é necessário todo um sistema de arrecadação de riquezas.

O discurso de alguns membros da igreja mudar por trocar a mensagem da salvação por idéias errôneas é um fenômeno comum conhecido desde Cristo, pois traidores que se esquecem do catecismo e começaram a pregar o ativismo existem em todos os tempos, o que pode levar uma parte da Igreja a seguir modas mundanas. Judas, por exemplo, tentou, inclusive, inventar ativismo social caridoso para roubar.

Foi perceptível a existência de padres que tratam de ideais ideológicos anticristãos graças a essa nova teologia, quando deveriam estar orientando os fiéis na fé.

Felizmente eles são poucos, mas ficaram mais comuns os padres que não fazem uso da batina e que falam sobre afetos mais do que falam do amor de Deus.

A Igreja Católica é atacada nas suas estruturas, contudo, como nos revelou São João, ela permanecerá até o fim dos tempos santa e fiel com apenas uma pregação.

XVIII - INVERSÃO DE VALORES

Os gregos antigos sabiam que muitos eram os caminhos torpes da vida que poderiam seduzir os jovens por toda a vida, por isso, os pais se preocupavam em manter os jovens longe das perversões educando-os na verdade. Vejamos essa preocupação em uma obra filosófica:

> "Ora, ele é jovem. Tememos, pois, por ele, como é natural <que se tema> por um jovem, que alguém se adiante a nós, desviando seu pensamento para alguma outra ocupação, e que o perverta." (Platão, *Eutidemo*, p. 45)

Toda perversão nasce de idéias fora do caminho do Senhor, do caminho do bem-aventurado, por isso, os pais não podem pecar contra seus filhos deixando de lhes ensinar na teoria e na prática os valores do Reino de Deus para que não se desviem deles.

O homem materialista, ciente de que vai morrer, reinterpretou a própria razão natural e associou sua dignidade ao prazer.

Uma vez que se nega a Deus como a verdade, todos os pecados se tornam lícitos e tudo se justifica por aquilo que o prazer proporciona, ou seja, se algo dá prazer e bem-estar não há porque não fazer, mesmo que seja contra o mandamento de Deus.

Nessa expectação onde se aguarda a morte, todas as promessas de longevidade são cobiçadas com maior empenho, pois somente há confiança no que a vida proporciona, por não haver fé em Deus.

É o preservar dessa postura que gera uma cultura baseada no materialismo excludente de Deus que degrada a moral e a verdade da vida em sociedade, bestializando a muitos pelo grande número de amostras de maus exemplos.

Por ser algo agressivo para a razão como um vírus, o materialismo afeta a psique humana removendo as razões práticas básicas, induzindo a auto justificação dos atos de perversão.

É por se auto justificar que uma perversão se mantém e resulta em aceitação e afabilidade ao comportamento maligno que não comporta Deus.

Em meados dos anos 60, o fundador da igreja de satanás nos EUA Anton Lavey disse, em sua *Bíblia Satânica,* que gradualmente as coisas se inverteriam, que o maligno seria louvado como o salvador e que logo presenciaríamos *as moças de topless na Missa Solemis Rock*.

Exaltar o que é belo e digno impede que se forme, em si e nos outros, valores degradantes e, indo contra isso, o ativismo do homem moderno tende a equiparar o abominável com as virtudes, tomando o abominável um valor tolerável, de modo que, o ativista moderno se sente confortável ao defender o assassinato de bebês no ventre, o uso de drogas, a preguiça e a perversão sexual, pois uma parte da sociedade, contaminada com o materialismo, possui a percepção de que tudo se justifica pelo prazer e bem-estar.

Nesse padrão de vida bestializado, se algo é possível por intermédio de algum artificio, não existe barreira moral que impeça.

A consciência cientifica seletiva tem sido usada para contribuir com o embasamento teórico das imoralidades do mundo moderno com falsas estatísticas e falsas promessas que não levam em consideração a consciência individual, o que faz com que um ato hediondo como o aborto se torne uma falsa solução aceitável por aqueles que não querem amar.

Quando vós virdes uma alma que anuncia o aborto como feito benigno, sabereis que nela reina o príncipe das trevas (São Pe. Pio).

No mundo espiritual, cada criança abortada é um sacrifício oferecido ao demônio, assim como toda perversão do caráter humano como concluíram muitos santos. Obviamente, Deus toma as crianças para si e há de condenar os não arrependidos seguindo a sua arbitrariedade.

Os materialistas equiparam um feto a um mineral para justificar assassina-lo quando há tantas maravilhas de Deus ocorrendo nele. Maravilhas impossíveis de serem observadas pelas ciências humanas ou criadas por elas.

Quem rebaixa o homem a categoria de um inseto recebe status de intelectual nessa nova elucidação atual.

Muitos fazem comparações absurdas e chegam a conclusão de que um bebê humano vale menos que um filhote de um animal irracional qualquer como o de um elefante ou o de um macaco, por ser indefeso e necessitar de amor para sobreviver quando se poderiam considerar que somos melhores por termos a necessidade de amor paterno e materno.

Se na cultura perversa o mal equivale ao bem, aquilo que é desagradável toma o lugar do que é belo. Um exemplo disso é a arte moderna que, segundo Roger Scruton em *Why Beauty Matters,* documentário sobre a importância da beleza, possui o intuito de chocar e quebrar tabus morais, ou seja, o intuito da arte moderna não é reproduzir o belo, mas refletir as frustrações e o ativismo de um perdedor fracassado como artista.

Se desfazer da importância da arte desacreditando-a é uma forma de se livrar dela, dizem os ativistas.

A fórmula é conhecida, pois foi por intermédio da propaganda contra a autoridade da Igreja que muitos a deixaram.

Se as coisas se invertem, por conseqüência, é o diabo quem ocupa o lugar de Deus no novo padrão.

Obviamente, a destruição da cultura não vai causar um impacto destrutivo em todos os indivíduos de forma certa, mas pode tornar muitos incautos tolerantes ao mal.

Pessoas educadas não comprariam os idealismos diabólicos modernos e nem os defenderiam publicamente, por isso, os ativistas de causas sociais repensaram a educação com o intuito de imbecilizar, substituindo-a por ativismos ideológicos.

A educação tradicional, que é mais adequada a forma como aprendemos, teria sua eficácia questionada e criticada por educadores fracassados. Eles a tomariam como técnica de adestramento de animais, para poderem a hostilizar.

O ativismo em causas sociais é uma realidade que se propaga nos meios de ensino. No Brasil, as perversões eram difundidas apenas nas faculdades, mas passou a ter seus efeitos nas escolas se auto reciclando e se passando por educação.

O novo fenômeno se fez notável. Uma parte busca livros onde possam atestar valores ou a ideologia pessoal e não busca livros que proporcione apreciar, entreter, aprender ou assimilar bons valores. Essa busca tende a gerar um nicho de mercado que tira a importância da literatura.

Em ambiente escolar, quando a literatura deveria ser entendida como uma manifestação artística do texto, ela foi percebida como um instrumento de promoção ideológica, tanto por autores modernistas quanto por leitores militantes de causas sociais.

O principal alvo das ideologias perversas são as crianças que são enganadas e pervertidas por intermédio de obras literárias capazes de induzi-las a comportamento abominável. Uma covardia imperdoável contra as crianças.

Em um romance recomendado nas universidades para muitos novos professores, durante a formação no século XXI, é narrada a história de uma menina que toma a família como inimiga de suas vontades e uma delas é a de ser garoto. Vejamos alguns trechos que mostram parte disso:

> “Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e

> deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina.
> Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. Já fiz tudo pra me livrar delas.
> Adiantou? Hmm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de repente pensei: puxa vida, falta tanto ano pra eu ser grande. Pronto: a vontade de crescer desatou a engordar, tive que sair correndo pra ninguém ver.[...]
> Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem." (Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela*, p. 11-12)

É notável que a autora força a equivalência entre a vontade de escrever, entre outras vontades, com a de mudar de sexo, como se mudar de sexo estivesse no nível da vontade ou do desejo passageiro, o que influencia as crianças a tomarem a mudança de sexo por fenômeno comum e almejável.

A protagonista toma a atitude de falar sobre seus anseios para um não responsável se auto justificando pela falta de atenção dos pais sobre ela. Notemos a introdução da criança a sugestões perigosas:

> Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar. Essa irmã que eu tô falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que é que ela é mais: se bonita ou mascarada. Imagina que outro dia ela me disse: "Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; (Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela*, p. 13)

Pular da janela, retirar da bolsa e soltar pipa, possuem cargas semânticas diferentes das comuns neste romance. Por exemplo, em momento propicio, a protagonista retira da bolsa amarela a vontade de ser homem e a de ser grande que são as

duas pipas que lhe fariam esquentar. A bolsa amarela é onde a protagonista guarda os desejos. Ocorre que esquentar e soltar a pipa não possuem sentidos muito claros. Vejamos isso no texto:

> - Você aí! você gosta do nome André? Então toma de presente. E você? Topa Reinaldo? ou prefere Geraldo? Ah, você é mulher? Então quer Lorelai? Mas não deu pra ouvir mais nada: meu fôlego acabou e eu tive que sair do mar. Comecei a tremer de frio; o jeito pra esquentar era soltar pipa.[..]
> [...] - São duas pipas, você solta uma e eu outra. Aí a gente vê qual que sobe mais. - Preparei dois rolos de linha. - Pronto! - Pronto o quê? Cadê as pipas? Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. (Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela*, p. 113)

Obviamente a expressão 'soltar pipa' em 'o jeito pra esquentar era soltar pipa' possui uma carga semântica de realizar o que se deseja fisicamente. Já tratei sobre o uso nocivo do *jogo* por determinada causa e no romance citado não é diferente, pois toda menina se colocaria no lugar da protagonista e, conseqüentemente, irá sentir que pode tomar seus anseios como válidos e aceitáveis.

As crianças desejam brincar e testar limites, o que é algo saudável. Os pais devem dar liberdades para as suas crianças e é nesse dever imaculável que os degenerados aproveitam para perverter as crianças oferecendo-lhes caminhos torpes.

A educação começa a se degradar quando os filhos deixam de obedecer aos pais, quando não mais se referem a eles como senhor e senhora, por isso as ideologias questionam a autoridade dos pais, da Igreja Católica e de uma verdadeira educação tradicionalista.

A personagem do romance *A Bolsa Amarela* possui algumas vontades que são pretextos usados para influenciar a

prática e o ativismo ideológico. A vontade de ser gente grande trabalha em prol do desejo de questionar a autoridade dos pais, pois a personagem percebe a idade adulta como uma forma de se livrar da orientação paterna e materna; a vontade de ter nascido menino é uma introdução para crianças na ideologia de gênero e a vontade de ser escritora é apenas uma técnica para fomentar o engajamento em ativismos nos leitores juvenis, reproduzindo perversões por intermédio de escritos, sejam as perversões as mesmas da personagem do livro ou as próprias.

Os pais estão tendo seus filhos educados por covardes, pessoas munidas de valores perversos.

Tudo isso parte de um egoísmo muito profundo, pois está implícito o prazer pessoal acima da autoridade dos pais, das pulsões naturais ou qualquer outra coisa que mantenha a sociedade.

Os ativistas da causa homossexual percebem pouca oferta sexual e, por isso, querem viciar as crianças no homossexualismo para que elas lhes sirvam, a curto e a longo prazo, como objetos sexuais.

Podem influenciar também por paixão partidarista ou por desamor. São muitas as possibilidades.

O romance citado se justifica pelo ativismo, portanto serve como agente de mudança social para o mal. Ele, entre muitas, me foi apresentada durante curso universitário, na matéria Literatura Infanto Juvenil como sugestão para trabalho com crianças.

É notável, pelo desenrolar da narrativa, que há uma preocupação fútil com o materialismo e com a busca da satisfação em detrimento das autoridades dignas, o que assegura a doutrinação das crianças, já que, no materialismo, tudo se justifica pelo prazer. Difundida nos meios acadêmicos com ares científicos e negando questões básicas de lógica, a ideologia de gênero tem afetado a psique humana, contribuído para a degradação do caráter individual. Ela é justificada pela satisfação dos desejos, mesmo que seja um prazer falso que leve a degradação do indivíduo.

Muito são os pedófilos que desejam que as crianças se tornem promiscuas na esperança de ter mais promiscuidade disponível para eles, os perversos. Por isso, eles têm exposto as crianças ao erotismo cada vez mais cedo. A vida é curta e o homem materialista corre contra o tempo, pois ele sabe que irá morrer e não possui muito tempo para viver todas as idéias errôneas que comprou e que não consegue realizar de modo pleno, por isso, oferece promessas materialistas para os jovens inexperientes se viciarem e propiciarem o aproveitar mais do sexo desregrado que tanto valorizam.

XIX - A ORDEM

Como homem, eu não consigo conceber o infinito e nem o que sempre existiu, por estar em uma realidade onde os fenômenos surgem e se findam. Houve um ponto inicial. O que tomamos por origem ou o que podemos perceber como origem do universo é apenas uma parte de um processo que não podemos entender e nem definir o início ou seu fim com exatidão, por essa origem não iniciar na realidade que conhecemos.

Em experimentos terrestres onde se produz artificialmente vácuo em grandes áreas, não há matéria surgindo do nada, assim como não há no espaço, na ausência de matéria, logo houve algo a mais que o nada para que tudo pudesse existir, algo como a criação descrita nas Escrituras, um ponto inicial que possui uma lógica que não é física e que não está ao alcance do homem.

A gravidade foi tomada como a criadora de tudo em escritos deste século por físicos que ignoram o fato de ela existir somente na relação entre corpos, ou seja, se não existe matéria, não existe gravidade. Obviamente, após a existência da matéria, a gravidade mantém tudo como conhecemos. É ela quem causa fusão nuclear nos núcleos das estrelas e é ela quem faz os planetas não serem lançados na imensidão do espaço entre muitas coisas inimagináveis.

Certo é dizer que, após a existência da matéria, a gravidade mantém todos os fenômenos no universo.

A dimensão ou o espaço vazio é um fenômeno que não poderia ser espontâneo. Como explicar a existência da dimensão?

É cômodo, negligente e irracional perceber o espaço, a matéria, o tempo, as leis da física e dizer que esses fenômenos podem surgir do nada, quando, mesmo fazendo uso de todo o intelecto dado por Deus, não se pode saber com exatidão como o universo se originou, como se desenvolve um átomo de hidrogênio,

como se gera uma nova lei da física e como a lógica mantém a razão dos cálculos e o tempo.

Não sabemos, por exemplo, qual a razão que cria e mantém as leis da física, mas podemos observar as leis se mantendo no universo com nossa capacidade limitada.

O homem consegue manipular uma parte daquilo que ele não criou e muitos confundem o manipular com o gerar como se o homem pudesse, com seu conhecimento e ação limitada, criar algo novo no universo.

Existe uma razão por trás de tudo. Quando um homem se dedica a estudar e desenvolve uma função para auxilio próprio, ele somente constatou algo que já existia na natureza. Ele não cria a razão por trás da função, ele somente a evidencia e a utiliza para o cumprimento de seus intentos, pois ele está preso à relação de trabalho e sobrevivência desta realidade.

Como foi dito, é impossível para os homens conceberem o que é eterno, Deus.

Para a nossa fé, é Deus quem estabelece a harmonia entre todos os elementos de sua criação, ele estruturou e organizou todas as orientações possíveis para o mundo. É Ele quem permite todos os acontecimentos no tempo e é Ele toda fonte de poder e conhecimento. Tudo trabalha sob sua ordem, todo o nosso agir é permitido e inspirado por Ele.

Quando Deus nos deu o trabalho, desprendeu de si algum conhecimento e poder, por isso, possuímos uma categoria inata que nos permite manipular as coisas com a aptidão dada pela ordem do verbo de Deus. Então, se trabalhamos ou criamos, estamos, em parte, buscando e imitando nosso Pai.

Todo o desenvolvimento do homem, sua capacidade de estruturar a fala, os métodos possíveis de organização do trabalho, o desenvolvimento científico, a arte e tudo mais, somente são possíveis devido as categorias inatas dadas por nosso Deus que nos permite observar e manipular parte da criação.

O mundo não se manteria sem Deus, que percebemos na razão de suas obras, de modo que não podemos negar sua existência. São Paulo diz que Deus é algo que não se pode negar. Vejamos como isso se apresenta:

> "Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras; de modo que não se podem escusar.
> Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos, e se lhes obscureceu o coração insensato." (Rm 1, 20-21)

São Paulo, que viveu diversas privações e aflições, percebe o que ele chama de "as perfeições (completudes) invisíveis", as ações de Deus nas coisas. A mesma percepção que tinham os pagãos antes de conhecerem Deus que, por perceberem sua provisão nos fenômenos, pensaram erroneamente que os fenômenos do mundo eram seus deuses.

Apreciemos o primeiro diálogo da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino em forma de catecismo sobre a existência de Deus, sobre a nossa dependência dele e a loucura daqueles que negam a sua existência:

> - Há Deus?
> - Sim, Senhor (II)
> - Porque, se não houvesse, não poderia existir coisa alguma. (II;3)
> - Mediante o seguinte raciocínio: O que necessariamente há-de receber de Deus o ser não existiria, se Deus não existisse. Assim é que coisa alguma.
> - E como demonstrais que nenhuma coisa pode existir, exceto o mesmo Deus, se não recebe Dele a existência?

- Desenvolvendo o mesmo raciocínio: O que existe e pode não existir, depende, em última análise, de alguma coisa que existe necessariamente, e esta alguma coisa chamamos Deus. Assim é que nada do que existe, exceto Deus, existe por si mesmo, isto é, em virtude de forçosa exigência de sua natureza.
- Por que dizeis que nada do que existe, exceto Deus, existe por si mesmo?
- Porque nenhum ser necessita de alguma coisa, existe em virtude de exigências de sua natureza. Assim é que todos os seres, exceto Deus, necessitam de alguma coisa. Logo nenhum pode existir por si mesmo.
- Por que os seres que necessitam de alguma coisa não podem existir por si mesmos?
- Porque, o que existe por si mesmo, não depende, nem pode depender de coisa alguma, nem de pessoa alguma; e o que forçosamente necessita de alguma coisa ou pessoa, dessa coisa ou pessoa depende.
- E por que o ser que existe por si mesmo não depende, nem pode depender de qualquer pessoa ou coisa?
- Porque no fato de existir per se já vai incluída a posse atual de todas as perfeições, por virtude de sua natureza e com absoluta independência: Não pode, portanto, receber coisa alguma de fora.
- Portanto, a existência dos seres contingentes é prova evidente da existência de Deus?
- Assim é.
- Que fazem, por conseqüência, os que o negam?
- Sustentam a verdade da seguinte proposição: O ser que tudo necessita, de nada tem necessidade.
- Isto, porém, é contraditório.
- Evidentemente: Como é possível negar a existência de Deus sem se contradizer?
- É, portanto, uma loucura negar a existência de Deus?
- De verdadeira loucura se pode qualificar;
(Suma Teológica em Forma de Catecismo, 1969)

A razão e a exigência de que para existir algo é necessário ser criado é particular de nossa realidade que foi criada por Deus

que não se submete a ela.

A percepção, apesar de fornecer a certeza de que Deus existe, não supre todas as necessidades de amostras que o homem necessita para compor uma idéia completa sobre Ele nesta realidade. Isso ocorre porque o mundo material não fornece essa possibilidade, do contrário, não existiriam pagãos ou estudiosos primários ateus.

Existirão, em todas as gerações, pessoas que, rejeitando forçadamente a Deus como criador, darão estupidamente ao acaso o mérito pelo surgimento da dimensão, de toda a matéria, pela ordem sobre ela, pelas leis da física e pela vida na Terra.

Como programador, estou ciente de que o acaso não existe e concordam comigo todos os observadores minuciosos e metódicos. Tudo trabalha sob efeito de causas e conseqüências que tiveram um início. Existe uma ordem no universo.

O que chamamos de acaso é, na verdade, uma confusão no entendimento, devido às limitações da percepção. Isso é tanto verdade que para se gerar aleatoriedade na percepção humana é necessário montar uma estrutura complexa que engane a percepção.

O acaso criador não existe. Os fenômenos presentes no mundo são produtos de muitas relações de causas e conseqüências reais.

Se percebêssemos as variações como produto de aleatoriedade, estaríamos falando de algo irreal e se o indivíduo está diante de uma variável cujo valor possui origem desconhecida, a percepção dele pode julgá-la como fruto de uma aleatoriedade, contudo, não é aleatoriedade na realidade e na percepção de quem a gerou.

Toda “aleatoriedade” é fruto de artificio, ou seja, é conseqüência de causa. Ela possui limites que são configurados por uma ordem anterior. Tudo é fruto de uma causa. Vejamos uma função programada que define ‘rdnnumber’ como uma variável vazia

para receber a randomização artificial entre ‘initialnumber=0’ e finalnumber=10’:

```
Dim rndprocess As Double
Dim initialnumber As Double = 0
Dim finalnumber As Double = 10
Dim rndnumber As Random
rndnumber = New Random
rndprocess = rndnumber.Next(initialnumber, finanumber)
ou
rndprocess = rndnumber.Next(0, 10)
```

O artifício de gerar um número entre 0 e 10 é algo programável para o programador, mas para o usuário que recebe um número entre 0 e 10 é aleatoriedade, contudo, se esse usuário tiver ciência das causas que geraram os números, o conceito muda. Ocorre que Deus não dá a noção de que exista a função criada para todos.

Se o número inicial for 1 e o número final for 1, a função somente geraria o número 1 e isso nos revela que estamos lidando com possibilidades e não com aleatoriedade verdadeira cuja existência é impossível.

O que se chama de aleatoriedade nessa função, que na verdade trata-se apenas de um conjunto de causas e conseqüências lógicas, é o mesmo que estrutura funções mais complexas.

Se o fator que causa a aleatoriedade for sempre uma função previsível como ‘a’ + ‘b’, resultará sempre no mesmo resultado, caso os valores de ‘a’ e ‘b’ sejam fixos, e não há aleatoriedade alguma nisso. Por isso, para embair a percepção humana, a função deverá conter valores diferentes dentro de uma fração de tempo dentro de um intervalo, de modo que um ser humano não possua capacidade de perceber a mudança.

Podemos criar uma falsa aleatoriedade para um ser humano usando funções ligadas ao tempo, ou seja, dividindo um segundo por 100 ou 10 milissegundos para que a consciência não

consiga acompanhar as mínimas divisões do tempo. Isso evidencia que estamos lidando com possibilidades que fogem da percepção e não com aleatoriedade verdadeira.

A falsa sensação de aleatoriedade produzida com o fracionamento do tempo é a mesma que um ateu teria quando disserta sobre o "acaso criador".

Um ser humano não conseguiria, mesmo se observasse o código, definir o valor que está atribuído à variável por causa de sua limitação de processamento que envolve a visão, a idéia e a ação de confirmar.

Alguns conseguem digitar em média de 3,4 caracteres por segundo, mas ocorre que nesse tempo houve 1000 milissegundos ou 1000000000 nano segundos que estavam disponíveis para causas e conseqüências.

Essa falta de percepção é chamada pelos ignorantes de aleatoriedade, o que é um equívoco.

Podemos programar funções randômicas para fazer somas, subtrações, divisões ou multiplicações, dependendo do nível de falsa aleatoriedade desejada para obtenção de variantes em função do tempo que fujam do entendimento e da capacidade de acompanhamento humano, organizando as funções de maneira arbitrária.

Quando se gera variáveis aleatórias, sempre se define um limite, ou seja, um número inicial e um número final ou um conjunto de respostas possíveis.

Para que isso ocorra, existe uma depuração, pois as variantes somente possuem utilidade dentro de uma limitação.

Basicamente, o aleatório é algo lógico que nos foge do entendimento, ou seja, uma função lógica executada em determinado tempo que nos foge da compreensão por não podermos a acompanhar e é a sensação de não poder fazer nada em relação as causas e conseqüências do mundo que faz com que os ignorantes pensem que ele se autogerou.

Muito tempo e muitos detalhes justificariam qualquer fenômeno para um incauto. Isso ocorre porque, ao olharmos para o passado, os fatos ou itens seqüenciados se comprimem na nossa idéia de passado gerando um efeito parecido com o adquirido com a divisão do tempo no presente.

Inevitavelmente, quando se observa uma pequena fração dos detalhes das estruturas com suas depurações, se conclui que não existe aleatoriedade ou acaso e que tudo é conseqüências de uma causa primária (Deus) ignorada por ser impossível conceber com o intelecto humano e por um número inimaginável de causas e conseqüências que ocorrem nas frações do tempo de modo imperceptível para nós.

Da mesma forma que se concebe, pela ignorância, um acaso criador, se concebe as coisas surgindo do nada ou o "nada criador".

É pela ignorância ou incompreensão que se teoriza sobre o nada e que físicos ignoram conceitos básicos de física.

Não é possível tirar algo do nada, pois quando se está dissertando sobre algo surgindo do nada se está atribuindo inúmeros atributos ao nada, o que faria o nada não ser o nada e assim, o uso do nada seria mais um idealismo incabível que qualquer coisa, ou seja, quem define o nada como causa primária, estaria equivocado ao passo que oculta a verdadeira causa primária.

É impossível conceber o acaso, o caos, a aleatoriedade ou o nada como fenômenos criadores do mundo pelo fato observável de que somente a consciência pode criar, sendo o criar algo diferente do efeito, pois o efeito é conseqüência de causa.

O coração insensato pode toma tudo o que lhe foge da compreensão como deus gerando o paganismo ou como acaso gerando o ateísmo, quando, na verdade, é ordem superior vinda de Deus.

Não percebo lógica em considerar que a dimensão, o tempo, as leis da física e a matéria surgiram do nada. Reconheço

que foi tudo arquitetado.

Ao conceber a criação do mundo como obra do acaso, estaria ignorando o caráter útil e o propósito das causas e conseqüências, invalidando qualquer propósito quando a vida se propõe a se manter, o que seria muito insensato.

Como pode uma vida, que possui o propósito de se manter, se originar de uma matéria que não poderia desenvolver tal aptidão?

Se não existe uma razão com propósito no universo, a vida não teria como surgir e nem se manter.

Existem algumas teorias que levam em conta dois fenômenos, tempo e matéria que formam a vida ou que propicie a vida, a abiogênese que consiste em considerar que a vida surge da matéria não viva como açúcares, aminoácidos e carboidratos que poderiam se formar espontaneamente neste planeta ou serem fornecidos por meteoros.

Dizem que o aumento da desordem criou a vida. Como algo que não possui o propósito de se manter gera a vida cujas formas possuem categorias inatas ligadas a manutenção da vida?

A replicação das células simples como origem da vida é uma idéia que para se manter deveria comprovar a existência de células cujas origens não podem ser explicadas. Toda a vida contraria a abiogênese no que ela tange a espontaneidade do surgimento da vida.

O ativismo ateu usa contra o cristianismo tudo o que pode, seus currículos e teorias que sequer contradizem a fé. Toda moção é para excluir Deus e nada mais.

O cristão, diante de uma descoberta secundária verdadeira sobre a origem do mundo, deve ter a certeza em seu coração de que ela foi o meio que Deus preferiu usar para iniciar sua obra, pois Deus faz sempre da melhor forma possível. Chamo de secundária, pois concebo a fonte do início fora desta realidade.

Não há a possibilidade de Deus não existir. Todo estudo contempla a criação de Deus, logo nenhum estudo científico pode ir

contra Ele. Para Deus criar o mundo usou algum meio que, em determinado momento, se tornou físico, então, qualquer teoria sobre a origem que possua alguma verdade é uma observação de algum momento secundário da criação de Deus.

Às vezes, à noite, observo os astros com meu telescópio newtoniano de montagem azimutal e o que mais me deixa maravilhado pela beleza é a lua, a qual dedico muito tempo a observar. Eu penso na lei e nas forças envolvidas que mantém um de seus lados voltado para a Terra e somente posso crer em um arquiteto que as criou junto com todas as coisas.

Ao fazer um esforço enorme e fingir que acredito nas leis da física e toda a matéria surgindo do nada, me deparo com o fato de que o universo como o conhecemos não seria possível surgir de uma espontaneidade sem razão, muito menos a vida.

Não creio em Deus pelos fatos favoráveis a este planeta e nem por exclusão de outras possibilidades. Não creio em Deus porque desejo que ele exista, creio em Deus porque não posso negar sua existência, mesmo sem possuir intelecto suficiente para provar sua existência para outro humano.

Conceber um “acaso criador da vida” é de extrema falta de zelo e cuidado com a própria razão, pois sequer temos uma amostra de aleatoriedade verdadeira. O que temos são seqüências de causas e conseqüências que tiveram um ponto inicial e possibilidades dentro de um limite de ação que nos fogem do entendimento. Obviamente, para um cristão, se existem causas e conseqüências, a causa primária foi produzida por Deus.

Ateus militantes tomam o credo em Deus como arcaico para se auto enganarem excluindo-o, quando é impossível usar o raciocínio lógico para conceber o universo como fenômeno que surge do nada e a vida como fenômeno que surge da abiogênese.

Segundo São Paulo, todo homem conhece a Deus, mas conhecer e aceitar são coisas bem diferentes. Se há ignorância e maldade, há quem negue o Criador.

Quando há falhas na percepção e se observa o universo desconhecendo a razão pela qual foi criado, pode-se concluir que as coisas do mundo são produtos do “acaso”, caracterizando erro de raciocínio.

Teóricos que partem da idéia de que Deus criou o universo não se desfazem da ciência criada pela Igreja. A verdade é que nenhum estudo científico pode negar Deus, mas pode contrariar as idéias de outro homem na observância do mundo.

Os estudos não iniciam pressupondo que Deus não existe, todos os estudos possuem um caráter útil.

Albert Einstein se manifestou a respeito do uso da falsa oposição entre ciência e fé quando disse: “A opinião correta de que sou ateu baseia-se num grande engano. Quem julga deduzi-la de minhas teorias cientificas, mal as compreendeu. Entendeu-me de forma equivocada e presta-me péssimo serviço.”.

Charles Darwin, apesar de se manifestar sobre o ateísmo da mesma forma que Albert Einstein, teve sua teoria usada por infames como Anton Szandor Lavey (pseudônimo de Howard Stanton Levey) fundador da Church of Satan (Igreja de Satanás) e por Richard Dawkins, um cientificista ateu militante. Vejamos a retratação de Charles Darwin:

> “Por piores que fossem as crises que atravessei, nunca desci até o ateísmo, nunca neguei a existência de Deus.” (Darwin, Charles, 1888)

É notável que é a maioria dos que percebem que vivem em desgraça são os que negam a Deus, por isso, Charles Darwin deixa entender que existe uma relação entre a não aceitação do sofrimento do mundo que acomete todo homem e a negação de Deus. O mesmo ocorre com os vícios não saciados, pois quando o

indivíduo é muito vicioso, mal-educado e miseravelmente infeliz, tende a negar a Deus.

Infelizmente Stephen Hawking desceu ao nível do ateísmo por seus sofrimentos que o fizeram ignorar até mesmo dados básicos de física, o que o fez ignorar o fato de que a aceleração da gravidade somente existe na relação entre corpos e conceber matéria surgindo do nada por intermédio da gravidade que logicamente não existia na ausência de matéria.

Lavey diz que sua religião satânica é atéia e baseada em darwinismo por exaltar a perversão ou o lado animal do homem mais forte. Essa força animal ou o que leva a se viciar e a perverter é por ele chamada de satanás que, segundo ele, não possui associações místicas, contudo, o mesmo crê no pensamento positivo e em envios de poderes místicos.

Lavey tentar justificar a associação com o darwinismo pelo desejo animal de sobreexistir foi um grande equívoco de sua parte.

Para o satanismo moderno de Lavey, nossos vícios que seguem a nossa natureza pecadora deveriam ser irrepreensíveis e imaculados, assim como Freud e, em parte, Nietzsche pensavam. Idéia essa que trabalha contra a própria natureza humana.

Segundo Charles Darwin, as espécies ou indivíduos mais fortes delas conseguem mudar para se adaptar a mudanças no ambiente. Sobre isso, pervertendo e baseando seus conceitos de modo errôneo, diz Anton Lavey do alto de seu raciocínio deturpado: “morte ao fraco e saúde ao forte”, como se satanás fosse a força de vida nas pessoas, a particularidade no espírito do homem perverso. Semelhantemente a ele, Richard Dawkins citou a evolução das espécies como a prova cabal de que o acaso criou o homem quando sequer existe a possibilidade de observar ou calcular isso.

As espécies biológicas são fixas para a ciência. A linha de pensamento que atribui mudança nas espécies possui origem na filosofia e nas seitas religiosas ocultistas.

Seitas gnósticas que precederam os teóricos da evolução das espécies, possuíam o credo de que as espécies sofriam

mutações. Após o ano de 1700, começou a se desenvolver a idéia de que homens e macacos possuíam origem comum entre os que se exaltavam como a luz do mundo e, por volta de 1830, já havia se estabelecido a evolução na ficção que influenciou a falsa razão de que tudo possui uma forma primordial promotora da origem de todas as outras espécies.

Com isso, as crendices, que tiveram origem na ficção e no ocultismo, começaram a ter algum respaldo nos meios científicos.

Jean Baptiste Lamarck foi o primeiro ficcional especulador de que as necessidades que geravam um esforço para serem supridas levavam a modificações nas espécies que poderiam ser transmitidas para a descendência.

Antes de Lamarck, não existia a suposição do motivo pelo qual as espécies evoluíam. Para ele, se uma espécie usa, evolui e, se não usa, sofre involução. Darwin adotou essa idéia em 1942 em sua obra A *Origem das Espécies* e gerou também sua teoria da descendência com modificação por intermédio da seleção natural. Nela, há uma variação observável genética, mas para ele, essa variação não modifica a espécie como se passou a crer posteriormente.

Tanto Richard Dawkins quanto Anton Lavey que citaram Darwin, enganam muitos ao fomentarem o ateísmo com falácias argumentativas.

Para não se crer em Deus, é necessário ter auto-engano.

Atribuir ao acaso o surgimento do universo é compreensível para os insanos, contudo, para um homem sensato não é.

Se um cristão perceber o que se conhece por "acaso" como possibilidades dentro de uma permissão divina, ainda mantém sua fé e sanidade.

Não quero dar crédito a Deus por exclusão. Existe uma ordem superior que rege tudo e que não é o acaso. Há lógica e ordem evidenciáveis no mundo.

É possível saber que existe uma ordem superior observando e entendendo a lógica particular das coisas criadas e programadas.

Ao se programar um objeto simples de duas dimensões e passível de movimento alterando quatro variáveis em uma função complexa, o movimento é sempre correto de qualquer perspectiva, assertivo e submetido ao controle do programador.

Para se entender um mundo criado, partimos da noção de limite e de possibilidades.

Dentro do nível das coisas criadas, nesta dimensão, nossa consciência não possui noção completa de limite devido à grande complexidade do mundo, por isso alguns incautos julgam o mundo como desordem que leva ao mantimento da vida, quando os fenômenos trabalham fora do campo da influência e da percepção individual.

A incapacidade de manipular o tempo conduz quem está nesse nível da criação a considerar a existência de caos.

No nível do programador, tudo corre dentro das possibilidades definidas e, se são possibilidades lógicas, logo, o acaso não existe.

O acaso é somente um vício no falar ao se referir a algo muito complexo que custaria muito trabalho e tempo para ser definido, diria que até mesmo uma forma incauta e desdenhosa de se referir ao universo.

Como vimos anteriormente, todas as funções ou causas e conseqüências no mundo atuam nos intervalos de tempo, por isso há a necessidade de existir o tempo e uma ordem que emana de Deus para a criação poder se manter.

O grande filósofo e matemático Leibniz e o doutor Santo Tomás de Aquino partilham do mesmo pensamento ao concluírem a idéia de que o tempo, a matéria e as leis da física foram criadas de uma vez, contrariando algumas teorias onde o tempo é criado pela matéria em movimento.

Como programador, limitadamente concebo o tempo pelo seu caráter útil, como uma serialização de turnos ou como uma freqüência que permite execuções de funções, contudo, sei que ele é muito mais que isso e que eu não posso definir.

Dentro dessas unidades de tempo que permite o trabalho são geradas as variantes.

Mesmo se o mundo gerasse variáveis aleatórias, ainda assim, seriam assertivas por serem determinadas e aleatórias por quem as criou, ou seja, seriam variáveis previstas para o Criador.

Pode-se dizer com isso que as "casualidades" nas coisas são produzidas por uma ordem superior e não pelo acaso.

Muitos estranham a dedicação de Santo Agostinho, de Santo Tomás de Aquino e de Leibniz aos estudos.

Sei que Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e Leibniz usaram seus esforços humanos para compreender Deus e sua razão e sei também que falhas humanas acontecem, sendo assim, se, no povir, alguém provar algo contrário as suas teorias, não estariam contrariando Deus ou sua Igreja, mas a falha humana daqueles que se esforçaram e fizeram uso de suas liberdades para estudar.

Toda a verdade está em conformidade com Deus, mas isso não garante que os santos sejam dotados de toda a ciência que serve ao bom trabalho.

A teologia, a filosofia e a ciência têm sua importância nas bases da Igreja, mas a razão de sua existência é a salvação. Também, não vivemos para simplesmente morrer. Deus quer que sejamos felizes (bem-aventurados), pois assim, conduz-se muitos para a salvação.

Leibniz disse que Deus fornecia apenas gotas de conhecimento, sabedoria e poder para o homem segundo sua vontade e podemos entender com isso que ao homem não é dado todo o conhecimento. O motivo de ser desse modo talvez seja

porque alguns conhecimentos aprofundados devem ser adquiridos por intermédio do trabalho.

O mundo trabalha sob uma ordem e essa ordem quem rege é Deus cujo agir está presente em toda a lógica que se repete no universo inteiro.

Conceber o poder de Deus é impossível para qualquer ser humano e, até mesmo, para os anjos, pois também são criaturas, por isso, se torna comum o erro nas conclusões a respeito de Deus entre os leigos.

Somente podemos compreender o que conhecemos e somente conhecemos o mundo, logo somente percebemos Deus se ele se revelar com sinais ou por intermédio da razão de suas obras. Razão essa que é percebida por estudos mais aprofundados na verdade.

A vida não é aleatória ou fixa, a vida consiste em ter a possibilidade de escolha dentro das limitações permitidas por Deus.

Se eu tentar usar meu intelecto para entender como Deus sabe de tudo, concluiria que, para Deus, nosso passado é possível verificar devido ao tempo possuir uma freqüência como turnos, podendo ser fragmentado em menores intervalos, mas mesmo entendendo dessa forma estaria parcialmente ou completamente errado, pois o poder de Deus é infinito de um modo que eu não poderia conceber com meu intelecto. Eu estaria usando o que conheço no mundo material para falar sobre coisas que não pertencem a esta realidade, logo estaria errado de qualquer forma, independentemente de ser verdade nesta realidade ou não.

Usamos de analogias incapazes de expressar a complexidade e a grandiosidade do poder de Deus. Por exemplo, para mim, Deus pode verificar o tempo passado do homem que se apresentaria como nossos registros, ou seja, como livros, assim como a feliz analogia da revelação de São João onde há livros que registram a vida. Quanto ao futuro, Deus, que é inteligência suprema, sabe todos os rumos que o homem pode tomar. Sendo

assim, toda a glória dos diversos rumos que a vida pode tomar são como nada e o que importa é o serviço para Deus.

Saber todas as coisas não implica dizer que o futuro é fixo, implica dizer que Ele já calculou todas as possibilidades, todos os caminhos que o homem limitado tomou e tomará. Além disso, ele pode interferir segundo sua vontade ou permitir que a humanidade tome algum rumo.

O mundo possui muitas possibilidades e cada uma delas pode ter ramificações e dependências enormes. Tudo isso é de uma complexidade inconcebível para o homem que, inserido nessa complexidade, possui inúmeras razões pelas quais pode se dedicar.

Me oponho a qualquer teoria que dê crédito ao acaso pela criação do universo, pois acredito que há uma ordem, um comando superior de Deus que segundo Leibniz, que se inspirou em Santo Tomás, fez tudo da melhor forma possível, de modo que nada do que ele fez pode ser corrigido. Se há o bem foi Ele quem inspirou e se há algum mal foi Ele quem permitiu, por algum propósito maior.

Tudo se encontra sob sua ordem, pois, até mesmo o que alguns percebem ou chamam de acaso, trabalha dentro de sua permissão.

Uma vez que se aceita a inconcebível criação do universo do nada, há de se aceitar também a vida surgindo do nada, quando nós não somos capazes de estruturar uma única célula viva.

O universo pode menos ainda ser o autor da vida, pois sequer reconhece a si mesmo.

O homem não pode criar vida do nada, ele pode criar uma máquina para formar fibras a partir de matéria existente, mas jamais poderá criar células semelhantes as criadas por Deus e dessas células fazer tecidos vivos e desses tecidos criar órgãos.

Toda a manipulação genética, na atualidade, é feita a partir do que já existe.

Após criar a célula mais simples, o que não é possível, o homem deveria criar uma relação de dependência entre ela e o

mundo, o que não é possível também.

Há cientistas que, como romancistas, narram apaixonadamente a vida ou estruturas complexas dela, como as que compõem o olho humano, surgindo do nada, contrariando a verdade, ignorando o Criador.

Não é possível supor que as causas e conseqüências sejam as responsáveis pela origem do mundo como o conhecemos. Isso ocorre porque existe uma numerosa taxa de eventos incontroláveis que não permite conceber a menor idéia considerável.

Somente Deus poderia ordenar as coisas como fez, pois, o mundo sozinho não poderia, nem se propiciasse todas as condições favoráveis possíveis nesta realidade, criar a mais “simples” forma de vida ou estruturar uma única célula.

Em resposta a afirmação de que tudo surgiu do nada eu reconheço verdade nisso, eu concordo reconhecendo que, realmente, Deus criou todas as coisas do nada.

XX - O MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS

Compreender Deus com completude é impossível para nós, por sermos parte da criação e feitos para o mundo, não obstante, podemos compreender Deus, em parte, pela razão de suas obras, pela coluna e sustentáculo da verdade, pois, observando a sua razão, conseguimos conciliar seu infinito poder, sua bondade absoluta e sua permissão do mal no mundo.

O humano não possibilita saber completamente porque Deus criou o sofrimento que acomete justos e injustos.

Caso não conhecesse a tradição da Igreja, pecaria dizendo que Deus fez o mundo incompleto e que, se tivesse o seu poder, teria feito diferente quando ele considerou bom o que fez.

O materialista concebe o melhor dos mundos como um lugar sem sofrimentos e possuidor do gozo eterno, pois há uma dificuldade, na maioria de nós, em conciliar a existência de um Deus que é todo poderoso e amoroso com um mundo cheio de aflições como este.

Essa aparente, mas falsa contradição faz muitos questionarem a permissão de Deus dada ao mal.

Sendo os responsáveis por amar nosso próximo, sabemos que é impossível para nós eliminar o mal do mundo.

Ao tentar entender um pouco as razões de Deus, percebo como seria insuportável ter à minha direita, pessoas que não merecem confiança e que somente fazem a minha vontade por estarem condicionadas a ela. Logo lhes colocaria em teste e esse teste, creio, é fornecido pelo mal necessário, pela liberdade, pelo conhecimento do bem e do mal que possibilita nos definirmos.

Em desgraça, muitos fazem uso da liberdade para blasfemarem contra Deus e servirem contra a sua vontade.

Antes do Juízo de Deus, sempre haverá fome, dor, miséria, doença, homicídio e desamor, mas haverá também o amor de Deus para o próximo como uma amostra do Céu.

Estamos provando o conhecimento do bem e do mal.

Após a queda, Deus pôde nos salvar e nos tornar como os anjos, tirando um bem maior de um mal menor.

Para Leibniz, Deus fez o mundo da melhor forma possível, de modo que não poderia ser melhor, mas isso pode não ser evidente nas perspectivas individuais.

No mundo, deve haver esforço. Deus criou uma regra onde a maior luta gera o maior galardão e onde todos podem chegar ao único ponto que é a salvação, algo que somente pode ser percebido pela fé, por isso, os materialistas criticam Deus e sua criação usando exemplos de males muito convincentes presentes no mundo para aqueles que não estão dispostos a aceitar as aflições do mundo como parte dele.

Há quem critique a obra do Criador ao considerar que era possível fazer melhor que Ele. Sei que esses não entendem sua razão. Ele é amor, por isso, Ele somente poderia escolher o melhor para nós.

Estamos em um período necessário onde conhecemos nosso criador em parte, um período onde devemos ter fé e nos posicionar a direita ou à esquerda dele.

Adorar a Deus em desgraça aparente somente é possível para aqueles que, como Jó, percebem a razão de Deus e confiam nele, mesmo sendo vítimas das aflições do mundo.

A mensagem de Jó é de aceitação de toda sorte de bem e mal de Deus. O livro de Jó mostra que Deus é responsável por toda sorte de bem e mal, por ser verdade que tudo é mantido por ele.

É notável que, no livro *Jó* e no livro *Lamentações de Jeremias*, é Deus o responsável pelo mal. O que é correto afirmar, pois Deus é a única fonte de poder existente como já foi exposto, no sentido de que Deus permite a existência do mal pelo livre arbítrio

para dele tirar um bem superior, o que permite concluir que o mal não é uma criação de Deus, e sim algo necessário para um propósito como uma conseqüência previsível de um outro fenômeno como a liberdade.

Em um momento, se narra Deus permitindo o Diabo agir e, na perspectiva de suas vítimas, é Deus quem causa todo o mal.

Jó não almejava ter sua vida de volta como prova da bondade de Deus.

Assim como Jesus, na união hipostática, aceitou seu fim, Jó, como homem, aceitou o fim que Deus lhe deu sem blasfemar e isso é importante explicitar.

Outro homem que aceitou as aflições do mundo sem reclamar foi Tobias, um homem caridoso que, para fazer o bem, desafiava as autoridades de seu tempo fazendo a vontade de Deus.

Ele foi cego por Deus e continuou fiel, pois entendeu que sua desgraça era a vontade do criador.

Tobias poderia ter questionado sobre o porquê de a desgraça ter vindo para ele que era útil e não para um inútil qualquer, contudo ele havia conhecido a verdade, por isso não o fez. Ele confiava em Deus.

Confiar em Deus é aceitar as desgraças inevitáveis e não é acreditar em benefícios materiais.

Devemos ser capazes de aceitar o bem e o mal do mundo sem reclamar dos meios do criador. Nossas glórias nesta existência são como nada.

Os amigos de Jó se anunciavam como porta-vozes de Deus e julgavam a situação miserável dele como abandono e inimizade com Ele, quando Jó era fiel e eles eram falsos emissários desconhecedores das razões do Criador que associavam a boa vida com a comunhão com Deus, de modo que um pobre seria inimigo de Deus, mas o livro *Jó* e a palavra do senhor Jesus Cristo os contradizem.

No final do livro *Jó*, Deus considerou por bem, reestabelecer a saúde e os bens de Jó e condenar a aqueles que ligaram o estado de Jó à falta de comunhão consigo. Fato esse que representa uma compensação segundo a arbitrariedade do juiz no céu.

A restauração dos bens de Jó não garante a cristão algum uma restituição em vida, o que é certo, pois, a cada momento, nos aproximamos mais da morte do corpo que deve ser percebida como um sinal de que Deus irá sanar a dor de todos no céu.

Muitos homens santos e inocentes morrem em grandes desgraças aparentes, por isso não se deve ligar conquista pessoal alguma desta vida à comunhão com Deus.

Como criaturas que merecem o inferno, não agradecemos o alimento por merecermos, agradecemos porque consumimos sem merecer conscientes de que muitos podem não ter o que comer.

Distingamos o mal verdadeiro do aparente. O mal verdadeiro é tudo o que trabalha contra a vontade de Deus, pois o mal aparente ou o mal como o conhecemos nesta realidade será desfeito e já é anulado. Segundo Santo Tomás *Ele não permitiria um mal se desse mal não se pudesse tirar um bem superior*. Vejamos o que diz o grande matemático e filósofo Leibniz em concordância com isso:

> “Acontece que essa suprema sabedoria, unida a uma bondade que não é menos infinita do que ela, não pôde deixar de escolher o melhor. Pois como um mal menor é uma espécie de bem, do mesmo modo um bem menor é uma espécie de mal, se ele impede um bem maior; e haveria algo a corrigir nas ações de Deus, se houvesse meio de fazer melhor. E como nas matemáticas, quando não há o maximum nem o minimum, em fim nenhuma diferença, tudo se faz igualmente; ou quando isso não é possível, absolutamente nada é feito; pode-se dizer da mesma maneira em matéria de perfeita sabedoria, que não é menos regrada do que as matemáticas, que se não

houvesse o melhor (optimum) entre todos os mundos possíveis, Deus não teria produzido nenhum.” (G. W. Leibniz, *Ensaios de Teodicéia*, p. 138, [8])

O melhor possível não é uma adequação de tudo o que existe aos desejos do homem. Se fosse assim, não existiria o erro e o mundo não comportaria o pecado, logo, o homem não faria esforço algum para ser assertivo amando a Deus.

Esse é o melhor mundo por não poder ser melhor que isso para o propósito de Deus e, por conseqüência, para nós, mesmo sendo nós homens incapazes de perceber essa razão.

Além disso, nenhum outro poderia fazer melhor que Deus que sabe o que é o melhor para nós nesse momento inicial.

A liberdade dada ao homem no mundo está associada ao conhecimento do bem e do mal, contudo, o Senhor verteu o mal necessário do mundo em um bem superior que é a salvação onde Ele separa para si aqueles que usaram sua liberdade para o amar.

Em sua infinita sabedoria, Deus nos deu a permissão para lhe desobedecer e isso não deve ser percebido como uma falha na criação, pois a possibilidade de errar faz parte do sistema criado por Deus que possibilita a nós agradar-lhe, pois se temos o livre arbítrio, sendo conhecedores do bem e do mal, temos também escolha, logo, Deus pode distinguir bons e maus.

Foi pelas escolhas(heresias) de satanás que satanás caiu e são as escolhas(heresias) do homem que fazem o homem cair.

Compreendamos o “conhecimento do bem e do mal” como uma a experiência do homem com toda a sorte de bem e mal advindas do novo mundo fora do Éden.

Deus elaborou o caminho de liberdade em um mundo com aflições para o homem que não é controlado. Um mundo dificultoso para todos.

Eu não posso questionar a forma como Deus me fez, mas posso tentar mudar a forma como vivo, lutando com o que tenho.

Se me faltam os membros ou algum sentido, sei que ainda tenho de usar o que me resta da melhor forma possível.

É a dor e o trabalho que dignificam o homem ou Deus não salvará os bons pagãos dedicados ao trabalho. Deus é deus também dos pagãos. Deus lhes deu muitos sinais para que reconhecessem o caminho do bem-aventurado, seu povo escolhido e, posteriormente, a sua santa igreja.

Todo homem justo está em acordo com a vontade de Deus e ligados à sua Igreja Católica pela produção dos frutos do Reino dos Céus.

Deus salvará somente a sua Igreja Católica (universal, de todos). Deus salvará a sua Igreja Católica que comporta todos os bons e justos ligados a ela.

Enfermidade, incômodo, dor, desespero, angústia, desventura e miséria fazem parte do mundo. Tudo isso é percebido por nós como males, mas, por ser o nosso Deus todo poderoso o criador de todas as coisas, devemos aceitar essas coisas também como parte de seu propósito, sabendo que nada foge de seu controle e que tudo será passado com o mundo.

Há uma ligação coerente entre o livre arbítrio e a possibilidade de “erro” inerente ao homem e os eventos do mundo. O livre arbítrio não existe sem a autonomia, seja ela usada para o bem ou para o mal, também a consciência humana não teria causa para existir se Deus houvesse feito o homem como uma ferramenta sem escolhas, algo incapaz de realizar outra função que não seja aquela para a qual foi designada, o que iria contra a natureza da própria vida.

Podemos errar com nossas liberdades, mas não devemos violar o ideal que Deus tem para nós, pecando contra sua vontade. Devemos ser santos.

Sem Deus, o conceito de erro se aplica apenas a infelicidade (ausência de êxito) nas próprias obras, o que coloca o homem no centro de tudo como sendo o próprio deus.

Se o mundo materialista diz que você deve suga-lo com todas as suas forças, Deus diz para você se esvaziar de si e o servir amando seu próximo.

O mundo possibilita sermos corruptíveis, suscetíveis a moléstias e deformações no corpo. No intelecto, o pecado gera a possibilidade do vício e da adesão a padrões perversos de comportamento, por isso, tem sido o homem pecador o ser mais vicioso de todos, como um comprador de idéias erradas que vive na própria ilusão materialista por toda a sua vida.

O homem pode desenvolver padrões comportamentais perversos em uma escala que as bestas mais perversas da ficção não podem.

Antes sermos horrivelmente feios e deformados que sermos perversos, diriam todos se tivessem plena ciência da verdade. Quanto aos bens materiais, *nada trouxemos ao mundo, como tampouco nada poderemos levar. Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto.* (1 Tm 6, 7)

Jesus Cristo, que veio para anular o pecado, pode perdoar os pecados e curar qualquer um de suas moléstias e ele faz segundo sua vontade como fez nesta vida e fará em todos os que entrarem em seu reino.

É dificultoso para o homem incauto e sem sabedoria conciliar o mal do mundo com o poder e o amor infinito de Deus, mas o cristão sabe que Deus fez o mundo de modo que não poderia ser melhor.

É necessário nos desfazermos das paixões adquiridas no mundo, pois todos iremos cair em desgraça aparente e morrer algum dia e somente aceitaremos as determinações de Deus nas nossas vidas se nos desligarmos das paixões do mundo, por isso, troquemos as paixões pelo serviço a Deus, nos santifiquemos.

Cabe a nós aceitar o que recebemos e percebemos sem blasfemar contra Deus. Também cabe a nós modificar para o bem usando nossa permissão por intermédio do trabalho tudo o que for possível.

Muitos foram os exegetas da Bíblia apaixonados pelas Escrituras que, ao perceberem a morte se aproximar, blasfemaram contra Deus em seus piores momentos, um sinal claro de que lhes faltou a santidade e que a tentativa de conhecer a verdade sem praticar o que diz a *coluna e sustentáculo da verdade,* a representante de Cristo, não os levou à verdadeira santidade. Não se esvaziaram de si e não reconheceram as aflições do mundo como parte dele, o que os levou ao erro, por isso, nos reservemos e vivamos por ele e para ele amando, pois fomos criados para isso.

Tenhamos como meta principal, nesta vida, a salvação dada por Cristo de modo que a única coisa que nos perturbe realmente seja não ter comunhão com Deus.

Existem dois caminhos distintos neste mundo, um é verdadeiro e o outro é falso, promovido pelo materialismo e dividido quantas vezes o engano propiciar.

Nunca haverá as circunstâncias perfeitas idealizadas pelo materialismo.

Deus com sua infinita sabedoria definiu o perfeito (concluído) como passado, o que pode trazer o sentimento confuso nostálgico para o ser materialista, caso haja frustração no presente e falta de perspectiva futura, sempre anulando qualquer apego válido a alguma noção de perfeição (conclusão) nos idealismos do presente, fazendo com que o perfeito seja sempre o desconhecido futuro (a morte, a conclusão final seguida da salvação) que pode ser confundido com as promessas materialistas futuras quando deveríamos considerar perfeito (completo) o caminho único de Deus para o homem e, ao mesmo tempo, a conclusão dele. Isso é verdade, pois, quando estamos próximos do momento da morte, é comum o lamento por não termos vivido a verdade da vida. Lamentamos por não termos tido muitos filhos que foram trocados

pelas promessas de prazer e bem-estar, lamentamos a desunião com as pessoas amáveis que poderiam nos proporcionar a amizade verdadeira, entre muitos outros arrependimentos.

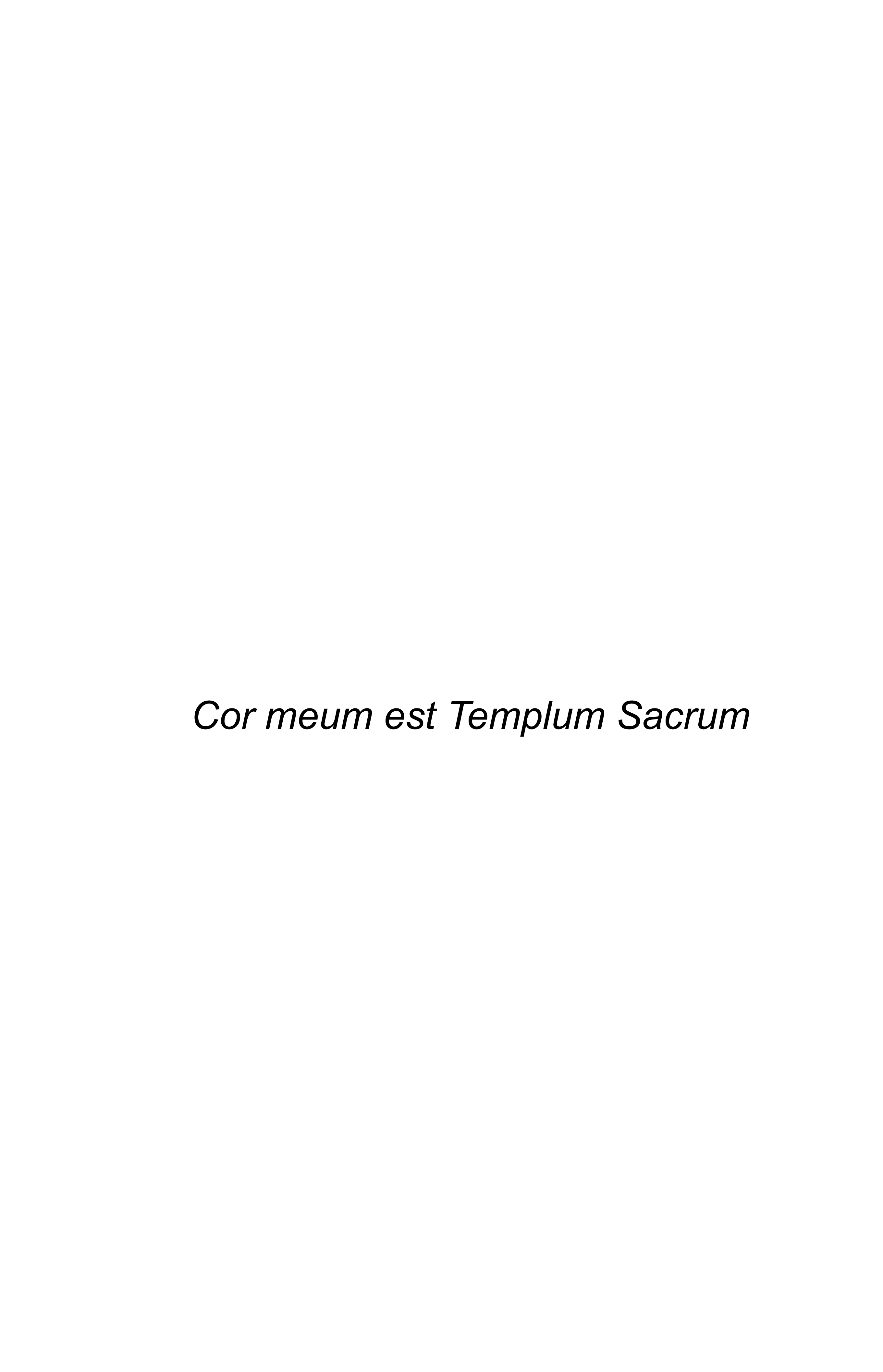
Essa razão universal explica a convergência entre o conceito de entrada na vida cristã com a morte do eu para que Cristo (a verdade) viva.

Na agonia da morte, somente não se lamenta quem entregou a vida para Deus, quem aceitou as aflições como parte do mundo, quem teve a paz do Senhor em vida, quem amou verdadeiramente o seu próximo de modo que pode dizer que viveu no melhor dos mundos possíveis criado pelo **verdadeiro deus**, um mundo que propiciou nos mantermos fiéis ao Criador mesmo com as muitas escolhas(heresias) disponíveis.

No momento da morte, em seu íntimo, certamente o materialista se pergunta onde estão os perversos que idealizaram a sua vida e pode lamentar até o fim por não ter mais no que se segurar, por ter sido o ser mais miserável e somente ter percebido isso na perda de tudo o que amou, o mundo material.

Quem viveu a verdade somente lamenta por não ter amado mais nos dias de trevas. Quem viveu a verdade confia no julgamento de Cristo e aceita tudo dele, inclusive a condenação, entendendo, em seu íntimo, que o amor que viveu era fruto da verdade de Deus.

Neste vale de lágrimas, poderíamos conceber a infeliz idéia de que Deus nos abandona, mas não seria verdade. Mesmo que, pelo engano, não seja perceptível o amparo, Deus nunca nos abandona. Deus é o pai amoroso que perdoa as nossas falhas quando nos arrependemos e que, quando estamos em pecado, observa de longe o filho que não sabe o que faz com um olhar de amor. Por isso, apesar de o mundo possuir aflições, tenhamos esperança não nos deuses deste mundo que prometem alentos passageiros e sim no auxílio do único que pode nos salvar e nos dar a vida eterna, o **verdadeiro deus**.



Cor meum est Templum Sacrum

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, *Confissões*, Trad. Maria Luiza Jardim Amarante, São Paulo, Paulus, 2ª Edição, 1997

AQUINO, Santo Tomás. *A Suma Teológica* em Forma de Catecismo. Trad. D. Justino José de Sant'ana, 1942

ARAÚJO, Luís. *Dicionário do Antigo Egito*, 2001

BATTISTINI, Frei. *A Igreja do Deus Vivo* - Curso Bíblico Popular Sobre a Verdadeira Igreja. São Paulo: Vozes, 2010.

BESOZZI, Tommaso. *Egito - Deuses, Pirâmides, Faraós*, Larousse, 2005

BÍBLIA SAGRADA, Tradução: Centro Bíblico Católico. ed. 34. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BÍBLIA SAGRADA, Tradução: Pe. Matos Soares. ed. 6ª. rev. Vaticano, 8 de maio de 1956.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2. ed. Editora: Vozes, Paulinas, Ave-Maria, 1999

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia* (Trad. de Almiro Pisetta). São Paulo: Mundo Cristão, 2007

CLARK, *Juan. Mito y Realidade: Testimonios de um Pueblo*, 1990

COURTOIS, Stéphane *et al. O livro Negro do Comunismo,* Bertrand Brasil, 1999.

CROMBIE, Alistair Cameron. *Augustine to Galileo*: The History of Science A.D. 400 - 1650 (Revised ed.). Penguin. 1969

CROMBIE, Alistair Cameron. *Medieval and Early Modern Science*, 2 vols., Doubleday, New York, 1958

Didaqué - A doutrina dos doze apóstolos, CEDET, 2016

DIONÍSIO, Pseudo-Dionísio, O Aeropagita, *Dos Nomes Divinos*, Attar, 2004.

EPIFÂNIO, Santo bispo de Salamina de Chipre, *Paranion* (Baú de Remédios ou contra as Heresias), ed. 1913, Enciclopédia Católica.

FINLEY, Moses. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FINLEY, Moses. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FINLEY, Moses. *Política no mundo antigo*, Lisboa Edições, 1997.

FINLEY, Moses. *Uso e Abuso da História*, Martins Fontes, 1989.

HOPS, Daniel. História da Igreja (10 volumes) Volume III – *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, ed. 1 (da Academia Francesa)

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Amada Igreja de Jesus Cristo* - Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica, Porto Alegre: PUC-RS, 2003.

HACKETT, Jeremiah and Maloney, Thomas S. (1987), "*A Roger Bacon bibliography* (1957–85)," The New Scholasticism.

HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*. ed. Odisseu, 2011

HOMERO, *Ilíada*, Trad. Manoel O. Mendes, 1974

HOMERO, *Odisséia*, Trad. Manoel O. Mendes, 3ª ed., 2009

HOUAISS, Instituto Antonio. *Houaiss (dicionário)*, Editora Objetiva, 2009

HUIZINGA, Johan, *Homo Ludens*, O Jogo como elemento da cultura. Editora Perspectiva S.A. 4ª edição. 2000, Tradução: João Paulo Monteiro, Coleção Estudos Dirigida por J. Guinsburg.

IRINEU, Santo Bispo de Lião, *Contra as Heresias*, Trad. Lourenço Costa, São Paulo: Paulus, 1995.

JOSEPH, Irmã Miriam, *O TRIVIUM*: As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica, 2ª ed., Realizações, 2014

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm, *Ensaios de Teodicéia* sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal, trad., intro e notas: William de Siqueira Piauí e Juliana Gecci Silva, Ed. Estação da Liberdade, 2013.

LISIEUX, Sainte Thérèse de (Santa Teresinha*) J´Entre Dans La Vie*, *in Derniers entretiens*, Paris, 1973.

LOYN, H.R. (org). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Editor: Jorge Zahar, 1990

LORRIS, Guilherme de. *A Primeira parte de O Romance da Rosa* (c. 1225)

LUTERO, Martinho, *Dos Judeus e suas Mentiras*, Revisão, 1993

LUTERO, Martinho, *Obras Selecionadas*, Vida em Comunidade, Vol.7, Sinodal, São Paulo, 2000

MARIA, Pe. Júlio, *O Diabo, Lutero e o Protestantismo*, 2º ed. – Mahnhumirim - Minas – 1950.

MAUROIS, André. *O Pensamento Vivo de Voltaire*, São Paulo: Martins, trad. Lívio Teixeira, 1975

MEYNELL, Alice, *The Poems of Alice Meynell*, Complete Edition (Oxford University Press, 1940)

MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998

MONTFORT, São Luís Maria Grignion de Montfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria,* 1712.

MORUS, Santo Tomas, *Utopia*, Athena, Rio de Janeiro, 1937

ORÍGENES, *Homilias Sobre o Evangelho de Lucas*, Paulus

PEDUZZI, Luiz, Da Física e da Cosmologia de Descartes à Gravitação Newtoniana, UFSC, 2010

PETERS, Joel, *Scripture Alone?* - 21 Reasons to reject Sola Scriptura, Copyright© 2000

PLATÃO, Eutidemo, Ed. PUC Rio; Loyola, 2011.

POMEROY, Sarah B. *A Brief History of Ancient Greece: Politics, Society*, and Culture, New York. Oxford University Press, 2004

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, Herder, São Paulo, 1970

RITO DE JERUSALÉM, A Divina Liturgia de S. Tiago, Irmão do Senhor, (organizado por SPERADIO, João Manoel; TAMANINI, Paulo Augusto) Teresina, Piauí, 2015

SANTA CRUZ, Afonso de, *A Gema do Paraíso*. 4. ed. Curitiba, 2013.

SÓFOCLES, *Antígona*, Trad. Domingos Pascoal Cegalla. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001

SÓFOCLES, 496 ou 494 a. C. ~406 a.C. *Édipo Rei* / Sófocles; traduzido diretamente do grego por Domingos Paschoal Cegalla. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 160p. – (Clássicos gregos)

SÓFOCLES, *Édipo em Colono*, Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2003

TACITUS, Cornellius. *Annales ab excessu divi Augusti,* Charles Dennis Fisher. Clarendon Press. Oxford. 1906

VOEGELIN, Eric, *A Nova Ciência Política*, 1982



JONAS BATISTA DOS SANTOS é católico escravo inútil de Maria santíssima e bacharel em letras. Nascido em 1980, em João Pessoa-PB, vem se dedicando a escrita de muitos textos artísticos no campo da ficção narrativa como *Monstrum* (2016), *A Liga Comunista* (2016), *Maximo* (2018), *O Horror de Richville* (2020), a textos filosóficos como *Verus Deus* (2016) e *Clínias* (2016), a poemas como *A Rosa* (2020) e a textos acadêmicos como O *Recurso Retórico Ironia* (2016) e *Adequação Retórica* (2021).

---

[1] A razão é a capacidade de ter conclusões lógicas por intermédio de observações. Para a teologia, a razão seria como um dom de Deus dado aos homens.

[2] A ordem é a lógica presente no mundo, o conjunto de causas e conseqüências observáveis ou não que possuem uma fonte, uma causa planejada. Se temos Deus como Criador, Deus é também a causa primária da ordem e o que a mantém.

[3] ‘G*uerra má’* é uma expressão usada na obra *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo para definir a guerra que se opunha ao trabalho como meio de adquirir bens. Hesíodo, que

pertence a um período mais avançado da cultura grega, define a *guerra má* como funesta e não como o meio correto de conseguir o mantimento da vida.

[4] *'Bom trabalho'* ou a *guerra boa* é o modo correto e dignificador de adquirir o próprio sustento por intermédio do trabalho.

[5] O conceito de alma é aperfeiçoado progressivamente. A concepção pagã de alma não é a alma que vai para Deus, se trata de uma percepção que pode ir até onde o intelecto permite analisar, não se tratando da revelação completa de Deus e sim de uma concepção que toma alma pela parte que dá ou mantém a vida em um corpo.

[6] A expressão 'levar o nome' possui a mesma carga semântica de 'levar a representação' ou 'representar' e 'representante' possui, em parte, o sentido de 'filiado' ou 'filho por obediência'. Na tradução bíblica do Pe. Matos Soares de 8 de maio de 1958, lê-se 'um povo que fosse seu', como o povo que faz sua vontade ou que lhe representa.

[7] O rio Jordão que servia aos hebreus, seria o rio usado por João Batista para batizar o Senhor Jesus Cristo com o batismo de penitência.

[8] 'Vicio' significa alteração ou prática não natural. Quando o conceito é aplicado aos instintos humanos, 'vicio' possui a mesma carga semântica de 'perversão' que consiste no uso de um instinto para uma finalidade não natural que pode não contribuir para o próprio bem ou o bem da sociedade.

[9] Ser algo prático é ser ação possível no agir do homem.

[10] A palavra 'trabalho', nesse caso, é uma referência a qualquer meio de adquirir o sustento com o esforço pessoal, ou seja, caça, atividades agrícolas, atividades pastoris, manipulação produção de materiais, *etc.*

[11] As nações governadas por Cristo devem ser entendidas como todas as nações do mundo que possuem os valores do Reino de Deus, devido a universalidade da instituição que Ele criaria no mundo e não somente como as doze tribos de Israel, contudo, deve-se entender também que eles, os descendentes dos hebreus, não sabiam disso.

[12] A expressão '*condenação na carne'* é uma referência à diversas conseqüências como: infecção generalizada, febre, falta de ar, cansaço, dores no peito, insuficiência cardíaca, perda do apetite, dores pelo corpo, suores noturnos ou qualquer conseqüência maléfica de costumes degradantes.

[13] Não deve ser confundida a carga semântica de 'bem', que se refere a aquilo que leva para Deus, com a carga semântica de 'benesse material', 'bem-estar' ou 'prazer' neste escrito.

[14] A Nova Aliança é uma nova reunião entre Deus e os homens. A palavra 'religião' vem do latim 'religare' que significa religação, ou seja, quando se está falando de Nova Aliança ou de religião, se está falando estritamente sobre o catolicismo. A palavra não se aplica a mais nada, por isso, se conclui que todas as outras religiões são falsas, por não propiciarem a verdadeira religião entre Deus e os homens. Para definir todas as outras instituições, por terem sido criadas por homens, usa-se o adjetivo 'seita' que possui a carga semântica de 'grupo religioso'.

[15] Igreja Católica, nesse caso, é uma referência à Igreja que existia nos Céus, pois ela ainda não havia sido fundada no mundo.

[16] Todos os povos que não são da raça do povo escolhido eram chamados de gentis pelos descendentes dos hebreus, contudo, por eu não falar na perspectiva de um descendente dos hebreus, chamo a aqueles que não levam o nome de Deus de pagãos pelas buscas e inclinações comuns a todos eles e pelo fato de a Igreja, desde o seu início, por intermédio de São Pedro, determinar que deve ser chamado de pagão todo aquele que não ouvir a Igreja que, desde o início, é chamada de católica.

[17] Nesse caso, propositalmente, o Ágape é confundido com a Eucaristia para que fique subentendido que a Eucaristia é conseqüência do amor.

[18] Registrado na história, o primeiro povo que guardava o sábado era o sumério, o que era um costume herdado dos primeiros homens.

[19] Nesse caso, a palavra ‘hereges’ faz referência aos cristãos católicos que tentam acrescer ou remover do depósito da fé, ou seja, aqueles que fazem escolhas.

[20] ‘Kyrie eleison.’ (‘Κύριε ἐλέησον’) é traduzido como ‘Senhor tende piedade (de nós).’. A expressão é encontrada em muitos escritos dos católicos desde os apóstolos. No fragmento exposto, ela é repetida três vezes.

[21] Tiberius Claudius Nero Cæsar (Nero César), sucessor de Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus, o representante do poder terreno que foi colocado acima de Deus por uma parte dos judeus no caso citado, quando, seguindo a razão cristã, todo homem e todo governo devem obediência a Deus.

[22] ‘Heresia’, do latim ‘haeresis’, possui a carga semântica de ‘escolha’, ‘arbitrariedade pessoal’ ou ‘interpretação livre’ no contexto lido. É um conceito estritamente católico, o que permite definir como sendo herético todo aquele que se considera católico e que não seguem a Igreja Católica, escolhendo no que crer e acrescendo seguindo a própria arbitrariedade ou interpretação pessoal da única fé, o que permite definir os protestantes que dizem ser cristãos como heréticos, por suas livres interpretações da fé católica que retiram e acrescem para o depósito da única fé.

[23] A disputa verbal era o meio que os filósofos gregos usavam para evidenciar a verdade e, conseqüentemente, a virtude. Obviamente, o ensinamento que os discípulos receberam do Senhor Jesus Cristo foi infinitamente superior ao dos grandes filósofos.

[24] O único caminho para Deus é o caminho definido pela Igreja Católica, pois ela é a coluna e sustentáculo da verdade, ou seja, ela é a única que mantém a verdade da fé.

[25] Os leigos que não devem ser repreendidos não são os protestantes que não juntam e contribuem para a confusão de crenças. Os leigos são os fiéis leigos católicos, pessoas sem autoridade eclesial dada por um sacerdote, pessoas não nomeadas sacerdotes que intercedem por seu próximo fazendo uso da palavra com verdade, obedecendo a única fé.

[26] A Prisão Mamertinum foi uma das prisões de segurança máxima usadas pelo Império Romano para conter São Pedro e São Paulo. Ela está localizada na Via Clivo Argentario, 1,

00186 Roma, Itália. Nela, consta a impressão do rosto de São Pedro na rocha.

[27] 'Imanentização' é o tomar do costume por regra social ou religião, ou seja, as razões pessoais ou ideologias pela verdade religiosa. Assim, as razões pessoais e políticas de algum grupo se tornariam religião quando a verdade religiosa fosse imanentizada por elas.

[28] 'Cátaros' do grego 'καθαρός' (puro), nome de mais uma seita herética que se propunha a ser a pura e a detentora da verdade.

[29] Quem evidenciou as notas musicais foi o monge beneditino Guido de Arezzo, 995 - 1050.

[30] A palavra 'mundo', quando usada no dissertar sobre à Idade Média, pode possuir a carga semântica de 'universo', pois, pelas poucas descobertas sobre o universo, existia ainda uma noção mesclada de conceitos.

[31] A comparação correta com Judas, o traidor de Cristo, deve atentar para duas características, o usurpar e o trair. A princípio, o traidor usurpa da fé dos fiéis por estar ou simular estar entre os que possuem autoridade eclesial por vantagem e, em um segundo momento, ele trai Jesus (a igreja de Cristo). Quando se percebe um sacerdote usando a Igreja contra a verdade, provavelmente não fez voto de pobreza como Judas que tirava do saco de moedas e praticava diversos outros pecados que são acarretados pelas práticas malignas conjugadas.

[32] O livro *Atos dos Apóstolos* narra, entre muitos outros fatos, a ida de São Paulo à Itália. Quando ele alcançou a costa, pregou para os nativos, fez muitos milagres e, enquanto dava seu testemunho, uma víbora lhe picou a mão e, por ele não cair morto e por obrar outros milagres, os nativos creram.

[33] No ocultismo, acredita-se na existência de poderes e coisas sem uma razão cristã, ou seja, poderes apartados de Deus. É no ocultismo e do maniqueísmo que se encontra o engano atribuidor de poder ao diabo ou a equivalência de poder entre Deus e o diabo. No ocultismo, crê-se em um mundo de muitas possibilidades sobrenaturais para se descobrir. Estão presentes nele as fontes de diversas heresias e enganos, por não ter como certa a interpretação da Igreja e, por conseqüência, nele nasce o culto ao demônio, a magia e o espiritismo.

[34] O adjetivo 'libertos' era usado como nome por uma das seitas que assassinaram Estevão que protestavam contra a igreja de Cristo.

[35] '*Jogo*' é uma referência ao fenômeno tido como um elemento cultural na teoria do Homo Ludens de Johan Huizinga.

[36] O comunismo ou o socialismo são idealizações que não funcionam na prática para os povos, é uma técnica de ludibriar povos que, em seu primeiro século de emprego, segundo *O Livro Negro do Comunismo*, provocou mais de 100.000.000 mortes e mais miséria que qualquer período humano, ficando à frente como promotor de desgraça que qualquer desastre natural ou doença.

[37] Saber ou entender a existência de Deus é semanticamente diferente de ter fé em Deus, pois a fé avança semanticamente para o campo semântico da confiança e saber que alguém existe não acarreta a confiança nele, por isso é possível que as pessoas saibam que Deus existe e não creiam nele ao desobedecerem por conceberem que podem fazer melhor que Ele. Obviamente nenhum de nós homens possui intelecto suficiente para entender a existência de Deus com completude, por isso, a fé em Deus requer confiança.

[38] Aqueles que pensam que a Igreja e os santos estão a seu serviço e fazem uso deles como se fossem amuletos da sorte possuem tendências ocultistas ou idéias protestantes por perceberem Deus como algo para ser usado.

[39] Os amigos de Jó erroneamente ligaram a miséria dele à desunião com Deus e, por conseqüência, ligavam o bem-estar à comunhão com Deus.

[40] Muitos grupos ideavam substituir os valores que não relativizam ou variam e que eram ligados diretamente a Deus por um critério baseado no prazer pessoal ou em algum conceito cientificista. Além disso, eles possuíam tendência a imanentizar o sagrado.

[41] Entre os protestantes, entende-se como igreja evangélica as seitas que possuem a palavra escrita e a interpretação pessoal como palavra de Deus e não a pregação da igreja de Cristo.

[42] O maniqueísmo é uma mistura de influências pagãs que crê em um conflito do bem contra o mal quando, no cristianismo, somente existe Deus como única fonte de poder. Nada poder trabalhar contra Deus, mas o maniqueísmo confunde atribuindo poder a males como sendo forças antagônicas ao bem e rege a fé desordenada da maioria dos apartados do bispo de Roma.

[43] O agnosticismo crê no fantástico por não crer em nada. É uma perspectiva muito curiosa onde não se crê em Deus como ele é apresentado pela Igreja Católica e se aceita coisas absurdas para sobrepor sua evidenciação. É muito particular de ignorantes sem estudo que não conseguem alcançar a verdade e aceitam qualquer teoria religiosa delirante.

[44] A influência necromântica leva os pagãos a idolatrarem o suposto mundo dos espíritos e a buscarem a comunicação com os espíritos dos mortos.

[45] ‘Palavra de Deus’ é uma referência ao que diz a santa Igreja Católica em sua tradição oral ou escrita (Escrituras).

[46] Para um católico, é possível entender os israelitas como um povo escolhido desde que se entenda o cristianismo como uma continuidade, ou seja, desde que se entenda que Jesus Cristo é a descendência de Abraão.

[47] A obra *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro* atribuída a São Lucas pela tradição está preservada e exposta na igreja de Santo Afonso de Ligório, em Roma, na Itália.

[48] Para São Pedro, ‘Escritura’ é uma referência ao que nós entendemos, hoje, por Velho Testamento. O conceito se estende para o Novo Testamento, após a Igreja Católica ter

escrito sua tradição hoje chamada de Novo Testamento e ter determinado o que é e o que não é escritura sagrada.

[49] Cear possui carga semântica que avança para a da última refeição, o que deixa entender que comer com o Senhor é de estágio final, completude de comunhão.

[50] ‘palavra de Deus’ se refere à pregação de São Paulo, por ele ser igreja com o bispo São Pedro e possuir autoridade eclesial para ser representante de Cristo. A Bíblia como texto é apenas um registro da tradição da Igreja que, ao ser interpretada corretamente se torna palavra de Deus.

[51] Nesse caso, ‘pagão’ é uma referência ao que é apartado da Igreja Católica.

[52] Política é um fenômeno que nos integra à sociedade e não deve ser confundida com ideologia política.

[53] “A direita de Deus” que é o caminho dos justos é defendida nesta obra de caráter não ideológico e não deve ser confundida com posição ideológica.

[54] Referência ao *jogo* definido por Johan Huizinga.